



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Luísa Ferrari

Coordenação oracional contrastiva:
processos de constituição e regularidades de mudança

São José do Rio Preto
2024

Luísa Ferrari

Coordenação oracional contrastiva:
processos de constituição e regularidades de mudança

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Processos 2019/01411-0 e
2020/03328-0
CAPES – Código de Financiamento 001

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sanderléia Roberta Longhin

São José do Rio Preto
2024

F375c Ferrari, Luísa
Coordenação oracional contrastiva : processos de constituição e regularidades de mudança / Luísa Ferrari. -- São José do Rio Preto, 2024
263 p. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto
Orientadora: Sanderléia Roberta Longhin

1. Linguística. 2. Linguística histórica. 3. Funcionalismo (Linguística). 4. Contexto (Linguística). I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Luísa Ferrari

Coordenação oracional contrastiva:
processos de constituição e regularidades de mudança

Tese apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Processos 2019/01411-0 e
2020/03328-0
CAPES – Código de Financiamento 001

Comissão Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Sanderléia Roberta Longhin
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Orientadora

Prof^ª. Dr^ª. Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof^ª. Dr^ª. Sandra Denise Gasparini Bastos
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

São José do Rio Preto
20 de fevereiro de 2024

A meus pais, Sueli e Luís, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Sueli e Luís, que, apesar das tantas dificuldades da vida, nunca mediram esforços para que eu perseguisse meu sonho de estudar e traçar caminhos que me levariam a novos horizontes, muitas vezes deles tão distantes. A diferença imensa entre os caminhos que foram a eles possíveis e os caminhos a que me foram dados a oportunidade e o privilégio de seguir nunca foi um obstáculo para que me apoiassem e confiassem em minhas escolhas e sonhos. Apesar de trajetórias e profissões tão distintas, os valores que me ensinaram e ainda me ensinam estiveram e estão comigo todos os dias, em cada fase de minha vida.

À Sanderléia, minha orientadora há dez anos, desde minha primeira iniciação científica, quando seu trabalho, talento e dedicação impecáveis despertaram meu interesse por Linguística e, sobretudo, pelo estudo de mudança, interesse que só aumentou com os anos de convivência e aprendizagem dos quais tive o privilégio de usufruir sob sua orientação. Seu papel em minha formação e em minha vida é imensurável. Não é possível explicar aqui como foram essenciais para meu percurso não apenas seu talento como linguista, mas também sua sensibilidade em relação à vida e aos desafios que inevitavelmente emergem ao longo do caminho – e que não esperam mestrados e doutorandos concluírem suas pesquisas para aparecerem. Embora eu ainda tenha longa jornada a percorrer para o alcance de equilíbrio e sabedoria diante da intensidade do trabalho associada à carreira a que almejo, os vários anos de convivência e trabalho com Sanderléia sem dúvida me fizeram melhor do que eu era antes de conhecê-la.

À Maj-Britt, minha supervisora do estágio de pesquisa que realizei na Universidade de Manchester – estágio que, inicialmente previsto para o período de 2020 a 2021, passou a parecer impossível quando a pandemia de Covid-19 teve início e levou a seu adiamento mais de uma vez, ao longo de dois anos. Para sua concretização em 2022, a gentileza e interesse de Maj-Britt foram fundamentais, já que os vários cancelamentos e novas tentativas sempre envolviam mais trabalho de todas as partes envolvidas. Sua supervisão atenciosa e dedicada em Manchester enriqueceu de forma significativa tanto esta pesquisa como minha formação, e seu constante encorajamento e confiança me deram espaço e segurança para participar ativamente tanto das atividades do Departamento de Linguística e Língua Inglesa como da vida universitária em Manchester de modo geral.

Aos professores Conceição, Edair, Patrícia, Roberto e Sandra, que fizeram parte das bancas de Qualificação Geral e Defesa em que esta tese foi avaliada. Suas tantas sugestões e as discussões que emergiram em ambas as bancas trouxeram contribuições substanciais para este trabalho tal como se apresenta aqui. Destaco também a contribuição inestimável da professora Maria Helena de Moura Neves (*in memoriam*), que foi a debatedora da primeira versão escrita deste trabalho no 13º SELIN e que, se nos concedesse a honra, certamente faria parte da comissão examinadora da versão final do trabalho.

Às tantas professoras e professores que, em diferentes momentos, contribuíram para minha formação - em especial, às professoras e professores do IBILCE/UNESP, com os quais tanto aprendi desde meus primeiros anos cursando a graduação em Letras.

Aos amigos e amigas que me acompanharam ao longo do percurso, em especial: Lilian, Sarah, Tainan, Vânia e William. O apoio e a confiança de pessoas tão queridas e que admiro tanto tornaram as dificuldades mais leves.

Pelo apoio financeiro, imprescindível para minha dedicação exclusiva aos estudos e à pesquisa, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Esta tese é diretamente

resultante das bolsas associadas ao processo 2019/01411-0 – referente à bolsa de Doutorado que recebi de maio de 2019 a fevereiro de 2024 – e ao processo 2020/03328-0 – correspondente à bolsa de estágio de pesquisa no exterior que me foi concedida para o estágio que realizei na Universidade de Manchester de julho de 2022 a julho de 2023.

O presente trabalho foi também realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço pela bolsa que recebi de março a abril de 2019, que foi de grande importância para meus primeiros meses no curso de Doutorado.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo maior investigar, em viés diacrônico, regularidades de mudança particulares ao desenvolvimento histórico de novos mecanismos de coordenação contrastiva. À luz de uma perspectiva que admite a interação entre várias dimensões da linguagem na configuração das relações de contraste (LANG; ADAMÍKOVÁ, 2007; MAURI, 2008ab), a principal questão de pesquisa é: que mudanças atuam e interagem nos domínios do significado, da prosódia e da morfossintaxe na constituição histórica de novas construções coordenadas contrastivas? Para responder à questão, o trabalho mobiliza como objeto de estudo instâncias de mudança do português brasileiro, que, dando origem a novos juntores contrastivos, configuram um lugar favorável à observação de fatos de mudança mais gerais concernentes à junção contrastiva. São alvo de investigação as mudanças que resultam, no português contemporâneo, em construções de contraste com *agora*, *enquanto (que)*, *só que* e *ao passo que*, construções relativamente recentes que são fruto de duas grandes estratégias de criação de juntores atestadas nas línguas românicas: o reaproveitamento de palavras já existentes e a produção de perífrases conjuncionais a partir da combinação de palavras de diferentes categorias à partícula *que*. Assumindo uma concepção de mudança que entende a pragmática como sua força motriz (TRAUGOTT; DASHER, 2002; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010, 2015; NARROG; HEINE, 2021), a via principal de investigação reside na análise, qualitativa e quantitativa, dos contextos que disparam, por meio de inferências convidadas, transformações de significado, com consequências diretas para a prosódia e para a morfossintaxe. O universo de investigação compreende textos de duas grandes tradições discursivas, favoráveis tanto ao desenvolvimento quanto ao uso de juntores contrastivos – a argumentação e a conversação espontânea –, e tem como recorte temporal o período do século XVIII ao XXI, constituindo-se por um total de 3.780.651 palavras, distribuídas ao longo de seis estados de língua. Os resultados mostram que as mudanças de significado, ponto de partida para as demais alterações, são ocasionadas por um processo de reanálise que leva à constituição gradual de paralelismos funcionais, a partir da ascensão de uma estrutura conceitual comparativa já inerente, em camadas mais profundas de significado, às fontes dos novos juntores. A ascensão e a proeminência dessa estrutura revela-se essencial para o desenvolvimento de duas propriedades fundamentais à coordenação contrastiva – similaridade e exterioridade –, com consequências que se projetam em ambos os níveis da prosódia e da morfossintaxe.

Palavras-chave: Diacronia. Mudança. Contextos. Coordenação. Contraste.

ABSTRACT

This research aims to investigate, from a diachronic perspective, regularities in change that are particular to the historical development of new contrast markers. In the light of a perspective that assumes an interplay among several levels of language description in the configuration of contrast relations (LANG; ADAMÍKOVÁ, 2007; MAURI, 2008ab), the primary research question is: what changes play a role and interact in the domains of meaning, prosody and morphosyntax in the historical development of new contrast markers? To seek answers to this question, the object of study is a set of processes of change in Brazilian Portuguese, which, giving rise to new contrastive connectives, constitute a favourable locus of observation of general facts of change related to contrastive coordination. Specifically, the focus is on the changes that result in new contrast constructions formed by *agora*, *enquanto (que)*, *só que* and *ao passo que* in contemporary Brazilian Portuguese, which have not served contrastive functions until very recently, and arise from two main strategies of creation of connectives attested in Romance languages: the use of existing words for new functions and the creation of periphrastic connectives out of the combination of words from different grammatical categories with the particle *que*. Assuming a theoretical framework of language change that conceives pragmatics as its driving force (TRAUGOTT; DASHER, 2002; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010, 2015; NARROG; HEINE, 2021), the main line of investigation is the qualitative and quantitative analysis of the contexts that have triggered meaning changes, by means of invited inferences, with direct consequences to the domains of prosody and morphosyntax. The corpus, encompassing a total of 3.780.651 words, comprises texts representative of two broad discourse traditions, which are favourable both for the development and use of contrast markers, namely the argumentative and the narrative ones. The texts were written over the period from the 18th to the 21st century, which is organized along six stages of language in the corpus. The results show that the meaning changes, being a point of departure for the changes in the other levels of description, are the outcome of a process of reanalysis leading to the gradual emergence of functional parallelisms, through the ascension of a conceptual structure that is already inherent in the source meanings, being backgrounded with respect to them. The ascension and proeminence of this structure prove to be determinant of the rising of two essential properties of contrastive coordination – similarity and exteriority –, with consequences to both levels of prosody and morphosyntax.

Keywords: Diachrony. Language Change. Contexts. Coordination. Contrast.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O modelo da IITSC (TRAUGOTT; DASHER, 2002, p. 38)	41
Gráfico 1 – Frequência dos padrões de uso de <i>enquanto (que)</i> em perspectiva longitudinal	81
Gráfico 2 – Tipos de processos mais típicos nas construções temporal-contrastivas com <i>enquanto (que)</i>	123
Gráfico 3 – Frequência dos padrões de uso de <i>(ao) passo (que)</i> em perspectiva longitudinal	142
Gráfico 4 – Os contextos de <i>ao passo que</i> envolvidos na evolução contrastiva em perspectiva longitudinal	143
Gráfico 5 – Frequência dos padrões de uso de <i>só (que)</i> em perspectiva longitudinal	176
Gráfico 6 – Frequência dos padrões de uso envolvidos na evolução contrastiva de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal	210
Quadro 1 – O recorte temporal	52
Quadro 2 – Os textos argumentativos	62
Quadro 3 – Os textos da conversação espontânea	63
Quadro 4 – Sintagmas preposicionais com <i>passo</i> : padrão espaço/tempo	144
Quadro 5 – Os percursos de <i>enquanto (que)</i> e <i>ao passo que</i> à luz dos contextos semântico-pragmáticos	172
Quadro 6 – Contextos e estágios evolutivos	243

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de palavras por tradição discursiva e estado de língua	61
Tabela 2 – Quantidade de ocorrências por número de palavras em perspectiva longitudinal	66
Tabela 3 – Número de palavras por tradição discursiva e estado de língua no <i>corpus</i> destinado à análise de <i>só (que)</i>	67
Tabela 4 – Número de ocorrências analisadas em perspectiva longitudinal	67
Tabela 5 – Frequência dos padrões de uso de <i>enquanto (que)</i> em perspectiva longitudinal	81
Tabela 6 – A variação gráfica de <i>enquanto (que)</i> em perspectiva longitudinal	83
Tabela 7 – Tipos de processo nas construções exclusivamente temporais com <i>enquanto (que)</i>	89
Tabela 8 – A relação espaço-tempo nas construções exclusivamente temporais com <i>enquanto</i>	95

Tabela 9 – Disposição sintática da oração- <i>enquanto</i> nos contextos temporais	100
Tabela 10 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos temporais com <i>enquanto</i>	100
Tabela 11 – Tipos de processo nas construções exclusivamente contrastivas com <i>enquanto (que)</i>	102
Tabela 12 – A relação espaço-tempo nas construções exclusivamente contrastivas com <i>enquanto (que)</i>	103
Tabela 13 – Disposição sintática da oração- <i>enquanto</i> nos contextos contrastivos	117
Tabela 14 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos contrastivos com <i>enquanto (que)</i>	117
Tabela 15 – Tipos de processo nas construções temporal-contrastivas com <i>enquanto (que)</i>	122
Tabela 16 – Tipos de processos mais típicos nas construções temporal-contrastivas com <i>enquanto (que)</i>	123
Tabela 17 – A relação espaço-tempo nas construções temporal-contrastivas com <i>enquanto (que)</i>	130
Tabela 18 – Correlação modo-temporal nos contextos temporal-contrastivos com <i>enquanto (que)</i>	138
Tabela 19 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos temporal-contrastivos com <i>enquanto (que)</i>	139
Tabela 20 – Disposição sintática da oração- <i>enquanto (que)</i> nos contextos temporal-contrastivos	140
Tabela 21 – Frequência dos padrões de uso de <i>(ao) passo (que)</i> em perspectiva longitudinal	141
Tabela 22 – Padrões de uso envolvidos na evolução contrastiva de <i>ao passo que</i> em perspectiva longitudinal	143
Tabela 23 – A relação espaço-tempo nas construções exclusivamente temporais com <i>ao (mesmo) passo que</i>	150
Tabela 24 – Tipos de processos nas construções exclusivamente temporais com <i>ao (mesmo) passo que</i>	150
Tabela 25 – Disposição sintática da oração com <i>passo</i> nos contextos temporais	153
Tabela 26 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos temporais com <i>ao (mesmo) passo que</i>	154
Tabela 27 – A relação espaço-tempo nas construções exclusivamente contrastivas com <i>ao passo que</i>	155
Tabela 28 – Tipos de processos nas construções exclusivamente contrastivas com <i>ao passo que</i>	157
Tabela 29 – Disposição sintática da oração com <i>passo</i> nos contextos contrastivos	160
Tabela 30 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos contrastivos com <i>ao passo que</i>	160
Tabela 31 – A relação espaço-tempo nas construções temporal-contrastivas com <i>ao (mesmo) passo que</i>	165
Tabela 32 – Tipos de processos nas construções temporal-contrastivas com <i>ao (mesmo) passo que</i>	167
Tabela 33 – Disposição sintática da oração com <i>passo</i> nos contextos temporal-contrastivos	171

Tabela 34 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos temporal-contrastivos com <i>ao (mesmo)</i> <i>passo que</i>	172
Tabela 35 – Frequência dos padrões de uso de <i>só (que)</i> em perspectiva longitudinal	176
Tabela 36 – O padrão foco/condição no conjunto dos usos adverbiais de <i>só</i>	179
Tabela 37 – Frequência dos padrões de uso de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal	210
Tabela 38 – Padrões de uso envolvidos na evolução contrastiva de <i>agora</i> em perspectiva longitudinal	210
Tabela 39 – Relações de contraste nas construções com <i>agora</i>	216
Tabela 40 – A relação modo-temporal nos contextos de quebra de expectativa com <i>agora</i>	228
Tabela 41 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos de quebra de expectativa com <i>agora</i>	228
Tabela 42 – Tipos de contraste nos contextos temporal-contrastivos com <i>agora</i>	232

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 COORDENAÇÃO ORACIONAL CONTRASTIVA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA SEU ESTUDO DIACRÔNICO	22
2.1 A noção de coordenação	22
2.2 A noção de contraste	32
2.3 A abordagem mudança	38
2.4 Síntese: o olhar sobre a coordenação oracional contrastiva na perspectiva da mudança	44
2.4.1 Uma nota terminológica sobre <i>contexto</i> , <i>construção</i> e <i>cotexto</i>	45
2.5 Aspectos de diacronia da coordenação contrastiva em trabalhos prévios	47
3 DADOS E METODOLOGIA	52
3.1 Critérios de constituição do <i>corpus</i>	52
3.2 Os métodos de investigação	68
3.2.1 Parâmetros semântico-pragmáticos	69
3.2.2 Parâmetros prosódicos	73
3.2.3 Parâmetros morfossintáticos	75
3.2.4 Pressupostos para abordagem de contextos	77
4 O PERCURSO EVOLUTIVO DE <i>ENQUANTO (QUE)</i>	80
4.1 Etimologia de <i>enquanto</i> e as construções temporais	87
4.2 As construções contrastivas com <i>enquanto (que)</i>	101
4.3 As construções temporal-contrastivas com <i>enquanto (que)</i>	120
5 O PERCURSO EVOLUTIVO DE <i>AO PASSO QUE</i>	141
5.1 Etimologia de <i>passo</i> e as construções temporais	144
5.2 As construções contrastivas com <i>ao passo que</i>	154
5.3 As construções temporal-contrastivas com <i>ao (mesmo) passo que</i>	161
6 O PERCURSO EVOLUTIVO DE <i>SÓ QUE</i>	174
6.1 Etimologia de <i>só</i> e as construções de foco	177
6.2 As construções de contraste com <i>só que</i>	181
6.3 As construções foco-contrastivas com <i>só (que)</i>	191
7 O PERCURSO EVOLUTIVO DE <i>AGORA</i>	209
7.1 Etimologia de <i>agora</i> e as construções temporais	211
7.2 As construções de contraste com <i>agora</i>	215

7.2.1 Oposição	216
7.2.2 Quebra de expectativa	226
7.3 As construções temporal-contrastivas com <i>agora</i>	232
8 CONCLUSÕES: PROCESSOS E REGULARIDADES DE CONSTITUIÇÃO	241
8.1 Processos semântico-pragmáticos	245
8.2 Processos prosódicos	250
8.3 Processos morfossintáticos	251
8.4. Palavras finais	253
REFERÊNCIAS	254

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho coloca em foco o desenvolvimento diacrônico de novos marcadores de relações coordenadas contrastivas, partindo do pressuposto de que diferentes dimensões da linguagem atuam e interagem, de maneira sistemática, nesse processo. O principal objetivo é capturar particularidades associadas à evolução da coordenação contrastiva em termos de seus *processos de constituição*, nos diferentes níveis de análise em que ocorrem, e de suas *regularidades de desenvolvimento*.

O pressuposto de interação entre níveis de análise diversos na evolução dos marcadores de contraste deriva do entendimento de que o significado desses marcadores resulta de uma interface compensatória entre os níveis do significado, da prosódia e da morfossintaxe. Segundo Lang e Adamíková (2007), os conectivos que ajudam a estabelecer relações de contraste de natureza coordenativa caracterizam-se por um conteúdo lexical subespecificado, se comparados aos conectivos subordinativos, de forma que, para a interpretação contrastiva, sua semântica pouco específica é compensada pela prosódia e/ou pela sintaxe e sua contribuição para o significado das construções de que participam depende de sua relação com o contexto estrutural e com o contexto discursivo maior. A pragmática, portanto, entra também nessa interface, e com papel primordial.

Em Mauri (2008), a interação entre o significado e a sintaxe nas construções coordenadas é atestada com evidências tipológicas extraídas de uma amostra numerosa e bastante diversa de línguas. A autora mostra que características típicas das relações coordenativas no nível do significado, associadas ao paralelismo semântico-pragmático a partir do qual define essas relações (cf. Capítulo 2), tendem a se refletir sistematicamente no domínio da sintaxe, que, não obrigatoriamente, mas com frequência, exhibe paralelismo estrutural.

Assumo, como hipótese inicial do trabalho, que esse campo de interação observado no processo interpretativo de contraste, em perspectiva sincrônica, também se manifesta, em viés diacrônico, no percurso evolutivo de novos marcadores contrastivos. Por essa hipótese, se a interpretação de contraste passa por diferentes dimensões da linguagem e tem características típicas em cada uma delas, o desenvolvimento de novos mecanismos para sua expressão também envolveria processos de mudança típicos nas três dimensões. Nesse viés, as dimensões do significado, da prosódia e da morfossintaxe se projetam para este trabalho como eixos dinâmicos de mudança, com áreas importantes de interface.

Ao buscar reconhecer processos e tendências peculiares à diacronia de um domínio conceitual particular, o objetivo maior do trabalho segue uma perspectiva onomasiológica e pretende contribuir

teórica e empiricamente tanto para os estudos em semântica e pragmática históricas em geral como para os estudos sobre coordenação e contraste. Para essa contribuição, a questão de pesquisa fundamental que busco responder se refere a quais processos de mudança atuam nos domínios do significado, da prosódia e da morfossintaxe na constituição histórica de novos mecanismos de coordenação contrastiva e quais aspectos de interface se revelam entre eles. No âmbito dessa questão maior, colocam-se questões mais específicas direcionadas a cada nível de análise investigado, explicitadas adiante, para as quais buscarei respostas a partir do estudo semasiológico de quatro instâncias de mudança em progresso no português brasileiro (cf. Seção 1.2).

Seguindo Mauri (2008)¹, entendo a coordenação como uma relação de paralelismo *funcional*, firmado em aspectos semântico-pragmáticos e cognitivos que, recorrentes nas construções coordenadas de diferentes línguas, parecem constituir aspectos universais das relações coordenativas (cf. Capítulo 2). A partir dessa concepção, Mauri (2008) propõe que as bases definidoras da coordenação sejam postas no nível do significado e entende os parâmetros morfossintáticos (que guiam abordagens mais formais, das quais me afasto neste trabalho, cf. Capítulo 2) como critérios relevantes de caracterização.

Tomo o significado como o eixo definidor das relações coordenativas, mas parto da hipótese, fundada em Lang (1984, 2000), de que, apesar da grande variedade de estruturas morfossintáticas que podem expressar relações coordenativas, se uma estrutura empreende uma coordenação oracional, os membros que a compõem exibem algum tipo do que o autor denomina homogeneidade estrutural. Essa homogeneidade guarda similaridades com o que Mauri (2008) identifica como paralelismo sintático, sendo caracterizada por Lang (1984, p. 20) como uma espécie de estoque comum de constituintes paralelamente estruturados. De acordo com tal hipótese, a homogeneidade estrutural estaria presente em toda e qualquer construção coordenada, e o que seria variável entre as línguas é o tipo de constituinte que se apresenta em estruturas paralelas.

Assumo, ainda, que elucidar os processos de constituição de novas construções de contraste implica compreender, no âmbito do significado, como se dá a interação entre semântica lexical e inferenciação pragmática ao longo do desenvolvimento. Essa interação, se já importante no estudo de todo e qualquer fenômeno de mudança, deve ter primazia no estudo da evolução histórica de novas formas de expressão de contraste, tendo em vista que se trata de uma categoria conceitual sempre

¹ A abordagem proposta pela autora se apoia em uma série de trabalhos que subsidiam o entendimento das relações coordenativas com base em parâmetros funcionais. No Capítulo 2, recupero tais trabalhos e sua contribuição para a abordagem aqui assumida.

altamente dependente de processos inferenciais para sua interpretação (LANG, 1984, 2000; PRANDI, 2004, MAURI; van der AUWERA, 2012, cf. Capítulo 2). Nesse sentido, a interface semântica/pragmática e, mais especificamente, o papel da pragmática na evolução de novos marcadores contrastivos são prioridade no trabalho².

Grande parte dos trabalhos prévios que focaliza coordenação e/ou contraste em viés diacrônico investiga percursos de mudança de formas linguísticas que se desenvolveram ou estão se desenvolvendo em mecanismos de expressão contrastiva, priorizando uma abordagem semasiológica da mudança (cf., por exemplo, MAURI; RAMAT, 2012; LONGHIN, 2016ab; LONGHIN; SONCIN, 2018; FERRARI, 2018). Já as pesquisas em viés sincrônico tendem a descrever usos e características de funcionamento de marcadores de contraste, novos ou já disseminados na língua (cf., por exemplo, CUENCA; POSTOLEA; VISCONTI, 2019), também sendo predominante a abordagem semasiológica.

Do ponto de vista da onomasiologia, diversos trabalhos anteriores (LAKOFF, 1971; LANG, 1984, 2000; MAURI, 2008; LONGHIN *et al.*, 2019) buscaram pelas bases epistemológicas das relações de contraste, explorando critérios para sua definição e formas de explicar seu processo de formulação e interpretação pelos falantes/escreventes. Metodologicamente, esse segmento da literatura tende a desenvolver análises de natureza sincrônica, na medida em que define as relações de contraste com base nos moldes em que se apresentam no estado de língua do analista. Ainda que os objetivos sejam mais teóricos e o olhar seja predominantemente onomasiológico, dado o foco em contraste enquanto categoria conceitual, fundamentam os conceitos e critérios postulados em análises com perspectiva semasiológica. Entre eles, há diversidade nos critérios de definição mobilizados, havendo aqueles pautados em critérios mais formais (CULICOVER; JACKENDOFF, 1997; LEHMANN, 1998) e aqueles baseados em critérios predominantemente funcionais (BALLY, 1965; DIK, 1968, 1997; LAKOFF, 1971; LANG, 1984, 2000; HASPELMATH, 2004, 2007; LANG; ADAMÍKOVÁ, 2007; BLÜHDORN, 2008; MAURI, 2008; LONGHIN *et al.*, 2019), os quais prevalecem na revisão da literatura que apresento no Capítulo 2.

Nesse vasto e rico conjunto de trabalhos prévios, a principal contribuição desta pesquisa reside no enfoque em fatos de diacronia da coordenação contrastiva sob a ótica de interface entre dimensões da linguagem, enfoque que pode, ao menos dentro de minhas expectativas, contribuir para uma maior compreensão da complexidade e dinamicidade do fenômeno. A partir dessa perspectiva de interação,

² Razão pela qual constituiu o objetivo central do estágio de pesquisa que realizei na Universidade de Manchester.

parto do pressuposto de que o desenvolvimento de novas construções coordenadas passa por processos de constituição específicos em cada dimensão considerada, que estão na base das questões de pesquisa que me guiam neste trabalho, explicitadas a seguir.

1. Que transformações semântico-pragmáticas favorecem o desenvolvimento de relações coordenativas e a emergência do significado de contraste?

Entendendo, com base em Mauri (2008) e Longhin e Soncin (2018), que orações coordenadas tendem a exibir autonomia pragmática, no sentido de independência de força ilocucionária (cf. Capítulo 4), parto da hipótese de que o desenvolvimento de simetria pragmática é aspecto constitutivo da evolução dos marcadores de contraste. A grande questão aqui, confirmada essa tendência evolutiva, é elucidar quais contextos favorecem uma configuração semântico-pragmática de maior autonomia entre as orações e caracterizada por uma relação conflituosa.

2. De que modo o domínio prosódico se reorganiza, sobretudo em termos de forças ilocucionárias e de fronteiras prosódicas, para a expressão de relações coordenadas contrastivas?

À luz de Lang e Adamíková (2007) e Longhin e Soncin (2018), tenho a expectativa de que o desenvolvimento de simetria pragmática é acompanhado por transformações prosódicas que levam a uma maior simetria também nesse domínio, no sentido de que, conforme forças ilocucionárias autônomas se estabelecem, instauram-se também fronteiras prosódicas entre as orações. Seguindo Longhin e Soncin (2018), assumo que essas fronteiras são marcadas por frases entoacionais e, principalmente, por enunciados fonológicos independentes. No Capítulo 3, esclareço a maneira pela qual analiso cada um desses constituintes prosódicos.

3. De que modo a morfossintaxe se reestrutura em função das reconfigurações semântico-pragmáticas e prosódicas?

Com base em Lang e Adamíková (2007), Mauri (2008) e Longhin e Soncin (2018), assumo como hipótese inicial que a constituição de relações coordenativas contrastivas e de novas configurações prosódicas leva a uma reorganização morfossintática das orações relacionadas, que se tornam mais independentes, passam a uma ordem mais fixa, com posposição da oração que contém o novo marcador de contraste, e tendem a uma estrutura de paralelismo sintático. Segundo Mauri (2008), o paralelismo sintático é uma característica típica, ainda que não necessária, de relações coordenativas.

As evidências de estruturas sintáticas paralelas que Mauri identifica em diferentes línguas são também atestadas por Longhin e Soncin (2018) na diacronia das construções com *enquanto (que)* no português.

Busco respostas para as questões da pesquisa a partir do estudo semasiológico de quatro trajetórias de mudança que, ainda em desenvolvimento, estão constituindo novos marcadores de contraste no português brasileiro. Investigo as mudanças atravessadas por *agora*, *enquanto*, *passo* e *só* no período do século XVIII ao século XXI, formas que, no português contemporâneo, participam da composição de construções de contraste como aquelas exemplificadas a seguir de (1) a (4), extraídas do *corpus* desta pesquisa (detalhado no Capítulo 3).

(1) Vosmicê vai enxergar. Ilhéus tá bonito que nem um jardim. Mas Pirangi, Rio do Braço, Água Preta? O povo tá reclamando, tá exigindo. A gente abriu os caminhos com os trabalhador, os jagunços. **Agora** se precisa de estradas, jagunços não pode fazer. (20-2/21GACC, 431)

(2) Osório atrairia logo para seu lado centenas de voluntários **enquanto** a ação dilatória de Caxias não lhe permite arranjar um só recruta. (20-2/21HGCB, 200)

(3) Seguramente o dono da sege, por muito tarde que chegasse a casa, não morria de fome, **ao passo que** a boa senhora morreu de verdade, e para sempre. (19-2QUBO, 61)

(4) É a cara do pae. **Só que** tem o cabelo ondedado da mãe. (20-1CAAR, 109)

Como mostram os exemplos, as formas selecionadas para estudo, apesar de constituírem um grupo que pode parecer, em primeira análise, bastante diverso, são fruto de duas grandes estratégias de criação de novos mecanismos contrastivos atestadas nas línguas românicas: o reaproveitamento de palavras já existentes, a partir de reinterpretações semântico-categoriais, e a produção de perífrases conjuncionais a partir da combinação de palavras de diferentes categorias à partícula *que* (MEILLET, 1912; CÂMARA, 1975). Além de resultarem de estratégias produtivas de formação de novos marcadores de contraste, assumo que as quatro formas estão desenvolvendo estatuto coordenativo, que não é consensual na literatura, justamente em razão de ainda estarem atravessando mudança e, portanto, mostrarem instabilidade semântico-pragmática e categorial. Entendo que essa instabilidade é favorável à apreensão de evidências empíricas dos processos de constituição de novas construções coordenadas contrastivas, pois contribui para a análise de relações de derivação e de transformações nos três níveis de análise.

Como será possível notar ao longo do trabalho, há momentos em que coloco em foco as formas que assumo estarem se desenvolvendo em conectivos contrastivos, muitas vezes me referindo

a “formas” em mudança, e, em outros momentos, faço referência a “construções”, porque interessa olhar para propriedades de toda a construção linguística de que o item participa, pois é *nessa e por* essa construção que ele se transforma. Esse é um pressuposto basilar do trabalho, proveniente do quadro teórico da Gramaticalização, ao qual me filio, que atesta, desde suas obras fundadoras até seus desenvolvimentos mais recentes, a pertinência do contexto linguístico e pragmático para a mudança linguística em geral (HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007; BYBEE, 2010, 2015; HEINE; NARROG; LONG, 2016; NARROG; HEINE, 2021). A partir desse viés teórico, meu objeto de estudo é a forma linguística *e* seu comportamento *em contexto* (HEINE; NARROG; LONG, 2016, p. 162), do que resulta, na análise empírica, o olhar dedicado a toda a construção de que a forma participa.

Aos pressupostos teóricos da Gramaticalização, alio o modelo da Teoria da Inferência Convidada da Mudança Semântica, conforme proposto em Traugott e Dasher (2002), tendo em vista a relevância de vários de seus pressupostos para as instâncias de mudança investigadas no trabalho (cf. Capítulo 2). A pertinência da conjugação de ambos os modelos teóricos está no fato de que o conjunto de instâncias de mudança selecionado para estudo inclui mudanças tanto semânticas como categoriais. Ambos os modelos se complementam e são igualmente relevantes para esta pesquisa, defendendo, por exemplo, a relevância dos contextos, que correspondem às bases metodológicas da análise (cf. Capítulo 3).

O estudo das trajetórias de *agora*, *enquanto*, *passo* e *só* na história do português perseguirá três objetivos específicos, situados no âmbito do objetivo maior do trabalho: (i) investigar fatores semântico-pragmáticos que fornecem condições para a constituição do significado de contraste nas novas construções com *agora*, *enquanto*, *só* e *passo* e, considerando as nuances de contraste amplamente reconhecidas na literatura (cf. Capítulo 2), apreender e sistematizar os tipos de contraste que cada construção desenvolve; (ii) investigar a configuração prosódica das construções com *agora*, *enquanto*, *só* e *passo* ao longo de todo o percurso de mudança, buscando sistematizar transformações de natureza prosódica que acompanham seu processo de constituição como construções coordenadas contrastivas e (iii) investigar correlatos morfossintáticos que estejam associados às reconfigurações semântico-pragmática e prosódica. Tendo em vista tais objetivos e o quadro teórico adotado, a investigação será conduzida em viés diacrônico, com base em uma análise de natureza qualitativo-quantitativa, orientada a contextos de uso estreitamente correlacionados a estágios evolutivos e fundada em um *corpus* constituído por textos produzidos entre os séculos XVIII e XXI, representativos de duas grandes tradições discursivas: a argumentação e a conversação espontânea.

Esta tese está estruturada em oito capítulos, além desta Introdução e das Conclusões. No Capítulo 2, exponho os principais pressupostos teóricos que orientam o trabalho em relação às noções de coordenação, contraste e mudança linguística. No Capítulo 3, apresento e justifico as decisões metodológicas para o estudo diacrônico das construções e descrevo o *corpus* de análise, bem como os critérios adotados para sua constituição. A partir do Capítulo 4, dou início à análise empírica, focalizando, do Capítulo 4 ao Capítulo 7, os percursos evolutivos de *enquanto*, *passo*, *só* e *agora*, respectivamente. Por fim, no Capítulo 8, apresento as conclusões, retomando as questões da pesquisa à luz dos fatos de mudança revelados pelas análises, de modo a sistematizar, à luz das quatro trajetórias, processos de constituição e aspectos de regularidade que tenham se mostrado recorrentes nos percursos, de modo a elucidar particularidades do desenvolvimento de novos marcadores de coordenação contrastiva, conforme o objetivo maior do trabalho.

2 COORDENAÇÃO ORACIONAL CONTRASTIVA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA SEU ESTUDO DIACRÔNICO

Dado o foco da pesquisa na diacronia de construções coordenadas que veiculam significados contrastivos, busco neste capítulo delimitar e justificar as posições teóricas assumidas em relação às noções de coordenação oracional, de contraste e de mudança linguística. Abordo cada uma delas nas Seções 2.1, 2.2 e 2.3, respectivamente, oferecendo, em 2.4, uma síntese dos principais pressupostos teóricos assumidos no trabalho. Por fim, em 2.5, faço um esclarecimento terminológico sobre o uso dos termos *contexto*, *cotexto* e *construção* no trabalho.

2.1 A noção de coordenação

Em meio à diversidade de abordagens da coordenação oracional encontradas na literatura, é possível reconhecer duas grandes tendências, orientadas a objetivos teórico-analíticos distintos. De um lado, encontram-se trabalhos que buscam identificar e caracterizar as propriedades formais de relações coordenativas, de modo que o termo *coordenação* está mais associado a um tipo de esquema morfossintático, pautado na independência sintática das orações e colocado em oposição às relações de subordinação. Segundo Mauri (2008), esse conjunto de abordagens levou à constituição de uma visão tradicional das relações coordenadas que, privilegiando o nível da estrutura, tende a associá-la quase exclusivamente com paralelismo sintático.

Ainda que compartilhem o enfoque voltado a aspectos estruturais, os trabalhos alinhados à perspectiva tradicional têm natureza diversa. Filiam-se a essa perspectiva desde trabalhos gerativistas (JOHANNESSEN, 1998; CAMACHO, 2003; REBUSCHI, 2005), que se voltam à estrutura formal inerente ao que admitem ser uma estrutura coordenada, até trabalhos de orientação tipológica e/ou funcionalista que, embora reconheçam a inexistência de fronteiras discretas entre coordenação e subordinação³ e considerem também aspectos semânticos, ainda priorizam o nível da estrutura (LEHMANN, 1988; HASPELMATH, 1995; VAN VALIN, 2005).

Em outra vertente de trabalhos, encontram-se abordagens que buscam definir a junção de natureza coordenativa em uma base translinguística, à luz de suas propriedades conceituais (BALLY,

³ Há trabalhos em perspectiva funcional, como o de Bally (1965), por exemplo, que inclusive abandonam a distinção binária entre os dois padrões de combinação oracional, propondo uma delimitação tripartida e gradiente entre três padrões – coordenação, segmentação e soldadura.

1965; DIK, 1968; LANG, 1984, 2000; HAIMAN, 1985; NEVES, 1985; LANGACKER, 1987; GIVÓN, 2001; HASPELMATH, 2004, 2007; BLÜHDORN, 2008; MAURI, 2008ab; PEZATTI; LONGHIN, 2016; LONGHIN *et al.*, 2019). Os trabalhos nessa vertente também se mostram diversos, no sentido de que apresentam objetivos, objetos e percursos de discussão particulares e mobilizam diferentes quadros teóricos, mas convergem por um enfoque em propriedades semânticas, semântico-pragmáticas e/ou cognitivas da coordenação (a depender da abordagem), assumidas como reflexo de seus aspectos universais. A noção de paralelismo também está presente em tais trabalhos enquanto característica típica da coordenação, mas se situa na dimensão do significado, assumindo que as relações coordenadas podem se manifestar em esquemas morfossintáticos variados.

Nesta pesquisa, me pauto em uma abordagem funcional que busca conceitualizar a coordenação oracional a partir de seus aspectos universais (MAURI, 2008ab). Dada a relevância da compreensão da diversidade de abordagens para melhor fundamentação da posição aqui assumida, focalizo primeiramente alguns preceitos subjacentes às abordagens que, em maior ou menor medida, privilegiam aspectos formais da coordenação, para, posteriormente, discutir as abordagens que norteiam a concepção de coordenação adotada no trabalho.

Nas abordagens orientadas a parâmetros formais, particularmente naquelas que sustentam uma distinção binária entre coordenação e subordinação, verifica-se que três propriedades morfossintáticas principais tendem a ser atribuídas às relações coordenativas: independência sintática, ausência de encaixamento e formas verbais finitas (MAURI, 2008a). A atribuição de tais propriedades à coordenação resulta de sua caracterização como uma relação gramatical em que estão ausentes fenômenos morfossintáticos tradicionalmente associados à subordinação (dependência sintática, encaixamento e formas verbais não finitas), o que evidencia a tendência, nessas abordagens, a um tratamento dicotômico das duas formas de junção.

Diversos problemas decorrem do tratamento pautado na dicotomia. Um deles diz respeito à própria validade dos critérios morfossintáticos para a identificação de relações coordenativas ou subordinativas. Conforme Mauri (2008a, p. 24), em muitas línguas, por exemplo, orações encaixadas podem ser constituídas por formas verbais finitas, apresentando, assim, ao mesmo tempo, um traço considerado típico da coordenação (formas verbais finitas) e outro considerado típico da subordinação

(encaixamento), como exemplifica a construção em (1)⁴, do italiano, na qual a perífrase *hai presentato*, que integra uma oração relativa encaixada, tem forma finita.

- (1) La ragazza [che mi hai presentato] è simpatica. (MAURI, 2008, p. 25)
 “A garota que você me apresentou é simpática”.

Além de não se mostrarem capazes de identificar conjuntos de fenômenos internamente consistentes, os critérios formais, quando tomados como definidores, também geram inconsistências ao serem cruzados com critérios semânticos. Um exemplo, discutido por Culicover e Jackendoff (1997), é encontrado em construções que exibem propriedades estruturais associadas à coordenação, mas que, do ponto de vista semântico, se aproximam mais de construções tipicamente subordinadas. Segundo os autores, trata-se de uma espécie de incompatibilidade entre a estrutura sintática e a estrutura conceitual, que leva a uma subordinação conceitual expressa a partir de uma coordenação sintática (CULICOVER; JACKENDOFF, 1997, p. 197). Os autores argumentam a favor de análises independentes dos aspectos sintáticos e semânticos, privilegiando os primeiros na descrição de fenômenos de junção. Nas palavras dos autores, “ainda há lugar tanto para uma sintaxe autônoma como para uma estrutura conceitual autônoma, conforme a tradição chomskyana sempre sustentou” (CULICOVER; JACKENDOFF, 1997, p. 216, minha tradução)⁵.

Lehmann (1988) apresenta uma tipologia funcional para a junção de orações que contribui para relativizar a distinção binária entre coordenação e subordinação. Nessa proposta, não há definições categóricas para os dois tipos de junção, que são concebidos como polos em um *continuum*, e as construções são nele posicionadas a partir de sua análise em termos de seis parâmetros. Ainda que referidos pelo autor como parâmetros semântico-sintáticos (LEHMANN, 1988, p. 3), Lehmann reconhece que aspectos semânticos estão pouco contemplados no conjunto de critérios estabelecidos e justifica a opacidade de tais aspectos em sua proposta argumentando que a identificação de tipos de junção oracional em uma base translingüística, objetivo de seu trabalho, parece possível a partir de seus aspectos gramaticais, e não de seus aspectos semânticos:

O leitor notará que **a natureza semântica da relação entre as duas orações não aparece nessa lista**. Enquanto essa natureza sempre teve um papel proeminente na categorização de orações subordinadas, não parece ser aspecto constitutivo de tipos de relações oracionais translingüisticamente válidos. Isto é,

⁴ O capítulo introdutório e os Capítulos 2 e 3 contêm sua própria numeração de exemplos, ao passo que os exemplos apresentados entre o Capítulo 4 e o Capítulo 7, que constituem dados extraídos do *corpus* desta pesquisa, são enumerados em sequência.

⁵ “There is still room for an autonomous syntax, and autonomous conceptual structure, as the Chomskyan tradition has always maintained” (CULICOVER; JACKENDOFF, 1997, p. 216).

não há nenhuma noção translinguística de oração concessiva que apresenta correlatos estruturais recorrentes. Parece, ao contrário, que **os tipos gramaticais que emergem a partir da aplicação dos seis parâmetros elencados acima vão além das relações de conexão oracional semanticamente distintas.**” (LEHMANN, 1988, p. 3, minha tradução, grifo meu) ⁶

Ao longo da descrição tipológica desenvolvida pelo autor, verifica-se que a subordinação constitui o ponto de partida das análises, de modo que as definições em torno das relações de coordenação também se baseiam, nessa proposta, em características ausentes na subordinação.

Em Van Valin (2005), encontra-se outra abordagem de junção que também relativiza a oposição dicotômica entre coordenação e subordinação. Sustentando uma distinção tripartida, ao invés de binária, o autor admite um terceiro tipo de junção, proposto e denominado por Olson (1981) *cossubordinação*, que, segundo o autor, desafia a distinção tradicionalmente defendida pelas correntes estruturalistas e gerativistas (VAN VALIN, 2005, p. 183). Os critérios que levam o autor a essa tipologia são de ordem morfossintática: encaixamento e dependência sintática. Segundo esses critérios, a coordenação é entendida como uma relação em que ambos os aspectos estão ausentes, ao passo que, na subordinação, a relação apresenta encaixamento de uma unidade à outra, e a oração encaixada normalmente funciona como um argumento ou modificador da oração principal a que se vincula (VAN VALIN, 2005, p. 183). Já as construções cossubordinadas, conforme o nome sugere, apresentam características tanto de coordenação quanto de subordinação, configurando uma espécie de coordenação dependente, em que unidades de extensão similar são vinculadas a partir de uma relação de aspecto coordenativo, mas compartilham alguma categoria gramatical, como, por exemplo, tempo ou modo (VAN VALIN, 2005, p. 187). Essa categoria é, segundo o autor, o principal aspecto que distingue a cossubordinação da coordenação.

Ainda que possibilitem algum distanciamento da perspectiva dicotômica entre coordenação e subordinação, as tipologias de junção propostas por Lehmann (1988) e Van Valin (2005) acarretam problemas para a análise translinguística similares aos decorrentes das abordagens pautadas na dicotomia, na medida em que a ênfase ainda permanece na morfossintaxe das construções complexas. Ambas as propostas elaboram uma nova organização de parâmetros morfossintáticos, e a questão da (in)dependência sintática continua sendo um dos parâmetros privilegiados. Conforme Mauri (2008a),

⁶ The reader will notice that **the semantic nature of the relation between the two clauses does not figure in this list.** While this has always played a prominent role in the classification of subordinate clauses, it does not appear to be constitutive of cross-linguistically valid types of clause linkage. That is, there is no cross-linguistic notion of, say, the concessive clause which would possess any constant structural correlates. It rather appears that **the grammatical types that will emerge on the basis of the above six parameters cut across the semantically different clause linkage relations** (LEHMANN, 1988, p. 3, grifo meu).

a análise de dependência sintática é controversa enquanto critério distintivo de tipos de junção, posto que diferentes fenômenos nas línguas podem levar à dependência gramatical entre orações (MAURI, 2008a, p. 30), para além do tipo de relação complexa que experimentam.

Diferentemente de Lehmann (1988), que, como mencionado, entende que uma abordagem translinguística da junção oracional depende de parâmetros morfossintáticos, Mauri (2008a) reúne evidências de que aspectos universais das relações complexas residem no domínio do significado, e as estruturas morfossintáticas através das quais essas relações são expressas é que exibem grande variação nas línguas. Nessa perspectiva, a autora argumenta que as abordagens orientadas por parâmetros formais inviabilizam uma concepção translinguística da coordenação de orações (assim como de outros tipos de relações complexas), pois as línguas que não exibem as propriedades morfossintáticas tomadas como típicas de relações coordenativas são *a priori* excluídas das análises. Os parâmetros morfossintáticos, conforme Mauri, são produtivos como critérios *caracterizadores*, mas não definidores, de relações coordenativas.

Assim, em harmonia com trabalhos antecessores (BALLY, 1965; DIK, 1968), que já preconizavam a precedência de aspectos funcionais na conceitualização de relações coordenativas, e buscando chegar a uma noção de coordenação translinguisticamente válida, Mauri (2008a) sustenta que a noção de paralelismo amplamente associada a essas relações deve ser explorada no âmbito do significado, em suas várias dimensões – semântica, cognitiva, pragmática –, propondo, desse modo, que subjazem a essa relação paralelismo funcional diverso, que discuto adiante. Conforme argumenta a autora, diferentemente de estruturas morfossintáticas, situações conceituais são universais porque os seres humanos compartilham sistemas comuns de percepção e pensamento, bem como tipos comuns de intenções e necessidades comunicativas, e as línguas, por consequência, compartilham categorias básicas de significado, tais como tempo, espaço e movimento. São esses sistemas comuns que levam falantes de diferentes línguas à expressão de determinados tipos de relação entre orações, e não outros (MAURI, 2008a, p. 7).

Nessa abordagem funcional, portanto, o foco está em aspectos de significado das construções complexas, de forma que tais aspectos, e não os de natureza morfossintática, é que guiam sua caracterização. A precedência do paralelismo funcional na concepção de relações coordenativas não nega o paralelismo sintático que é associado a essas relações desde as abordagens tradicionais. Segundo Mauri, as relações de sentido funcionalmente paralelas tendem a ser expressas por construções também sintaticamente paralelas (MAURI, 2008a, p. 31), e essa correspondência se deve ao fato de que a variação observada nas estruturas que veiculam relações coordenativas é uma variação regular.

Enquanto tendência, a interação entre os dois níveis tem papel substancial na investigação de regularidades no domínio das relações coordenativas. Conforme Mauri (2008a, p. 46), essas relações não apenas tendem a ser expressas através de construções sintaticamente simétricas, mas também tendem a estar associadas a marcadores explícitos.

Na abordagem de Mauri (2008a), portanto, aspectos de interação entre níveis de análise são amplamente explorados, e, no interior do próprio domínio do significado, diferentes dimensões são consideradas, a partir da noção plural de paralelismos funcionais. Projeta-se, assim, um quadro teórico-metodológico que agrega diferentes dimensões da linguagem sem perder de vista as configurações específicas de cada uma.

Perseguindo essa via de investigação, me aproximo de Mauri (2008a), assumindo a convergência de níveis de análise na configuração das relações de junção, a precedência do nível do significado em sua conceitualização e o paralelismo funcional como base conceitual das relações coordenativas.

A noção de paralelismo funcional é inaugurada em Dik (1968, 1997), que define a coordenação como um tipo de construção constituída de dois ou mais membros *funcionalmente equivalentes*, unidos no mesmo nível estrutural por meio de um dispositivo de ligação (DIK, 1997, p.189), que pode estar implícito (no caso de justaposição, como em *homens, mulheres, crianças – todos correram em pânico*) ou explícito (como a conjunção *e*, em *homens, mulheres e crianças – todos correram em pânico*). O autor dá destaque para a noção de equivalência funcional presente em sua definição, contrapondo-a a outras abordagens de coordenação que sustentam uma equivalência de ordem estrutural, no sentido de que os constituintes da relação coordenativa devem ser equivalentes em termos categoriais. Segundo Dik (1997, p. 192), a estrutura categorial interna dos membros coordenados pode diferir, contanto que sua *função externa* seja a mesma. A estrutura categorial considerada por Dik como variável corresponde à composição sintagmática interna dos constituintes coordenados. Assim, em uma construção como (2), a coordenação entre um nome próprio (*Peter*) e uma expressão composta (*several of his friends*), nos termos do autor, não é prejudicada por suas estruturas categoriais internas distintas, pois ambos desempenham a função semântica de agente e a função sintática de sujeito.

(2) Peter and several of his friends left early. (DIK, 1997, p. 192)

A equivalência funcional postulada por Dik implica que os membros coordenados devem apresentar as mesmas funções sintáticas, semânticas e pragmáticas (idem). Quando não há equivalência

em algum desses níveis, surgem, segundo o autor, problemas na interpretação da relação coordenativa. De (3) a (5), trago exemplos que o autor utiliza para ilustrar inconsistências na formulação da relação, provocadas pela ausência de equivalência semântica, sintática e pragmática, respectivamente.

(3) *John read the whole night and a great novel. (DIK, 1997, p. 192)

(4) *John and by the man kissed the girl. (DIK, 1997, p. 192)

(5) A: Who did John meet at the station?

B: *John and the BOSS met at the station. (DIK, 1997, p. 193)

Em (3), a coordenação entre *the whole night* e *a great novel* torna a construção agramatical, segundo Dik, pelo fato de, em sua terminologia de funções semânticas, a primeira expressão codificar duração e a segunda codificar meta (paciente). Em (4), os elementos coordenados (*John* e *by the man*) têm a mesma função semântica (agente), mas desempenham, respectivamente, a função sintática de sujeito e de agente da passiva. Já em (5), a resposta em B é agramatical se, em determinado contexto, *the boss* tiver a função pragmática de foco, pois, nessa função, a expressão não pode ser coordenada com *John*, que, conforme o autor, desempenha a função pragmática de tópico.

Como sinalizado, Mauri propõe uma noção plural de paralelismo funcional, no sentido de que, em construções coordenadas, instauram-se paralelismos nas diferentes dimensões do significado: semântica, cognitiva e pragmática. Em termos semânticos, o paralelismo que caracteriza a coordenação se pauta na noção de equivalência semântica entre as unidades coordenadas. Para Haspelmath (2004), que também busca uma concepção de coordenação oracional translinguisticamente válida, tem-se uma relação coordenativa quando unidades do mesmo tipo são combinadas em uma unidade maior de forma que ainda mantenham as mesmas relações semânticas com outros elementos adjacentes (HASPELMATH, 2004, p. 34). Como exemplo, na construção *Ele falou lentamente e com segurança*, ambas as expressões adverbiais *lentamente* e *com segurança* expressam a função semântica de modo e mantêm uma relação modal com o restante da oração.

Essa noção de paralelismo semântico, segundo Mauri (2008a, p. 34), apresenta restrições quando se lida com a coordenação de estados-de-coisas⁷, pois, nesse caso, não há elementos externos com os quais os estados-de-coisas estejam em relação semântica equivalente, como prevê a definição proposta por Haspelmath. Dessa maneira, Mauri argumenta que o conceito de paralelismo semântico

⁷ Em harmonia com Mauri (2008a), entendo estado-de-coisas como um hiperônimo para situações, eventos, processos e ações.

é mais adequado para análise do estatuto coordenativo de entidades que não sejam estados-de-coisas e ressalta que, no caso de junção de segmentos dessa natureza, dois outros tipos de paralelismo, situados nas dimensões cognitiva e pragmática, fornecem meios mais seguros para identificação de construções coordenadas, sendo conceitualizados pela autora, com algumas reformulações, à luz de Langacker (1987) e Cristofaro (2003).

Langacker (1987) considera característica elementar da coordenação um paralelismo cognitivo, do qual todas as suas outras propriedades resultam. Segundo o autor, esse paralelismo se sustenta a partir de *perfis cognitivos autônomos* em ambas as orações presentes em uma construção coordenada. A noção de perfil cognitivo é elaborada no âmbito da Gramática Cognitiva por ele proposta, que postula que qualquer estrutura linguística se constitui de um polo semântico e um polo fonológico. Todo polo semântico, segundo a teoria, contém uma base cognitiva e um perfil cognitivo. A base corresponde à totalidade de aspectos que estão implicados em uma predicação, ao passo que o perfil se refere a uma subestrutura da base, isto é, a um de seus componentes específicos. Quando, em um complexo oracional, apenas uma oração tem perfil autônomo, há, segundo a Gramática Cognitiva, uma assimetria conceitual entre elas. Por outro lado, se cada oração do complexo focaliza um aspecto específico da predicação, exibindo, assim, perfil cognitivo independente do perfil da outra oração, tem-se uma relação conceitualmente simétrica.

Cristofaro (2003), que propõe uma abordagem translinguística para a subordinação oracional, observa uma correspondência sistemática⁸ entre o conceito de perfil cognitivo e a noção de assertividade, em seu viés pragmático, conforme abordada em Levinson (1983) e Lambrecht (1994), que concebem assertividade em termos de estatuto informacional. Segundo Lambrecht (1994), a assertividade equivale a aquilo que se espera que o ouvinte passe a saber a partir de um dado enunciado. Em uma construção como *I finally met the woman who moved in downstairs*, o falante quer comunicar apenas que finalmente conheceu a mulher, e não que ela se mudou para o andar de baixo. Desse modo, apenas o segmento *I finally met the woman* contém informação assertiva, havendo assimetria pragmática entre as duas orações.

Cristofaro propõe o equacionamento da ausência de perfil cognitivo autônomo com a ausência de força assertiva para a identificação translinguística de relações subordinativas (CRISTOFARO, 2003, p. 31), admitindo que a assimetria pragmática, em termos de ausência de força assertiva em uma das orações, reflete a assimetria cognitiva nos moldes de Langacker (1987). Nessa proposta, entende-

⁸ Conforme a autora, essa correspondência está implícita em Langacker (1987), embora o autor não invista em sua sistematização.

se que apenas a oração que contém informação assertiva apresenta perfil cognitivo autônomo, e relações subordinativas são definidas como relações assimétricas pragmática e cognitivamente.

Embora a proposta da autora esteja orientada à subordinação, tem consequências para a definição de coordenação no viés teórico seguido por Mauri (2008a), dada a convergência entre pressupostos epistemológicos e também metodológicos que fundamentam cada abordagem. Cristofaro (2003) admite que um tratamento da subordinação que pretenda alcance translinguístico não deve se limitar às propriedades estruturais de nenhum tipo oracional específico em nenhuma língua analisada (CRISTOFARO, 2003, p. 31). Além disso, concebe a subordinação como uma situação *funcional* particular (CRISTOFARO, 2003, p. 25), que demanda critérios seguros para sua identificação translinguística, os quais, segundo a autora, não são fornecidos pela abordagem de cunho cognitivo de Langacker. Mauri assume o equacionamento entre (as)simetria cognitiva e (as)simetria pragmática proposto por Cristofaro e adota da autora testes por ela utilizados como recursos metodológicos para analisar de maneira mais objetiva o estatuto pragmático das orações em relação complexa.

Mauri admite a correlação entre (as)simetria cognitiva e (as)simetria pragmática, mas concebe a noção de (as)simetria pragmática em outros moldes e atribui novo objetivo aos testes que verificam o estatuto informacional das orações. A autora argumenta que a análise em termos de assertividade tem boa aplicação a orações coordenadas declarativas, mas não à coordenação de orações imperativas ou interrogativas. O que, segundo a autora, de fato caracteriza dois estados-de-coisas coordenados não é sua assertividade, mas a presença de força ilocucionária em ambos (MAURI, 2008a, p. 40). Mauri equaciona, então, a presença de perfil cognitivo autônomo com a presença de força ilocucionária própria, de forma que os testes objetivam avaliar a presença de força ilocucionária, e não a assertividade. Em harmonia com Mauri (2008a), entendo o paralelismo pragmático típico da coordenação em termos de forças ilocucionárias autônomas, mobilizando, na análise das mudanças atravessadas pelas construções investigadas nesta pesquisa, os testes propostos por Cristofaro (2003) e reformulados por Mauri (2008) como artifícios metodológicos para avaliação de simetria pragmática (cf. Capítulo 3).

Assumindo o paralelismo funcional como eixo definidor da relação de coordenação, Mauri a concebe como “uma relação estabelecida entre estados-de-coisas funcionalmente equivalentes, isto é, estados-de-coisas que têm a *mesma função semântica, perfis cognitivos autônomos* e ambos são codificados por

enunciados caracterizados pela *presença de algum tipo de força ilocucionária*” (MAURI, 2008a, minha tradução, grifo meu)⁹.

Segundo Mauri, assim entendo relações coordenativas e admito que seu paralelismo funcional típico tende a se refletir na sintaxe, pressupondo, assim, interação entre os dois domínios. Assumo, contudo, que mais um nível de análise interage com o significado e com a morfossintaxe na configuração dessas relações. Segundo Lang e Adamíková (2007), há uma espécie de interface compensatória entre os significados expressos por juntores adversativos e a sintaxe e/ou a prosódia das construções que mobilizam. Os autores argumentam que os juntores contrastivos de natureza coordenativa têm conteúdo lexical pobre, em comparação ao conteúdo semântico de juntores subordinativos que expressam contraste, no sentido de que são mais dependentes de especificação contextual para a interpretação do tipo de significado adversativo veiculado. As “lacunas” de significado deixadas por esses juntores podem (e tendem a) ser preenchidas por meios prosódicos e/ou sintáticos (LANG; ADAMÍKOVÁ, 2007, p. 205). Dada essa interface entre significado, prosódia e morfossintaxe, as construções adversativas prototípicas, segundo os autores, mostram uma tendência de simetria nos três níveis, de forma que os paralelismos funcional e sintático tendem a ser acompanhados também por paralelismo prosódico, caracterizado pela existência de fronteiras prosódicas entre orações coordenadas (LANG; ADAMÍKOVÁ, 2007, p. 207).

De acordo com Longhin e Soncin (2018), fronteiras prosódicas podem ser avaliadas a partir da análise dos constituintes mais altos da hierarquia proposta pelo modelo da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 2007), a frase entoacional e o enunciado fonológico. O pressuposto das autoras é o de que cada oração envolvida em uma relação coordenativa exibe frase entoacional e enunciado fonológico autônomos. Sigo as autoras e adoto tais constituintes como critérios para análise da configuração prosódica das construções aqui investigadas (cf. Capítulo 3), partindo da hipótese de que, ao longo de seus percursos evolutivos, desenvolvem simetria semântico-pragmática, prosódica e morfossintática.

Nesse viés, dado o objetivo de investigar a constituição de construções coordenadas na perspectiva da mudança (cf. Introdução), o significado, a prosódia e a morfossintaxe dessas construções são aqui analisados como *eixos dinâmicos*, que se remodelam ao longo do tempo e vão gradualmente constituindo relações coordenativas. Não se trata, portanto, de apenas caracterizar, em

⁹ “(...) a relation established between functionally equivalent SoAs, that is, SoAs which have the *same semantic function, autonomous cognitive profiles*, and are both coded by utterances characterized by the *presence of some illocutionary force*” (MAURI, 2008a, p. 41, grifo meu).

cada nível de análise, as novas construções em suas feições mais coordenativas, mas de, além disso e principalmente, buscar regularidades na interação entre as três dimensões da linguagem *durante* o desenvolvimento das mudanças, em conformidade com a questão central que norteia o trabalho (cf. Introdução).

2.2 A noção de contraste

No âmbito das relações coordenativas, Mauri (2008a) reconhece a existência de relações *in praesentia*, em que os estados-de-coisas constituem partes coexistentes de um cenário comum, e relações *in absentia*, em que os estados-de-coisas são substitutos potenciais um para o outro, de modo que apenas um deles está em questão (MAURI, 2008a, p. 47). As relações *in praesentia* correspondem às relações de combinação e contraste, e as relações *in absentia* equivalem às relações de alternância. As relações de contraste, assim, assemelham-se às de combinação ao conectarem estados-de-coisas que o falante/escrevente deseja que o ouvinte/leitor considere simultaneamente verdadeiros e distinguem-se delas ao dar à sua coexistência contornos conflituosos.

São inerentes ao significado de contraste, portanto, o partilhamento de aspectos em comum (o que legitima sua consideração conjunta) e, ao mesmo tempo, a divergência sob o viés de outras propriedades, à luz das quais os estados-de-coisas são *comparados* (MANN; THOMPSON, 1988; SCHWENTER, 1999; MALCHUKOV, 2004; MAURI, 2008a). A comparação pelo viés de diferenças é traço conceitual característico da coordenação contrastiva, que evidencia a forte presença da perspectiva do falante/escrevente em sua formulação, uma vez que tanto a combinação de determinados estados-de-coisas, e não outros, como sua comparação pautada em divergências são operações cognitivo-pragmáticas fundadas em seu universo subjetivo, no qual atuam suas crenças pessoais, seu conhecimento de mundo e o contexto discursivo pertinente ao momento em que formula e enuncia uma relação de contraste. Desse ponto de vista, entendo que contraste não existe *a priori* no mundo, mas resulta da avaliação e criação subjetiva dos usuários da língua (LANG, 1984, 2000; SWEETSER, 1991; RUDOLPH, 1996; MAURI, 2008a).

Para Rudolph (1996), contraste está entre quatro formas básicas de conexão que, juntas, constituem um sistema de conexões hierárquico tipicamente similar nas línguas: adição, contraste, tempo e causalidade. Sendo, nesse viés, um processo de conexão básico às línguas e às sociedades, contraste configura uma das principais maneiras de conectar ideias, o que pode explicar, ao menos em parte, segundo a autora, o conjunto rico de expressões contrastivas encontrado nas línguas

(RUDOLPH, 1996, p. 32). Desde a infância, aprendemos a perceber o mundo como repleto de oposições, considerando naturais oposições como dia e noite, quente e frio, perto e longe. A regularidade de oposições como essas nas línguas pode ser atribuída a bases comuns de conhecimento que são compartilhadas entre os falantes de diferentes línguas. Conforme Rudolph (1996, p. 26), as línguas indo-europeias estão conectadas não apenas por suas relações genéticas, mas seus falantes têm bases teóricas comuns (uma espécie de “teoria da vida”, nos termos da autora) decorrentes de suas histórias e processos de civilização similares.

A comparação subjacente às relações contrastivas coloca em destaque outro traço conceitual inerente a contraste, porque inerente, em primeiro lugar, às relações coordenativas em geral: a presença de um integrador comum. Essa noção, que provém de Lang (1984, 2000), se refere ao elo de sentido estreito existente entre dois estados-de-coisas postos em relação contrastiva. Trata-se do eixo comum de significado que justifica sua junção, uma espécie de parâmetro à luz do qual a comparação se estabelece.

Em Lakoff (1971), já existe uma noção similar, a de tópico comum. Conforme a autora, um tópico comum precisa ser partilhado por duas sentenças para que a relação de contraste entre elas seja relevante. Lang (1984, 2000), contudo, aborda a noção de integrador comum no âmbito de um modelo de junção contrastiva em que o integrador interage de maneira sistemática com outros mecanismos, internos e externos à língua, que participam da formulação de relações contrastivas. Tal modelo norteia minha compreensão do processo de formulação e interpretação de contraste, de modo que concebo o elo de sentido que está na base da junção contrastiva à luz da noção de integrador comum nos moldes de Lang (1984, 2000).

O autor postula que a identificação do integrador comum de uma construção contrastiva pode se dar a partir de perguntas que exigiriam como resposta os dois membros da construção. Assim, em uma construção como *Hans está doente, mas sua esposa está trabalhando*, o integrador pode se revelar a partir de uma pergunta que forneça um contexto pertinente, como, por exemplo, *Como Hans e sua esposa estão?*, que evidencia que ambas as orações fazem referência ao estado de saúde de dois indivíduos.

No modelo de junção proposto por Lang (1984, 2000), há uma divisão de trabalho entre semântica e pragmática na constituição dos significados contrastivos, de maneira que qualquer relação de contraste sempre depende, em alguma medida, de processos inferenciais. O juntor contrastivo, em particular, tem uma dupla contribuição semântica na combinação das orações:

- (i) ligar proposições semanticamente compatíveis e não-inclusivas que podem ser reunidas como instâncias de um *integrador comum*;
- (ii) indicar que a asserção apresentada na segunda oração está em contraste com uma *suposição* que pode ser lida ou inferida a partir de informação prévia. (LANG, 2000, p. 246, grifo meu)

Além do juntor, o conteúdo lexical da construção também fornece pistas importantes, embora não suficientes, de que uma relação de contraste deve ser estabelecida. Desse modo, atuam na formulação de contraste mecanismos semânticos – dos quais fazem parte a estrutura gramatical dos membros coordenados e o juntor contrastivo – e mecanismos pragmáticos – correspondentes aos processos inferenciais que possibilitam a identificação da suposição que legitima qualquer relação contrastiva. A interação entre os mecanismos semânticos e pragmáticos se dá, na proposta do autor, a partir da relação entre uma fonte e um alvo do contraste. A fonte reside na estrutura gramatical, com destaque para o segundo estado-de-coisas, que, conforme indicação do juntor, induz o ouvinte/leitor à busca do alvo, contida na suposição que legitima a leitura contrastiva. Seguindo Lang, admito que contraste, enquanto significado altamente subjetivo, é sempre uma relação de sentido proveniente de processos inferenciais que interagem com a semântica das construções.

A natureza do conflito nas relações contrastivas tende a se mostrar regular nas línguas, sendo reconhecidos na literatura três tipos principais de contraste: oposição, quebra de expectativa e correção (LAKOFF, 1971; DUCROT, 1977; NEVES, 1985; RUDOLPH, 1996; LANG, 1984, 2000; HASPELMATH, 2004, 2007; MAURI, 2008a; LONGHIN *et al.*, 2019, dentre outros). Não está claro que significados vai considerar nas relações de contraste. No contraste de natureza opositiva, estão em relação dois estados-de-coisas concebidos como antitéticos de alguma maneira. Conforme Lakoff (1971), as construções que exprimem oposição contêm expressões lexicais que explicitam a incompatibilidade existente entre os estados-de-coisas, o que torna a interpretação do integrador comum (ou tópico comum, nos termos da autora) mais transparente, como exemplifica (6). Instauram-se dois pares de antônimos a partir dos sujeitos referidos (*John X I*) e dos verbos que descrevem suas preferências (*hates X like*).

(6) John hates ice cream **but** I like it. (LAKOFF, 1971, p. 133)

Ao abordar o contraste opositivo e reconhecer a importância dos paralelismos estruturais e dos antônimos lexicais para sua interpretação, Lang (2000) argumenta que essas características não são, contudo, suficientes, pois, ainda que, de fato, a estrutura gramatical das construções de oposição

forneça pistas mais evidentes acerca do conflito em jogo, a suposição lida ou inferida é imprescindível em todas as manobras contrastivas.

Lakoff (1971), que aborda as relações opositivas com base nos usos de *but*, do inglês, reconhece a presença de suposições nessas relações, mas a atribui às próprias expressões lexicais que operam como antônimos, e as considera o traço principal das construções de oposição: “(...) o significado de oposição semântica expresso por *but* não descarta a atuação de pressuposições. Entretanto, nesse tipo de sentença, a pressuposição é parte do item lexical que é posto em contraste, *ao invés de residir no conhecimento de mundo do falante* e, por consequência, em suas expectativas” (LAKOFF, 1971, p. 134, minha tradução, grifo meu)¹⁰. Em posição contrária, Lang (2000) admite que os predicados antônimos desempenham papel secundário na manobra de oposição, sendo primordial a suposição extraída de fora da relação coordenativa (LANG, 2000, p. 245). Nos moldes em que é concebida por Lang, essa suposição está situada no universo de crenças do falante/escritor. Dessa forma, em uma construção como (6), é condição para o estabelecimento de uma relação contrastiva a suposição de que preferências diferentes, como gostar e odiar, configuram um tipo de conflito. Concordando com o autor, admito que não há *a priori* no mundo sociofísico uma oposição entre gostos e vontades distintos.

Em Ducrot (1977), encontra-se uma descrição clássica do contraste baseado em quebra de expectativa. Enfatizando a função fortemente argumentativa dos conectivos e investigando as aceções contrastivas de *mais*, do francês, o autor identifica usos em que *mais* mobiliza uma construção na qual o primeiro enunciado apresenta um argumento *p* em favor de uma conclusão *r*, ao passo que o segundo enunciado contém um argumento *q* contra *r*, favorecendo, assim, uma conclusão oposta, *não-r*. Nessa abordagem, a noção de polifonia é tida como inerente a contraste, correspondendo à presença de várias “vozes” com pontos de vista distintos no mesmo enunciado. Particularmente no contraste pautado em quebra de expectativa, essa noção torna-se mais evidente, já que a expectativa que sustenta o contraste nem sempre deriva do ponto de vista do próprio locutor, podendo resultar de enunciadore diversos.

Para Lakoff (1971), a noção de quebra de expectativa envolve uma pressuposição implícita, correspondente a uma tendência geral, amplamente assumida em sociedade, ou a uma expectativa que pode surgir em contextos particulares (LAKOFF, 1971, p. 133). Em (7), por exemplo, a expectativa

¹⁰ “(...) the meaning of the semantic opposition *but* is not unrelated to the presence of presuppositions. But in this type of sentence the presupposition is a part of the lexical item that is contrasted, *rather than residing in the speaker's knowledge of the world*, and therefore his expectations.” (LAKOFF, 1971, p. 134, grifo meu)

que legitima a relação de contraste é a de que, se segue uma orientação política republicana, John votou em candidatos de orientação similar, expectativa que não se confirma na segunda oração.

(7) John is a Republican but he voted for Humphrey. (LAKOFF, 1971, p. 141)

Conforme destaca a autora, diferentemente da manobra de oposição, aqui a identificação de um integrador comum envolve maior cálculo de sentido. Ao discutir essa nuance, Mauri (2008) também argumenta haver um percurso interpretativo mais complexo na quebra de expectativa, que resulta do fato de que, muitas vezes, a expectativa em jogo é ativada pelo contexto de comunicação através de processos inferenciais. Por essa razão, a ausência de um marcador explícito que sinalize o contraste pode levar o ouvinte/leitor a estabelecer uma relação de sentido entre os estados-de-coisas que não recupera uma expectativa e que não envolva nenhuma espécie de conflito. Um exemplo está na construção em (8), que, se considerada a ordem icônica em que os estados-de-coisas são apresentados, pode ser interpretada como veiculando uma relação de causalidade (a chegada das Nações Unidas como causa da morte de dez civis). Já na construção que exibe um marcador de quebra de expectativa, em (9), não há dúvidas em torno da existência de um conflito, e o segundo estado-de-coisas é tomado como fonte para uma suposição alvo do contraste. A maior dependência de processos inferenciais nesse tipo de expressão contrastiva tem como resultado a tendência de, em línguas que contêm apenas um marcador dedicado à expressão contrastiva, ele ser empregado para a codificação de quebra de expectativa, ao invés de oposição ou correção (MAURI, 2008a, p. 143).

(8) The UN forces have arrived to Lebanon, ten civilians died this morning.

(9) The UN forces have arrived to Lebanon, **but** ten civilians died this morning.

Rudolph (1996) postula que um canal de causalidade normalmente subjaz o cenário de fundo das conexões contrastivas, sendo mais saliente naquelas ancoradas em quebra de expectativa. Em (10), por exemplo, pode circular no universo subjetivo dos falantes/escrevantes a expectativa de que um dado efeito (o empréstimo do dinheiro) resulte de uma dada causa (sua necessidade), e é a não concretização do resultado esperado que leva à concepção de uma relação contrastiva.

(10) He needed the money, **but** I did not lend him any. (RUDOLPH, 1996, p. 27)

Por fim, o contraste pautado em refutação e correção encontra também em Ducrot (1977) uma abordagem clássica, que é até hoje referência para seu estudo. Trata-se de outra acepção de contraste que o autor identifica para *mais* do francês. Segundo ele, nessa acepção, *mais* constitui o prolongamento de uma negação polêmica, introduzindo a retificação de uma afirmação rejeitada (DUCROT, 1977, p. 28). Nesse sentido, tal como se observa em (11), o primeiro enunciado sempre contém uma negação (refutação), e o segundo, uma substituição (retificação).

(11) Il n'est pas français, mais allemand. (DUCROT, 1977, p. 34)

Segundo Mauri (2008a, p. 124), essa manobra de contraste compartilha propriedades com oposição, no sentido de que sempre se estabelece entre um estado-de-coisas positivo e um estado-de-coisas negativo, exibindo, assim, de certo modo, uma oposição antonímica entre estados-de-coisas. Assim, conforme argumenta a autora, a manobra de correção também resulta em construções cuja própria semântica contém elementos indicativos de conflito, que, como visto, embora não sejam suficientes para garantir a interpretação, constituem pistas importantes na busca pelo elo de sentido (MAURI, 2008a, p. 142). Enquanto, no contraste opositivo, essas pistas residem no próprio léxico, no contraste pautado na refutação seguida de correção, residem na polaridade opositiva que está explícita na construção, por meio de um estado-de-coisas explicitamente negado e outro posto como substituto para o primeiro.

Além de similaridades com contraste opositivo, a manobra de correção também compartilha propriedades comuns com quebra de expectativa. Como explica Mauri (2008a, p. 144), a estratégia contrastiva de correção é mobilizada quando há alguma expectativa de que o primeiro estado-de-coisas seja verdadeiro, de forma que, com a negação e substituição de tal estado-de-coisas por outro, trata-se de uma relação que também nega uma expectativa. O compartilhamento de traços da nuance de correção com as de oposição e de quebra de expectativa configura, para Mauri, uma motivação funcional do espaço conceitual¹¹ de contraste que se depreende de seu estudo tipológico:

OPOSIÇÃO ... CORREÇÃO... QUEBRA DE EXPECTATIVA (MAURI, 2008a, p. 130)

¹¹ Conforme Croft (2003), o espaço conceitual constitui uma representação (muito utilizada nos estudos tipológicos) de quais situações conceituais podem ser expressas pela mesma construção em diferentes línguas.

De acordo com essa representação, se um marcador coordenativo é usado para expressar mais de uma relação contrastiva, irá exprimir as relações que estão conceitualmente próximas. Dessa forma, se um marcador é utilizado para expressar, por exemplo, oposição e quebra de expectativa, também será utilizado para veicular correção (*idem*).

Ao examinar as estruturas morfossintáticas que expressam relações contrastivas em diversas línguas, Mauri (2008a) verifica que, no conjunto de línguas europeias que fazem parte de seu *corpus*, todas as construções de contraste são sintaticamente paralelas, e que, no conjunto de línguas não-europeias, o paralelismo sintático, ainda que não categórico, caracteriza a maioria das construções (MAURI, 2008a, p. 139). A tendência translinguística para construções contrastivas sintaticamente paralelas pode ser explicada, segundo a autora, pelo fato de que relações de contraste não predeterminam propriedades semânticas dos estados-de-coisas. Essa “assimetria semântica” seria compensada no plano estrutural pela simetria sintática, que auxiliaria na interpretação dos estados-de-coisas (MAURI, 2008a, p. 146).

2.3 A abordagem de mudança

Na investigação do desenvolvimento de novos mecanismos de junção contrastiva nos três níveis de análise focalizados, me respaldo em abordagens teóricas que convergem no entendimento de que a pragmática é a principal força instigadora de mudança, tanto em fenômenos de gramaticalização como em fenômenos de mudança exclusivamente semântico-pragmática (TRAUGOTT, 1988; HEINE *et al.*, 1991; SWEETSER, 1991; TRAUGOTT; DASHER, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007; HANSEN; VISCONTI, 2009; BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT, 2010a; HANSEN, 2011; VISCONTI, 2013; NARROG; HEINE, 2021).

O papel da pragmática na mudança linguística faz parte de uma agenda de pesquisa remota e, ao mesmo tempo, atual nos estudos em Linguística Histórica (GEIS; ZWICH, 1971; GRICE, 1982; LANG, 1984, 2000; PRANDI, 2004; HANSEN; VISCONTI, 2009; MAURI; van der AUWERA, 2012; EHMER; ROSEMEYER, 2018; HANSEN, 2021; NARROG; HEINE, 2021; LONGHIN, 2022). Desde, pelo menos, os trabalhos de Geis e Zwich (1971) e Grice (1975), existe uma preocupação em torno de como o contexto pode disparar inferências de novos significados. Em Geis e Zwich (1971), se vê o nascimento da noção de *inferência convidada*, que é base para os pressupostos de mudança posteriormente desenvolvidos nos trabalhos de Traugott (1988, 1999) e sistematizados enquanto quadro teórico em Traugott e Dasher (2002). É também possível entrever, já em Geis e Zwich (1971),

uma perspectiva de interação entre essas inferências e a semântica das sentenças, bem como entre elas e a forma sintática. Tal perspectiva de interação é aí, no entanto, ainda modesta, estando posta a partir de questões que os autores sugerem para projetos de pesquisa futuros: “Em que medida inferências convidadas estão habitualmente associadas ao conteúdo semântico de uma sentença? Em que medida inferências convidadas determinam (se determinam) a forma sintática?” (GEIS; ZWICH, 1971, p. 4, minha tradução)¹². Já em Grice (1975), inaugura-se a ideia de que um significado pragmático, abordado pelo autor em termos de implicaturas conversacionais, pode se tornar convencionalizado na língua como significado semanticamente codificado.

Além da preocupação sobre o papel de forças pragmáticas na mudança, a agenda de pesquisa em pauta tem também buscado compreender a natureza das entidades pragmáticas atuantes e a sequência dos estágios evolutivos a que tendem a se associar. A Teoria da Inferência Convidada da Mudança Semântica (*Invited Inferencing Theory of Semantic Change*, IITSC daqui em diante) (TRAUGOTT, 1988, 1999; TRAUGOTT; DASHER, 2002) fornece uma das primeiras propostas em torno dessas questões. De acordo com o modelo, a mudança se desenvolve *no* e *pelo* uso da língua, sendo impulsionada por mecanismos de inferenciação pragmática, que enriquecem significados já disponíveis com novos significados. Interessada em tendências de mudança semântica, a IITSC busca explicar como ocorre a convencionalização, ou semantização, nos termos da teoria, de significados pragmáticos, baseando-se, para tanto, na teoria de implicaturas conversacionais generalizadas de Levinson (2000).

Levinson (2000) propõe uma distinção entre três tipos de significado: significados *codificados*, que correspondem aos significados convencionais em uma dada língua, aqueles de estatuto semântico, e significados *type* e *token*, ambos de estatuto pragmático. Os significados *type* consistem em significados preferidos, embora passíveis de cancelamento, normalmente associados a comunidades linguísticas específicas. Já os significados *token* configuram implicaturas ainda não cristalizadas, que podem emergir de conhecimento enciclopédico, da situação comunicativa ou mesmo de conhecimento linguístico. Um exemplo de significado *type*, comum em diversas línguas, é aquele expresso por *depois*, como em *depois que viajei, fiquei doente*. Embora causalidade não seja significado inscrito na semântica de *depois*, o item é amplamente utilizado para implicar relações de causa e efeito, de modo que causalidade constitui uma implicatura generalizada de *depois* em boa parte de seus contextos de uso. Por outro lado, instâncias de significados *token* ocorrem em contextos mais particulares, como, por exemplo, o sentido de

¹² “To what extent are invited inferences regularly associated with the semantic content of a sentence? To what extent (if any) do invited inferences determine syntactic form?” (GEIS; ZWICH, 1971, p. 4).

causalidade que pode emergir da sentença *Tenho prova amanhã*, num contexto de interação em que um estudante convida um amigo para sair à noite, e a sentença em questão é apresentada como justificativa para sua indisponibilidade.

Traugott e Dasher (2002) reinterpretem os três tipos de significado propostos por Levinson (2000) em termos de três estágios de mudança, postulando que a mudança semântica tem início quando o falante/escrevente explora uma inferência convidada (equivalente ao significado *token* na terminologia de Levinson), que pode permanecer como tal e não ganhar relevância na comunidade linguística. Se, ao contrário, essa inferência adquirir valor social e se tornar saliente na comunidade, propagando-se para outros contextos de uso e para outros falantes/escreventes, torna-se uma inferência convidada generalizada (ou, nos termos de Levinson, um significado *type*), que se semantiza, isto é, transforma-se em significado codificado, quando se liberta dos traços contextuais que lhe deram suporte. Na Figura 1, a seguir, reproduzo o modelo da IITSC, preservando as legendas e indicações originais dos autores¹³. A feição recursiva do modelo sugere a possibilidade de que os próprios significados codificados que são fruto da semantização de inferências atravessem novo percurso de convencionalização.

A principal tendência que, segundo a IITSC, subjaz os processos de mudança semântica é a *subjetivização* dos significados, pois a mudança tende a partir de significados conceituais ou menos procedurais e chegar a significados mais procedurais, orientados à perspectiva do falante/escrevente. Quando a mudança afeta não apenas o significado, mas também a morfosintaxe, em processos de *gramaticalização*, o ganho em subjetividade é acompanhado por ganho de novos traços categoriais, que variam a depender do fenômeno em mudança. No caso dos jutores, Traugott e Dasher (2002) reconhecem como típicos, por exemplo, o aumento de escopo, o ganho de posição e ordem fixas, a perda de função sintática e a redução fonológica.

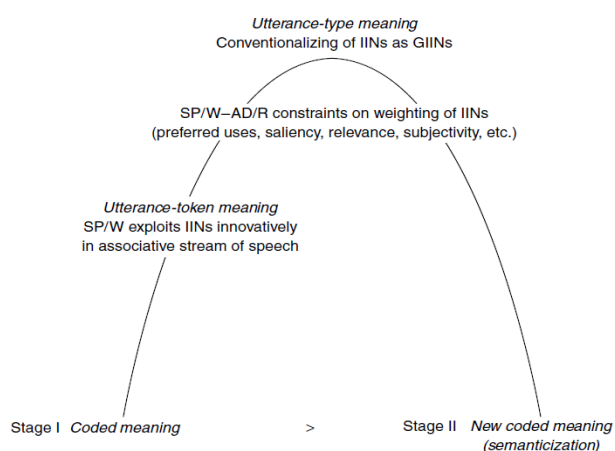
Examinando o papel de implicaturas conversacionais generalizadas na mudança semântica, Hansen e Waltereit (2006) colocam em discussão o percurso de mudança proposto por Levinson (2000) e Traugott e Dasher (2002), argumentando que é raro o trânsito de inferências particularizadas (significados *token*), via inferências generalizadas (significados *type*), a novos significados codificados. Segundo os autores, Traugott e Dasher (2002) equacionam a noção de inferência generalizada (que, na linha de investigação iniciada em Grice (1982), tem estatuto estritamente pragmático) ao processo de

¹³ IINs: inferências convidadas; GIINs: inferências convidadas generalizadas; SP/W: falante/escrevente.

propagação da mudança, o que teria levado os autores à associação desse tipo de inferência ao estágio intermediário da mudança de significado:

(...) in formulating their model of semantic change, Levinson (1995, 2000) as well as Traugott and Dasher (2002) redefine the notion of GCIs. From being a purely pragmatic phenomenon, GCIs, as understood in connection with the macro-sequence under review, become something more akin to the phenomena of either propagation or actualization of specific linguistic changes (HANSEN; WALTEREIT, 2006, p. 248).¹⁴

Figura 1 – O modelo da IITSC



Fonte: Traugott e Dasher (2002, p. 38)

Reconhecendo que implicaturas conversacionais têm papel crucial na mudança, Hansen e Waltereit (2006) defendem que, se se admitir a noção de implicatura conversacional generalizada (ICG) em seu sentido estrito, isto é, enquanto uma noção pragmática distinta do processo de propagação que, de fato, é inerente a qualquer instância de mudança linguística, outros percursos são observados, nos quais inferências generalizadas não tendem a constituir o estágio intermediário das mudanças.

Dois são os caminhos típicos de mudança semântica previstos pelos autores. O mais comum, segundo eles, é aquele em que inferências particularizadas (ICPs) passam diretamente a significados codificados (ICP > significado codificado). Em outro percurso, ICGs se semantizam, mas apenas após se tornarem ICPs (ICG > ICP > significado codificado).

¹⁴ GCIs: implicaturas conversacionais generalizadas.

Os autores sustentam tais percursos com base na diferença de estatuto cognitivo que defendem existir entre ICPs e ICGs. ICPs, por precisarem ser intencionalmente ativadas pelos falantes/escreventes e por emergirem em contextos muito particulares, tendem a estar em primeiro plano nos enunciados, constituindo, assim, mensagens comunicativamente centrais, ao passo que ICGs, por configurarem significados preferidos, que já têm um valor simbólico na comunidade, não precisam ser intencionalmente ativadas e, portanto, não têm estatuto central na mensagem. É devido a esse estatuto supostamente secundário que, segundo os autores, ICGs tendem a se semantizar apenas após ganharem uma proeminência comunicativa maior, enquanto ICPs.

Conforme os autores enfatizam, os refinamentos sugeridos em sua proposta, mesmo se empiricamente produtivos, não invalidam o modelo da IITSC em sua essência, já que ambas as propostas evidenciam a importância de descrições finas dos processos inferenciais que instigam mudança. Em meu entendimento, as diferenças entre os estágios evolutivos observados em cada proposta são reflexo, ao menos parcialmente, da própria singularidade de cada instância de mudança¹⁵.

Os pressupostos relativos ao processo de interpretação de contraste que adoto de Lang (1984, 2000), ainda que tenham implicações mais diretas para a análise desse processo em perspectiva sincrônica, também podem ser mobilizados na consideração da dimensão diacrônica das fronteiras entre semântica e pragmática, dimensão que, conforme Mauri e van der Auwera (2012), permite evidenciar a tendência a um trânsito de significados subespecificados (pragmaticamente inferidos) a significados codificados (com menor dependência da pragmática). Com base no modelo de Lang, parto da hipótese de que o integrador comum e a suposição inerentes às relações de contraste são características que se desenvolvem gradualmente.

Além da importância da inferenciação pragmática para a mudança linguística, outros pressupostos, situados no âmbito da Teoria da Gramaticalização, também são cruciais para esta pesquisa, tendo em vista que todos os fenômenos investigados constituem instâncias de mudança semântico-pragmática e categorial, ainda que em moldes distintos, como discuto no Capítulo 8.

Destaco o estatuto da gramaticalização – enquanto fenômeno de mudança – como um conjunto complexo de processos que tendem a coocorrer de maneira gradual e unidirecional (DIEWALD, 2011; BYBEE, 2016). Isso implica que a gramaticalização não é fruto de um processo

¹⁵ Em Ferrari (2018), ao investigar as trajetórias de mudança atravessadas pelas construções com *agora* e pelas construções com *now*, do inglês, a noção de generalização tal como se projeta no modelo da IITSC também foi alvo de meu questionamento, pois os dados evidenciaram que as inferências em torno de *agora* e *now* exibem mais características de ICPs do que de ICGs, de modo que as trajetórias parecem não atravessar um estágio de inferências generalizadas conforme são concebidas na IITSC.

único, mas envolve um conjunto de fatos dinâmicos e variáveis, o que é reflexo direto da natureza emergente da gramática, entendida neste trabalho, em harmonia com Bybee (2010, 2015, 2016), como um sistema adaptativo complexo ancorado no *uso* da língua e que resulta de processos cognitivos de domínio geral. Em conformidade com essa concepção de gramática, entende-se aqui que a pragmática faz parte da gramática, na medida em que se concebe o uso da língua como determinante de sua emergência contínua.

Assim, além dos processos de enriquecimento pragmático, tendem a acompanhar instâncias de gramaticalização processos de redução fonética (dada a perda de material linguístico, em alguns casos, conforme a mudança progride), desbotamento semântico (alguns elementos de significado são perdidos, enquanto novos são adquiridos pelas construções), descategorização (propriedades categoriais originalmente típicas são perdidas ou transformadas) e aumento de escopo (a forma que atravessa mudança passa a afetar unidades linguísticas que pertencem a níveis mais altos na gramática, tais como orações).

Esse último processo nem sempre foi reconhecido como típico da gramaticalização. Traugott (1995), de acordo com meu conhecimento, foi a primeira a enfatizar que se trata de um traço legítimo da mudança categorial, a depender do tipo de construção em mudança, tais como formas que se desenvolvem em conectivos oracionais. Narrog e Heine (2021) defendem o aumento de escopo como, inclusive, um denominador comum de formas que avançam no processo.

A unidirecionalidade da gramaticalização é particularmente importante para a compreensão das motivações da mudança. Resulta essencialmente de um mecanismo cognitivo básico que opera no uso da língua em diferentes épocas e sociedades: o aproveitamento de conceitos cognitivamente mais concretos e acessíveis para a expressão de conceitos mais abstratos e complexos, porque mais distantes das experiências vivenciadas pelos indivíduos no mundo sociofísico (HEINE *et al.*, 1991; NARROG; HEINE, 2021). Esse mecanismo, amplamente reconhecido na literatura como processo de *metáforização*, tende a estar conjugado ao processo de *metonimização*, que abarca justamente os processos de inferência pragmática discutidos anteriormente. Os enriquecimentos pragmáticos, dessa forma, tendem a ocorrer de maneira unidirecional, de modo a agregar a significados originalmente menos abstratos significados com maior complexidade cognitiva. Conforme ressaltam Narrog e Heine (2021, p. 9), a unidirecionalidade da gramaticalização significa para a teoria muito mais do que uma observação empírica, constituindo um princípio que autoriza generalizações e propostas de reconstrução de percursos, na medida em que, se os processos semântico-pragmáticos subjacentes fossem facilmente

reversíveis, não caberia uma proposta de teorização do fenômeno, pois seriam apenas mudanças aleatórias sem a possibilidade de explicação no âmbito de uma teoria de mudança.

Como reforçam os autores, é pressuposto basilar da Gramaticalização enquanto quadro teórico, reconhecido desde os primeiros estudos na área, que o desenvolvimento dos vários processos envolvidos se dá em contextos e construções particulares. Os autores sinalizam a importância de se considerar, inclusive, segmentos discursivos maiores (NARROG; HEINE, 2021, p. 1). Tal pressuposto tem consequências sobretudo para as decisões metodológicas em torno do estudo de fenômenos de gramaticalização, questão à qual retorno no próximo capítulo.

2.4 Síntese: o olhar sobre a coordenação oracional contrastiva na perspectiva da mudança

Conforme as posições teóricas delimitadas ao longo deste capítulo para o estudo diacrônico do desenvolvimento de novas construções coordenadas contrastivas, assumo uma perspectiva funcional que concebe as relações de coordenação como fundadas em paralelismo funcional, entendido como a equivalência entre os estados-de-coisas relacionados em diferentes dimensões do significado.

O significado é, assim, nessa abordagem, o eixo a partir do qual o estatuto coordenativo de construções é estabelecido, tendendo a interagir sistematicamente com os domínios da prosódia e da sintaxe, de forma que as relações de coordenação mais típicas tendem a apresentar, para além da simetria semântico-pragmática, configurações prosódicas e sintáticas também simétricas, delineadas, respectivamente, a partir de fronteiras prosódicas e independência sintática acompanhada de similaridades formais diversas.

Nas relações de coordenação *contrastiva*, em particular, o paralelismo funcional está ancorado na *comparação* entre dois estados-de-coisas, já que, conforme a concepção de contraste assumida neste trabalho, as relações contrastivas se baseiam em uma dinâmica complexa entre aspectos de similaridade (elementos em contraste têm ao menos alguns aspectos em comum) e aspectos de desigualdade entre os estados-de-coisas. Assim, contraste é entendido como a percepção subjetiva de algum tipo de conflito entre dois estados-de-coisas semanticamente compatíveis.

Para lidar com a dinâmica entre as dimensões de similaridade e diferença que sustentam as relações contrastivas, adoto o modelo de junção de Lang (1984, 2000), que tem como pressuposto central uma divisão de trabalho entre semântica e pragmática na formulação e interpretação dos significados contrastivos. De acordo com o modelo, a relação de contraste se estabelece a partir de um

percurso interpretativo que toma a estrutura léxico-gramatical da proposição no segundo membro da relação como ponto de partida para a busca de uma suposição que legitima o contraste. O juntor contrastivo tem, nesse processo, o duplo papel de indicar que as proposições estão relacionadas sob o viés de um integrador comum – que responde pela dimensão de similaridade acima mencionada –, sendo, portanto, semanticamente compatíveis, e que a segunda proposição está em contraste com uma suposição habilitada pela primeira proposição, com base na qual são concebidos os aspectos de desigualdade.

Reforço aqui o entendimento de contraste como uma criação subjetiva. Ambos os componentes de similaridade e diferença que subjazem a contraste dependem de um recorte subjetivo das relações que os usuários da língua observam ou experienciam. De um lado, a definição de um integrador comum pressupõe a seleção de um ponto de vista a partir do qual olhar para dois estados-de-coisas e conceber entre eles uma relação – pressupõe, antes de tudo, a identificação subjetiva de que estão relacionados a partir de um eixo comum de significado e a escolha por conceber essa relação linguisticamente, expressá-la pela língua –; de outro, a concepção de algum tipo de diferença ou conflito entre os estados-de-coisas postos em relação à luz de um parâmetro comum é perpassada por suposições subjetivamente fundadas.

Por fim, as simetrias várias que caracterizam relações de coordenação e as propriedades fundamentais que sustentam as relações de contraste são aqui investigadas na perspectiva da mudança, no sentido de se buscar compreender como os traços elementares da coordenação contrastiva se constituem diacronicamente (cf. Capítulo 1). Para isso, são adotados pressupostos teóricos de estudos em semântica e pragmática históricas, com respaldo principalmente da Teoria da Gramaticalização e da Teoria da Inferência Convidada da Mudança Semântica, que convergem na busca pela depreensão de estágios evolutivos à luz de *contextos*, já que se entende que a mudança se dá no uso da língua. Desse lugar teórico emerge a metodologia de análise que orienta a análise empírica: a constituição diacrônica dos elementos cruciais das relações de coordenação contrastiva é investigada a partir da identificação e caracterização dos diferentes contextos de uso das formas em mudança ao longo do tempo, com base em critérios expostos no próximo capítulo.

2.4.1 Uma nota terminológica sobre *contexto*, *construção* e *cotexto*

Uma vez que a noção de *contexto* é crucial para o trabalho, o termo é amplamente utilizado ao longo do texto, em alternância com outros dois termos com os quais se sobrepõe em certa medida,

cotexto e *construção*. É importante, por isso, que fiquem claros o sentido e a abrangência de cada um no trabalho, sobretudo por serem fundamentais para a compreensão da metodologia da pesquisa, no próximo capítulo, e para as descrições apresentadas nos capítulos de análise.

O uso de *construção* está em geral associado ao entorno linguístico do qual as formas em estudo fazem parte e para o qual dão sua contribuição de significado. Assim, faço uso do termo quando minha intenção é fazer referência à forma *em* seu ambiente linguístico, por ser necessária a consideração conjunta de propriedades da forma e da construção maior a que pertence. Como o conjunto de formas eleito para estudo é variado, a abrangência de uma construção difere entre as trajetórias, podendo também variar no âmbito de um mesmo percurso, a depender do estágio evolutivo que está em questão. Há casos em que uma construção com *agora*, por exemplo, envolve apenas uma oração simples, e outros em que diz respeito a uma construção complexa formada por duas ou mais orações. Isso porque, como discuto no Capítulo 7, as construções temporais com *agora* são bastante diversas do ponto de vista estrutural. Em termos sintáticos, o que considero uma construção com *agora*, uma construção com *enquanto (que)* ou *ao passo que* e uma construção com *só que* normalmente equivale a todo o segmento linguístico contido no período sintático. Assim, a abrangência de uma construção vai depender do dado que está sendo tratado, mas tende a ser determinada pelos limites do período.

Cotexto, por outro lado, é utilizado para a referência ao ambiente linguístico que extrapola os limites das construções que as formas investigadas integram. Normalmente, faço uso de *cotexto* quando chamo atenção para aspectos que, embora não integrados no domínio da construção para a qual o significado das formas contribui mais diretamente, são relevantes para a análise, seja porque atuam como correlatos enfáticos do significado das formas ou porque fornecem indícios que corroboram a análise que pretendo desenvolver – e que, na situação real de comunicação escrita, podem também ter sido levados em consideração pelos participantes da interação. A abrangência do *cotexto* também é dependente da questão em análise. O mais comum é que abarque aspectos linguísticos disseminados no entorno mais imediato da construção, mas há também casos em que tem escopo mais amplo, quando a análise requer um recuo maior no texto para a compreensão da construção.

Já a noção de *contexto* é mais complexa, envolvendo um conjunto maior de fatores e não se limitando ao plano linguístico. Como será possível notar ao longo do texto, a análise empírica é orientada a contextos de uso, como consequência da perspectiva de mudança assumida (cf. seções anteriores deste capítulo), de tal forma que a organização e categorização dos dados foi conduzida a partir da distinção e caracterização de contextos. As questões de natureza mais metodológica associadas à noção de contexto são tratadas no próximo capítulo, havendo uma seção especificamente

dedicada a modelos de contextos que permitem operacionalizar a apreensão de estágios evolutivos via arranjos contextuais (cf. Seção 3.2.4). Aqui, apenas especifico o que deve ser entendido por contexto no trabalho e sua relação com as noções de construção e cotexto.

Em harmonia com Hansen e Visconti (2009), entendo que o contexto abrange propriedades linguísticas em conjunto com propriedades cognitivas e interacionais. Desse ponto de vista, o contexto é a construção linguística – tal como definida acima – tomada em relação com os aspectos interacionais, ou pragmáticos, e cognitivos que contribuem para seu significado. Aspectos interacionais e cognitivos dizem respeito aos vários fatores extralinguísticos que interagem com o plano linguístico, tais como representações conceituais, crenças subjetivas, informações pragmáticas especificamente associadas à situação de comunicação, etc.

A ampla abrangência de uma noção de contexto que envolve aspectos de cognição e interação é teórica e metodologicamente útil para abarcar a multiplicidade e complexidade de fatores que atuam na construção dos significados. Assim, recorro ao termo quando a análise requer a consideração de aspectos que extrapolam o plano linguístico. Os aspectos linguísticos, pragmáticos e cognitivos envolvidos em um dado contexto (ou em um dado conjunto de contextos), entretanto, variam entre as quatro trajetórias e, sobretudo, entre os diferentes padrões de uso das formas. É, na verdade, justamente a configuração de contextos distintos que leva aos diferentes padrões de uso. Desse modo, ao longo da análise, me refiro a contextos temporais, temporal-contrastivos, contrastivos; a contextos fonte, *bridging*, *switch* (conforme o modelo de contextos que adoto para respaldo à interpretação das mudanças, cf. Seção 3.2.4); a contextos que *favorecem*, *disparam*, *habilitam*, *levam a* mudanças, etc.

Em relação ao último tipo de uso mencionado, *contexto(s)* é o termo escolhido quando utilizo verbos e expressões que evocam a ideia de *condicionamento* de mudança precisamente por envolver as forças que, conforme a perspectiva de mudança aqui assumida, fornecem as principais motivações para as transformações de significado: cognição e pragmática.

2.5 Aspectos de diacronia da coordenação contrastiva em trabalhos prévios

Destaco nesta seção trabalhos sobre coordenação contrastiva e não contrastiva que, por também abordarem fatos de sua diacronia, fornecem subsídios teóricos e/ou empíricos para este trabalho.

Um dos primeiros estudos sobre características evolutivas da coordenação é Mithun (1988), que, com análise sincrônica de diferentes tipos de coordenação em uma amostra diversa de línguas,

está na base de duas hipóteses que assumo acerca dos processos de constituição típicos de juntores contrastivos, relacionadas, no âmbito do significado, às fontes diacrônicas e, no domínio da prosódia, a padrões entoacionais.

Como sinaliza Mithun, a grande variedade de estruturas em que relações coordenativas se manifestam permitiria questionar se a coordenação é uma estratégia específica às línguas. No entanto, a comparação dos padrões entoacionais em construções coordenadas de diferentes línguas traz à tona similaridades significativas: usuários de línguas consideravelmente distintas lançam mão de princípios entoacionais muito semelhantes, em circunstâncias muito parecidas (MITHUN, 1988, p. 331). A autora atesta duas formas de sinalizar relações coordenativas via entoação, independentemente do tipo de entidade em relação (nomes, predicados ou orações) e da existência ou não de um marcador coordenativo. Uma consiste na própria ausência de pausa entoacional entre os elementos coordenados – padrão que, segundo a autora, tende a estar relacionado com a descrição de subpartes de um evento único, como o exemplo (12), a seguir – e a outra se caracteriza pela presença de contorno entoacional próprio em cada uma das orações em relação, conforme (13)¹⁶. No último caso, as orações tipicamente descrevem aspectos conceitualmente distintos de uma ação, evento ou cena (MITHUN, 1988, p. 335).

Tem-se aqui uma propriedade fundamental das relações coordenadas particularmente contrastivas, reconhecida em diversos estudos (BALLY, 1965, QUIRK *et al.*, 1985, LANG; ADAMÍKOVÁ, 2007; LONGHIN; SONCIN, 2018, entre outros). A independência entoacional se relaciona à existência de fronteiras prosódicas entre orações coordenadas em contraste, fronteiras que, neste trabalho, exploro à luz do modelo da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986, 2007), a partir do qual avalio fronteiras prosódicas com base em frases entoacionais e enunciados fonológicos (cf. Capítulo 3). A hipótese inicial é a de que o paralelismo funcional das relações coordenativas, além de se refletir, no domínio da sintaxe, em algum tipo de paralelismo estrutural, se reflete também em simetria prosódica.

(12) As meninas pegaram a lenha em chamas e queimaram o menino por inteiro.

(13) Alguns brincam na roda gigante, e outros brincam no balanço.

Neste trabalho, minha escolha metodológica pela frase entoacional e pelo enunciado fonológico como critérios para análise de fronteiras prosódicas se deve à sua interação com aspectos sintáticos e semântico-pragmáticos (NESPOR; VOGEL, 1986, cf. Capítulo 4). Na análise prosódica

¹⁶ Ambos os exemplos são versões de construções apresentadas por Mithun (1988, p. 335-336) para o português.

sob tais critérios, entendo, diferentemente de Mithun, que a construção em (1) também se caracteriza por fronteiras prosódicas. Apesar dessa diferença entre a análise aqui empreendida e a da autora, o que é relevante é a configuração semântico-pragmática observada pela autora em construções caracterizadas por pausas entoacionais entre as orações coordenadas. O fato de Mithun, ao olhar para a gramaticalização da coordenação em diferentes línguas, identificar como regularidade do processo a independência entoacional em orações que focalizam aspectos *distintos* de um mesmo evento é significativo para o conjunto de hipóteses que alicerça o trabalho.

Ao abordar as fontes da coordenação oracional, Mithun (1988) verifica que em diferentes línguas advérbios tendem a ser a principal fonte de novas conjunções coordenativas, sendo comum a ausência de distinção clara entre aquelas que são conjunções oracionais coordenativas gramaticalizadas e os advérbios que tendem a estar em sua origem (MITHUN, 1988, p. 345). Essa fluidez nas fronteiras entre advérbios e conjunções é também evidenciada em outros estudos¹⁷, sendo fundamental para a análise de relações de derivação.

Outro trabalho que coloca em foco o desenvolvimento diacrônico de mecanismos de coordenação, olhando para tendências de mudança, é Ramat e Mauri (2011). As autoras desenvolvem diversos estudos sobre conexão e contraste, que serão mencionados em diferentes momentos ao longo deste texto. Especificamente no estudo em pauta, tratam da gramaticalização de conectivos coordenativos interoracionais, lançando mão da concepção funcional de coordenação defendida em Mauri (2008), também assumida neste trabalho.

No âmbito das três relações semântico-pragmáticas que, de forma relativamente consensual, são entendidas como coordenadas na literatura (combinação, alternância e adversidade), há, segundo Ramat e Mauri (2011), notáveis diferenças entre o processo evolutivo dos conectivos interoracionais que marcam as relações de combinação e alternância e a evolução daqueles destinados à expressão de adversidade. A natureza inerentemente subjetiva dos significados contrastivos em geral (MEILLET, 1912; RAMAT; MAURI, 2011) tem como consequência a busca constante por formas inovadoras e mais expressivas de veicular contraste, de modo que uma mesma língua tende a apresentar uma variedade consideravelmente maior de conectivos adversativos, em comparação àqueles que expressam combinação e alternância. Além da maior variedade intralinguística, tais conectivos tendem também a passar por processos de renovação com maior frequência (RAMAT; MAURI, 2011, p. 2).

¹⁷ Cf., por exemplo, Neves (1985), Quirk *et al.*, 1985, Ramat e Mauri (2011), Mauri e Ramat (2012), Cuenca, Postolea e Visconti (2019).

No português brasileiro, por exemplo, há um marcador para as relações de combinação (*e*) e outro para as relações disjuntivas (*ou*), ao passo que a expressão de adversidade conta com um conjunto amplo de jutores especializados em contraste (*mas, porém, entretanto, no entanto, enquanto, agora, ao passo que, só que, antes*). O mesmo cenário é observado, conforme Ramat e Mauri, no italiano e em outras línguas românicas, que preservaram *et* e *aut*, do latim, para combinação e disjunção, respectivamente, mas não resgataram nenhum dos conectivos latinos adversativos.

Ao se voltarem aos estágios típicos do desenvolvimento de novos conectivos coordenativos interoracionais, as autoras destacam a relevância dos contextos de mudança, relevância que é amplamente reconhecida na literatura para a mudança linguística em geral e que está na base da metodologia de análise deste trabalho (cf. Capítulo 3). As autoras defendem que a gramaticalização de conectivos interoracionais tende a passar por contextos que Diewald (2002) denomina *critical*, que são semântico-pragmática e sintaticamente ambíguos. Em tais contextos, o significado original das formas que estão se desenvolvendo em marcadores de coordenação oracional ainda está disponível, mas é também possível sua interpretação como elementos de ligação entre a oração que integram e a oração precedente. Nessa segunda interpretação, as formas já exibem escopo mais amplo, sobre toda a sentença, e tendem a se posicionar mais à esquerda da oração. Apresento em (14), a seguir, um exemplo das autoras. Os dados por elas investigados sugerem ainda que os contextos “críticos” precisam passar por um aumento significativo em frequência para que haja a convencionalização da função coordenativa (RAMAT; MAURI, 2011, p. 7).

(14) (...) chè noi mangiamo sì poveramente in questo luogo, u voi mi vedete, che a grande pena ne possiamo sostenere nostra vita; né non ‘sciamo giammal di qua entro **tuttavia** ci dimoriamo sì come noi lo possiamo fare (...) (RAMAT; MAURI, 2011, p. 7)

“(...) Porque nós comemos tão mal nesse lugar, em que você está me vendo, que nós conseguimos sobreviver com grande dificuldade; tampouco nós saímos daqui; **sempre (entretanto)** moramos aqui da forma como podemos”.

Conforme as autoras, são duas as interpretações possíveis da construção em (14): (i) uma justaposição assindética de duas orações conflituosas, na qual a segunda começa com o advérbio temporal *tuttavia* (“sempre”); ou (ii) uma construção adversativa sindética em que *tuttavia* atua como conectivo interoracional, correspondendo a “todavia/entretanto”. Como será possível observar nos capítulos de análise, as construções que, em meus dados, se mostram relevantes para as mudanças guardam similaridades importantes com tais construções.

Por fim, me reporto a um último trabalho que fornece muitas das bases desta pesquisa: Longhin e Soncin (2018). Ao que é de meu conhecimento, trata-se da primeira pesquisa que explora aspectos de diacronia de construções coordenadas sob o viés da interação entre diferentes dimensões da linguagem. As autoras analisam o percurso evolutivo atravessado pelas construções com *enquanto (que)*, no português, atestando a pertinência da consideração de diferentes níveis de análise e, sobretudo, de sua correlação, para o entendimento das mudanças.

As construções com *enquanto (que)*, segundo as autoras, seguem um caminho evolutivo que vai de um modo mais subordinativo para um modo mais coordenativo de composição, transitando de significados temporais a sentidos contrastivos. Para avaliar a (in)dependência entre as orações que compõem as construções com *enquanto (que)* – (in)dependência tradicionalmente alicerçada em parâmetros sintáticos, como discutido neste capítulo –, as autoras se pautam na força ilocucionária exibida pelas orações e na (in)existência de fronteiras prosódicas, a partir de uma perspectiva metodológica que assumo neste trabalho, conforme Capítulo 3.

Os resultados do trabalho mostram que, no percurso da subordinação à coordenação, as construções com *enquanto (que)* passam por mudanças em suas configurações pragmática e prosódica, que se tornam mais simétricas conforme ganham moldes mais coordenativos. Essa autonomia pragmática e prosódica tende a se refletir na dimensão morfossintática, com as construções evoluindo para estruturas também sintaticamente mais independentes (LONGHIN; SONCIN, 2018, p. 23).

3 DADOS E METODOLOGIA

Elencando como objeto de estudo as trajetórias de mudança que dão origem a construções de contraste com *agora*, *enquanto (que)*, *só que* e *ao passo que*, esta pesquisa é conduzida em viés diacrônico, em busca de evidências empíricas que permitam elucidar fatos de mudança nos três eixos de desenvolvimento focalizados: semântico-pragmático, prosódico e morfossintático (cf. Introdução).

A análise se pauta em um recorte diacrônico que desdobra cada século em dois estados de língua e abrange o período do século XVIII ao XXI. A decisão por tal recorte temporal teve respaldo de pesquisa-piloto, que permitiu prever que o início da análise no século XVIII seria suficiente para a apreensão dos estágios incipientes de todas as trajetórias, o que se confirmou posteriormente durante a investigação. Na distribuição dos estados de língua, as duas décadas transcorridas do século XXI foram incorporadas à segunda metade do século XX, de modo que seis estados de língua foram alvo de investigação, conforme o Quadro 1, a seguir. Optei por fragmentar cada século em dois estados de língua por entender tratar-se de artifício metodológico que me permitiria uma maior aproximação do desenvolvimento gradual das mudanças.

Quadro 1 – O recorte temporal

XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
(1701 – 1750)	(1751 – 1800)	(1801 – 1850)	(1851 – 1900)	(1901 – 1950)	(1951 – 2020)

Fonte: autoria própria.

A natureza do objeto de estudo norteou as decisões metodológicas em torno dos textos que compõem o *corpus* de investigação, e a questão fundamental do trabalho – *Que mudanças atuam e interagem nos domínios do significado, da prosódia e da morfossintaxe na constituição histórica de mecanismos de coordenação contrastiva?* (cf. Introdução) –, já que orientada a três eixos de desenvolvimento, levou à definição de critérios de análise específicos para cada eixo. Neste capítulo, detalho, na Seção 3.1, os critérios mobilizados para constituição do *corpus*, e, na Seção 3.2, os métodos orientados aos diferentes níveis de análise.

3.1 Critérios de constituição do *corpus*

A definição de critérios qualitativos para a composição do *corpus* baseou-se no paradigma das Tradições Discursivas (TD daqui em diante) (KOCH, 1997; OESTERREICHER, 1997; KABATEK, 2005, 2006), aliado a uma abordagem metodológica que, conjugando pressupostos do modelo de TD

a uma concepção teórica de escrita proposta em Corrêa (2004), pautada em sua constituição heterogênea, permite enfrentar dificuldades persistentes no âmbito da Linguística Histórica, sobretudo em termos da representatividade do *corpus* (LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2013).

A essência da noção de TD está no pressuposto de que todo texto se insere em uma tradição, que é de natureza linguística e sociocultural. De acordo com o modelo de TD, o vínculo dos textos diversos com tradições discursivas se dá a partir da repetição, total ou parcial, de outros textos anteriormente enunciados, repetição que pode ser tanto de traços formais como de conteúdo (KABATEK, 2005, p. 155). Além de implicarem repetições, que devem ser necessariamente linguísticas (daí sua caracterização como tradições *discursivas*), as TD apenas se constituem como tais se envolverem uma *combinação particular* de elementos linguísticos e estarem intimamente associadas a circunstâncias socioculturais que as *evocam*. Ficam excluídas do conceito de TD, portanto, repetições não linguísticas e repetições linguísticas que não estejam associadas à evocação de uma combinação particular de elementos linguísticos (KABATEK, 2005, 2006). Nesse sentido, conforme entendidas por Kabatek (2005, p. 157), as TD consistem em modelos de textos socio-historicamente convencionalizados, que se repetem ao longo da história e adquirem valor de signo próprio.

Ao abrir caminho para uma perspectiva que contempla aspectos diversos, mas intrinsecamente relacionados, dos textos, a noção de TD é produtiva para a investigação de fenômenos de variação e mudança linguística (KABATEK, 2005; LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2013). Como argumenta Kabatek (2005, p. 161), quando se estuda a história de uma língua, o que se estuda, na realidade, são *textos*, textos de diferentes épocas que sejam considerados pelo analista representativos dos estados de língua investigados. Nota-se, assim, para o estudo da mudança linguística, a relevância de uma metodologia que, atenta à importância dos textos selecionados como fonte de investigação, busque parâmetros orientados à constituição de *corpora* representativos. Tendo em vista que tanto características linguísticas como socioculturais da TD a que um texto se vincula são decisivas para predispor ou desfavorecer o uso das construções linguísticas várias, os parâmetros de seleção dos textos devem abarcar os mais diversos traços associados às TD, motivo pelo qual a abrangência da noção de TD permite aprimorar as decisões metodológicas em torno da representatividade do *corpus*.

Conforme Kabatek (2005, 2006), dada a relação estreita entre os traços característicos das TD e as construções linguísticas, é possível reconhecer e distinguir TD a partir da observação de traços linguísticos dos textos. Em particular, segundo o autor, um domínio de análise produtivo para a identificação e caracterização de TD está nos esquemas de junção: os tipos de juntores, sua frequência relativa e sua distribuição no texto configuram aspectos sintomáticos de TD, revelando, assim, a(s) TD

a que ele pertence (KABATEK, 2005, p. 165). Com base nesse pressuposto, ratificado por Kabatek com evidências empíricas, o autor elege a junção como o aspecto linguístico central de análise dos textos para o exame de TD. Essa íntima associação entre junção e TD é mais um fator que evidencia o potencial de contribuição do modelo para esta pesquisa. Ainda nesta seção, ao expor as hipóteses relativas aos tipos de textos que forneceriam dados pertinentes para o trabalho, o diferencial da abordagem de TD para a metodologia de seleção dos textos aqui empregada será discutido em mais detalhes.

Além de constituir uma via para a consideração de aspectos diversos dos textos, o modelo de TD também pode contribuir para os estudos de mudança ao fornecer meios para lidar com desafios metodológicos postos por uma perspectiva que, instanciada principalmente a partir da Sociolinguística laboviana, estabelece uma relação entre fala e escrita na qual a fala é tida como lugar privilegiado de mudança linguística (LABOV, 2008). Em convergência com esse pressuposto, tal perspectiva admite uma natureza conservadora que seria característica de todo e qualquer texto escrito e que seria inibidora de inovações¹⁸, questionando, por consequência, a legitimidade do material escrito enquanto fonte de dados representativa da língua e de seus processos de variação e mudança.

A possibilidade de mobilizar pressupostos do modelo de TD como aparato para superar a relação dicotômica entre fala e escrita é identificada e proposta por Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013). As autoras, aliando o conceito de TD a uma concepção teórica de escrita¹⁹, elaborada em Corrêa (2004), propõem uma metodologia para os estudos de mudança que concebe a relação fala e escrita em outros moldes, distanciando-se da dicotomia e revisitando o estatuto teórico-metodológico dos dados de escrita, reconhecidos, no âmbito de sua proposta, como fonte legítima de investigação.

Conforme discutem as autoras, na própria noção de vernáculo que se constituiu na Sociolinguística laboviana está inscrita a primazia dos dados de fala para o estudo da variação e da mudança, já que o vernáculo é aí fortemente associado à fala, particularmente às situações de fala em que há pouco monitoramento por parte dos falantes, o que as tornaria propícias, portanto, a inovações. Na base dessa perspectiva, está o entendimento de fala e escrita como sistemas de língua distintos (*língua* falada e *língua* escrita), caracterizados por bases semióticas também distintas (sonora e gráfica).

¹⁸ Ver Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013) para uma discussão detalhada de como se constituiu na literatura linguística a relação dicotômica entre fala e escrita, a partir do pressuposto de que os textos falados, e não os escritos, são o *locus* da mudança linguística.

¹⁹ Esse viés teórico-analítico é também perseguido, com foco na aquisição da escrita, nos trabalhos de Lopes-Damásio (cf., por exemplo, LOPES-DAMÁSIO, 2014, 2017, 2019; LOPES-DAMÁSIO; SILVA, 2018).

Inspiradas em Corrêa (2004), Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013) propõem repensar a relação fala e escrita tomando-se como ponto de partida não a base semiótica, mas o uso da língua em práticas sociais. Segundo Corrêa (2004), essas práticas, que podem ser orais e letradas, são essencialmente heterogêneas, e, por consequência, os enunciados falados e escritos que delas resultam também são constitutivamente heterogêneos. Isso significa que o material escrito não se restringe às práticas letradas, assim como os textos falados não estão circunscritos às práticas orais, e tanto os textos falados como os escritos podem conter marcas de oralidade e de letramento.

Nesse contexto de discussão, Corrêa (2004) propõe a concepção de escrita heterogênea, admitindo que a heterogeneidade inerente à escrita é fruto do encontro entre as práticas sociais do oral e do letrado e do encontro entre o falado e o escrito, também entendidos pelo autor como práticas sociais (CORRÊA, 2004, p. 2). Dessa perspectiva, fala e escrita deixam de ser vistas como sistemas de língua distintos e são concebidas como *modos de enunciação* pela linguagem em relação de convivência.

Essa concepção de escrita, segundo Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013), fornece aos estudos de mudança aparato para operacionalizar a constituição de *corpora* diacrônicos com base em textos escritos: se são constitutivamente heterogêneos, os textos escritos não se restringem a situações formais de enunciação, mas também podem estar associados a contextos favoráveis ao estilo linguístico vernáculo, também representando, portanto, uma fonte de investigação de processos de variação e mudança (LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2013, p. 196).

Conforme argumentam as autoras, as condições de favorecimento do vernáculo e, por consequência, de variantes inovadoras não provêm do modo de enunciação, mas de *situações* de fala e de escrita que são propícias à sua realização (LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2013, p. 199). Nesse sentido, defendem que *as características da TD* a que um texto se vincula, e não o modo de enunciação pelo qual ele se materializa, constituem parâmetros mais seguros para se buscar a representatividade do *corpus*. Assim, a noção de TD, segundo elas, é capaz de apreender a heterogeneidade da escrita que é relevante para os estudos em mudança, dado que contempla aspectos diversos dos textos, de linguísticos a situacionais (LONGHIN-THOMAZI; RODRIGUES, 2013, p. 203).

Ao aliar a concepção de escrita heterogênea à noção de TD, a abordagem proposta pelas autoras institui um quadro teórico-metodológico que permite fundamentar as decisões relativas aos textos selecionados como *corpus* de pesquisa, pois viabiliza a identificação de fatos de variação e mudança em ambos os modos de enunciação. A depender dos traços da TD a que pertencem, textos

escritos podem ser altamente propícios ao estilo vernáculo, ao mesmo tempo em que textos falados podem desfavorecê-lo.

Ainda que o vernáculo de fato configure um lugar propício à observação de processos de variação e mudança, não é o único aspecto que deve pautar a escolha do pesquisador. Conforme Kabatek (2005), uma vez que as características da TD favorecem algumas construções linguísticas e desfavorecem outras, o objeto de estudo deve nortear as decisões acerca de quais TD tendem a predispor o tipo de construção investigado.

Adotando o viés metodológico proposto por Longhin-Thomazi e Rodrigues (2013), assumo a concepção de escrita heterogênea e a primazia das características de TD, em detrimento do modo de enunciação, para a constituição do *corpus*, observando tais características frente a meu objeto de investigação. Duas hipóteses, com amparo teórico e empírico, me orientaram na escolha por TD.

A primeira delas diz respeito à tendência de extensões pragmáticas se desenvolverem inicialmente em textos da conversação espontânea, que habitualmente se caracterizam por graus mais elevados de informalidade/espontaneidade (TRAUGOTT; DASHER, 2002; HANSEN, 1998, 2005, 2008).

Hansen (1998) busca por parâmetros para conceituar a noção de “informal” de maneira mais segura, não meramente intuitiva. Aproximando-se, em parte, de Koch e Oesterreicher (1990), a autora entende que o traço de informalidade/espontaneidade dos textos está associado a um maior envolvimento entre os interlocutores, a uma maior cooperação entre eles, à maior dependência do contexto situacional, à maior facilidade de tomada de turno e a um menor grau de fixação do tópico discursivo. Em harmonia com a autora, admito que essas são características típicas de textos informais, ainda que não necessárias nem exclusivas, e que formam um conjunto de fatores que os torna propícios ao desenvolvimento de extensões pragmáticas como aquelas abordadas neste trabalho.

Assumo, ainda, com amparo do conceito de TD, que a conversação espontânea, já que evocada por circunstâncias socioculturais e contextos situacionais específicos, que levam a uma combinação particular de elementos linguísticos, constitui uma TD. Essa TD, ainda que tenha se remodelado no decorrer do tempo²⁰, mantém-se presente nas várias práticas sociais, orais e letradas, ao longo dos séculos, aspecto favorável a uma investigação longitudinal. Uma vez que abrange diversas outras TD

²⁰ Nos dias de hoje, por exemplo, a tradição de conversar espontaneamente com amigos, familiares ou mesmo desconhecidos é possível por meios de comunicação não disponíveis poucas décadas atrás, tais como as várias redes sociais e aplicativos de mensagem. É interessante observar a interação e mescla entre os modos de enunciação falado e escrito que são possíveis em alguns aplicativos de mensagem, como o Whatsapp, que representa mais uma evidência da não discrepância entre os dois modos de enunciação.

(como, por exemplo, as cartas particulares, emails entre amigos, áudios de Whatsapp, conversas em transporte público), entendendo que se trata de uma macro TD, cuja realização pode se dar tanto via escrita como via fala.

Ao abarcar uma grande variedade de modelos tradicionais de textos, a noção de TD vai além da de gênero textual ou discursivo²¹, podendo também envolver, por exemplo, estilos linguísticos (tal como o próprio estilo vernáculo, espontâneo), fórmulas conversacionais (tal como *bom dia*) e variedades linguísticas. No caso das últimas, Kabatek (2006) explica que, ao se assumir que uma variedade pode funcionar como uma TD, não se entende que TD seja o mesmo que variedade linguística, mas que, em determinadas situações, uma variedade pode ser empregada como uma forma tradicional de dizer de um grupo de pessoas, dele identificadora. O autor ilustra essa possibilidade a partir de uma variedade diafásica, empregada em francês por parlamentares, fortemente caracterizada pelo uso do imperfeito do subjuntivo, que se configura numa tradição de falar desse grupo.

Enquanto a primeira hipótese norteadora das decisões relativas ao *corpus* priorizou TD que tendem a suscitar extensões pragmáticas de significados em geral, a segunda esteve orientada a TD que predispuessem uso e desenvolvimento particularmente de juntores contrastivos. Com base em Schwenter (2000) e Traugott (2010a), admito que significados dialógicos, dos quais contraste é exemplo prototípico, tendem a se desenvolver em contextos marcados por elevados graus de dialogicidade. Conforme elaborada pelos autores, a noção de orientação dialógica de um enunciado diz respeito à evocação de dois ou mais pontos de vista, que levam a diferentes conclusões e disparam conflito entre vozes. Tal noção se distingue, de maneira não discreta, da de monologicidade²², que pressupõe o compartilhamento de bases comuns de conhecimento e a construção de argumentos que caminham em direção a conclusões similares (TRAUGOTT, 2010a, p. 3). A distinção entre ambas as orientações deve ser tomada em termos graduais, considerando-se orientações mais e menos monológicas/dialógicas (SCHWENTER, 2000, p. 260), tendo em vista a escassez de usos da língua puramente monológicos. Como argumenta Schwenter (2000, p. 260-261), mesmo nos significados supostamente monológicos, permanecem vestígios de interações inquestionavelmente dialógicas.

À luz da hipótese em questão, selecionei TD argumentativas como outro espaço de investigação propício ao estudo das trajetórias focalizadas, já que tendem a favorecer a marcação de

²¹ Conforme Longhin (2014, p. 27), todo gênero textual ou discursivo é uma TD, mas nem toda TD é um gênero textual ou discursivo.

²² As duas noções se distinguem, ainda, daquelas de monologia e dialogia em termos de número de falantes envolvidos numa interação. No âmbito da dialogicidade associada a pontos de vista, é possível encontrar múltiplas vozes no enunciado de um mesmo falante/escrevente.

pontos de vista diversos²³. Com amparo do modelo de TD, considero a argumentação, assim como a conversação espontânea, uma macro TD, que, independentemente do modo de enunciação, tem a ela vinculadas várias outras TD a partir de traços de forma e/ou conteúdo – tal como o uso expressivo de recursos para marcação de dialogicidade – e de práticas sociais que as evocam.

Com base nas hipóteses apresentadas, o *corpus* é composto por TD da conversação espontânea e TD argumentativas, que foram distribuídas da maneira mais igualitária possível entre os estados de língua investigados. Seguindo Kabatek (2005, p. 161-162), entendo que um *corpus* significativamente representativo é um *corpus* equilibrado, não estando o equilíbrio na quantidade de textos (ao menos não apenas), mas em sua diversidade. Isso porque, como argumenta o autor, se se trabalha com apenas uma TD, estuda-se a sua história, e não a história da língua. Considerando, entretanto, que as TD condicionam ou inibem o emprego dos recursos linguísticos, é necessária, segundo o autor, uma diversidade *apropriada* de TD, à luz do fenômeno linguístico investigado. Neste trabalho, lidei com essa questão selecionando, no âmbito de cada uma das macro TD eleitas como relevantes para meu objeto, TD diversas a elas vinculadas. De tal maneira, acredito ter alcançado a diversidade relevante para um *corpus* equilibrado e, ao mesmo tempo, preservado universos de investigação propícios ao fenômeno de mudança em foco.

Entre as TD representativas da conversação espontânea, estão cartas particulares, peças teatrais e romances. Na escolha de peças e romances, foram selecionados textos amplamente constituídos por situações de interação direta entre os personagens. Sobretudo no caso dos romances, foi também possível priorizar textos em que há o objetivo explícito do autor de retratar o estilo vernáculo da língua. Um exemplo está em *Capitães da Areia*, em que, no prefácio, Jorge Amado ressalta: “Com a publicação de ‘Capitães da Areia’ encerro o ciclo de romances que intitulei de ‘Os Romances da Bahia’. São seis livros nos quales quiz fixar *a vida, os costumes, a língua do meu estado*” (AMADO, 1937, p. 11, grifo meu).

Excepcionalmente em XVIII-1 e XVIII-2, foi necessário agregar, ao conjunto de cartas particulares, cartas oficiais e de circulação pública, devido à escassez de materiais representativos dessa TD nos períodos em questão. Embora a natureza de tais cartas afaste-se, em parte, do traço de espontaneidade buscado, elas ainda se caracterizam por forte teor interacional.

Já no âmbito das TD argumentativas, o *corpus* contém ensaios críticos, dissertações, historiografias, memórias (de tipologia dissertativo-argumentativa predominante), sermões, discursos

²³ Em conformidade com Ducrot (1977), admito que o uso da língua em geral é argumentativo, considerando a argumentação como uma propriedade inerente à linguagem. A escolha que faço aqui, sem perder isso de vista, baseia-se no pressuposto de que alguns tipos de textos são ainda mais fortemente argumentativos do que outros, tornando mais proeminentes, assim, os recursos dialógicos.

e conferências. Embora, nesse conjunto, algumas TD tenham o traço de argumentatividade pouco evidente em primeira análise, razões fundadas em características particulares dos textos aí contidos me levaram a incorporá-las ao *corpus* como TD argumentativas.

No caso das memórias, por exemplo, foram selecionados apenas textos cuja finalidade comunicativa vai muito além do registro de fatos e acontecimentos, predominando a tipologia argumentativa sobre a narrativa. Em uma das memórias selecionadas, por exemplo, intitulada *Memória sobre a cultura dos algodoeiros, e sobre o methodo de o escolher, e ensacar, etc., em que se propõem alguns planos novos, para o seu melhoramento*, de Manuel Arruda da Camara, está explícito o objetivo do autor de oferecer ao leitor, para além da descrição de suas experiências pessoais com a cultura do algodão, observações favoráveis a ela, o que resulta em um texto fortemente argumentativo constituído de defesas constantes de pontos de vista a respeito de aspectos diversos da cultura de algodão: bons métodos de cultivo, máquinas adequadas, tipo de terra mais apropriado, clima mais conveniente à vegetação, melhor forma de plantio, melhores procedimentos para aumento de qualidade, etc.

Logo na introdução do texto, observa-se, inclusive, um percurso fortemente argumentativo trilhado pelo autor para defender a relevância de seu texto. A título de ilustração do teor argumentativo das memórias selecionadas para o *corpus*, coloco em destaque, a seguir, alguns trechos da introdução em que se pode ver esse percurso argumentativo. Ao final do trecho apresentado, o autor explicita sua intenção de produzir um texto que *defende* a cultura do algodão. Conforme destaque em *itálico*, o autor enfatiza constantemente os esforços que empenhou nesse cultivo e a diversidade de experiências que dão suporte às evidências apresentadas ao longo do texto, como forma de sustentar a viabilidade e pertinência dos argumentos expostos no texto.

Esta cultura, de que fallo, he a do Algodão: nella *me tenho empregado* nas margens do Rio Paraíba com *sufficiente fabrica*, pelo que *tenho tido tempo, e vagar*, para fazer *muitas experiências, e observações*, não me tendo *poupado em nada* a fim do melhoramento tanto da cultura, como do beneficio, que deve receber antes de correr no commercio: para isto tenho construido *differentes maquinas*, e a que mais util me parece, a de ensaccar, pela qual cheguei a poupar a mão d' obra quasi na razão de 20:1. *Este meu methodo tem sido geralmente applaudido*, porque alem da economia, reune outras circumstancias *uteis*, que no seu lugar referirei; (...). A minha tenção, ao principio, foi de dar simplesmente huma Memoria á Academia Real das Sciencias, descrevendo a dita maquina; mas como tenho corrido tempos, e nelles tivesse eu occasiões de *fazer muitas observações a favor da cultura do algodão*, decidi-me a ajuntalla aqui na ordem, que me pareceo mais conveniente, persuadido que poderão *ser de muita utilidade*, para os que tratão deste objecto (CAMARA, 1799, p. IV-V).

Somados aos critérios de natureza qualitativa, até aqui apresentados, critérios quantitativos também guiaram a composição do *corpus*, buscando uma distribuição o mais igualitária possível dos

textos entre os estados de língua. A Tabela 1, a seguir, mostra a distribuição dos textos entre as duas macro TD eleitas. O número de palavras foi o critério utilizado para quantificação dos materiais, tendo sido definida a quantia aproximada de 600.000 palavras por estado de língua²⁴. No âmbito de cada sincronia, os textos foram distribuídos também da forma mais igualitária possível, buscando-se obter 300.000 palavras de textos representativos da TD argumentativa e 300.000 palavras de textos da TD conversação espontânea. Como é possível observar na tabela, XVIII-1 e XVIII-2 apresentam assimetrias entre TD argumentativas e TD da conversação espontânea, que foram inevitáveis devido à escassez tanto de cartas particulares em ambos os períodos como de peças e romances, que ainda não eram produzidos no Brasil nesse período. Por esse motivo, excepcionalmente nessas sincronias, há predominância de textos vinculados à TD argumentativa.

Além da quantidade de palavras, também julgamos pertinente monitorar o número de escreventes por sincronia, estabelecendo como parâmetro o mínimo de 5 escreventes para cada período. Esse critério se justifica pelo fato de que preferências linguísticas pessoais podem ser fator de enviesamento para os dados obtidos.

O tipo de edição também foi tomado como critério para a seleção dos textos, principalmente de sincronias mais pretéritas. Optei por edições originais ou semiplomáticas, com o objetivo de preservar quanto mais possível as características linguísticas do português brasileiro da época.

Para todos os estados de língua, os textos selecionados foram produzidos por escreventes *brasileiros*. A discriminação entre textos do português brasileiro e textos do português europeu não é fácil para as três primeiras sincronias do *corpus* (XVIII-1, XVIII-2 e XIX-1), em razão das circunstâncias históricas do período colonial, caracterizado por intenso intercâmbio cultural entre Brasil e Portugal. Em minha busca pelo material de investigação, observei que a maioria dos textos escritos sobretudo ao longo do século XVIII têm como autores pessoas que transitaram, em muitos momentos da vida, entre a colônia e a metrópole portuguesa, o que tem consequências para o português que esses autores falavam e escreviam. Objetivando priorizar textos escritos em português brasileiro mesmo nas sincronias em questão, tomei como decisão metodológica a seleção de textos produzidos por pessoas que nasceram e morreram no Brasil e que viveram ao menos parte da vida no país, sem pressupor a ausência de aspectos constitutivos do português europeu em sua fala e em sua escrita. Acredito que

²⁴ Foi necessária a seleção de uma quantidade significativa de textos pelo fato de o paradigma de juntores contrastivos do português brasileiro apresentar grande variedade de juntores, que entram em competição no uso da língua. Assim, uma amostra de textos não só qualitativa, mas também quantitativamente representativa, era fundamental para a obtenção de uma amostra suficiente de dados. A quantia de 600.000 palavras por estado de língua foi estabelecida com base em estudos anteriores sobre junção (cf., por exemplo, Longhin, 2016ab, Ferrari, 2018, Longhin e Ferrari, 2020).

esse critério possibilitou, ao menos, uma maior aproximação do português falado e escrito no Brasil. Dada a concepção de escrita que fundamenta este trabalho, entendo que ambos os modos de enunciação, falado e escrito, estão representados nos dados fornecidos pelo *corpus*.

Tabela 1 – Número de palavras por tradição discursiva e estado de língua

TD	Estados de língua					
	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Argumentação Ensaaios críticos, dissertações, historiografias, memórias, sermões, discursos e conferências	591.734	513.646	291.400	271.665	266.387	274.563
Conversação espontânea Peças, romances e cartas (predominantemente particulares)	46.475	121.705	327.809	350.354	371.657	356.510
TOTAL	638.209	635.351	619.209	622.019	638.044	627.819

Fonte: autoria própria.

Nos Quadros 2 e 3, a seguir, apresento, respectivamente, a relação dos textos vinculados à TD argumentativa e à conversação espontânea, discriminados por estado de língua²⁵. Estão sinalizados com * textos que não são típicos da TD em questão, mas que foram selecionados por conta da ausência de outros textos representativos da TD.

²⁵ Os quadros apresentam, em negrito, siglas utilizadas ao longo do trabalho para identificação dos textos e, entre parênteses, siglas para as bases eletrônicas das quais os textos foram retirados: BRAS - Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (www.bbm.usp.br); PHPP - Projeto de História do Português Paulista (<http://phpp.fflch.usp.br/corpus>); PHPB - Projeto para a História do Português Brasileiro (<https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>); COAP - Coleção Aplauso Imprensa Oficial (<https://aplauso.imprensaoficial.com.br/>); IFSC - Textos teatrais de Plínio Marcos, disponibilizados pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (<http://joinville.ifsc.edu.br>); IFRN - Coleção Clássicos da Literatura Brasileira e Portuguesa, disponibilizada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (<http://docente.ifrn.edu.br/paulomartins>); FGV - Biblioteca Digital da Fundação Getúlio Vargas (<https://sistema.bibliotecas-bdigital.fgv.br/>); ACAD - Academia (<https://www.academia.edu/>).

Quadro 2 – Os textos argumentativos

Estado de língua	Texto
XVIII-1	COBR – Cultura e opulência do Brasil (BRAS) HAPO – História da América Portuguesa (BRAS) CAVI – Café vingado (BRAS) CNPA – Compêndio narrativo do peregrino da América (BRAS) RVRJ – Relação da vitória que os portugueses alcançaram no Rio de Janeiro contra os franceses, em 19 de setembro de 1710 (BRAS) HIFU – História do futuro (BRAS) SEVD – Sermões e vários discursos (BRAS) SEVT – Sermões e vários tratados (BRAS)
XVIII-2	FBI2 – O fazendeiro do Brasil - tomo I, parte 2: da cultura das canas e fatura do açúcar (BRAS) FBI1 – O fazendeiro do Brasil - tomo I, parte 1: da cultura das canas e fatura do açúcar (BRAS) REXH – Reflexões sobre a vaidade dos homens (BRAS) EECP – Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal (BRAS) MCAL – Memória sobre a cultura dos algodoeiros, e sobre o método de o escolher, e ensacar (BRAS) MEPN – Memórias e extratos sobre a pipereira negra (BRAS) DERBR – Discurso sobre o melhoramento da economia rústica do Brasil (BRAS) DCAMSV – Dissertação sobre a capitania de Santo Amaro e São Vicente (PHPP) MHCSP – Memória histórica da capitania de São Paulo (PHPP) DCSPD – Dissertação sobre a capitania de São Paulo e sua decadência (PHPP) DVIBSP – Diário de viagem, que de Villa Bella de Matto-Grosso fiz para a cidade de São Paulo pelas ordinárias derrotas de terra, e rios que dele constar no anno de 1788 (PHPP) DEQB – Descrição da grandiosa quinta dos senhores de Belas, e notícia do seu melhoramento (BRAS) CACB – Cultura americana que contém uma relação do terreno, clima, produção e agricultura das colônias britânicas no norte da América e nas Índias Ocidentais (BRAS)
XIX-1	MNUPNB – Memória sobre a necessidade e utilidades do plantio de novos bosques em Portugal (BRAS) MNAIEA – Memória sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos africanos no Brasil, sobre o modo e condições com que esta abolição se deve fazer; e sobre os meios de remediar a falta de braços que ela pode ocasionar (BRAS)

	MCBRD – Memória sobre as principais causas por que deve o Brasil reassumir seus direitos e reunir as suas províncias (BRAS) MBPOL – Memória dos benefícios políticos do governo de nosso el-rey nosso senhor D. João VI (BRAS) FBIII3 - O fazendeiro do Brasil – tomo III, parte 3: bebidas alimentosas – cacau (BRAS) FBII1 – O fazendeiro do Brasil – tomo II, parte 1: anil e urucu (BRAS)
XIX-2	ECLB – Estudo comparativo de literatura brasileira (BRAS) FBEC – Filosofia no Brasil: ensaio crítico (BRAS) ALCB – Aspectos da literatura colonial brasileira (BRAS) HGB – História geral do Brasil antes de sua separação e independência de Portugal (BRAS)
XX-1	ESL – Ensaio de sociologia e literatura (BRAS) JCOS – Juízos críticos de <i>O sertão</i> (BRAS) CSCA – Conferências da Sociedade de Cultura Artística (BRAS) PRDE – Provocações e debates: contribuições para o estudo do Brasil social (BRAS) HCRJ – História da cidade do Rio de Janeiro, volume I (BRAS)
XX-2/ XXI	REBB – A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica (BRAS) HGCB – História geral da civilização brasileira, tomo II, volume 7 (FGV)

Fonte: autoria própria.

Quadro 3 – Os textos da conversação espontânea

Estado de língua	Texto
XVIII-1	CPRJ - Cartas particulares naturais do Rio de Janeiro (PHPB) *CALI - Cartas de aldeamentos de índios (PHPP) *COPE - Cartas oficiais de Pernambuco (PHPB) *CORN - Cartas oficiais do Rio Grande do Norte (PHPB) *COMC – Cartas de militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela (PHPP)
XVIII-2	CPRJ - Cartas particulares naturais do Rio de Janeiro (PHPB) *CPCP – Correspondências paulistas de circulação pública (PHPP) CPMG – Cartas pessoais de Minas Gerais (PHPB) CMPO – Cartas pessoais de mercadores portugueses (PHPB) AVCG – A vingança da cigana (BRAS)
XIX-1	CPJBAN - Correspondência passiva de José Bonifácio de Andrada e Silva (PHPP)

	CPFRT - Correspondências particulares do Fundo Rafael Tobias de Aguiar editadas (PHPP) CPBA – Cartas particulares da Bahia (PHPB) CPMR – Cartas particulares de vários autores (PHPB) CPRJ – Cartas particulares do Rio de Janeiro (PHPB) CPMG – Cartas particulares de Minas Gerais (PHPB) CPPE – Cartas particulares de Pernambuco (PHPB) CAAN – Cartas andradinas (PHPP) PCRJ – A plantação de café no Rio de Janeiro (BRAS) MORE – A moreninha (BRAS) OMLI – O moço loiro, tomo I (BRAS) OMLII – O moço loiro, tomo II (BRAS) OTPV – O tumulto do povo em Évora (BRAS) IRAL – Os irmãos das almas (BRAS) ERCL – Ernesto e Clara (BRAS) OJPR – O juiz de paz na roça (BRAS) ONOV – O noviço (BRAS)
XIX-2	CPBA – Cartas particulares da Bahia (PHPB) QMIN – Quase ministro (BRAS) APRO – A probidade (BRAS) OMDE – Os mineiros da desgraça (BRAS) OMSJR – Os milagres de S. José de Riba-Mar (BRAS) OVM – O verdadeiro matrimônio (BRAS) REPE – Remissão de pecados (BRAS) ATEC – A torre em concurso (BRAS) LEV – Luxo e vaidade (BRAS) CQL – Cincinato quebra-louça (BRAS) OCOR – O cortiço (BRAS) QUBO – Quincas Borba (BRAS)
XX-1	CPBA – Cartas particulares da Bahia (PHPB) CPOR – Cartas particulares da Bahia (Otto e René) (PHPB) LCDA – Luizinha, comédia em dois atos (BRAS) QNPDA – Quem não perdoa e Doidos de amor (BRAS) LST – Libertas que será tamen, drama em quatro quadros, baseado na conjuração mineira de 1789 (BRAS) MLZT – Malazarte (BRAS) REIC – Recordações do escrivão Isaías Caminha (BRAS) OQUI – O quinze (BRAS) CLAN – Clara dos anjos (BRAS) ACEC – A correspondência de uma estação de cura (BRAS) CAAR – Capitães da areia (BRAS)

XX-2/ XXI	CPFF – De fã para fã: edição de cartas particulares da 2ª metade do século XX (PHPP) CPSC – Cartas pessoais de Santa Catarina (PHPB) CPSCHL – Cartas pessoais de Santa Catarina: de Harry Laus para Claire Cairon (PHPB) CPPE – Cartas pessoais de Pernambuco (PHPB) CABA – Cartas de amor na Bahia do século XX (PHPB) CPRN – Cartas particulares do Rio Grande do Norte ORCO – Orfeu da Conceição (BRAS) AMMO – A menina morta (BRAS) COBR – Cordélia Brasil: peça em dois atos (COAP) AJDE – Abre a janela e deixa o sol puro e o sol da manhã entrar: peça em dois atos (COAP) OCSI – O cão siamês ou Alzira Power: peça em dois atos (COAP) FEAV – Feliz ano velho: roteiro cinematográfico de Roberto Gervitz (COAP) BARR – Barrela: peça em um ato (IFSC) AMRO – A mancha roxa: drama em um ato (IFSC) HOPA – Homens de papel (IFSC) NACA – Navalha na carne: peça em um ato (IFSC) DPNS – Dois perdidos numa noite suja: peça em dois atos (IFSC) OCMO – O caso Morel (ACAD) GACC – Gabriela cravo e canela (IFRN)
--------------	--

Fonte: autoria própria.

A compilação dos textos selecionados foi realizada através da *Sketch Engine* (<https://www.sketchengine.eu/>), ferramenta computacional que otimiza o gerenciamento de grandes volumes de textos. A ferramenta possibilitou tanto uma organização qualitativamente mais rigorosa dos textos, a partir das TD estabelecidas, quanto uma contabilização de palavras mais precisa entre os estados de língua e no interior de cada um deles. Já o mapeamento e o monitoramento da frequência das construções foram realizados com auxílio do Microsoft Excel.

Na Tabela 2, a seguir, apresento a quantidade de ocorrências de cada forma investigada que foi obtida a partir do *corpus* constituído. Retomo aqui o número de palavras coletado para cada estado de língua, a fim de mostrar a maior ou menor frequência de cada construção no universo de investigação da pesquisa. Como é possível observar na tabela, as construções com *agora* e *só (que)* apresentam frequências consideravelmente superiores em relação às frequências das construções com *enquanto (que)* e *(ao) passo (que)*. Durante a análise, particularmente a quantidade de ocorrências de *só (que)* se mostrou

possivelmente desfavorável à aplicação, com a qualidade e profundidade almejadas, de todos os critérios de análise estabelecidos (cf. Seção 3.2). Por esse motivo, exclusivamente para o estudo da trajetória de *só (que)*, realizei um recorte do *corpus*, modificando apenas o critério da quantidade de palavras por estado de língua e preservando todos os demais critérios qualitativos e quantitativos acima descritos. O recorte compreendeu a redução de 600.000 para 300.000 palavras por estado de língua, com a seleção de parte dos textos contidos no *corpus* principal. Para cada intervalo sincrônico, busquei reunir cerca de 150.000 palavras para cada uma das TD, continuando inevitáveis assimetrias nos períodos de XVIII-1 e XVIII-2 em função da disponibilidade de materiais. Na Tabela 3, mostro como se deu a distribuição dos textos, em termos de número de palavras por TD e estado de língua, na reorganização do *corpus* destinado ao estudo de *só (que)*. Na sequência, a Tabela 4 apresenta o número de ocorrências obtidas em cada período sincrônico.

Para sistematizar a quantidade total de ocorrências de todas as construções investigadas que fundamentou a análise, reproduzo, na Tabela 4, a quantidade de dados obtidos também para as demais construções, já apresentada na Tabela 2, e apresento a nova quantidade de dados de *só (que)* obtidos a partir da redução e reorganização do *corpus*.

Outro ajuste ao *corpus* original foi necessário durante a análise, relativo à ampliação da amostra de ocorrências contrastivas para estudo do percurso de *enquanto (que)*, a partir de dados do Twitter. Como foi, entretanto, um ajuste de menor dimensão do que aquele feito para a análise de *só (que)* – abrangendo apenas o último estado de língua investigado e com o objetivo de apenas obter um número um pouco maior de ocorrências contrastivas –, detalho os critérios de coleta e demais aspectos da ampliação no capítulo sobre *enquanto (que)* (Capítulo 4).

Tabela 2 – Quantidade de ocorrências por número de palavras em perspectiva longitudinal

	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI	Total
Número de palavras	638.209	635.351	619.209	622.019	638.044	627.819	3.780.651
<i>Enquanto (que)</i>	114	135	91	133	177	294	944
<i>(Ao) passo (que)</i>	8	27	102	144	153	104	538
<i>Agora</i>	396	302	415	555	618	766	3.052
<i>Só (que)</i>	173	601	1.221	1.137	1.098	1.469	5.699
Total	691	1.065	1.829	1.969	2.046	2.633	10.233

Fonte: autoria própria.

Tabela 3 – Número de palavras por tradição discursiva e estado de língua no *corpus* destinado à análise de *só (que)*

TD	Estados de língua					
	XVIII-1	XVIII-2	XIX-1	XIX-2	XX-1	XX-2/XXI
Argumentação Ensaaios críticos, dissertações, historiografias, memórias, sermões, discursos e conferências	266.369	187.627	153.413	142.894	154.957	156.885
Conversação espontânea Peças, romances e cartas (predominantemente particulares)	46.475	121.705	156.693	167.104	161.287	155.232
TOTAL	312.844	309.332	310.106	309.998	316.244	312.117

Fonte: autoria própria.

Tabela 4 – Número de ocorrências analisadas em perspectiva longitudinal

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21	Total
<i>Enquanto (que)</i>	114	135	91	133	177	294	944
<i>(Ao) passo (que)</i>	8	27	102	144	153	104	538
<i>Agora</i>	396	302	415	555	618	766	3.052
<i>Só (que)</i>	120	361	581	558	537	671	2.828
Total	656	875	1.223	1.450	1.525	1.875	7.362

Fonte: autoria própria.

No intuito de permitir o acesso aos dados desta pesquisa por outros linguistas (bem como por qualquer pessoa interessada), foram disponibilizados na OSF (*Open Science Framework*, <openscienceframework.org>) – plataforma online destinada à ciência aberta – tanto o *corpus* de pesquisa constituído, com todos os textos dos quais as ocorrências analisadas foram extraídas (textos que podem ser utilizados em outras pesquisas diacrônicas sobre qualquer objeto de estudo, sobretudo para o estudo de fenômenos produtivos em textos da conversação espontânea e em textos argumentativos), como o conjunto de dados efetivamente analisado, concernente ao conjunto de

construções com *enquanto*, *passo*, *só* e *agora* coletadas. O acesso pode ser feito através do link https://osf.io/9f57k/?view_only=ab085fec097f406491a8cc1e5c8b4e34.

3.2 Os métodos de investigação

Para a análise das mudanças que levam às novas construções de contraste, conjuguei as abordagens qualitativa e quantitativa, em conformidade com Bybee (2003), investigando as mudanças em três vieses fundamentais, correspondentes a níveis de análise linguística que interagem e se complementam. O reconhecimento da importância de o trabalho contemplar três níveis de análise e de assumir uma perspectiva de interação entre eles é consequência de pressupostos teóricos que subsidiam a pesquisa, relativos ao entendimento de coordenação oracional e de mudança linguística. Conforme discutido no Capítulo 2, entendo a relação coordenativa à luz da abordagem funcional de Mauri (2008a), que desloca a concepção de coordenação, tradicionalmente pautada em parâmetros morfossintáticos, para o domínio do significado, defendendo que se trata de uma relação de sentido alicerçada em paralelismo funcional, observado em diferentes dimensões do significado (semântica, pragmática, cognitiva) e com tendência a se refletir no âmbito da morfossintaxe. Assim, embora, nessa abordagem funcional, tenham prioridade os aspectos de significado, admite-se uma relação intrínseca entre eles e a estrutura das construções.

A esses dois níveis de análise, agrego, neste trabalho, o da prosódia, assumindo, em harmonia com Bally (1965), Lang e Adamiková (2007), Wichmann (2011) e Longhin e Soncin (2018), que relações coordenativas também exibem paralelismo de natureza prosódica, caracterizado como uma descontinuidade prosódica entre as orações relacionadas. Como já discutido no Capítulo 2, tanto a prosódia como a morfossintaxe, segundo Lang e Adamiková (2007), podem fornecer aparato complementar no processo de construção dos sentidos, sobretudo quando tal processo não se resolve apenas com recursos semânticos.

Ao admitir que os três níveis de análise investigados passam por remodelações no trânsito da fonte ao alvo (cf. Capítulo 2), do ponto de vista metodológico, a análise se volta para o desenvolvimento dos diferentes paralelismos – semântico-pragmático, prosódico e morfossintático – que tendem a caracterizar relações coordenativas. Para cada um deles, mobilizei métodos de investigação específicos, que permitem avaliar o paralelismo entre as orações, conforme passo a discutir.

3.2.1 Parâmetros semântico-pragmáticos

Os critérios definidos *a priori* para análise das construções no nível do significado, que serão explicitados nesta seção, são decorrentes das abordagens que orientam meu entendimento de coordenação oracional, de mudança e de junção, conforme discutidas no Capítulo 2. Embora tenham sido ponto de partida para o desenvolvimento da análise, assumi a precedência dos dados durante o estudo das trajetórias, e novos critérios, mais específicos a cada percurso, se mostraram relevantes em algumas das instâncias.

No estudo das trajetórias de *enquanto* e *passo*, em particular, observei que os fatos de mudança revelados pela análise conforme os critérios inicialmente estabelecidos são resultantes de transformações mais amplas de natureza cognitiva, relativas, em primeiro lugar, ao modo como os processos descritos pelos juntores se relacionam nas dimensões do espaço e do tempo e, de forma secundária, como consequência de alterações nessa relação, aos tipos de experiências que podem ser referidos nas construções que eles ajudam a constituir. Dessa maneira, a relação espacial e temporal entre os processos e o tipo de experiência a que correspondem passaram a configurar, ao longo da pesquisa, critérios de análise centrais. Mais detalhes sobre esses critérios e os resultados de sua aplicação aos dados são apresentados no Capítulo 4.

Segundo Mauri e van der Auwera (2012, p. 380), na dimensão diacrônica, as fronteiras entre semântica e pragmática podem ser observadas na medida em que inferências pragmáticas vão se fortalecendo e tornando-se parte da semântica da forma em mudança. Na dimensão sincrônica, podem ser observados graus de codificação diferentes para a mesma relação semântica, de modo que uma construção contrastiva, por exemplo, pode contar com um conectivo especializado que contribui para a expressão de contraste com menor respaldo da pragmática, ou pode ser completamente subcodificada para contraste, constituindo-se, por exemplo, de conectivos genéricos (tal como *e*), que podem ser mobilizados na expressão de relações de sentido diversas, ficando a interpretação fortemente dependente de enriquecimentos pragmáticos.

Em direção similar, Ehmer e Rosemeyer (2018) também dão destaque à importância de se considerar o papel de processos inferenciais tanto em perspectiva diacrônica, no âmbito da mudança semântica, quanto em perspectiva sincrônica, no que diz respeito à produção de significados na interação. Do ponto de vista diacrônico, é substancial, segundo os autores, entender como as inferências conduzem a mudança semântica, ao passo que, em viés sincrônico e voltado à interação, ressaltam que tanto falante quanto ouvinte têm papel no gerenciamento das inferências produzidas em

contexto, o que faz parte da organização da interação social (EHMER; ROSEMEYER, 2018, p. 539). Os autores sinalizam que os estudos sobre inferências em cada um desses vieses tendem a mobilizar metodologias consideravelmente distintas e argumentam que um olhar conjugado para a emergência sincrônica e diacrônica do significado poderia contribuir para uma maior compreensão da mudança linguística e da interação. Propõem, assim, a busca por um modelo de investigação que considere os processos inferenciais e os papéis do falante e do ouvinte em tais processos numa abordagem conjuntamente sincrônica e diacrônica, de modo a se olhar para a emergência do significado tanto como produto de mudança quanto como produto de interação social.

Com o viés pragmático aqui adotado, acredito empreender uma direção conjunta de análise, que interessa ao trabalho principalmente em virtude do objetivo de investigar particularidades do desenvolvimento de novos mecanismos de coordenação contrastiva, o que demanda compreender tanto o processo de mudança quanto a produção e interpretação de significado nas construções contrastivas investigadas conforme se apresentam hoje, no português contemporâneo.

Ao considerar a divisão de trabalho entre semântica e pragmática, o viés da mudança, pautado na análise longitudinal das construções, busca a compreensão de como os processos inferenciais levam às mudanças e à consolidação gradual de um novo significado, e o viés da interação, implementado pela análise sincrônica das novas construções de contraste, busca a compreensão de qual o papel da semântica e da pragmática na configuração de uma relação contrastiva. Aqui, uma maior ou menor contribuição/dependência da pragmática para a interpretação de contraste é o que leva a graus diferentes de codificação semântica, conforme Mauri e van der Auwera (2012) propõem examinar na dimensão sincrônica de análise.

À luz de tais pressupostos e da questão de pesquisa que orienta a análise no âmbito do significado (*Que transformações semântico-pragmáticas favorecem o desenvolvimento de relações coordenativas e a emergência do significado de contraste?*), me pautei nos seguintes critérios, que buscaram, de um lado, verificar como se dá o desenvolvimento do paralelismo funcional inerente às relações coordenativas e, de outro, a divisão de trabalho entre semântica e pragmática na constituição do significado de contraste, em ambas as dimensões sincrônica e diacrônica: (i) tipo de significado, (ii) subtipo de significado, (iii) presença de força ilocucionária, (iv) tipo de inferência, (v) presença de suposição lida ou inferida e (vi) presença de integrador comum.

A primeira etapa de análise foi conduzida pelos critérios **tipo** e **subtipo de significado**, a partir dos quais identifiquei os padrões de uso de *enquanto*, *passo*, *agora* e *só* e apurei sua distribuição longitudinal. Tais critérios, portanto, foram aplicados a todas as ocorrências fornecidas pelo *corpus*.

Destaco a relevância do subtipo de significado como critério que abre caminhos para a apreensão das motivações semânticas, pragmáticas e também cognitivas das trajetórias, pois são sobretudo as nuances peculiares dos significados que possibilitam a observação de afinidades entre categorias semânticas e tornam possível, assim, explicar o trânsito de um significado A para um significado B. Há, por exemplo, uma forte tendência de derivação entre tempo simultâneo e contraste opositivo, que são fonte e alvo de duas das construções aqui investigadas (com *enquanto* e *passo*). Segundo Mauri (2008, p. 122), é parâmetro decisivo na análise de relações contrastivas a natureza do conflito (em termos dos tipos de contraste mais reconhecidos), tendo em vista que, além de possibilitar maior compreensão da construção, revela se se está diante de um mecanismo de junção genérico, aquele capaz de expressar mais de um valor contrastivo, ou especializado, aquele que passou a expressar apenas tipos específicos de contraste. Na Seção 2.2 do capítulo de fundamentação teórica, podem ser encontrados os tipos e subtipos de contraste que são relevantes para a análise conduzida nesta pesquisa.

O exame da presença ou ausência de **força ilocucionária** em ambas as orações foi operacionalizado a partir da aplicação de testes de pergunta e negação, que são originalmente propostos por Cristofaro (2003) para análise de construções subordinadas e ganham novos moldes em Mauri (2008) para aplicação a construções coordenadas (cf. Capítulo 2). A autonomia das orações em termos de força ilocucionária dá origem a uma *simetria* pragmática, que corresponde a uma das faces do paralelismo funcional inerente à coordenação.

O objetivo dos testes foi verificar se o nexos que se instaura na construção pode ser alvo de pergunta e/ou negação. Se a pergunta e a negação desafiarem ambas as orações, ambas exibem força ilocucionária própria e, portanto, estão em uma relação pragmaticamente simétrica. Como se observa em (1) e (2), exemplos adaptados de Mauri (2008a, p. 39), tanto a oração *os alarmes tocaram* como *os ladrões fugiram* estão sob o escopo da pergunta e da negação:

- (1) Não é verdade que os alarmes tocaram e os ladrões fugiram.
- (2) Os alarmes tocaram e os ladrões fugiram, não é?

Identifiquei a necessidade de refinamentos nos testes propostos por Cristofaro e Mauri. Há nos dados construções em que os testes se mostram bem-sucedidos, como em (3), a seguir. Há casos, entretanto, em que os testes não viabilizam a análise de força ilocucionária, e os problemas que se apresentam parecem decorrer de limitações dos próprios testes.

(3) ah éh::... eu penso do inspetor que ele é mu::ito brabo... que ele/ que ele::/ ele e uma inspe/ o(u)tra inspetora.... o o(u)tro quase num faz nada nem leva pa diretori::a... pode batê(r) nele que ele num faz nada... **agora** os o(u)tros inspe/ inspetor é bravo... (FERRARI, 2018)

Negação: Não é verdade que [ele] quase não faz nada, agora os outros inspetores são bravos.

Pergunta: Ele quase não faz nada, agora os outros inspetores são bravos, não é?/não é verdade?

Na aplicação do teste de negação ao exemplo (3), obtém-se uma construção que é possível em português, ainda que possa gerar estranhamento e que provavelmente teria *mas* como forma preferida para sinalização do nexos. O fato de a construção resultante do teste ser possível em português sem que se perca a relação contrastiva alvo da negação é suficiente para cumprir o objetivo do teste: atestar a presença de força ilocucionária em ambos os segmentos relacionados. Ao se aplicar o teste da pergunta, por sua vez, verifica-se que o escopo de *não é/não é verdade?* pode incidir tanto sobre a construção contrastiva como um todo quanto sobre exclusivamente o segundo segmento. A possibilidade de a pergunta alcançar a relação contrastiva entre os dois segmentos é também suficiente para confirmar a presença de força ilocucionária em ambos e, por consequência, sua autonomia pragmática.

Já em casos como (4) e (5), a seguir, verificam-se construções que são suscetíveis à pergunta, mas não nos moldes sugeridos por Mauri e Cristofaro. A inviabilidade dos testes nesses casos não resulta, em minha perspectiva, da ausência de força ilocucionária em ambas as orações, mas parece estar associada a questões de outra ordem, tais como a natureza das unidades articuladas na relação coordenativa – que, por vezes, não correspondem a orações, mas a complexos oracionais – e o próprio fato de que os testes de pergunta e negação foram inicialmente pensados por Cristofaro para aplicação a construções subordinadas e, ao serem mobilizados por Mauri na análise de construções coordenadas, foram aplicados apenas a um tipo de coordenação, aquele pautado na combinação de orações (coordenação com *and/ e*), de modo que sua aplicabilidade à coordenação contrastiva, em particular, não foi avaliada.

Para o teste de negação, não cheguei a reformulações que mantivessem o objetivo de negar conjuntamente as duas orações. Já para o teste da pergunta, identifiquei duas possibilidades, que preservam a essência de seu objetivo: a simples entoação interrogativa ou o encaixamento do nexos em análise na oração *you concord que (...)?*, que deixa evidente a força ilocucionária interrogativa da construção.

(4) É impressionante isso. Porque você no caso de um incêndio, você não vai se trancar num elevador, você vai usar a escada. **Agora**, se a escada estiver tomada, você não tem passagem. (FERRARI, 2018)

Pergunta: Você concorda que, no caso de um incêndio, você vai usar a escada, agora, se a escada estiver tomada, você não tem passagem?

(5) Acho que você só conhece o museu no momento em que você começa a trabalhar lá dentro...eu acho que é uma experiência gratificante...**agora** MUITO cansativa...também. (FERRARI, 2018)

Pergunta: Você concorda que é uma experiência gratificante, agora muito cansativa?

Pergunta: É uma experiência gratificante, agora muito cansativa?

Como se observa nos exemplos, as remodelações se mostram produtivas sobretudo para prevenir possíveis ambiguidades que o teste a partir da pergunta *não é?* poderia gerar, uma vez que ela pode incidir apenas sobre o segundo membro da relação. Principalmente a reformulação que mobiliza a oração *you agree that (...)?* garante a confirmação de que ambos os segmentos estão no alcance da pergunta.

Como já discutido na apresentação dos pressupostos teóricos, admito, em conformidade com Lang (1984, 2000), que a junção contrastiva tem parte de seu significado resultante de mecanismos semânticos, mais explícitos na construção linguística, e parte oriunda de mecanismos pragmáticos, entre os quais está uma suposição, que pode ser lida ou inferida a partir de contexto prévio. Ainda segundo o autor, sustenta a junção contrastiva um integrador comum, categoria conceitual que é partilhada entre as orações em relação contrastiva. Adotei a **suposição** inerente a contraste e o **integrador comum** que justifica a junção como parâmetros para aferir o estatuto comunicativo dos significados fonte e alvo, isto é, para avaliar de que maneira contraste ganha proeminência em detrimento do significado fonte. A expectativa inicial foi a de que, conforme a construção se remodela em torno de um integrador comum e de uma suposição, contraste ganha proeminência comunicativa e, por consequência, a construção ganha em codificação semântica.

Como sinalizado, para algumas trajetórias, critérios inicialmente não previstos se mostraram relevantes durante a análise. Dada sua particularidade no âmbito de cada percurso, faço seu detalhamento nos próprios capítulos de análise.

3.2.2 Parâmetros prosódicos

À luz da questão que norteia o trabalho no âmbito da prosódia (*De que modo o domínio prosódico se reorganiza, sobretudo em termos de forças ilocucionárias e de fronteiras prosódicas, para a expressão do novo significado?*), busquei observar se as construções investigadas mostram paralelismo também nesse nível

de análise. Aqui, o paralelismo entre as orações se manifesta a partir de fronteiras prosódicas, isto é, da autonomia prosódica entre elas, que indica outro tipo de simetria no âmbito dos paralelismos funcionais da coordenação.

Diferentes parâmetros podem avaliar simetria prosódica. Bally (1965) já sinalizava que orações coordenadas exibem contornos entoacionais próprios. Lang e Adamiková (2007), considerando particularmente a coordenação contrastiva, observam uma pausa significativa entre as orações, ao contrário, por exemplo, de orações em relação de concessão, que apresentam pausa, mas consideravelmente mais curta. Longhin e Soncin (2018), por outro lado, propõem avaliar fronteiras prosódicas a partir da observação de frase entoacional e de enunciado fonológico, constituintes prosódicos estabelecidos no modelo da Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986, 2007).

Segundo as autoras, a descontinuidade prosódica entre orações coordenadas pode ser avaliada com base em tais constituintes pelo fato de que orações em relação de coordenação têm como característica frases entoacionais e enunciados fonológicos próprios. As autoras mostram a viabilidade de mobilizar tais constituintes como critérios para avaliação de estatuto coordenativo em viés diacrônico. Observam, nesse viés, a formação de frase entoacional e enunciado fonológico em diferentes tipos de construções com *enquanto (que)*, constatando que aquelas com significado exclusivamente contrastivo apresentam orações com frase entoacional e enunciado fonológico independentes (assim como, no âmbito da pragmática, força ilocucionária própria), o que interpretam como evidência de que essas construções estão se aproximando de um modo coordenativo de composição.

Conforme Nespor e Vogel (2007, p. 188), a formação de frases entoacionais envolve fatores sintáticos e semânticos, configurando-se no domínio do contorno entoacional e coincidindo com as posições em que pausas podem ser inseridas em uma sentença. Assim, em (6a) e (6b), os colchetes delimitam diferentes frases entoacionais de uma mesma sentença, indicadas por *I*.

(6a) [IIsabelle]I [Ias you know]I [Iis an artist]I (NESPOR; VOGEL, 2007, p. 189)

(6b) [IIsabelle is]I [Ias you know]I [Ian artist]I (idem)

No enunciado fonológico, por sua vez, constituinte mais alto da hierarquia prosódica proposta no modelo, aspectos semânticos são mais salientes, na medida em que está associado a uma integridade sintático-semântica, no sentido de que apenas sentenças semanticamente completas formam um

enunciado fonológico. Assim, um enunciado fonológico pode se constituir de uma ou mais frases entoacionais. Em (7), *U* delimita dois enunciados fonológicos diferentes.

(7) [[My cousin]_I [collects snakes]_I]_U [[Gertrude]_I [prefers butterflies]_I]_U (NESPOR; VOGEL, 2007, p. 222)

A formação de enunciado fonológico em cada uma das orações relacionadas constitui, segundo Longhin e Soncin (2018, p. 20), uma evidência mais robusta de descontinuidade prosódica, justamente pelo fato de corresponder ao constituinte mais alto da hierarquia prosódica e, assim, indiciar maior grau de independência e simetria entre as orações. Apresento a seguir um exemplo, fornecido pelas autoras, que ilustra a análise da configuração prosódica de construções contrastivas à luz dos critérios em pauta.

(8) (...) Os que sustentam que é outro dizem que *o [açúcar] dos antigos se cristalizava nas próprias canas, enquanto o nosso se espreme líquido.*

Configuração prosódica: [[Os que sustentam que é outro]_I [dizem que *o [açúcar] dos antigos se cristalizava nas próprias canas,*]_I]_U [[**enquanto** *o nosso se espreme líquido e se condensa ao lume*]_I]_U (LONGHIN; SONCIN, 2018, p. 20)

Seguindo as autoras, investigo as mudanças aqui focalizadas no nível prosódico olhando para sua configuração prosódica ao longo do tempo em termos de **frases entoacionais** e **enunciados fonológicos**. A decisão por esse método se justifica pelo fato de que tais constituintes integram aspectos prosódicos, sintáticos e semânticos (LONGHIN; SONCIN, 2018, p. 20), possibilitando, portanto, uma dimensão de análise favorável à observação da interação entre os diferentes eixos de mudança que interessam a este trabalho. Tem-se, desse modo, nesse viés de análise, um olhar que vai além da consideração da realização isolada de pausas e contornos entoacionais e que permite mostrar relações entre o nível prosódico e outras dimensões da gramática (LONGHIN; SONCIN, 2018, p. 20).

3.2.3 Parâmetros morfossintáticos

No nível da morfossintaxe, busquei reflexos do paralelismo semântico-pragmático e prosódico (*De que modo a morfossintaxe se reestrutura em função das reconfigurações semântico-pragmáticas e prosódicas?*) a partir da análise de aspectos das construções que diversos estudos mostram ser relevantes para o estudo de relações coordenativas. Aqui, os critérios de análise incluíram: (i) ordem das orações, (ii) posição da

forma em mudança no interior da construção de junção e da oração que integram, (iii) correferencialidade dos sujeitos e (iv) (co)relação modo-temporal.

A **ordem das orações** constitui critério fundamental para estudos no domínio da junção. No âmbito das relações de contraste, particularmente, a disposição morfossintática tende a mostrar uma correlação sistemática entre significado e morfossintaxe: a oração que carrega o maior peso argumentativo, aquela que é encabeçada pelo juntor, situa-se tipicamente no segundo membro da junção (DUCROT, 1977; LANG, 1984, 2000). Alterações na ordem, portanto, produzem alterações interpretativas. No estudo do desenvolvimento dos novos jutores, interessa investigar como ocorre, ao longo do tempo, a fixação da ordem das orações nas construções de que participam (se é que de fato ocorre) e como essa mudança em sua morfossintaxe está correlacionada com mudanças nos níveis do significado e da prosódia.

É indissociável ao parâmetro da ordem das orações a **posição das formas em mudança** na construção de junção e no interior da oração que integram. No caso de *agora* e *só*, por exemplo, que apresentam originalmente mobilidade sentencial, interessa observar sua gradual fixação na posição inicial de uma oração, acompanhada da fixação da oração que integram no segundo segmento da construção conjunta. Já no caso de *enquanto* e *passo*, que já atuam inicialmente como jutores de significado temporal, a análise de sua posição morfossintática está mais direcionada à posição da oração que encabeçam dentro da construção de junção, uma vez que, nos usos fonte, já tendem a ocupar posição inicial na sentença.

No que diz respeito à **correferencialidade dos sujeitos**, Lang e Adamiková (2007, p. 203-204) observam a tendência de, nas construções contrastivas, os sujeitos das orações funcionarem como tópicos contrastivos em estruturas informacionais paralelas, apresentando, portanto, não correferencialidade. Esse funcionamento é duplamente favorável à configuração de uma relação coordenativa e a uma feição mais conflituosa entre as orações, de maneira que, com o progresso da mudança, pode-se esperar que as construções passem a mostrar sujeitos não correferenciais. Essa tendência é atestada, por exemplo, nos estudos diacrônicos de Mauri e Ramat (2012) e Longhin (2016a), ambos orientados à junção contrastiva.

No âmbito da **(co-)relação modo-temporal**, examina-se o tipo de modo e tempo de cada oração para que seja possível avaliar a simetria ou assimetria modo-temporal da construção, que é pertinente tanto para análise da constituição de construções morfossintaticamente paralelas quanto para maior compreensão das fontes de parte das trajetórias investigadas, particularmente aquelas que são de natureza temporal.

A análise das construções à luz dos critérios semântico-pragmáticos, prosódicos e morfossintáticos explicitados busca, em conformidade com a concepção de mudança assumida no trabalho, identificar e caracterizar *tipos de contextos*, para a delimitação de estágios evolutivos. Na próxima seção, exponho as decisões metodológicas em relação à maneira de abordar os contextos de mudança, diante da variedade de abordagens existentes na literatura linguística.

3.2.4 Pressupostos para abordagem de contextos

Na literatura, as discussões acerca dos processos de inferência pragmática exploram *tipologias* de contextos, que tendem a ser associados a estágios de mudança particulares. Dentre várias tipologias propostas (DIEWALD, 2002; HEINE, 2002; TRAUGOTT; DASHER, 2002; HANSEN; VISCONTI, 2009; MAURI; RAMAT, 2012), em todas ganham destaque os contextos de polissemia, reconhecidos como o lugar privilegiado de desenvolvimento das mudanças. Dada sua relevância, a grande questão que perpassa as várias abordagens é o modo de explorá-los para a interpretação das trajetórias.

Heine (2002) e Diewald (2002), por exemplo, propõem modelos de contextos convergentes em sua essência – ambos orientados a instâncias de gramaticalização –, mas que conceitualizam os contextos polissêmicos e operacionalizam sua análise de maneira distinta. Heine (2002) admite que são cruciais contextos *bridging*, nos quais um novo significado se soma ao significado convencional de uma construção. Nessa proposta, o parâmetro de caracterização de tais contextos é o significado. Diewald (2002), por outro lado, sustenta que a gramaticalização propriamente dita, por pressupor mudança de forma e de significado, ocorre em contextos *critical*, que aliam condições para a mudança semântica a condições para a mudança estrutural. Os dois tipos de condições são necessários, segundo a autora, para que se tenha, de fato, um processo de gramaticalização. Em sua proposta, os contextos *critical* tendem a ser precedidos por contextos *untypical*, que favorecem apenas enriquecimentos de significado. A principal diferença entre os dois modelos está no fato de Diewald sugerir uma discriminação entre dois diferentes tipos de contextos de polissemia, ao passo que, para Heine, qualquer contexto de polissemia, independentemente de agregar ou não fatores semântico-pragmáticos a fatores estruturais, consiste em um contexto *bridging*.

Em estudo orientado especificamente à evolução diacrônica de conectivos adversativos, Mauri e Ramat (2012) propõem um modelo de estágios múltiplos para o desenvolvimento da função adversativa. Pautam-se em uma metodologia de análise guiada pelo parâmetro semântico de (in)compatibilidade com o significado fonte e/ou o significado alvo, distinguindo três arranjos

contextuais, a partir dos quais defendem ser possível reconstruir as etapas evolutivas rumo a contraste: (i) contextos incompatíveis com o significado alvo, (ii) contextos compatíveis com o significado fonte e com o significado alvo e (iii) contextos incompatíveis com o significado fonte. Em conformidade com a concepção funcional de coordenação de Mauri (2008a), sugerem um modelo evolutivo que toma por base a frequência dos três tipos de contextos.

De acordo com esse modelo, o *estágio inicial* de desenvolvimento de novos conectivos adversativos se caracteriza por uma frequência consideravelmente maior de contextos incompatíveis com o significado alvo. Contextos associados a outros sentidos são possíveis, mas com frequência menor. No *segundo estágio*, os contextos de dupla compatibilidade com os significados fonte e alvo têm um aumento importante de frequência, mostrando o maior índice percentual ao longo de toda a trajetória. Os contextos incompatíveis com o significado alvo ainda são frequentes. O *terceiro estágio* mostra uma especialização sintática e semântica, na medida em que os contextos que habilitam apenas a leitura fonte e aqueles que habilitam apenas a leitura alvo coexistem vinculando-se a traços semânticos e morfossintáticos específicos, ao passo que os contextos de dupla interpretação se tornam menos frequentes. Por fim, em um *quarto estágio*, que não é necessariamente alcançado por todos os novos conectivos adversativos, os contextos incompatíveis com o significado fonte mostram frequências expressivas, e os contextos de dupla compatibilidade, juntamente com os contextos incompatíveis com o significado alvo, passam a ser raros. Conforme as autoras, esse estágio mostra grande variação nas trajetórias direcionadas a contraste pelo fato de ser possível e frequente o cenário de *layering*, em que o significado fonte não desaparece na língua, mas permanece entre os diferentes sentidos possíveis da forma linguística que experimentou mudança (MAURI; RAMAT, 2012, p. 30).

As diferentes maneiras de operacionalizar a análise dos contextos de mudança certamente têm relação direta com o fenômeno investigado. A diversidade de tipologias é, assim, em meu entendimento, reflexo da singularidade de cada instância. Nessa perspectiva, na análise dos arranjos contextuais associados a cada trajetória, optei por não aderir, *a priori*, a uma tipologia de contextos, caracterizando os arranjos contextuais depreendidos nos percursos evolutivos com base na relação de significado que exprimem. Após a análise dos dados, como será possível observar no Capítulo 8, proponho uma reconstrução diacrônica das trajetórias com base no modelo de Heine (2002), que se mostrou capaz de abarcar os estágios evolutivos recorrentes em todas elas.

À luz dos diferentes contextos de uso encontrados em cada trajetória, busquei apreender processos de constituição da coordenação contrastiva e suas regularidades à luz de aspectos de

interação entre as diferentes dimensões da linguagem consideradas, como passo a discutir no capítulo seguinte, voltado ao percurso de *enquanto (que)*.

4 O PERCURSO EVOLUTIVO DE *ENQUANTO (QUE)*

Neste capítulo, dou início à discussão das evidências empíricas fornecidas pela análise diacrônica dos quatro percursos aqui investigados. No início de cada capítulo de análise, faço uma breve introdução apresentando as frequências absoluta e percentual, ao longo do tempo, dos três contextos relevantes para interpretação da trajetória, para, na sequência, discutir em mais detalhes as características de cada padrão contextual. Dadas as particularidades de cada trajetória, após esse panorama geral que será comum às quatro seções, cada uma seguirá sua própria direção de análise, ainda que se mantenham os critérios e os níveis de análise considerados. Isso porque, para algumas trajetórias, como a de *enquanto (que)* e *(ao) passo (que)*, novos aspectos de análise foram implementados ao longo da pesquisa, como consequência de observações derivadas da aplicação dos critérios inicialmente estabelecidos.

Reservo para cada trajetória três subseções. Na primeira, recupero a etimologia e os contextos de uso originais da forma em análise. Na sequência, discuto os principais aspectos que caracterizam seus usos contrastivos. Na terceira subseção, exploro os contextos *bridging*, que, conforme Heine (2002), constituem etapa imprescindível de toda e qualquer instância de mudança. A análise dos três tipos contextuais passará pelas propriedades relevantes em cada domínio de linguagem, sendo o domínio do significado o eixo principal de discussão, por razões já explicitadas.

Ainda que tenha buscado indícios dos processos de constituição a partir do reconhecimento e caracterização de contextos *bridging* à luz do modelo de Heine (2002), sigo Hansen (2021) no entendimento de que, em tais contextos, o novo significado não é necessariamente a principal interpretação disponível, sendo suficientes e igualmente relevantes para o processo de reanálise situações em que ambos os significados são acessíveis, independentemente de qual deles está em primeiro plano.

Sinalizo que este capítulo apresenta uma extensão maior do que os outros três capítulos descritivos pelo fato de incluir a explicação de noções e questões de análise associadas exclusivamente aos percursos de *enquanto (que)* e *ao passo que*, de modo que são explicitadas aqui e tomadas como pressupostas no capítulo seguinte, orientado a *ao passo que*. Além disso, ao ser o primeiro capítulo concernente à análise empírica, contém um detalhamento maior de aspectos que são relevantes também para as outras trajetórias e que, nos próximos capítulos, serão apenas retomados.

Enquanto atua originalmente no português brasileiro como conectivo temporal que indica relações de simultaneidade entre dois estados-de-coisas. A trajetória de mudança que atravessa, então,

mostra o trânsito bem conhecido de tempo a contraste (KORTMANN, 1997; MAURI; van der AUWERA, 2012), de modo que o estudo de seu percurso evolutivo envolveu três grupos contextuais: aqueles que exprimem significado exclusivamente temporal (contextos fonte), aqueles com significado exclusivamente contrastivo (contextos alvo) e aqueles que mostram ambos os significados temporal e contrastivo (contextos *bridging*).

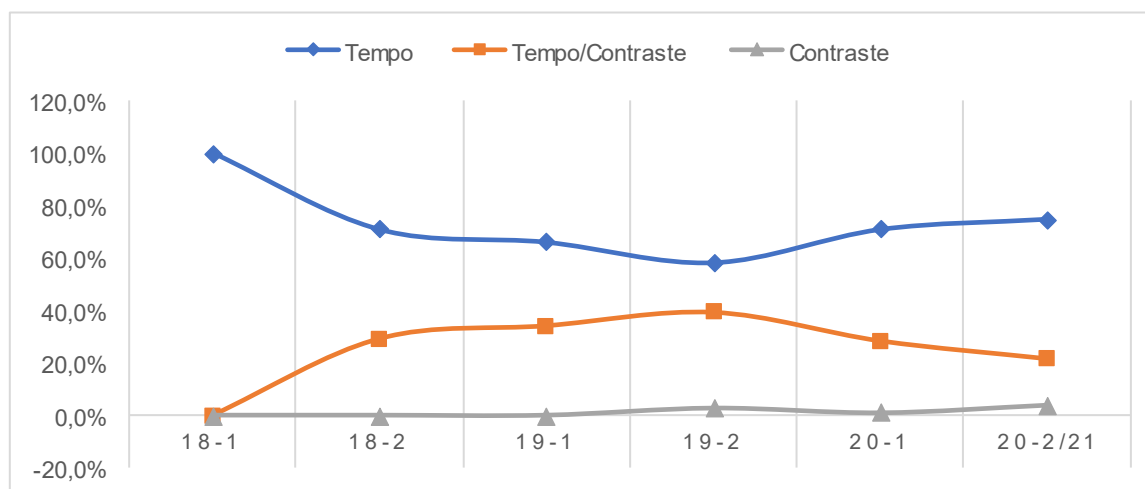
Apresento, na Tabela 5 e no Gráfico 1, a seguir, as frequências absoluta e percentual dos três tipos de contextos que interessam à reconstrução da trajetória de *enquanto (que)* em cada estado de língua analisado.

Tabela 5 – Frequência dos padrões de uso de *enquanto (que)* em perspectiva longitudinal

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Tempo	13 (100%)	17 (70.8%)	29 (65.9%)	43 (58.1%)	75 (70.8%)	118 (74.7%)
Tempo/Contraste	0	7 (29.2%)	15 (34.1%)	29 (39.2%)	30 (28.3%)	34 (21.5%)
Contraste	0	0	0	2 (2.7%)	1 (0.9%)	6 (3.8%)
Total	13 (100%)	24 (100%)	44 (100%)	74 (100%)	106 (100%)	158 (100%)

Fonte: autoria própria.

Gráfico 1 – Frequência dos padrões de uso de *enquanto (que)* em perspectiva longitudinal



Fonte: autoria própria.

Desses dados iniciais, destaco: (i) a alta produtividade dos usos temporais em todo o período investigado, o que indica sua persistência na história do português e um cenário de mudança em que novos usos emergem em relação de convivência com os usos originais; (ii) a presença de contextos *bridging* em quase todos os estados de língua, com exceção de 18-1, e sua maior frequência em 19-2, que pode sinalizar um período crítico para a mudança, o que será avaliado frente às evidências qualitativas; (iii) o aparecimento de usos de *enquanto (que)* como marcador contrastivo a partir de 19-2, ainda que com baixa frequência nos dados (9 ocorrências, considerando todo o período diacrônico analisado), que pode ser consequência de sua competição, sobretudo de natureza pragmática, com outros marcadores contrastivos ou mesmo de aspectos contingentes associados ao *corpus*, tais como preferências linguísticas dos escreventes.

Considerando importante o acesso a um número maior de ocorrências contrastivas para a descrição dos novos contextos de uso, coletei do Twitter um conjunto complementar de ocorrências para o último intervalo temporal. A escolha por complementar a amostra a partir de dados do Twitter foi baseada na facilidade de acesso e de ferramentas de busca, bem como no forte teor argumentativo dos textos que normalmente constituem as postagens feitas na rede. O levantamento para o *corpus* complementar forneceu um total de 58 novas ocorrências de *enquanto (que)*, das quais 13 foram analisadas como exclusivamente contrastivas. Somadas essas ocorrências aos nove exemplares presentes no *corpus* original, a análise se baseou em um total de 22 dados de *enquanto (que)* contrastivo.

Na busca por ocorrências, cuidei para que fossem selecionados apenas exemplares presentes em postagens feitas por escreventes do português brasileiro – preocupação derivada do recorte metodológico estabelecido (cf. Capítulo 3) –, o que é possível verificar a partir do perfil do usuário na rede. Priorizei ocorrências em *tweets* associados a perfis nos quais foi possível identificar a nacionalidade. Uma vez que esse é um conjunto complementar de dados, mantenho, na Tabela 5 e no Gráfico 1, as frequências de uso encontradas no *corpus* originalmente constituído para a pesquisa e faço sinalizações oportunas quando uma dada discussão se referir a um dado retirado do conjunto adicional.

De acordo com os dados fornecidos pelo *corpus*, há variação entre usos perifrásticos (*enquanto que*) e não perifrásticos (*enquanto*). Os primeiros se associam ao padrão temporal-contrastivo e ao padrão exclusivamente contrastivo, ao passo que os usos não perifrásticos estão associados aos três padrões, correspondendo ao conjunto total das ocorrências temporais. *Enquanto que*, portanto, ao menos nos dados coletados para esta pesquisa, sempre participa de contextos de alguma maneira contrastivos, ainda que contraste figure como significado pragmático. Embora os dados tenham permitido atestar a existência de usos perifrásticos, forneceram uma baixa quantidade de exemplares,

conforme a Tabela 6 a seguir. No entanto, no *corpus* complementar constituído para o último intervalo temporal, encontrei maior número de ocorrências de *enquanto que* (cf. Seção 4.3).

Além da variação entre usos perifrásticos e não perifrásticos, *enquanto* também apresenta variação ortográfica, sendo três as possibilidades encontradas nos dados: *em quanto*, *emquanto* e *enquanto*²⁶. Na Tabela 2, mostro a frequência de cada variante juntamente com a frequência dos usos perifrásticos.

Tabela 6 – A variação gráfica de *enquanto (que)* em perspectiva longitudinal

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Em quanto	9 (69,2%)	23 (95,8%)	31 (70,4%)	13 (17,6%)	1 (0,9%)	0
Emquanto	3 (23,1%)	1 (4,2%)	13 (29,6%)	55 (74,3%)	48 (45,3%)	0
Enquanto	1 (7,7%)	0	0	0	54 (50,9%)	156 (98,7%)
Emquanto que	0	0	0	6 (8,1%)	2 (2%)	0
Enquanto que	0	0	0	0	1 (0,9%)	2 (1,3%)
Total	13 (100%)	24 (100%)	44 (100%)	74 (100%)	106 (100%)	158 (100%)

Fonte: autoria própria.

Como mostra a Tabela 6, a variante *em quanto* é a que predomina nos três primeiros intervalos temporais e não forma perífrase, ao menos nos dados analisados. De 19-1 para 19-2, sua frequência reduz significativamente, sendo praticamente nula no século 20, em que a variante atualmente utilizada, *enquanto*, passa a prevalecer, sobretudo a partir da segunda metade do século. Já *emquanto* mostra o maior número de ocorrências em 19-2 e 20-1, não exibindo nenhum exemplar no estado de língua mais recente.

As mudanças gráficas de *enquanto (que)* parecem caminhar juntas com as mudanças no significado, na prosódia e na sintaxe, conforme discuto ao longo das subseções. Ainda que a variação gráfica possa sugerir pistas interessantes em relação às mudanças, destaco a necessidade de cuidado

²⁶ Longhin (2016a) identificou outras variáveis ortográficas para *enquanto*, em estudo que abarcou um recorte temporal maior do que o estabelecido nesta pesquisa.

com seu potencial para a explicação e reconstrução do percurso, tendo em vista várias convenções da escrita, associadas ou não a reformas ortográficas, que podem determinar aspectos de variação gráfica.

A variante *em quanto* reflete a origem etimológica do item, que, conforme 4.1, está no uso contíguo da preposição *em* com o pronome *quanto*. Sua predominância até a primeira metade do século 19 sugere uma interpretação menos formulaica até o período, isto é, embora já temporal, ainda recupera o significado primeiro de *quanto*, como pronome *quantificador* que, por vezes, empreendia quantificação no tempo (HOUAISS, 2009; MACHADO FILHO, 2013; LONGHIN, 2016a).

Apesar de ainda mostrar a separação gráfica que se explica pela etimologia, os usos de *em quanto* nos dados se associam tanto ao padrão exclusivamente temporal como ao padrão temporal-contrastivo. Apresento a seguir um exemplo para cada uma dessas interpretações, respectivamente.

(1) (...) **em quanto** huns abriaõ a cóva, e outros preveniaõ os instrumentos, mandáraõ ao Senhor, que se despisse, e esta foi a terceira vez, em que o Senhor foy hoje despido de suas vestiduras (...). (18-1SEVT, 110)

(2) Ella é o amor de meo coração, **em quanto** todas as outras são o divertimento de meos olhos, e o passa-tempo de minha vida. (19-1MORE, 18)

A grafia *emquanto*, por outro lado, em que ainda se pode ver a forma original da preposição, mas já não há mais a separação gráfica, pode estar associada aos padrões temporal e temporal-contrastivos, nos usos perifrásticos e não-perifrásticos, e também ao padrão exclusivamente contrastivo, apenas nos usos perifrásticos. De (3) a (5), a seguir, mostro exemplares de cada caso. Entendo o fato de os dados mostrarem construções contrastivas com *emquanto que*, como (5), mas não com *emquanto*, como mais um indício da forte associação da perífrase com contraste. O aspecto perifrástico, assim, parece ter maior peso para a interpretação do que o aspecto gráfico, ainda que, em casos como (5), a grafia da preposição esteja preservada, o que poderia levar à expectativa de um maior distanciamento do novo significado.

(3) **Emquanto** Vossa Excelencia estava recolhido o topei em caza do dito Ministro. (18-2CPCP, 5)

(4) **Emquanto** uma dorme a outra está alerta. (19-2OVM, 35)

(5) A historia do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a sciencia, porque a sciencia é mais lenta e a imaginação mais vaga, **emquanto que** o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos. (19-2ECLB, 119)

Já a grafia mais atual, *enquanto*, se manifesta em todos os padrões de uso tanto na forma perifrástica como não perifrástica, conforme os exemplos de (6) a (10), sendo a única variante gráfica

utilizada no português contemporâneo. As ocorrências de (6) a (8) são representativas dos usos temporais, temporal-contrastivos e contrastivos da forma não perifrástica, respectivamente, ao passo que (9) e (10) ilustram os usos temporal-contrastivos e contrastivos da perífrase. Aqui, apenas exemplifico as variáveis gráficas de *enquanto (que)* e seus usos perifrásticos e não-perifrásticos, apresentando análises mais detalhadas para os exemplos na discussão de cada tipo de contexto.

(6) **Enquanto** esperavam o café, os três suspendiam o jogo e conversavam um pouco. (20-1CLAN, 71)

(7) E **enquanto** uma chora, outra ri; é a lei do mundo, meu rico senhor; é a perfeição universal. (19-2QUBO, 90)

(8) O projeto de 23 só comportava três poderes, e com razão. Por quê? “Porque não há poder moderador. Criando esse quarto poder, conferiu-lhe a Constituição a faculdade de prorrogar, adiar, dissolver a Câmara, **enquanto** pelo projeto de 23 o Imperador podia prorrogar e adiar a Câmara, mas não tinha o direito de dissolvê-la. (20-2/21HGCB, 211)

(9) **Enquanto que** o Professor, Pedro Bala, o Gato eram indiferentes às palavras do padre (o Professor, no entanto, gostava dele pois lhe trazia livros), Pirulito, Volta Seca e João Grande, principalmente o primeiro, muito atentos ao que ele dizia, o Sem Pernas lhe fazia uma oposição que a princípio tinha sido muito tenaz. (20-1CAAR, 103)

(10) A diferença entre a antiga ordem social escravocrata e senhorial e a moderna ordem social competitiva é que, naquela, a apropriação não se defrontava com reguladores externos de real eficácia, **enquanto que**, nesta, o mercado, os níveis de vida e de salário, a competição e o conflito (de início polarizados apenas pelo movimento sindical), a consciência operária e a solidariedade de classes (que emergem gradualmente), a participação política reivindicativa e inconformista dos setores pobres e assalariados etc. aos poucos convertem a “integração nacional” em um processo democrático e revolucionário, que pelo menos destrói barreiras sociais arcaicas e introduz “niveladores sociais de classe”. (20-2/21REBB, 251)

Durante a análise dos dados, suspeitei de que as mudanças atravessadas por *enquanto (que)* se estendessem para além da dimensão temporal, alcançando também a forma como os estados-de-coisas postos em relação por *enquanto* se relacionam no espaço. Isso porque observei nos dados que as construções exclusivamente temporais tendem a mostrar estados-de-coisas que se desenvolvem com alguma proximidade também no espaço, para além da contiguidade temporal.

A partir dessa hipótese e entendendo, em harmonia com Cristofaro (2019), que a compreensão de estruturas gramaticais observadas no estado atual de uma língua depende de uma abordagem orientada às *fontes* dos processos diacrônicos que lhes deram origem, considere relevante investigar mais a fundo a conexão temporal estabelecida por *enquanto*, examinando como se dá a relação entre os estados-de-coisas em ambas as dimensões temporal e espacial ao longo de todo o período diacrônico investigado. A análise mostrou que a relação espaço-tempo é de fato fundamental para a interpretação

das mudanças. Estendi essa análise, então, para os contextos *bridging* e os contextos exclusivamente contrastivos, também em perspectiva diacrônica. Apresento os resultados nas seções a seguir, ao discutir cada tipo de contexto.

A análise da relação espaço-tempo nas construções com *enquanto (que)* me levou ainda a uma outra questão. Observei que a reconfiguração dessa relação parecia ser consequência de ou ao menos estar associada a uma mudança maior, nos tipos de *processos* expressos nas orações iniciadas por *enquanto (que)*. Conforme Halliday e Matthiessen (2004), toda oração apresenta a configuração de um processo que se desenvolve no tempo, e diferentes tipos de processos refletem diferentes tipos de *experiências* vividas pelos usuários da língua. Segundo os autores, há duas formas básicas de experiência: as experiências do mundo ao nosso redor, daquilo que acontece no mundo sociofísico, e as experiências que se desenvolvem internamente, na consciência dos indivíduos.

Os processos de experiência externa consistem essencialmente em ações e acontecimentos que ocorrem naturalmente no mundo ou que são ocasionados por pessoas ou outros agentes, ao passo que as experiências internas, que não são passíveis de observação concreta no mundo, compreendem reações a ou reflexões acerca das experiências sociofísicas mais concretas. A diferença entre os dois tipos de experiência se reflete na gramática, de forma que as experiências do mundo exterior são descritas por tipos verbais que indicam processos *materiais*, e as experiências internas são expressas por verbos que sinalizam de algum modo processos *mentais* (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 170).

Halliday e Matthiessen (2004) elaboram a distinção de tipos de processos no âmbito de uma teoria da experiência, de acordo com a qual o principal elemento que sinaliza as diferentes formas de experiência do mundo é justamente o verbo, como se pode observar, por exemplo, ao se comparar as orações *Estou tomando banho* e *Não quero tomar banho*. A experiência do indivíduo em relação ao mesmo evento é construída de maneira distinta, de modo que *tomar banho* exprime um processo material, passível de observação no mundo, enquanto *querer tomar banho* veicula uma reação subjetiva do indivíduo em relação a essa experiência, tratando-se de um processo mental, que não exibe manifestação concreta na dimensão sociofísica.

Na fronteira entre essas duas principais categorias de processos, Halliday e Matthiessen (2004) situam uma outra categoria, menos discreta, que pode se aproximar mais das experiências materiais ou mostrar mais traços das experiências do universo subjetivo dos indivíduos, a depender da situação. São os processos *comportamentais*, que consistem em manifestações externas de processos internos de pensamento ou de processos fisiológicos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 171), tais como os processos descritos pelos verbos *chorar, rir, dançar, cantar, dormir, respirar, tossir*.

Reanalisei, então, os três tipos de contextos à luz dos tipos verbais e categorias de processos propostos por Halliday e Matthiessen (2004)²⁷, paralelamente à relação espaço-temporal. Como busco mostrar neste capítulo, esses dois eixos de análise revelaram-se cruciais para compreender a trajetória evolutiva de *enquanto* (*que*), e os demais fatos de mudança observados a partir dos outros critérios aplicados mostraram-se resultantes de reconfigurações em ambos ou ao menos em um desses aspectos.

4.1 Etimologia de *enquanto* e as construções temporais

A atual variante gráfica *enquanto* é fruto da junção da preposição *em* com *quanto*, proveniente de *quantus* do latim. O levantamento das acepções de *quanto* no português arcaico – período compreendido entre os séculos XIII e XV – revela uma variedade de usos (NASCENTES, 1966; HOUAISS, 2009; MACHADO FILHO, 2013; LONGHIN, 2016a), dentre os quais parecem mais relevantes, para a reconstrução da trajetória de *enquanto* rumo a contraste, os usos pronominais em que o item pode fazer referência a quantidades indefinidas, incluindo quantidades indefinidas de tempo (LONGHIN, 2016a). No *corpus* aqui utilizado, não encontrei ocorrências em que fosse possível recuperar o uso contíguo de *em* preposição com *quanto* pronome, em contextos nos quais uma quantificação indeterminada de tempo se estabelece. Suponho, assim, que, no primeiro estado de língua do intervalo temporal investigado, os usos de *quanto* contíguo a *em* já se configuram em usos temporais mais conjuncionais, que ainda permitem, no entanto, entrever a origem etimológica na separação gráfica observada na variante *em quanto*.

Apresento em (11), a seguir, um dado retirado do estudo de Longhin (2016a), no qual a autora, investigando as mudanças de *enquanto* (*que*) em um período diacrônico mais amplo, pormenoriza a etimologia temporal do item. No exemplo, verifica-se a impossibilidade de uma determinação precisa do período de tempo em questão, e a própria presença do nome *tempo*, ao qual *quanto*, ainda em uso pronominal, se refere, deixa explícita a natureza temporal da quantificação imprecisamente estabelecida. A locução adverbial de que *em* e *quanto* participam nessa construção faz referência ao período temporal que seria necessário para o cumprimento de uma dada tarefa se três pessoas estivessem envolvidas em sua execução.

(11) E fio de Deus que pelas sas orações nós dous compriremos quanto todos tres haviamos de fazer **em tanto tempo quanto** o compriramos se o outro hi andasse conosco. (LONGHIN, 2016a, p. 276)

²⁷ Outras três categorias de processos são reconhecidas por Halliday e Matthiessen (2004) – processos *relacionais*, *verbais* e *existenciais* –, explicadas oportunamente.

Ao longo do tempo, *em* e *quanto* passam a ser utilizados de forma contígua, sem a presença de material interveniente como há em (11), e a quantificação no tempo passa a ser menos vaga, de forma que *em quanto* e as variáveis gráficas subsequentes começam a fazer referência a um período temporal mais delimitado que de alguma maneira se sobrepõe ao intervalo de tempo no qual se desenvolve o estado-de-coisas descrito na oração relacionada àquela introduzida por *em quanto* (ou pelas outras variáveis). Em (12), a seguir, mostro um exemplo do *corpus* em que essa quantificação temporal mais precisa pode ser verificada. O aparecimento de Guilherme ocorre no intervalo delimitado pela oração iniciada por *em quanto*, que abre, portanto, um quadro temporal no interior do qual o estado-de-coisas da oração principal se desenvolve. Tem-se, assim, um cenário em que um estado-de-coisas ocorre *durante o tempo em que* outro estado-de-coisas se dá, e a referência de tempo expressa por *em quanto* (e suas variáveis em contextos similares) contribui para uma restrição maior do intervalo temporal.

(12) **Em quanto** Larcy está fallando, apparece Guilherme. (19-1ERCL, 48)

Os usos temporais de *enquanto*, em todas as possíveis variáveis gráficas encontradas no *corpus*, se desdobram em diferentes nuances, para além daquela caracterizada por simultaneidade com duração no tempo. Mobilizei a terminologia de relações temporais proposta por Kortmann (1997) na análise dos dados, e a que se mostrou relevante para compreensão do percurso do item em direção a contraste é justamente a que se pauta na simultaneidade com duração, constituindo a característica fundamental dos contextos fonte da trajetória, os quais passo a focalizar.

De acordo com Kortmann (1997), a simultaneidade com duração (no texto original do autor, *simultaneity duration* – SIDUR) implica a relação “enquanto *p*, *q*”, na qual *p* abre um intervalo de tempo no interior do qual a totalidade ou parte de *q* é verdadeira (KORTMANN, 1997, p. 84). O exame mais circunstanciado de como essa relação se dá nas construções temporais com *enquanto* mostra que se configura tipicamente em uma relação entre processos materiais – conforme definição de Halliday e Matthiessen (2004), acima apresentada – com proximidade espacial, sendo, portanto, fortemente ancorada no mundo sociofísico. Não se trata de uma observação categórica, mas de uma forte tendência nos dados. Na Tabela 7, a seguir, apresento a frequência dos tipos de processos expressos na oração-*enquanto* nas construções temporais, em cada estado de língua investigado, e trago, na sequência, de (13) a (18), exemplares a partir dos quais discutirei os diferentes tipos, buscando mostrar mais de um exemplar para cada um.

Tabela 7 – Tipos de processo nas construções exclusivamente temporais com *enquanto (que)*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Material	12/13 (92,3%)	15/17 (88,2%)	20/29 (68,9%)	31/43 (72,1%)	53/75 (70,6%)	92/118 (78%)
Comportamental	0/13 (0%)	0/17 (0%)	5/29 (17,3%)	0/43 (0%)	10/75 (13,4%)	8/118 (6,7%)
Mental	0/13 (0%)	1/17 (5,9%)	0/29 (0%)	1/43 (2,3%)	4/75 (5,3%)	2/118 (1,7%)
Verbal	1/13 (7,7%)	1/17 (5,9%)	2/29 (6,9%)	8/43 (18,6%)	7/75 (9,4%)	12/118 (10,2%)
Relacional	0/13 (0%)	0/17 (0%)	2/29 (6,9%)	2/43 (4,7%)	0/75 (0%)	0/118 (0%)
Existencial	0/13 (0%)	0/17 (0%)	0/29 (0%)	1/43 (2,3%)	1/75 (1,3%)	4/118 (3,4%)

Fonte: autoria própria.

(13a) (...) **em quanto** huns abriaõ a cóva, e outros preveniaõ os instrumentos, mandáraõ ao Senhor, que se despisse, e esta foi a terceira vez, em que o Senhor foy hoje despido de suas vestiduras (...). (18-1SEVT, 110).

(13b) Faço mal conversar, **em quanto** me penteio? (19-1OMLI, 34)

(13c) Nisto entrou o criado com uma cestinha coberta por um lenço de cambraia, e uma carta, que acabavam de trazer. (...) **Em quanto** elle abria a carta, Freitas familiarmente descobria a cestinha: eram morangos. (19-2QUBO, 95)

(13d) Rita declarava isto ás companheiras, amolando uma faquinha no tijollo da sua porta, para escamar o peixe; **emquanto** os gatos, aquelles mesmos que perseguiam o sardineiro, vinham, um a um, chegando-se todos só com o ruido da afiação do ferro. (19-2OCOR, 72)

(14a) E nisto o estudante abaixou-se, e tomou os pés de Paula, **emquanto** D. Carolina junto delle o olhava com ternura. (19-1MORE, 27)

(14b) O Gato arrastou a mesa **enquanto** Pedro Bala fazia uma cara de grande aborrecimento. (20-1CAAR, 90)

(14c) Mário fala visivelmente emocionado, **enquanto** Beto o escuta com interesse. (20-2/21FEAV, 142)

(14d) Só então Nacib constatou tratar-se realmente de uma jovem, porque os olhos brilhavam **enquanto** ela ria. (20-2/21GACC, 170)

(15a) **Emquanto** assim pensava, iam devorando caminho. (19-2ECLB, 118)

(15b) E, **emquanto** considerava a delicadeza das minhas mãos e a fragilidade dos meus músculos, adormeci placidamente. (20-1REIC, 52)

(15c) A mãosinha secca empurrou o copo com raiva, com brutalidade, derramando o leite; e na mesma obstinação agressiva ficou repellindo tudo, **emquanto** Conceição, desolada, já não sabia o que fazer. (20-1OQUI, 68)

(16a) **Emquanto** ella repetia a declaração da véspera, Carlos Maria abria os olhos, estirava os membros, e, antes de ir para o banho, vestir-se e dar um passeio a cavallo, reconstruiu a véspera. (19-2QUBO, 105)

(16b) E **enquanto** os outros conversavam enrolou Ogún no seu paletó e deitou-se no chão. (20-1CAAR, 107)

(16c) **Enquanto** sua mãe fala, Orfeu não para um só instante de tocar. (20-2/21ORCO, 16)

(17a) Escuta-me, Rosinha, **em quanto** aquelle diabo está lá dentro. (19-1ONOV, 56)

(17b) *Manoel, baixo para Henrique, enquanto os mais estão entretidos com a creança:* Então, meu Aspirante? Houve mais alguma novidade com o Sr. Immediato? (19-2APRO, 17)

(18a) Uma vaia unisona echoou em todo o pateo da estalagem, **emquanto** em volta do negociante surgiam varias pessoas, puxando-o para dentro de casa. (19-2OCOR, 74)

(18b) A cena vai escurecendo lentamente, **enquanto** a Dama Negra surge do canto onde se ocultara. (20-2/21ORCO, 27)

A Tabela 7 permite observar que os processos materiais são significativamente mais frequentes em todos os estados de língua analisados. A predominância dos processos materiais nas construções temporais também do estado de língua mais recente permite reforçar que se trata de uma particularidade dos contextos fonte, uma vez que, mesmo com a emergência dos usos contrastivos, as relações temporais com *enquanto* permanecem tipicamente alicerçadas no domínio das experiências do mundo externo.

A análise dos tipos de processos foi baseada nos tipos semânticos dos verbos presentes na oração encabeçada por *enquanto*, não parecendo relevante a análise do tipo verbal contido na outra oração da construção. Para vários outros aspectos da análise, como, por exemplo, força ilocucionária, correferencialidade dos sujeitos, relação modo-temporal, considerei ambas as orações que formam a construção com *enquanto*, pois, como já mencionado, interessam as mudanças atravessadas não apenas pelo item ou pela oração que integra, mas toda a construção que ajuda a constituir. Na análise dos tipos de processo, entretanto, pareceu mais relevante observar de que maneira o processo referido especificamente na oração com *enquanto* se remodela ao longo do tempo, já que o significado de tempo

das construções fonte emerge essencialmente no âmbito dessa oração e da função desempenhada por *enquanto* juntor temporal. É a natureza do processo *no* tempo ao qual *enquanto* se refere que interessou investigar.

Os exemplos de (13a) a (13d) acima representam o principal tipo de construção temporal com *enquanto* encontrado nos dados. Verbos como *abrir*, *pentear* e *vir*, presentes nas orações-*enquanto*, instauram processos que se projetam na dimensão sociofísica e podem ser visualizados pelos usuários da língua, ainda que apenas recriados em sua imaginação quando se trata de eventos que não ocorreram de fato, mas que são parte de histórias fictícias presentes em romances ou outras obras em que a ocorrência dos processos descritos não pode ser provada no mundo, tal como a construção em (13a), retirada de uma coletânea de sermões e tratados. Ao abrir um intervalo temporal para processos mais materiais, o significado de *enquanto* se mostra mais tangível, na medida em que é possível vincular o período de tempo ao qual se refere a um evento concreto na realidade externa.

O fato de estarem em questão processos associados a experiências mais concretas e tangíveis no mundo permite representações relativamente similares na consciência dos indivíduos, com menos possibilidades de variação interpretativa. Entendo que processos como abrir uma sepultura (13a), pentear-se (13b), abrir uma carta (13c) e a aproximação de animais domésticos interessados em conseguir alimento (13d) se associam a representações conceituais bem conhecidas pelos falantes/escreventes, o que facilita sua visualização/recriação em diferentes espaços sociofísicos que podem ser por eles experienciados.

Por outro lado, considero que processos comportamentais, como aqueles observados nas construções de (14a) a (14d), são mais sujeitos a diferenças de interpretação. Conforme concebidos na teoria da experiência proposta por Halliday e Matthiessen (2004), tais processos situam-se na fronteira entre processos materiais e mentais, justamente por serem passíveis de observação na realidade concreta e, ao mesmo tempo, implicarem vínculo com o universo subjetivo dos usuários da língua.

O ato de olhar alguém ou alguma coisa de um determinado modo, como com ternura, em (14a), envolve um conjunto de aspectos subjetivamente definidos, tais como a personalidade do indivíduo, seu conhecimento de mundo, as experiências nele vividas, a forma como a realidade externa o afeta em função desse conhecimento e experiências. Trata-se de um comportamento que, ao envolver tantos aspectos de subjetividade, pode ser realizado de infinitas maneiras diferentes, o que não se dá com, por exemplo, a aproximação de gatos em busca de comida, que, embora certamente também sujeita a diversas variáveis externas, tende a ser experienciada de maneira relativamente mais similar em diferentes espaços e/ou por diferentes pessoas. Nesse sentido, verbos como *olhar* (nos

dados, quase sempre acompanhados por alguma especificação de atitude subjetiva), *rir* e *escutar*, como se observa nos exemplos (14a), (14c) e (14d), são prototípicos da categoria de tipos verbais que constroem processos de comportamento na proposta de Halliday e Matthiessen (2004). Conforme os autores, apesar de estarem associados a alguns verbos típicos, tais processos constituem a categoria menos delimitada entre os seis tipos que reconhecem, pelo fato de não mostrarem características próprias bem definidas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 248).

A delimitação menos precisa dos processos de comportamento pode ser observada nos diferentes tipos de contextos, que mostram grande variedade de verbos e locuções verbais que foram analisados como representativos de processos comportamentais. Em (14b), a análise de *fazer* como verbo de comportamento depende da consideração de todo o predicado que mobiliza. *Fazer um café*, por exemplo, configura-se em processo material, ao passo que *fazer uma cara de grande aborrecimento*, como no exemplo, corresponde a um ato concreto, passível de observação no mundo, que deriva de um estado mental, subjetivamente constituído (aborrecimento). Particularmente nas ocorrências exclusivamente temporais, aqui em análise, todos os exemplares de verbos comportamentais, com a única exceção de (14b), se conformam aos três acima mencionados (*rir*, *escutar*, *olhar*) e outros de natureza similar, como *fitava a santa com um olhar comovido*, *fitava com os olhinhos duros*, *espiava*, *ria brutalmente*, *dá a última olhada*.

De (15a) a (15c), apresento algumas das poucas construções temporais que exprimem processos mentais. Nelas, a oração-*enquanto* exibe verbos como *pensar*, *considerar*, *saber*, como se vê nos exemplos, respectivamente. A baixa frequência de dados em que *enquanto*, em construções exclusivamente temporais, abre intervalo de tempo para processos mentais, mais abstratos, fornece pistas importantes sobre o tipo de informação de fundo a que se refere como juntor. Como mostram os três exemplos apresentados, a oração-*enquanto* descreve um processo de pensamento durante o qual um processo material (15ab) ou comportamental (15b) se desenvolve. As construções temporais com *enquanto*, portanto, são, do ponto de vista semântico, capazes de instaurar um cenário de fundo temporal mais abstrato, menos tangível no mundo sociofísico, mas o que os dados sugerem é que, do ponto de vista de seu *uso* efetivo no português brasileiro, prototipicamente abrem cenários de fundo mais concretos, nos quais estados-de-coisas visíveis e palpáveis na realidade sociofísica são mobilizados como referência temporal para um outro estado-de-coisas.

Os outros três tipos de processos reconhecidos na proposta de Halliday e Matthiessen (2004), denominados verbais, relacionais e existenciais, se mostraram menos relevantes para a compreensão do percurso evolutivo de *enquanto* (*que*). Ainda assim, há fatos importantes para breve consideração.

Como ilustram os exemplos de (16a) a (16c), processos verbais são expressos por verbos como *repetir*, *conversar* e *falar*. Conforme a Tabela 7, os dados sugerem que essa é a segunda categoria mais frequente nas orações-*enquanto* das construções temporais, ainda que os processos materiais sejam consideravelmente mais frequentes do que esses e todos os demais. Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 171), os processos verbais estão na fronteira entre os mentais e relacionais, constituindo relações simbólicas, construídas na mente humana, que se manifestam na forma de processos de linguagem.

Apesar de os autores reconhecerem similaridades entre tais processos e aqueles de natureza mental, entendo que o fato de o segundo tipo de processo mais frequente residir em tal categoria vai ao encontro da análise até aqui desenvolvida, que defende como propriedade fundamental dos contextos fonte a expressão de relações temporais fortemente ancoradas na dimensão sociofísica. Isso porque os processos de dizer são essencialmente dêiticos e calcados na situação de comunicação. Desse modo, as orações-*enquanto* constituídas pelos verbos *repetir*, *conversar* e *falar*, por exemplo, se referem a experiências vividas e observadas na realidade externa, de forma similar aos processos materiais.

Por outro lado, processos relacionais são expressos nos usos temporais com menor frequência, como se vê na tabela. São exemplos os dados em (17a) e (17b). Na proposta de Halliday e Matthiessen, trata-se de processos de identificação e classificação, nos quais um fragmento de experiência é relacionado a outro, a partir de verbos como *estar*, *ser* e *significar*. Em (17a), um indivíduo referido como *aquelle diabo* é situado em ou relacionado a um dado espaço sociofísico; já em (17b), a oração-*enquanto* relaciona um grupo de pessoas a uma espécie de estado psicológico. De acordo com os autores, a categoria relacional está, juntamente com os tipos material e mental, entre as principais categorias de processos do sistema de transitividade verbal do inglês.

Por fim, verbos como *surgir*, em (18a) e (18b), constroem processos existenciais, que, na fronteira entre relacionais e materiais, dizem respeito a acontecimentos ou à simples existência de fenômenos. Também são poucos frequentes nos dados. Nos exemplos, a oração-*enquanto* instaura um intervalo temporal que atua como cenário de fundo – caracterizado pelo aparecimento de indivíduos – para a oração principal.

Como sinalizei em momento anterior, a partir da observação da natureza das experiências tipicamente referidas nas orações-*enquanto* em correlação com a frequência que mostram nos dados, assumo que a relação temporal expressa por *enquanto*, nos usos originais, é de natureza mais concreta e ancorada no espaço sociofísico, o que é relevante sobretudo se se considerar que as relações temporais são reconhecidas, em boa parte da literatura linguística que discute a complexidade cognitiva

de categorias conceituais (cf., por exemplo, HEINE *et al.*, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE; KUTEVA, 2007), como relações já caracterizadas por certo grau de abstração, dada a intangibilidade do tempo e sua percepção subjetiva pelos usuários da língua. Embora menos concretas por natureza, é possível pensar em graus de abstração e reconhecer significados temporais mais e menos concretos/abstratos. Para defender que, nos usos fonte do percurso aqui investigado, tem-se relações de tempo mais concretas, me baseio não só nos tipos de processos vinculados, como discutido até aqui, mas também em outra análise que conduzi em viés diacrônico, relativa à distribuição dos estados-de-coisas na dimensão espacial, em correlação à sua distribuição no eixo do tempo.

No exame das construções temporais, observei que os processos que se sobrepõem no tempo tendem a se sobrepor também no espaço, desenvolvendo-se no mesmo lugar ou ao menos exibindo alguma proximidade sociofísica. Trata-se de uma tendência importante, principalmente porque também identifiquei outras duas possibilidades de configuração da relação espaço-tempo nas construções com *enquanto* (*que*), tanto nas exclusivamente temporais como nas que contêm significado contrastivo (temporal-contrastivas ou apenas contrastivas). Na Tabela 8, a seguir, mostro a frequência das três possibilidades encontradas especificamente nas construções temporais com *enquanto*: (i) proximidade espacial e temporal, (ii) distância espacial, proximidade temporal e (iii) irrelevância da dimensão espacial, proximidade temporal. Como estão em análise os contextos fonte, o valor de simultaneidade com duração no tempo está sempre presente. Antes da tabela, apresento, de (19a) a (19d), exemplos da relação espaço-tempo do tipo (ii) e, em (20a) e (20b), exemplos da relação do tipo (iii). Para ilustrar a configuração do tipo (i), retomarei os exemplos apresentados de (13) a (18) acima, tendo em vista que todos são casos de proximidade duplamente espacial e temporal.

(19a) Veiu a água; **emquanto** elle lavava a mão, o colchoeiro correu á pharmacia próxima, e trouxe um pouco de arnica. (19-2QUBO, 103)

(19b) Minha senhora ousou lembrar a V. Exa que certas conveniências lhe offerecem uma cadeira para descansar, **em quanto** o commendador para curar-se da commoção vai tomar um copo d'agua ali no café do Braguinha. (19-2CQL, 62)

(19c) É isso mesmo. Peguei gasolina e joguei em volta do circo e taquei fogo... **enquanto** o circo pegava fogo eu me apresentei no distrito... nesse ponto eu fui muito honesta. (20-2/21AJDE, 54)

(19d) O assovio alegre enchia a garagem **enquanto**, nos postes da cidade, boletins anunciavam o próximo estabelecimento da linha de ônibus, viagens mais rápidas e mais baratas que pelo trem de ferro. (20-2/21FEAV)

(20a) Não tenho mais vintém; arranja-te porém com isto, **emquanto** eu trato de vender a minha casinhola. (19-2LEV, 52)

(20b) (...) mas **emquanto** o pai rebentava financeiramente, a filha batia as azas amorosas, e ambos me pregavam dous calotes desastrados. (19-2LEV, 51)

Tabela 8 – A relação espaço-tempo nas construções exclusivamente temporais com *enquanto*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Proximidade espacial e temporal	12/13 (92,3%)	13/17 (76,4%)	24/29 (82,8%)	36/43 (83,7%)	67/75 (89,3%)	113/118 (95,8%)
Distância espacial, proximidade temporal	1/13 (7,7%)	2/17 (11,8%)	4/29 (13,8%)	4/43 (9,3%)	5/75 (6,7%)	4/118 (3,4%)
Irrelevância da dimensão espacial, proximidade temporal	0/13	2/17 (11,8%)	1/29 (3,4%)	3/43 (7%)	3/75 (4%)	1/118 (0,8%)

Fonte: autoria própria.

É possível observar nas construções de (13) a (18), acima, que, na maioria dos casos, não há uma referência explícita a uma localização espacial, mas o contexto maior em que a construção está inserida permite assegurar a sobreposição no espaço. Em (13a), por exemplo, o contexto maior permite interpretar que o trabalho de abrir a sepultura e a ordem para “o Senhor” despir-se acontecem em espaços próximos, inclusive pelo fato de ambos os eventos estarem intimamente relacionados, um dependendo da conclusão do outro. De forma similar, em (13c), o contexto anterior à construção com *enquanto* deixa claro que a cesta e a carta são objetos da atenção dos personagens na mesma cena, de forma que o exame da cesta e a abertura da carta ocorrem no mesmo local.

Muitas vezes, verbos e expressões adverbiais contribuem para a interpretação da relação como caracterizada por sobreposição espacial, tal como em (13d), em que *chegando-se* explicita a ideia de aproximação dos gatos ao lugar onde o evento da oração principal se desenrola, ou como (14a), em que *junto delle* explicita a proximidade entre Carolina e o estudante. Em outros tipos de construções, como (13b), (14d), (15a) e (15b), a contiguidade no espaço torna-se óbvia pelo fato de as orações exibirem sujeitos correferenciais ou o sujeito de uma oração consistir em algo que pertence a ou é parte do sujeito da outra oração. Em (13b), por exemplo, o agente dos verbos *conversar* e *pentear-se* é uma mesma personagem, assim como a reflexão sobre as próprias mãos e o processo de adormecimento se relacionam ao mesmo sujeito em (15b). Já em (14d), os olhos são do sujeito referido pelo pronome *ela*,

ao passo que, em (15a), ainda que não haja correferencialidade exata entre os sujeitos, o sujeito da oração-*enquanto* (*eu*) faz parte do sujeito da oração principal (*nós*).

Em alguns casos, com menor frequência nos dados, é possível encontrar na construção referências explícitas ao espaço, como se vê em (17a) e (18a). Em (17a), embora a expressão adverbial *lá dentro* possa sugerir uma leitura em que o personagem que está falando situa-se em espaço diferente do indivíduo referido como *aquelle diabo*, esse não é o caso, pois ambos estão localizados na mesma cena, que corresponde à casa do personagem principal. Em (18a), por outro lado, o que acontece no espaço descrito como *em volta do negociante* faz parte de *o pátio da estalagem*, de modo que o barulho que aí se ouve é contíguo ao aparecimento de pessoas em volta do comerciante.

Ainda que esses casos mais específicos existam no *corpus*, a grande maioria dos usos temporais de *enquanto* mostra relações em que a interpretação de sobreposição espacial não se associa a marcas tão explícitas como a correferencialidade de sujeitos ou verbos e expressões adverbiais que indiciam proximidade, mas emerge do contexto maior e da própria relação de simultaneidade entre os eventos. Dada a grande frequência da sobreposição duplamente espacial e temporal nos dados, considero que a semântica original de *enquanto* envolve a propriedade de relacionar estados-de-coisas que se desenvolvem com essa proximidade dupla. Para pesquisas futuras, considero interessante olhar para a relação espaço-tempo entre os estados-de-coisas a partir de um recorte longitudinal maior, a fim de verificar se, em estados de língua mais remotos, essa tendência se revela ainda mais notável, possivelmente a ponto de, primeiramente, *enquanto* configurar-se em conectivo temporal que apenas estabelece relações de simultaneidade temporal acompanhadas de contiguidade também espacial.

De modo diferente, nos exemplares apresentados de (19a) a (19d), o contexto deixa claro que os estados-de-coisas em relação se desenvolvem com distância espacial. Há expressões adverbiais ou complementos circunstanciais que indicam esse distanciamento. Em (19a), a diferença no espaço é marcada pela oposição entre a farmácia próxima e a casa onde o indivíduo referido por *elle* lava as mãos; em (19b), *ali no café do Braguinha* cumpre o papel de evidenciar a distância espacial; em (19c), há oposição entre *em volta do circo/ o circo* e *no distrito*, e em (19d), o afastamento espacial se dá entre *a garagem* e *nos postes da cidade*. Nessas construções, a sobreposição limita-se ao domínio do tempo, e é fundamental observar que, nos dados, *sempre* que há distância espacial, há expressões que a explicitam no contexto, o que não ocorre nas construções com contiguidade no espaço. Interpreto esse dado como mais uma evidência de que a sobreposição duplamente espacial e temporal constitui uma das características elementares da semântica original de *enquanto*.

O distanciamento espacial verificado nos contextos de (19a) a (19d) é inquestionavelmente um aspecto de desigualdade entre as orações, o que poderia atribuir a tais contextos, de certa forma, um valor contrastivo. No entanto, para analisar determinada construção como exemplar de um contexto *bridging*, polissêmico entre tempo e contraste, julguei necessária a presença de um componente de significado particular, discutido em 4.2, que não está disponível nessas construções, motivo pelo qual permaneceram em minha análise como instâncias dos usos exclusivamente temporais.

Por fim, no terceiro tipo de relação espaço-tempo que defendo existir entre as construções com *enquanto*, dois cenários podem ser reconhecidos: um em que não é possível identificar ou inferir uma localização espacial para os eventos e outro em que é possível imaginar o espaço em que os estados-de-coisas ocorrem, mas, por estarem em relação processos mais mentais, a dimensão espacial não tem qualquer relevância para a interpretação. Essa possibilidade de configuração ficará mais clara na discussão dos contextos *bridging*, nos quais passa a ser mais frequente e, portanto, há mais exemplares para discussão. Nos exemplos (20a) e (20b), que a representam no âmbito das construções temporais, verifica-se que as orações descrevem estados-de-coisas localizados em um período temporal menos preciso, o que também contribui para a imprecisão ou irrelevância da dimensão espacial. Em (20a), por exemplo, as providências para a venda da casa ocorrerão em um intervalo temporal pouco delimitado, sobretudo porque não se sabe quando de fato a casa será vendida. Já em (20b), os estados-de-coisas descritos – ambos convergentes para o prejuízo do personagem que fala, motivo pelo qual não são contrastivos, ainda que possam parecer em uma primeira leitura – também são menos precisos, pressupondo uma sequência iterativa de ações que não se restringem a apenas um intervalo de tempo.

A partir da análise conduzida até aqui, proponho que as relações temporais com *enquanto* são tipicamente caracterizadas por uma *integração de natureza sociofísica* entre os estados-de-coisas relacionados, no sentido de que compartilham (ao menos tendem a) um mesmo espaço na realidade externa, e abrem intervalos de tempo que atuam como cenários de fundo mais palpáveis e passíveis de observação. Em vista disso, entendo que a função da oração-*enquanto* nessas relações corresponde a uma manobra mais narrativa ou descritiva (a depender do contexto), que difere da manobra que realiza nas construções contrastivas, conforme discussão adiante. Por essa manobra narrativa ou descritiva, a função de *enquanto* conectivo temporal é a de situar um estado-de-coisas no âmbito da realidade externa, fornecendo o contexto situacional de seu desenvolvimento. Na construção (19c) acima, por exemplo, *enquanto o circo pegava fogo* recupera uma informação já dada no cotexto anterior para descrever o cenário de fundo em que *me apresentei no distrito* se dá. Do ponto de vista da estrutura informacional, assim, as orações-*enquanto*, independentemente de sua distribuição sintática na construção (se

antepostas ou pospostas, aspecto de que trato adiante), tendem a carregar informação dada, que pode ser pressuposta a partir de contexto prévio. Outro exemplo bem representativo é (17b), no qual o evento da oração iniciada por *enquanto* já havia sido mencionado previamente no texto, de modo que o intervalo temporal aberto pelo item situa a fala de Manoel dirigida a Henrique em uma situação observada em espaço próximo.

A integração sociofísica entre os estados-de-coisas constitui um traço semântico-cognitivo e pragmático dos usos originais que se reflete de maneira importante em outras propriedades analisadas no nível do significado e também naquelas relativas aos níveis prosódico e morfossintático. Como sinalizei no Capítulo 3, era fundamental para os objetivos desta pesquisa a análise da (as-)simetria pragmática entre as orações postas em relação, que investiguei em termos de força ilocucionária e fronteiras prosódicas. Na totalidade das ocorrências de *enquanto* exclusivamente temporais, a oração encabeçada por *enquanto* não apresenta força ilocucionária própria e não exibe fronteira prosódica com a outra oração. Trago a seguir, em (21), mais um exemplar dos usos originais para defender assimetria pragmática nas construções temporais.

(21) Era Rafael, que trazia uma carta de Fabricio, e que foi apromptar o chá **emquanto** Augusto lia a carta. (19-1MORE, 23)

Para analisar a presença de força ilocucionária, mobilizei testes de pergunta e negação (cf. Capítulo 3), que tiveram como objetivo avaliar se toda a construção com *enquanto* ou apenas uma das orações pode ser desafiada pela pergunta e/ou pela negação. Em (21), ambos os testes se aplicam apenas à oração principal [*Rafael*] *foi apromptar o chá*, uma vez que o que é negado ou questionado é apenas se Rafael foi fazer o chá, não sendo a leitura da carta por Augusto relevante para o propósito da pergunta ou da negação.

(21a) Negação: Não é verdade que [*Rafael*] foi apromptar o chá **emquanto** Augusto lia a carta.

(21b) Pergunta: É verdade que [*Rafael*] foi apromptar o chá **emquanto** Augusto lia a carta? Ou: [*Rafael*] foi apromptar o chá **emquanto** Augusto lia a carta?

Já para o exame de fronteiras prosódicas, analisei as construções em termos dos dois constituintes prosódicos mais altos da hierarquia prosódica proposta por Nespol e Vogel (2007) (cf. Capítulo 3), análise que se baseia na interação de informações prosódicas com informações sintáticas

e semânticas (cf. Capítulo 3). Exemplifico o exame da formação de frases entoacionais e enunciados fonológicos a seguir, a partir da construção em (21).

(21c) [[foi apromptar o chá **emquanto** Augusto lia a carta]]U

I: frase entoacional

U: enunciado fonológico

Entendo não ser possível atribuir à oração-*enquanto* frase entoacional própria, pelo fato de tal constituinte depender principalmente de contorno entoacional próprio. Em minha leitura, a construção mobiliza um único contorno entoacional, e a oração-*enquanto* se relaciona sintática e semanticamente a *foi apromptar o chá*, sobretudo se se considerar a integração no mundo sociofísico que considero caracterizar a simultaneidade com duração expressa por *enquanto*. Em vista dessa relação no mundo, em que *emquanto Augusto lia a carta* fornece um cenário de fundo que situa *foi apromptar o chá* no âmbito de outros processos em desenvolvimento no tempo e no espaço, ambas as orações formam também um único enunciado fonológico, já que estão semanticamente relacionadas.

No que diz respeito à estrutura morfossintática das construções temporais com *enquanto*, o principal padrão mostrado pelos dados corresponde àquele que pode ser observado nos exemplares apresentados até aqui, em que *enquanto* se posiciona no início de uma oração adverbial temporal associada a uma oração principal. Há, no entanto, com frequência consideravelmente baixa no *corpus*, casos em que a oração-*enquanto* se relaciona a outros tipos de orações ou mesmo a predicções não verbais, como exemplificam, respectivamente, (22) e (23) a seguir.

(22) Melhor; tornar-se-ha portanto mais verosimil uma fuga do que um rapto; e o coronel Reinaldo receberá daqui a pouco uma carta que o fará deixar o baile inesperadamente, dando-me ocasião de fazer sobre elle recahir as primeiras suspeitas do attentado, **emquanto** o Snr. Frederico se põe a salvo. (19-2LEV, 49)

(23) Jeronymo sentia-se bem, feliz por ver-se longe da pedreira ardente e do sol caustico; ouvindo, de olhos fechados, o rom-rom monótono da machina de massas, arfando ao longe, e o zumzum das lavadeiras a trabalharem e, mais distante, um interminável cantar de gallos á porfia, **emquanto** um dobre de sinos rolava no ar, tristemente, annunciando um defunto da parochia. (19-2OCOR, 78)

Em (22), a oração iniciada por *enquanto* está em relação sintático-semântica com *fazer sobre elle recahir as primeiras suspeitas do attentado*, que não é oração independente, mas está integrada a *dando ocasião de*. Em (23), o barulho dos sinos é concomitante aos vários outros sons que Jerônimo ouve. Ainda que os dados mostrem alguma variação no tipo de estrutura sintática, a oração-*enquanto* está sempre sintática, semântica e pragmaticamente relacionada a algum outro segmento da construção de que faz

parte, não exibindo autonomia pragmática e prosódica, o que converge, como sinalizei acima, com o tipo de relação que mais tipicamente estabelece com o outro membro.

Mostrou-se também relevante para caracterização dos usos originais a análise da disposição sintática da oração-*enquanto* na construção e a correferencialidade (ou a ausência dela) entre os sujeitos das orações. As Tabelas 9 e 10 a seguir mostram os resultados da análise desses dois aspectos.

Tabela 9 – Disposição sintática da oração-*enquanto* nos contextos temporais

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Oração- <i>enquanto</i> anteposta	7/13 (54%)	12/17 (70,6%)	9/29 (31%)	16/43 (37,2%)	35/75 (46,7%)	24/118 (20,3%)
Oração- <i>enquanto</i> posposta	6/13 (46%)	5/17 (29,4%)	20/29 (69%)	27/43 (62,8%)	40/75 (53,3%)	94/118 (79,7%)

Fonte: autoria própria.

Tabela 10 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos temporais com *enquanto*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Sujeitos correferenciais	7/13 (54%)	3/17 (17,6%)	4/29 (13,8%)	6/43 (13,9%)	26/75 (34,7%)	31/118 (26,3%)
Sujeitos não correferenciais	6/13 (46%)	14/17 (82,4%)	25/29 (86,2%)	37/43 (86,1%)	49/75 (65,3%)	87/118 (73,7%)

Fonte: autoria própria.

A distribuição sintática das construções temporais com *enquanto*, conforme a Tabela 9, vai ao encontro de tendências atestadas por Görski (2000) para a ordenação de orações adverbiais com *quando*. A autora verifica que a posposição da oração adverbial é preferida em contextos caracterizados pela cotemporalidade de ações. Assim, em harmonia com a autora, admito que a tendência observada na evolução diacrônica de *enquanto* temporal se relaciona à própria simultaneidade temporal expressa pelo juntor. Sendo a posposição da oração com *enquanto* (*que*) traço típico dos contextos exclusivamente contrastivos (cf. 4.2), é possível observar aqui uma propriedade sintática dos contextos fonte que, derivada de seu significado, já constitui um aspecto de proximidade com os usos contrastivos.

A Tabela 10, por outro lado, sugere uma tendência em torno da não correferencialidade dos sujeitos. Chamo atenção para a correlação entre o maior número de estados de língua com expressiva predominância de sujeitos não correferenciais e a forte tendência de proximidade tanto temporal como

espacial nos usos temporais, conforme a Tabela 8 acima. A consideração conjunta dos dois aspectos sugere que as relações temporais com *enquanto* normalmente se dão entre indivíduos diferentes e, ainda assim, tendem a abarcar estados-de-coisas contíguos no espaço, o que reforça, em meu ponto de vista, a concomitância em ambas as dimensões como aspecto inerente à semântica de *enquanto* temporal.

Tendo sistematizado as características das construções temporais que julgo mais relevantes para a compreensão do percurso evolutivo de *enquanto* (*que*), passo a focalizar as construções exclusivamente contrastivas, para posteriormente tratar dos contextos *bridging*.

4.2 As construções contrastivas com *enquanto* (*que*)

Nesta seção, meu objetivo principal é caracterizar os usos contrastivos de *enquanto* (*que*) de modo a situar suas principais diferenças em relação aos usos originais, para, na próxima seção, discutir os contextos *bridging* observando de que modo os traços contrastivos, nos diferentes níveis de análise, são adquiridos ao longo do tempo.

Ao passo que, nas construções temporais de origem, observei a forte associação com processos materiais, nas construções contrastivas verifiquei que os processos predominantes na oração-*enquanto* são materiais e relacionais, conforme a Tabela 11 a seguir. Os exemplos (25), (33) e (34), apresentados na discussão adiante, são representativos dos processos materiais, enquanto os processos relacionais podem ser observados em (27), (29), (31) e (32). Processos comportamentais e mentais são também observados, mas com frequência significativamente menor. Exemplificam cada uma dessas categorias as ocorrências em (24) e (28), respectivamente, mostradas na análise a seguir. A divergência que pode ser observada entre a quantidade de ocorrências contrastivas mostrada nas tabelas apresentadas nesta seção para o período de 20-2/21 e a quantidade de ocorrências contrastivas observada na Tabela 5, no início deste capítulo, para o mesmo período, se deve ao fato de que a Tabela 5 apresentou a quantidade de exemplares obtida a partir do *corpus* primeiramente constituído para a pesquisa (6), ao passo que a análise desenvolvida nesta seção leva em consideração as ocorrências do padrão contrastivo obtidas a partir do *corpus* complementar baseado no Twitter (13, cf. Capítulo 3), o que explica o total de 19 ocorrências em 20-2/21.

Tabela 11 – Tipos de processo nas construções exclusivamente contrastivas com *enquanto (que)*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Material	-	-	-	0/2	0/1	9/19 (47,4%)
Comportamental	-	-	-	1/2 (50%)	0/1	2/19 (10,5%)
Mental	-	-	-	0/2	0/1	2/19 (10,5%)
Verbal	-	-	-	0/2	0/1	0/19
Relacional	-	-	-	1/2 (50%)	1/1 (100%)	6/19 (31,6%)
Existencial	-	-	-	0/2	0/1	0/19

Fonte: autoria própria.

Em minha análise, a compreensão de como se dá a interpretação exclusivamente contrastiva depende mais do exame da relação entre os estados-de-coisas em ambas as dimensões espacial e temporal, e a análise dos tipos de processos, ainda que pertinente para caracterização do padrão contrastivo, não tem o mesmo peso que apresenta para o entendimento dos contextos de uso temporais, fortemente associados a processos materiais (cf. 4.1), e para a compreensão do processo evolutivo em direção a contraste nos contexto temporal-contrastivos, como discutirei em 4.3 adiante. No âmbito do padrão contrastivo, a análise dos tipos de processos a que a oração-*enquanto* se refere parece sugerir uma tendência filogenética amplamente observada em processos de mudança, segundo a qual significados em emergência normalmente circulam primeiramente por domínios pragmáticos de conteúdo, menos abstratos, passando a exibir ambiguidade pragmática em domínios de significado de maior abstração posteriormente (SWEETSER, 1991). A confirmação dessa tendência, no entanto, certamente depende de um estudo com maior quantidade de ocorrências contrastivas.

O fator decisivo, de acordo com os dados, para a interpretação exclusivamente contrastiva, em relações estabelecidas por *enquanto (que)*, é justamente o cenário oposto àquele observado nos usos temporais: a ausência de sobreposição entre os estados-de-coisas tanto no espaço como no tempo. Essa dissociação nas dimensões espacial e temporal exibe duas possíveis configurações em cada uma delas.

No que diz respeito ao espaço, há construções em que cada um dos processos em relação está associado a uma localização espacial precisa, sendo possível reconhecer que ocorrem em *espaços sociofísicos distintos*, e construções em que a dimensão espacial torna-se *irrelevante*, por diferentes razões, que discutirei mais adiante. No domínio do tempo, configurações similares podem ser reconhecidas, havendo contextos que mostram *intervalos temporais claramente distintos* e contextos caracterizados pela *ausência de qualquer delimitação temporal*, porque o tempo em que os estados-de-coisas descritos ocorrem é indefinido e não relevante para a interpretação. Essas possíveis configurações se combinam de três maneiras diferentes nos usos contrastivos de *enquanto (que)*, de acordo com os dados investigados. Sistematizo as três e apresento sua frequência longitudinal na Tabela 12, a seguir. Na sequência, de (24) a (34), forneço exemplos das construções de contraste para discutir em seguida cada configuração da relação espaço-tempo. Indico os dados que pertencem ao *corpus* complementar constituído a partir do *Twitter* pelas iniciais *COMP*, utilizando para os demais exemplos a mesma forma de referência empregada ao longo do trabalho.

Tabela 12 – A relação espaço-tempo nas construções exclusivamente contrastivas com *enquanto (que)*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Distância espacial, distância temporal	-	-	-	0/2	0/1	2/19 (10,5%)
Localização espacial irrelevante, distância temporal	-	-	-	0/2	0/1	13/19 (68,4%)
Localização espacial e temporal irrelevantes	-	-	-	2/2 (100%)	1/1 (100%)	4/19 (21,1%)

Fonte: autoria própria.

(i) Distância espacial, distância temporal

(24) A medicina em Angola só é bonita na televisão, rádios e redes sociais. Médicos com muita didática e pouca experiência vendendo uma imagem bonita nas entrevistas **enquanto que** no hospital maltratam pacientes, nem é por falta de conhecimento o problema é o amor ao próximo. (COMP, 7)

(25) Lembro que me surpreendi com a falta de conectividade na Alemanha em 2019, pois custava uns 30 euros comprar um chip pré-pago sem crédito **enquanto que** em 2018 comprei um na Finlândia por 7 euros e já vinha com 5 euros de crédito. (COMP, 12)

(ii) Localização espacial irrelevante, distância temporal

(26) A diferença entre a antiga ordem social escravocrata e senhorial e a moderna ordem social competitiva é que, naquela, a apropriação não se defrontava com reguladores externos de real eficácia, **enquanto que**, nesta, o mercado, os níveis de vida e de salário, a competição e o conflito (de início polarizados apenas pelo movimento sindical), a consciência operária e a solidariedade de classes (que emergem gradualmente), a participação política reivindicativa e inconformista dos setores pobres e assalariados etc. aos poucos convertem a “integração nacional” em um processo democrático e revolucionário, que pelo menos destrói barreiras sociais arcaicas e introduz “niveladores sociais de classe”. (20-2/21REBB, 251)

(27) Os identitários vibraram com a queda de Trump e com a eleição de Biden, o "democrata, liberal, tolerante" que está ameaçando o mundo com uma guerra nuclear, **enquanto que** Trump foi o 1º presidente americano há décadas a não iniciar nenhuma guerra. (COMP, 4)

(28) Todo verão pessoas brancas lutando desesperadamente pra pegar uma "cor" sem ter melanina pra isso **enquanto que** no resto do ano supervalorizam os traços caucasianos - Uma análise crítica social da branquitude brasileira. (COMP, 5)

(29) Talvez eu simplesmente esteja mais inspirada esse mês mas tenho a impressão que o reading journal está me ajudando muito a desenrolar com as minhas leituras Já li 3 livros só esse mês **Enquanto que** em outubro foi 1! (COMP, 9)

(30) Na real assim.. a gente tem que parar de achar que o @UlissesMaia ta sendo isento **enquanto que** na verdade, ele ja escolheu DIRETTINHO o lado que ta apoiando. (COMP, 11)

(iii) Localização espacial e temporal irrelevantes

(31) A historia do homem e da terra tinha assim uma intensidade que lhe não podiam dar nem a imaginação nem a sciencia, porque a sciencia é mais lenta e a imaginação mais vaga, **emquanto que** o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos. (19-2ECLB, 119)

(32) Diz-se de uma paisagem que é melancólica, mas não se diz igual cousa de um cão. A razão não pode ser outra senão que a melancolia da paisagem está em nós mesmos, **emquanto que** atribui-la ao cão é deixá-la fora de nós. (19-2QUBO, 99)

(33) O capitalismo ao menos oferece a liberdade aos cidadãos, **enquanto que** comunismo, socialismo escraviza! Te faz refém! Se coloca como Deus!! Falsa narrativa de justiça social! Nao fosse por isso nossos vizinhos não estariam comendo seus animais de estimação! (COMP, 2)

(34) Esse é o nível da Justiça brasileira, que foi minuciosamente moldada para proteger bandido. Se você reagir a um assalto, capaz de ir preso, **enquanto que** homicida confesso sai pela porta da frente da delegacia. Saíam desta terra maldita. O Brasil não é lugar de se viver. (COMP, 3)

Como se vê na Tabela 12, a maior parte dos contextos contrastivos se caracteriza por *distância temporal*, que, nos dados, se dá principalmente a partir de uma relação de *sequencialidade* entre um estado-de-coisas anterior e um estado-de-coisas posterior, ainda que outras possibilidades tenham sido encontradas, como sinalizo em momento oportuno. Essa relação sequencial pode estar acompanhada de distância sociofísica entre os processos descritos, como em (24) e (25), ou pela ausência de

delimitação de um espaço sociofísico, como em todos os demais exemplos, a qual parece decorrer da irrelevância da dimensão espacial para a interpretação da construção. Há também, com menor frequência, casos em que a localização precisa dos estados-de-coisas no tempo não é relevante para o significado. Passo a discutir os exemplos para explicar cada uma dessas possíveis configurações e, sobretudo, os fatores contextuais que levam a leituras em que as localizações espaciais e/ou temporais dos processos não têm peso para a relação de significado.

Em (24), dois espaços ou contextos situacionais distintos são bem demarcados pelas expressões *nas entrevistas* e *no hospital*, locais/situações em que o mesmo grupo de pessoas apresenta comportamentos entendidos pelo locutor como divergentes. Pelo fato de ambas as orações mostrarem sujeitos correferenciais, a proximidade espacial e temporal entre os dois processos em relação não está entre as possibilidades interpretativas. A mesma construção sem as expressões adverbiais indicativas de lugar (*médicos com muita didática e pouca experiência vendendo uma imagem bonita enquanto que maltratam pacientes*) levaria a uma interpretação temporal-contrastiva, em que o significado fonte, SIDUR, ainda está disponível²⁸. O afastamento no espaço é, assim, relevante para o bloqueio da relação fonte e a configuração de um contexto exclusivamente contrastivo, o que reforça a relevância da consideração da dimensão espacial, em correlação à temporal, para a compreensão do percurso de *enquanto (que)*.

No exemplo em questão, a distância temporal se estabelece entre situações de trabalho diferentes em um mesmo intervalo de tempo presente mais amplo, sendo possível entender que os médicos, *no momento em que* estão participando de entrevistas, agem de determinado modo, ao passo que, *no momento em que* estão trabalhando em hospitais, apresentam comportamento distinto. Em (25), por outro lado, o distanciamento no tempo é claramente marcado por expressões adverbiais temporais (*em 2019* vs *em 2018*), configurando-se a relação sequencial que é a mais típica nos dados de *enquanto (que)* contrastivo. As localizações espaciais também são bem marcadas e definidas como desiguais (*na Alemanha* vs *na Finlândia*).

²⁸ Por não serem frequentes usos temporais da perífrase no português contemporâneo, acredito que a construção hipotética mencionada pode gerar certo estranhamento para falantes nativos. Entre as ocorrências extraídas do Twitter para constituição do *corpus* complementar, no entanto, encontrei dois exemplos de uso de *enquanto que* temporal (com e sem inferências de contraste, respectivamente):

O nacionalismo materialista bananeiro é aquele que vive bajulando empresa estatal, **enquanto que** ao mesmo tempo ignora o péssimo estado religioso, moral e cultural do Brasil atual.

Daqui há 10 anos essa mulher será uma mãe solteira com 3 filhos pra criar e assim vai responder as mensagens dos caras que ela mesma deixava no vácuo **enquanto que** brincava de carrossel.

Diversos outros elementos linguísticos, para além daqueles que indiciam distância espacial e temporal, contribuem para a formulação da relação contrastiva, tanto em (24) e (25) como nos demais dados que ainda serão tratados. Em (24), por exemplo, *imagem bonita* e *maltratar pacientes* evocam quadros conceituais socialmente estabelecidos que, normalmente, caminham em direções opostas. O próprio enunciado que precede a construção com *enquanto que* tem uma marca de polifonia importante em *só*, que instaura uma implicatura escalar de acordo com a qual *televisão, rádios e redes sociais*, em uma possível escala avaliativa da qualidade da prática médica, indicam um nível de qualidade baixo. Já em (25), uma oposição de natureza mais objetiva se dá entre *30 euros* e *7 euros*, bem como entre *sem crédito* e *já vinha com 5 euros de crédito*.

Apesar de substanciais para a expressão contrastiva, a presença desses elementos linguísticos e as implicaturas que, a depender do contexto, evocam não são suficientes para o bloqueio do significado fonte. Sinalizei acima que a mesma construção em (24) sem os advérbios locativos recebe interpretação de tempo simultâneo (ainda que com inferências de contraste), e cenário parecido se observa em (25), com a exclusão de ambas as expressões locativas e temporais, em uma construção como *Custava uns 30 euros comprar um chip pré-pago sem crédito enquanto que comprei um por 7 euros e já vinha com 5 euros de crédito*. Nessa reformulação hipotética, tem-se, em minha leitura, uma relação em que o locutor observou determinadas condições de compra em determinado lugar (não mencionado, possivelmente pressuposto no contexto) e, nesse mesmo lugar, conseguiu comprar um serviço melhor por um preço também melhor. O processo descrito na oração com *enquanto que*, assim, estaria em relação contrastiva com uma situação já existente durante sua execução e, portanto, concomitante a ele. Faço essa observação para defender que a dissociação entre os estados-de-coisas relacionados em ambas as dimensões do espaço e do tempo é o principal fator que dá suporte aos usos exclusivamente contrastivos de *enquanto* e *enquanto que*. Após discutir os demais exemplos, retomarei esse ponto para discutir implicações maiores que tal dissociação tem para o percurso evolutivo como um todo.

Nos exemplos de (26) a (30), apresento dados representativos da configuração da relação espaço-tempo que tem a maior frequência entre as ocorrências contrastivas, sendo observada em quase 69% desse conjunto de dados, como mostra a Tabela 12 acima. Nesse tipo de contexto, a relação entre os processos no eixo do tempo se dá de forma similar à que destaquei para os exemplos anteriores, instaurando-se uma oposição temporal tipicamente entre um momento anterior e um momento posterior. Em (26), por exemplo, a relação sequencial é marcada tanto por sintagmas nominais que situam no tempo duas ordens sociais distintas (*antiga ordem social escravocrata e senborial* vs *moderna ordem social competitiva*) como pela morfossintaxe verbal, que indica uma correlação modo-temporal pretérito

– presente (*não se defrontava* vs *aos poucos convertem*). Em (27), há desigualdade temporal entre o momento presente, associado ao comportamento do atual presidente dos Estados Unidos, conforme entendimento do autor da postagem, e o intervalo temporal que abarca as últimas décadas, associado na construção a um processo relacional que atribui ao presidente anterior comportamento distinto. A correlação modo-temporal tem novamente papel importante (*está ameaçando* vs *foi*).

Já em (28), relacionam-se dois processos contingentes que acabam indicando distância temporal também por uma relação sequencial, pelo fato de ser possível identificar a localização precisa dos dois intervalos temporais referidos (*todo verão* vs *no resto do ano*). A presença das expressões temporais, sobretudo em posição de tópico em suas respectivas sentenças, é o que permite ler uma relação de sequencialidade; ausentes essas expressões, a interpretação se conformaria a tempo simultâneo, ao invés de sequencial.

A construção em (29), por sua vez, exemplifica contextos em que, apesar de as orações exibirem a mesma morfossintaxe verbal (no caso do exemplo, formas verbais de pretérito perfeito), a relação de sequencialidade permanece, para o que também contribuem as expressões adverbiais (*esse mês* vs *em outubro*).

Por fim, em (30), considero não se estabelecer uma relação sequencial, mas entendo que há distância temporal entre um estado-de-coisas já finalizado e um estado-de-coisas que ainda está em desenvolvimento no momento presente (considerando-se um intervalo de tempo presente mais amplo e sem delimitação precisa).

Enquanto compartilham com os contextos do tipo (i) a distância temporal, que contribui para bloquear o significado fonte, os contextos do tipo (ii), agora em análise, distinguem-se dos primeiros pelo fato de não mostrarem localização precisa no espaço sociofísico, o que parece decorrer do fato de a localização espacial dos estados-de-coisas não ter relevância para a interpretação da relação em pauta. Assim, tais contextos também se diferenciam dos contextos fonte pela ausência de contiguidade espacial entre os processos vinculados. Essa é uma consequência natural do distanciamento entre eles no tempo, já que processos que ocorrem em intervalos temporais distintos não podem ocorrer próximos um ao outro no espaço – o deslocamento no tempo pressupõe aqui o deslocamento no espaço. Ainda que seja uma característica natural dos contextos com *enquanto* (*que*) marcados por distância temporal, é importante entender a diferença entre as construções pertencentes ao tipo (ii) e aquelas que vinculei ao tipo (i), pois a indefinidade da localização espacial dos estados-de-coisas – em oposição ao cenário de espaços sociofísicos distintos, mas ainda delimitados – representa um afastamento ainda maior da dimensão sociofísica – tão saliente nos usos temporais.

De acordo com os dados, o que leva a essa irrelevância da dimensão espacial é a presença de espaços²⁹ e/ou sujeitos e/ou processos abstratizados. Na construção em (26), por exemplo, os sujeitos de cada membro da construção com *enquanto que* não são passíveis de observação concreta no mundo externo, constituindo-se em denominações atribuídas a processos abstratos do funcionamento social. Os processos por eles desempenhados (*defrontar-se com reguladores externos e converter a integração nacional em processo democrático e revolucionário*) também não encontram representação concreta no mundo, ao que se somam domínios espaciais abstratos referidos pelas locuções pronominais *naquela* e *nesta*, que, fazendo referência a intervalos temporais distintos e, assim, contribuindo para a oposição que se estabelece no tempo, também estão associadas a diferentes estruturas sociais.

Já nas construções de (27) a (30), a irrelevância da dimensão espacial para a interpretação da relação emerge essencialmente da maior abstração dos processos em jogo. Opto por me referir à configuração da dimensão espacial nessas construções como não relevante para a interpretação pelo fato de que, embora em algumas o espaço seja de fato indefinido, no sentido de que não é possível identificar onde o processo descrito se desenvolve (tal como mostra (29), em que o lugar onde o locutor realizou as leituras em cada intervalo de tempo é desconhecido – inclusive por não ser necessário para a relação de significado pretendida), em outras há referências locativas, mas elas não participam da interpretação de contraste (como participam nos contextos do tipo (i), por exemplo). Esse é o caso de (27), em que *o mundo* e as próprias referências aos presidentes (*Trump, Biden, americano*) fornecem um contexto para os acontecimentos, mas o país que constitui o cenário de fundo associado à avaliação crítica feita pelo locutor não faz parte da relação opositiva, que está em torno do comportamento dos políticos mencionados.

Nos exemplos (28) e (30), o afastamento do espaço sociofísico fica evidente pela natureza dos processos referidos por *enquanto que*. Tratando-se de processos mentais – expressos pelos verbos *supervalorizar* e *escolher* –, não estão localizados no mundo externo, mas se restringem à consciência dos indivíduos em pauta. Onde esses indivíduos se localizam no espaço durante o tempo em que valorizam traços caucasianos ou fazem determinadas escolhas não é relevante para a relação de contraste.

Por fim, nos contextos ilustrados de (31) a (34), verifica-se a mesma configuração da relação espacial entre os estados-de-coisas, com a ausência de contiguidade no espaço e a irrelevância de sua localização na realidade externa para a expressão contrastiva. A relação temporal, no entanto, se dá em

²⁹ A análise da relação espaço-tempo que proponho neste trabalho para as construções com *enquanto (que)* e *ao passo que* olha para o espaço especificamente sociofísico, de modo que espaços abstratizados, como os que argumento estarem presentes em alguns dos contextos contrastivos, ainda significam, em minha análise, que se trata de construções sem localização espacial definida.

moldes diferentes, não havendo mais uma delimitação precisa dos processos no tempo, como há nos casos de distância temporal. Sugiro que, nos contextos do tipo (iii), a dimensão do tempo, em termos da localização precisa dos estados-de-coisas nesse domínio, também passa a ser irrelevante para a interpretação de contraste, e isso resulta de duas possíveis situações: um ou ambos os processos em relação exibem tempo indefinido, como ilustram (31), (32) e (33), ou estão associados a cenários hipotéticos, construídos, por exemplo, por sentenças condicionais, como em (34). Em ambas as situações, os estados-de-coisas não estão situados em nenhum período de tempo específico, constituindo processos contingentes. A construção da relação de significado, então, está ainda menos ancorada na dimensão sociofísica, pois mostra o maior grau de dissociação observado nos dados entre os estados-de-coisas nos domínios espacial e temporal.

Na construção em (31), a oração introduzida por *emquanto que* faz referência a um processo relacional bem localizado no tempo e no espaço, mas o período com o qual está em relação contém dois enunciados de teor contingente, que caracterizam a ciência e a imaginação de modo incompatível com a forma como o locutor interpreta o que vê. Dessa maneira, não se estabelece uma relação de sobreposição no tempo, como nos contextos fonte – justamente em função da indefinidade temporal de um dos processos da relação – nem uma relação de distância temporal, como nos contextos contrastivos anteriormente analisados, e a relação de contraste não se ancora em informações de tempo, mas em fatores de natureza mais abstrata que discutirei após examinar os exemplos em pauta.

Em (32) e (33), ambas as orações exibem tempo contingente, e o maior distanciamento da realidade sociofísica que atribuo aos contextos em análise pode ser evidenciado também pelo elevado grau de abstração dos sujeitos de ambas as sentenças. Em (32), *melancolia* e *atribuí-la ao cão* correspondem, respectivamente, a um sentimento e um processo de raciocínio altamente abstratos e subjetivos, não localizados no mundo externo e cuja relação contrastiva, conforme moldada no contexto, não depende de serem especificados no eixo do tempo. Já em (33), *capitalismo*, *comunismo* e *socialismo* referem-se a sistemas econômicos, que, embora passíveis de correlação a elementos concretos no mundo, não têm por si só representação física. Os processos a que estão relacionados, *oferecer liberdade* e *escravizar*, correspondem ao que Halliday e Matthiessen (2004) consideram processos materiais de natureza abstrata, no sentido de que se associam a experiências vivenciadas pelos usuários da língua no mundo externo, mas que também não têm representação concreta.

No exemplo em (34), por sua vez, a perífrase relaciona dois processos materiais correlacionados a cenários hipotéticos. O primeiro é formulado por oração condicional prototípica (*se você reagir a um assalto*), ao passo que o segundo é evocado pelo próprio sujeito da oração (*homicida*

confesso). Ao se associarem a situações hipotéticas, que não estão sendo observadas precisamente no momento da enunciação, fica bloqueada uma relação entre tais processos que se baseie em contiguidade espacial e temporal.

Até esse momento, busquei mostrar que os dados sugerem, dos contextos temporais fonte para os contextos exclusivamente contrastivos com *enquanto (que)*, uma mudança substancial no modo como os estados-de-coisas se relacionam em ambas as dimensões do espaço e do tempo. A ausência de concomitância temporal, que é o significado elementar das construções originais, estava dentro de minhas hipóteses iniciais sobre o processo evolutivo, mas a constatação de que está correlacionada à não contiguidade entre os estados-de-coisas também no espaço me leva a propor que a evolução de *enquanto (que)* envolve uma reconfiguração da relação junctiva expressa pelo item que implica um amplo deslocamento da dimensão sociofísica, o que novamente me leva a pressupor como traço característico do significado fonte a proximidade duplamente espacial e temporal (ainda que não categórico nos dados analisados). De tal modo, defendo que essa relação caracteriza-se pelo *partilhamento de um cenário sociofísico comum* entre os estados-de-coisas descritos.

Nos contextos de uso contrastivos, por outro lado, como defendi até aqui, não há mais esse partilhamento. Entendo que isso se dá porque entra em cena um componente de significado essencial às relações de contraste em geral: uma *comparação* pautada em aspectos de desigualdade (RUDOLPH, 1996; SCHWENTER, 1999) e, com ela, a presença de um eixo de significado comum, que guia toda e qualquer relação comparativa, já que o cotejo entre duas entidades ou dois processos pressupõe que sejam considerados e avaliados à luz de um mesmo parâmetro, a partir do qual aspectos de similaridade e/ou divergência são reconhecidos, de maneira mais ou menos subjetiva a depender do que está em foco.

O parâmetro comum que guia o processo de comparar e opor nas relações de contraste recebe um tratamento sistemático em trabalhos de Lang (1984, 2000), no âmbito de sua proposta teórica sobre a semântica da coordenação. Segundo o autor, a noção de *integrador comum* é central para o entendimento do processo de formulação e interpretação das relações contrastivas, particularmente aquelas de natureza coordenativa, pois os significados dos membros dessas relações estão intimamente relacionados um ao outro, configurando-se em diferentes instâncias do integrador comum que justifica a junção (cf. Capítulo 2). Para exemplificar a noção de integrador comum nas construções em análise, apresento em (35) mais um dado de *enquanto (que)* contrastivo. A construção compara e opõe a posição de diferentes gerações em relação a um mesmo evento social.

(35) A geração dos nossos pais adorava receber visita, **enquanto** a nossa geração 28+ detesta com todas as forças. (COMP, 13)

A percepção subjetiva de cada uma das gerações em pauta em relação ao evento socialmente instituído de receber visitas em casa constitui o integrador comum que fundamenta a conexão. O partilhamento desse integrador comum, a partir do qual a comparação e a oposição são estabelecidas, pode ser evidenciado por diversos elementos linguísticos presentes na construção. Primeiramente, as formas verbais cumprem papel crucial, ao terem inerentes a seu significado atitudes subjetivas de apreciação (*adorava*) e desagrado (*detesta*) – sendo a última enfatizada pela expressão adverbial *com todas as forças*. A carga subjetiva dos verbos que exprimem os processos mentais postos em contraste confirma que o integrador comum diz respeito à percepção subjetiva das diferentes gerações. Também colocam em evidência a existência de um integrador comum o termo *geração*, que é partilhado entre os sujeitos de ambas as orações, e a elipse do complemento do verbo *detestar* na segunda oração. Conforme Quirk *et al.* (1985), o compartilhamento de material linguístico normalmente reflete compartilhamento de significado, sendo processos de elipse e a presença de expressões lexicais comuns marcas linguísticas que frequentemente indiciam esse partilhamento.

Ainda que os elementos linguísticos que entram em oposição na construção – *geração dos nossos pais* vs *nossa geração*, *adorava* vs *detesta* – e as marcas que indicam partilhamento de significado sejam substanciais para a expressão de contraste, a distância temporal é fator imprescindível. Em uma construção hipotética que não apresente correlação modo-temporal que instaure esse distanciamento, a relação estabelecida por *enquanto* seria temporal: *a geração dos nossos pais adora receber visita, enquanto a nossa detesta com todas as forças*. Nessa reformulação, ainda estão sendo comparados e postos em oposição processos mentais, mas a correlação modo-tempo circunscreve a interpretação a uma relação em que esses processos são concomitantes em um período de tempo presente, no sentido de que as atitudes subjetivas associadas a cada geração podem ser atestadas no momento da produção do enunciado, ao passo que, na construção original, o valor temporal fonte fica bloqueado em decorrência da relação temporal marcada pela morfossintaxe verbal pretérito vs presente (*adorava* vs *detesta*).

A existência de um integrador comum, que defendo ser propriedade elementar das construções de contraste com *enquanto* (*que*), pressupõe o compartilhamento de um *cenário discursivo comum*, que não existe na dimensão sociofísica, mas sim no universo subjetivo dos usuários da língua. Assumo, em harmonia com Sweetser (1991) e Schwenter (1999), que as relações de contraste não existem objetivamente no mundo, mas são criações subjetivas fundadas em conhecimento de mundo, valores

culturais e, sobretudo, crenças particulares dos sujeitos que experienciam relações diversas com a língua e com a realidade externa em que vivem.

Tem-se aqui, portanto, um aspecto importante de distinção entre as construções fonte e as construções de contraste em emergência. Nas primeiras, como argumentei anteriormente, há um cenário sociofísico que é comum a ambos os processos em relação, ao passo que, nas novas construções, os processos não compartilham um cenário sociofísico, mas sim um integrador comum que é sempre, em meu entendimento, subjetivamente estabelecido nas relações de contraste, à medida que representa, de um lado, um recorte de processos experienciados pelo locutor – que é quem escolhe relacionar e comparar determinados processos e não outros – e, de outro, a percepção de uma relação conflituosa entre eles. Mesmo quando o contraste se dá entre processos materiais – como no exemplo (25) anteriormente apresentado, em que o locutor contrasta o processo de compra de um chip de celular em diferentes lugares e intervalos de tempo –, o componente subjetivo de significado que está na base da criação de um integrador comum ainda está atuando, uma vez que há a escolha do locutor em comparar e opor as duas experiências que teve com o mesmo processo e colocá-las como instâncias de um mesmo cenário discursivo, no âmbito do qual seu principal objetivo comunicativo é expressar sua *avaliação* da relação entre as duas experiências de compra. No dado, o teor avaliativo e subjetivo da relação fica evidente no próprio enunciado que precede a construção com *enquanto que: lembro que me surpreendi com a falta de conectividade na Alemanha*. O verbo *lembrar* deixa evidente a recuperação de experiências pessoais, apenas acessíveis na própria consciência do sujeito, enquanto *surpreendi* carrega forte teor emocional e evidencia que a relação entre os processos materiais em jogo é subjetivamente avaliada.

Proponho que o trânsito de um cenário sociofísico comum para um cenário discursivo comum está associado a uma mudança também no papel cumprido pela oração *-enquanto (que)*, no nível do texto. Defendi que, ao abrir um intervalo temporal em que um estado-de-coisas atua como cenário de fundo para outro estado-de-coisas, essa oração desempenha uma função mais *descritiva* ou *narrativa*, a depender do contexto. Ao passar a referir um processo que, na relação de significado, atua como instância de um integrador comum e faz parte de uma manobra de comparação de natureza contrastiva, assumo que a oração *-enquanto (que)* cumpre uma função mais *argumentativa*, sobretudo por encabeçar tipicamente o segundo membro da relação (cf. discussão adiante), que, nas relações de contraste do português e de diversas outras línguas, tem maior peso comunicativo (DUCROT, 1977; LANG, 1984, 2000; LONGHIN *et al.*, 2019). Em todos os contextos de contraste encontrados nos dados, a construção

com *enquanto* (*que*) envolve de algum modo atitudes subjetivas, que deixam explícita a função argumentativa da oração-*enquanto* (*que*).

Com frequência, essas atitudes podem ser claramente identificadas na própria construção ou no contexto maior, a partir de elementos linguísticos diversos, tais como verbos cuja própria semântica associa processos comportamentais e mentais a atitudes avaliativas positivas ou negativas (*me surpreendi*, em 35, *supervalorizar*, em 28, *maltratar*, em 24), marcadores de implicatura escalar (*só*, em 24), expressões adverbiais (*desesperadamente*, em 28), advérbios aspectuais (*já*, em 29), nomes com atitudes avaliativas inerentes a sua semântica (*problema*, em 24, *refém*, em 33, *maldita*, em 34), recursos gráficos (ponto de exclamação, em 33, ou uso de letras maiúsculas, em 30) ou mesmo predicados inteiros que tecem o posicionamento do locutor (*O Brasil não é lugar de se viver*, em 34).

As mudanças na relação de significado expostas até aqui se refletem também nas configurações pragmática, prosódica e morfossintática das construções de contraste com *enquanto* (*que*). Nas construções temporais, a ausência de simetria pragmática vai ao encontro do papel secundário³⁰ da oração-*enquanto*, uma vez que, constituindo um cenário de fundo para um processo principal, o processo descrito por essa oração é semântica e pragmaticamente dependente do principal. Em contrapartida, nas construções contrastivas, os dados sugerem simetria pragmática e prosódica entre as orações, que avaliei novamente em termos de forças ilocucionárias e fronteiras prosódicas. A seguir, em (35a) e (35b), exemplifico a análise das forças ilocucionárias a partir da construção apresentada em (35) acima.

(35a) Negação: Não é verdade que a geração dos nossos pais adorava receber visita, **enquanto** a nossa geração 28+ detesta com todas as forças.

(35b) Pergunta: É verdade que a geração dos nossos pais adorava receber visita, **enquanto** a nossa geração 28+ detesta com todas as forças?

Em minha análise, os testes de negação e pergunta, conforme (35a) e (35b), resultam em construções que não soam naturais para falantes nativos do português brasileiro. Principalmente, a extensão da oração-*enquanto* desfavorece uma leitura natural, pois parece improvável na língua uma construção em que duas orações com extensão relativamente grande sejam postas sob o escopo da

³⁰ Aqui, me refiro ao papel da oração-*enquanto* como secundário no sentido de que essa oração não apresenta a principal informação que o locutor deseja veicular. Deve-se ter em mente, no entanto, a relevância de se apresentar um cenário de fundo para o processo que está em primeiro plano no âmbito dos objetivos comunicativos. A escolha por situar um processo principal no âmbito de um processo de fundo não é gratuita.

mesma pergunta ou da mesma negação da forma como se observa nos testes. Apesar de ter conduzido a análise a partir de reformulações dos testes originalmente propostos por Mauri (2008a) com base em Cristofaro (2003) (cf. Capítulo 3), entendo que ainda mais ajustes seriam necessários, principalmente pelo fato de os exemplos fornecidos pela autora se restringirem a construções coordenadas de combinação e apresentarem sentenças relativamente pouco complexas (em termos de sua extensão) em cada membro da construção, sendo ambos os aspectos diferentes do que se observa nas construções de contraste com *enquanto (que)*. Nessas construções, de acordo com o que pude observar nos dados, a oração-*enquanto (que)* com frequência exibe amplo conjunto de informações, o que resulta em uma maior extensão da sentença. Reapresento a seguir, com a mesma numeração, dois exemplos já expostos anteriormente para que esse aspecto seja observado.

(25) Lembro que me surpreendi com a falta de conectividade na Alemanha em 2019, pois custava uns 30 euros comprar um chip pré-pago sem crédito **enquanto que** em 2018 comprei um na Finlândia por 7 euros e já vinha com 5 euros de crédito. (COMP, 12)

(26) A diferença entre a antiga ordem social escravocrata e senhorial e a moderna ordem social competitiva é que, naquela, a apropriação não se defrontava com reguladores externos de real eficácia, **enquanto que**, nesta, o mercado, os níveis de vida e de salário, a competição e o conflito (de início polarizados apenas pelo movimento sindical), a consciência operária e a solidariedade de classes (que emergem gradualmente), a participação política reivindicativa e inconformista dos setores pobres e assalariados etc. aos poucos convertem a “integração nacional” em um processo democrático e revolucionário, que pelo menos destrói barreiras sociais arcaicas e introduz “niveladores sociais de classe”. (20-2/21REBB, 251)

Em (25), por exemplo, a oração introduzida por *enquanto que* faz parte de uma construção maior que contém duas orações em relação de combinação. A segunda oração dessa construção soma à oração com *enquanto que* mais uma informação que reforça a melhor experiência de compra do locutor na Finlândia em relação à pela qual passou na Alemanha.

Já em (26), tanto o sujeito como o predicado da oração que *enquanto que* inicia são consideravelmente extensos. O sujeito é composto por uma lista de vários fatores que levam à mudança em direção a um processo mais democrático e revolucionário, e o predicado, já complexo pelo fato de *processo* ser modificado por dois qualificadores (*democrático* e *revolucionário*), ganha ainda maior complexidade e, por consequência, extensão a partir da inclusão de uma construção relativa, que, por sua vez, também faz parte de período complexo.

Nos demais exemplos apresentados, é também possível observar a maior complexidade e extensão da oração-*enquanto (que)* contrastiva em relação à oração-*enquanto (que)* temporal. Ainda que

não sejam tão extensas como aquelas em (25) e (26), diversas informações suplementares são integradas, tais como as próprias referências temporais que têm papel importante para a expressão contrastiva (cf., por exemplo, *há décadas*, no dado 27, e *no resto do ano*, em 28) – ou expressões modalizadoras, como *na verdade* em (30).

Apesar de considerar importante reconhecer que os testes não mostraram boa aplicação para todos os dados e buscar identificar os fatores que contribuíram para isso, acredito que, nos dados contrastivos que apresentam construções menos complexas em termos de sua composição, foi possível avaliar a presença ou ausência de força ilocucionária com base nos testes. As próprias construções hipotéticas em (35a) e (35b), embora não sejam construções de pergunta e negação que seriam naturais no português, permitem, com algum esforço, leituras em que ambos os membros da relação são desafiados por cada um dos testes. Em (24ab) e (34ab), a seguir, mostro a análise da força ilocucionária para os exemplos (24) e (34), que, com a aplicação dos testes, parecem resultar em construções mais naturais.

(24a) Negação: Não é verdade que [há] médicos com muita didática e pouca experiência vendendo uma imagem bonita nas entrevistas **enquanto que** no hospital maltratam pacientes.

(24b) Pergunta: É verdade que há médicos com muita didática e pouca experiência vendendo uma imagem bonita nas entrevistas **enquanto que** no hospital maltratam pacientes? Ou: Há médicos com muita didática e pouca experiência vendendo uma imagem bonita nas entrevistas **enquanto que** no hospital maltratam pacientes?

(34a) Negação: Não é verdade que, se você reagir a um assalto, [é] capaz de ir preso, **enquanto que** homicida confesso sai pela porta da frente da delegacia.

(34b) Pergunta: Não é verdade que, se você reagir a um assalto, capaz de ir preso, **enquanto que** homicida confesso sai pela porta da frente da delegacia? Ou: Se você reagir a um assalto, [é] capaz de ir preso, **enquanto que** homicida confesso sai pela porta da frente da delegacia?

Em minha análise, em ambas as construções, a negação e a pergunta alcançam as duas orações, de modo que, em (24ab), o que seria questionado ou negado é tanto o comportamento dos médicos nas entrevistas como seu comportamento nos hospitais, e, em (34ab), tanto o cenário hipotético de reação a um assalto, atrelado à sua consequência, como a possibilidade de alguém responsável por um homicídio não ser penalizado são alvo da pergunta e da negação. A aplicação das manobras a ambos os membros da relação permite defender a simetria pragmática dessas construções e atestar que estão alicerçadas em uma relação comparativa, pois, se ambas as orações são desafiadas, o que é contestado ou questionado é a própria comparação empreendida, e não cada sentença de maneira individual.

No nível prosódico, por sua vez, a análise sugere que, na totalidade das construções contrastivas, formam-se fronteiras prosódicas entre a oração-*enquanto* (*que*) e a oração principal, configurando-se, portanto, um cenário de simetria prosódica, em que cada oração é autônoma também nesse nível de análise. Para exemplificação, reapresento o dado em (35) em (35c), com a análise de suas frases entoacionais e enunciados fonológicos.

(35c) [[A geração dos nossos pais adorava receber visita]]U [enquanto a nossa geração 28+ detesta com todas as forças]]U

Como busco mostrar na representação da configuração prosódica, ambas as orações formam tanto frases entoacionais como enunciados fonológicos independentes. A existência de frases entoacionais próprias pode ser confirmada pela configuração de contornos entoacionais que se relacionam, mas são independentes. Essa independência fica evidente pela própria possibilidade de pausa entre as orações. O aspecto anteriormente mencionado sobre a extensão da oração com *enquanto* (*que*) e da oração com a qual está em relação também contribui para a independência prosódica de cada uma. Em (35), ainda que não seja observado um caso de grande extensão das sentenças, o acréscimo de determinadas informações confere a cada membro da relação complexidade informacional e extensão suficientes para sua independência sintático-semântica e, por consequência, prosódica. A própria caracterização de cada geração a partir de *dos nossos pais* e *28+* e a expressão intensificadora *com todas as forças* garantem uma maior extensão e complexidade para as sentenças, sendo, juntamente com os verbos, como já mencionado, essenciais para a formulação de oposição.

Em outros contextos analisados anteriormente, as expressões temporais, que marcam de maneira importante a relação opositiva, são também, juntamente com os outros elementos, fatores importantes para a independência sobretudo semântica de cada oração, já que contribuem para associar cada uma a um intervalo temporal específico. Observa-se, assim, a relação estreita entre os níveis semântico-pragmático e prosódico, com sequências segmentais mais complexas e extensas resultando em maior independência semântica e, por consequência, independência prosódica em termos de frases entoacionais e enunciados fonológicos.

No âmbito da morfossintaxe, é possível entrever mudanças em relação às construções originais fonte, sendo a correlação modo-temporal o aspecto de distinção que se mostra mais significativo em relação às temporais. Em tais construções, conforme 4.1, a relação modo-tempo instanciada pelos verbos de cada membro da construção fornece instruções para a interpretação de uma relação de

simultaneidade, havendo grande variedade na morfossintaxe verbal. Nos dados, duas são as situações mais frequentes, uma em que ambos os segmentos contêm formas verbais indicativas de tempo presente e outra em que a oração-*enquanto* se associa a formas de pretérito imperfeito e a outra oração contêm formas de pretérito perfeito. Já nas contrastivas, a variação na morfossintaxe verbal é ainda maior, mas há regularidade na configuração das relações modo-tempo caracterizadas por distância temporal, que dão instruções principalmente para a interpretação de tempo sequencial, que, como discutido, é decisivo para a expressão contrastiva.

Já considerando distribuição sintática das orações e a relação entre os sujeitos, as diferenças são mais singelas, pois os contextos contrastivos preservam a tendência, observada nos contextos temporais, à posposição da oração-*enquanto* (*que*) e à não correferencialidade entre os sujeitos, como mostram, respectivamente, as Tabelas 13 e 14 a seguir.

Tabela 13 – Disposição sintática da oração-*enquanto* nos contextos contrastivos

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Oração- <i>enquanto</i> anteposta	-	-	-	0/2	0/1	2/19 (10,5%)
Oração- <i>enquanto</i> posposta	-	-	-	2/2 (100%)	1/1 (100%)	17/19 (89,5%)

Fonte: autoria própria.

Tabela 14 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos contrastivos com *enquanto* (*que*)

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Sujeitos correferenciais	-	-	-	0/2	0/1	4/19 (21,1%)
Sujeitos não correferenciais	-	-	-	2/2 (100%)	1/1 (100%)	15/19 (78,9%)

Fonte: autoria própria.

A Tabela 13 mostra que a posposição da oração-*enquanto* (*que*) é quase categórica nas construções contrastivas, como é possível observar nos exemplares apresentados ao longo desta seção. No estado de língua mais recente, encontrei nos dados dois usos de *enquanto* que apresentam todas as propriedades típicas associadas aos usos contrastivos do item, com exceção da distribuição sintática, que, nas construções de contraste típicas do português brasileiro, caracteriza-se pela posposição da

oração encabeçada pelo juntor (LONGHIN *et al.*, 2019). Ainda que essas duas ocorrências não mostrem a disposição sintática típica, optei por mantê-las entre os contextos contrastivos tendo em vista a primazia do nível do significado na análise. São construções essencialmente marcadas pela distância temporal típica dos usos contrastivos. Apresento-as a seguir, em (36) e (37).

(36) Os tempos mudaram, tanto interna quanto externamente. Além «disso, **enquanto** a dominação senhorial era relativamente monolítica, a dominação burguesa surge como uma composição de poder heterogênea (com uma base nacional e outra internacional). (20-2/21REBB, 257)

(37) (...) e **enquanto** a dominação senhorial não se defrontava com uma pressão sistemática das massas populares, a dominação burguesa identificou esta pressão como o seu inimigo principal. (20-2/21REBB, 258)

Como uma leitura em termos do significado fonte está completamente bloqueada, admito que constituem construções de contraste com *enquanto* menos prototípicas, o que é esperado no âmbito de construções que ainda estão em processo de constituição. As próprias construções contrastivas com *enquanto (que)* que, neste trabalho, considero prototípicas (no âmbito dessa trajetória em particular), por mostrarem características contextuais específicas e distintas daquelas relacionadas às construções fonte, também não se conformam a todos os aspectos usualmente atribuídos às construções de contraste. A correlação modo-temporal, por exemplo, em construções contrastivas típicas, tende a se caracterizar por paralelismo entre os tempos verbais (MAURI, 2008a; LONGHIN, 2016a), cenário que difere daquele observado nos usos contrastivos de *enquanto (que)*, que, como é possível depreender da Tabela 12 acima, em quase 80% dos casos exibem distância temporal, evidenciada por assimetrias na configuração modo-tempo de cada membro da relação. Assim, a análise conduzida nesta pesquisa foi guiada pelos critérios definidos como prioritários e pelo universo de investigação, que, ao contemplar instâncias de mudança ainda em progresso, interessa caracterizar à luz de seu estado atual de desenvolvimento.

Embora os exemplares dos contextos fonte também indiquem tendência à posposição e, por isso, não seja possível identificar uma grande diferença em tal aspecto entre a configuração desses contextos e as novas construções, não se pode deixar de notar que, nos primeiros, há uma maior distribuição entre as frequências de anteposição e posposição (cf. Tabela 9, p. 102), ao passo que, nas construções contrastivas, a posposição é quase categórica. Mesmo no último estado de língua investigado, os casos de anteposição da oração-*enquanto* representam 20% dos usos exclusivamente temporais, ultrapassando 30% nos demais períodos, o que evidencia, mesmo em face da notável

tendência à posposição, que esses usos estão associados à anteposição com maior frequência do que os contrastivos.

No que se refere à relação entre os sujeitos, a Tabela 14 permite observar situação similar, em que a forte tendência à não correferencialidade já observada nos contextos temporais – sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII (cf. Tabela 10, p. 103) – se mantém nos usos contrastivos. Particularmente em tais usos, a presença de sujeitos distintos contribui, de forma importante, para dar suporte à interpretação contrastiva, na medida em que constituem, em muitos casos, um dos pilares da relação de oposição. No dado (27)³¹ discutido anteriormente, por exemplo, Biden e Trump são elementos nucleares da comparação a partir da qual a relação opositiva emerge. Quando os sujeitos são correferenciais, como no dado (28)³², a construção requer outros elementos para que seja possível a leitura contrastiva, que, nos dados, são majoritariamente expressões adverbiais locativas ou temporais.

Na maior parte dos casos, essas expressões aparecem em posição tópica, precedendo os itens que ocupam a posição argumental de sujeito, tal como em (28). Assim, em desdobramentos futuros da análise, entendo ser interessante olhar não apenas para a correferencialidade (ou sua ausência) entre os sujeitos em posição argumental, mas, de maneira mais ampla, para qualquer elemento do contexto que esteja em posição tópica, já que esse espaço pode ser preenchido tanto por sujeitos que atuam como argumentos verbais como por elementos de outra natureza, tais como as expressões de espaço e/ou tempo.

A não correferencialidade entre sujeitos em posição argumental ou entre outros elementos em posição tópica é fator favorável à formação de fronteiras prosódicas entre as orações, pois contribui para a formação de contornos entoacionais próprios e a completude semântica das orações, favorecendo, por consequência, frases entoacionais e enunciados fonológicos autônomos.

A constituição de uma relação de comparação, no nível do significado, com a consequente configuração de um integrador comum à luz do qual se projetam pares de opostos e no âmbito do qual a oração-*enquanto* (*que*) passa a cumprir função argumentativa, e não mais descritiva ou narrativa, requer a mobilização de uma estrutura prosódica e morfossintática que reflita a maior independência semântico-pragmática das orações, já que perfilam diferentes instâncias em comparação. Para que duas

³¹ (27) Os identitários vibraram com a queda de Trump e com a eleição de Biden, o "democrata, liberal, tolerante" que está ameaçando o mundo com uma guerra nuclear, enquanto que Trump foi o 1º presidente americano há décadas a não iniciar nenhuma guerra. (COMP, 4)

³² (28) Todo verão pessoas brancas lutando desesperadamente pra pegar uma "cor" sem ter melanina pra isso enquanto que no resto do ano supervalorizam os traços caucasianos - Uma análise crítica social da branquitude brasileira. (COMP, 5)

entidades ou dois processos sejam comparados, sua dissociação é necessária – uma relação comparativa tem de ser, ao menos, binária. No domínio da prosódia, essa independência se manifesta nas fronteiras prosódicas, que têm em sua base estruturas morfossintáticas constituídas por sujeitos e/ou elementos tópicos independentes.

Para além de manifestações da independência semântico-pragmática – aspecto mais associado ao componente de desigualdade das relações de contraste – encontram-se também, nos níveis prosódico e morfossintático, reflexos do componente de similaridade que é também inerente a toda e qualquer relação contrastiva, tendo em vista o eixo comum de significado que justifica a junção. Na leitura de construções de contraste com *enquanto (que)*, falantes nativos do português brasileiro certamente atribuirão a cada segmento da construção contornos entoacionais próprios, mas que se relacionam entre si, do mesmo modo que, no âmbito da morfossintaxe, haverá com frequência nessas construções algum tipo de compartilhamento de material linguístico, em função do compartilhamento de significado.

Tendo caracterizado as construções de contraste com *enquanto (que)* a partir dos traços típicos que exibem nos dados, passo a focalizar os contextos *bridging*, buscando reconstruir o trânsito de contextos fortemente ancorados nas dimensões do espaço e do tempo para contextos caracterizados por deslocamento dessas dimensões.

4.3 As construções temporal-contrastivas com *enquanto (que)*

Em todos os contextos *bridging*, *enquanto (que)* ainda atua como conectivo temporal estabelecendo a relação de simultaneidade fonte (SIDUR, cf. 4.1). A relação entre os processos descritos, no entanto, não se restringe à sua concomitância temporal, mas contém também o componente de significado que é elementar às relações contrastivas: a *comparação* fundada em traços de desigualdade (cf. 4.2). Essa relação temporal-comparativa pode ser mais ou menos subjetiva a depender da natureza dos processos em jogo, como discutirei em momento oportuno. Ainda assim, mesmo nos casos em que o contexto envolve processos associados às experiências externas, o elemento comparativo por si só representa enriquecimento de significado para a evolução rumo a contraste, pois resulta do processo cognitivo – e sempre subjetivo – de relacionar experiências e confrontá-las à luz de aspectos de divergência. O ganho desse componente de significado resulta em uma reorganização semântico-pragmática de toda a construção, com consequências para as configurações prosódica e morfossintática.

No âmbito do significado, o que possibilita um processo de comparação e confere contornos contrastivos ao contexto são elementos linguísticos, de natureza diversa, que instauram pares de opostos, e fatores cognitivos e interacionais, como conhecimento de mundo, crenças subjetivas, crenças sobre as informações pragmáticas dos interlocutores, conhecimento sobre a situação comunicativa e as tradições culturais e discursivas a que se associa, conforme será possível observar nos exemplos discutidos adiante.

Apesar de o elemento comparativo estar disponível no conjunto total dos contextos *bridging*, a evolução diacrônica desses contextos nos dados evidencia tendências de reconfiguração em relação ao tipo de processo descrito na oração-*enquanto* (*que*) e ao tipo de relação que se estabelece entre os estados-de-coisas nas dimensões espacial e temporal. Para as construções temporais, conforme Seção 4.1, os dados sugerem um cenário de relativa estabilidade em ambos os aspectos, estabilidade que, como discutido, aponta para tendências que elucidam características típicas das construções fonte. Na Tabela 7 e na Tabela 8, apresentadas anteriormente, observam-se, respectivamente, a tendência de a oração-*enquanto* se referir a processos materiais e a tendência de os processos descritos se desenvolverem com contiguidade duplamente temporal e espacial.

Para as construções temporal-contrastivas, por outro lado, as tendências observadas nos dados não sugerem estabilidade, mas remodelações a partir das quais é possível apreender processos de constituição graduais em torno do significado de contraste. Para dar início à discussão dos contextos *bridging*, apresento a seguir, na Tabela 15, sua distribuição longitudinal em termos dos tipos de processos a que a oração-*enquanto* (*que*) se refere. Como destaque na tabela, de 18-2 a 20-2/21, observa-se uma redução significativa na frequência em que a oração-*enquanto* (*que*) se refere a processos materiais, redução que é acompanhada pelo aumento na frequência de sua associação a processos de comportamento, de 20%, em 19-1, a 38,3%, em 20-2/21 – ainda que ocorra uma redução em 20-1, possivelmente decorrente de aspectos contingentes dos dados. No grupo dos processos mentais, por sua vez, a tabela mostra maior variação, com um cenário marcado por crescimento de frequência seguido de nova diminuição de um estado de língua a outro. Já a associação da oração-*enquanto* (*que*) aos demais processos é atestada nos dados com menor frequência. Entre os três tipos menos frequentes, os relacionais têm maior número de exemplares do que os verbais e existenciais.

Tabela 15 – Tipos de processo nas construções temporal-contrastivas com *enquanto (que)*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Material	-	6/7 (85,7%)	7/15 (46,6%)	15/29 (51,7%)	16/30 (53,3%)	11/34 (32,4%)
Comportamental	-	0/7 (0%)	3/15 (20%)	8/29 (27,6%)	4/30 (13,3%)	13/34 (38,3%)
Mental	-	1/7 (14,3%)	3/15 (20%)	4/29 (13,8%)	6/30 (20%)	3/34 (8,8%)
Verbal	-	0/7 (0%)	0/15 (0%)	0/29	0/30 (0%)	1/34 (2,9%)
Relacional	-	0/7 (0%)	1/15 (6,7%)	2/29 (6,9%)	4/30 (13,4%)	3/34 (8,8%)
Existencial	-	0/7 (0%)	1/15 (6,7%)	0/29 (0%)	0/30 (0%)	3/34 (8,8%)

Fonte: autoria própria.

Tendo em vista que os processos comportamentais compreendem manifestações externas de processos de consciência, estabelecendo uma espécie de vínculo entre as experiências internas e externas, caracterizam-se por graus de abstração e subjetividade mais elevados do que os processos materiais, como já mencionei anteriormente. Com isso em mente, reorganizei os dados fornecidos pela Tabela 15 a partir da consideração conjunta dos processos comportamentais e mentais, a fim de avaliar em que medida os processos referidos por *enquanto (que)* mostram, diacronicamente, natureza mais subjetiva. Na Tabela 16, apresentada adiante, estão os resultados dessa reorganização. Na sequência, o Gráfico 2 sistematiza os dados da tabela a partir de representação gráfica que permite melhor visualização das tendências. Não repito na tabela e na figura as frequências dos processos verbais, relacionais e existenciais, dada sua importância qualitativa e quantitativamente menor para a compreensão do percurso evolutivo.

Como fica evidente sobretudo no Gráfico 2, a diacronia dos contextos temporal-contrastivos caracteriza-se pela inversão nos tipos de processos mais frequentemente descritos na oração encabeçada por *enquanto (que)*. Em 18-2, essa oração faz referência a experiências vivenciadas na realidade externa em 85,7% dos dados, ao passo que refere experiências fundadas na consciência dos indivíduos – com ou sem manifestações concretas no mundo – em apenas 14,2% dos exemplares representativos do período. De 19-1 a 20-1, a distribuição entre os dois grupos de processos se torna

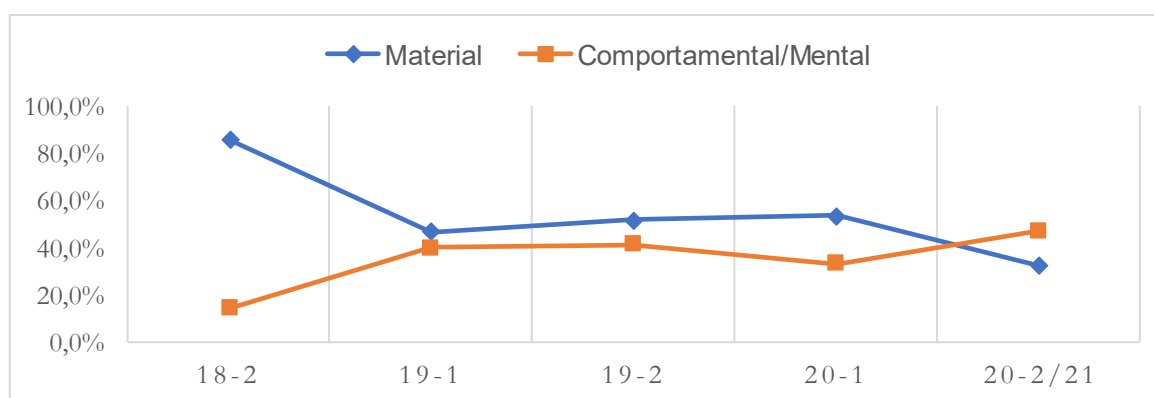
mais balanceada, de modo que a oração-*enquanto (que)* já se associa com maior frequência a processos com maior grau de abstração. Em 20-2/21, a situação torna-se reversa, e o conjunto de usos em que o processo referido por *enquanto (que)* é comportamental ou mental passa a ser maior do que o conjunto caracterizado pela referência a processos materiais. Para discutir a importância dessa alteração para o percurso evolutivo, passo à análise qualitativa dos dados, a partir dos exemplares de (38) a (43), apresentados após o Gráfico 2. Categorizo os exemplos com base nos tipos de processos.

Tabela 16 – Tipos de processos mais típicos nas construções temporal-contrastivas com *enquanto (que)*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Material	-	6/7 (85,7%)	7/15 (46,6%)	15/29 (51,7%)	16/30 (53,3%)	11/34 (32,4%)
Comportamental/ Mental	-	1/7 (14,2%)	6/15 (40%)	12/29 (41,3%)	10/30 (33,3%)	16/34 (47,1%)

Fonte: autoria própria.

Gráfico 2 – Tipos de processos mais típicos nas construções temporal-contrastivas com *enquanto (que)*



Fonte: autoria própria.

Processos materiais

(38a) Supponhamos que se poz defronte da caldeira, que sequer encher, a gol Ia de taboa. Põem-se nos dous lados da boca do forno dous poiaes. Sobre estes sobem dous serventes, e lanção água de cal na caldeira **em quanto** outros trazem água de cal em celhas, segurando-as pelas azas. (18-2FBI2, 20)

(38b) A Bruxa, por influencia suggestiva da loucura de Marcianna, piorou do juízo e tentou incendiar o cortiço. **Emquanto** os companheiros o defendiam a unhas e dentes, ella, com todo o disfarce, carregava palha e sarrafos para o numero 12 e preparava uma fogueira. (19-2OCOR, 87)

Processos comportamentais

(39a) Fabricio pois falia: as Sras. embebem nelle seos olhos, e o applaudem; **em quanto** Augusto servindo-se de um prato de grosso incitado, affecta prestar pouca attenção ao seo acusador. (19-1MORE, 17)

(39b) Crime é você ficar o dia inteiro à toa, **enquanto** eu, que sou a mais frágil, eu, que sou mulher, ficar me matando em dois empregos. (20-2/21COBR, 43)

Processos mentais

(40a) Fingirei obedecer a vossos caprixos, e somente zombarei delles : ah!...,, muitas vezes alguma de vós, quando me ouve dizer «sois encantadora» está dizendo comsigo «elle me adora» **em quanto** eu digo também comigo : «que vaidosa! (19-1MORE, 16)

(40b) Vês tu como as cousas são ? Aquelle homem de bem (que não merece outro nome) vae comer os feijões n'uma bandeja de paa, á laia de porco ou carneiro; **enquanto que** o Sr. Immediato e outros que taes, vão gozar bons bocados á mesa do Commandante. (19-2APRO, 15)

Processos verbais

(41) O professor Josué era novato na terra, trazido por Enoch quando fundara o colégio, Apesar de ter-se imediatamente adaptado, de freqüentar a Papelaria Modelo e o Bar Vesúvio, de aparecer nos cabarés, de discursar nas festividades, de cear em casas de mulheres, ainda desconhecia muitas das histórias de Ilhéus. E **enquanto** os outros discutiam o artigo do Diário, João Fulgêncio contou-lhe o sucedido entre o coronel Coriolano e Tônico Bastos pouco antes da vinda de Josué para a cidade, quando o coronel pusera casa para Glória. (20-2/21GACC, 172)

Processos relacionais

(42) ella é o amor de meo coração, **em quanto** todas as outras são o divertimento de meos olhos, e o passa-tempo de minha vida. (19-1MORE, 18)

Processos existenciais

(43) Ao pensamento que se resume aqui imperfeitamente seria do Governo preciso um talento oratório consumado para empolgar, como chegou a empolgar, o público numeroso que se acotovelava nas galerias ou no recinto, **enquanto** outra multidão permanecia nos corredores ou até nas imediações da Casa para saudar o Deputado. (20-2/21HGCB, 212)

Como se pode observar em (38a) e (38b), a relação que *enquanto (que)* ajuda a estabelecer entre experiências ancoradas na realidade externa pode ser mais objetiva ou mais subjetiva, o que depende de o contexto veicular explicitamente ou evocar inferências de atitudes subjetivas, que podem estar associadas a indivíduos ou situações descritos nas orações em relação e/ou ao próprio produtor do

enunciado. Na maioria dos contextos temporal-contrastivos, atitudes subjetivas fazem parte, de algum modo, da interpretação, sendo poucos aqueles que envolvem uma comparação de natureza mais objetiva. Ainda que sejam absolutamente possíveis relações de comparação objetivas – tal como (38a), em que estão sendo comparados e opostos procedimentos e funções associados a diferentes grupos de indivíduos –, a subjetividade inerente ao processo cognitivo de comparação certamente contribui para uma tendência a interpretações subjetivas dos elementos ou processos em comparação e/ou mesmo da relação entre eles. Nos dados, expressões indicativas de subjetividade tendem a estar presentes na própria construção ou no contexto linguístico maior. Em (38b), por exemplo, *Bruxa*, no período anterior à construção com *enquanto*, é expressão lexical que evoca representações negativas de mulheres em diferentes tempos e sociedades, sugerindo avaliações do próprio escrevente sobre o estado-de-coisas descrito no segundo membro da construção e delimitando o conjunto de interpretações possíveis por parte do leitor.

Como sinalizei em momento anterior (cf. 4.1), a categoria dos processos comportamentais é a menos bem delimitada, o que se justifica pelo próprio fato de se situar na fronteira entre os processos materiais e mentais. Na análise, dei prioridade para a forma como o contexto e a relação entre as orações se moldam para categorizar os tipos de processos associados à oração com *enquanto (que)*, de modo que, em alguns casos, como (39b), processos tipicamente materiais na teoria da experiência proposta de Halliday e Matthiessen (2004) foram analisados como comportamentais.

Como julgo ser possível perceber nos exemplos (39a) e (39b), a principal diferença entre contextos associados a processos materiais e aqueles voltados a processos de comportamento está no fato de que, no último caso, atitudes subjetivas estão inscritas no próprio verbo ou locução verbal, ao passo que, nos primeiros, a oração-*enquanto (que)*, ainda que se relacione com frequência a atitudes subjetivas depreendidas pelo contexto linguístico ou extralinguístico, tem caráter mais descritivo, contendo verbos que descrevem ações ou acontecimentos observados no mundo. Em (39a), por exemplo, o verbo *afetar*, em *affecta prestar pouca atenção*, sugere um modo de agir ao qual é inerente uma *intenção*, e sua oração complementizadora indica tratar-se de uma intenção de demonstração de desprezo, deixando transparecer atitudes subjetivas.

Já em (39b), o verbo principal da locução *ficar me matando* tipicamente descreve processo material. No contexto, entretanto, sobretudo em correlação com as orações relativas precedentes (*que sou a mais frágil, que sou mulher*), que aludem a papéis sociais frequentemente atribuídos à mulher, constrói um processo comportamental, entendido pela locutora como incompatível com tais papéis e com o comportamento do interlocutor, descrito no primeiro segmento da construção. A oração que inicia tal

segmento (*Crime ê*) deixa explícita a avaliação da personagem sobre a relação entre os dois estados-de-coisas que se sobrepõem em um tempo presente mais abrangente e são postos em comparação por ela. Em sociedade, estar/ficar à toa e “se matar” em dada atividade de trabalho evocam significados concebidos como opostos. A oposição se instaura, em primeiro lugar, pela própria noção de propósito que cada expressão carrega, com *à toa* referindo ações sem propósito, marcadas pela ausência de intenção do agente ou ações que resultam em ausência de resultados, mesmo que tenham sido inicialmente esperados, e *matar-se* – no sentido figurado em questão no contexto – caracterizando uma realização intensa de tarefas/ações, que, justamente por sua intensidade, permitem entrever intenção do agente. Em segundo lugar, em nível mais elevado de significação, a oposição avança para além da desigualdade entre um estado de inércia e um cenário de trabalho intenso, ao ser enriquecida – no contexto em análise, de forma explícita, pelas orações relativas mencionadas – com a evocação de papéis sociais associados ao homem e à mulher e a expressão do posicionamento subjetivo da personagem.

Em (40a) e (40b), apresento, respectivamente, um exemplo menos e mais prototípico de contextos em que a oração-*enquanto* (*que*) refere processo mental. *Dizer*, na proposta de Halliday e Matthiessen (2004), é categoria típica dos processos verbais. Em (40a), no entanto, tendo em vista os moldes em que *digo* está posto no contexto, entendo que faz referência a um processo de pensamento, sem realização concreta no mundo, como é bem característico dos processos mentais. Isso porque, ao dizer algo consigo mesmo, o personagem não externaliza seu pensamento a partir de processo verbal, restringindo a reflexão contida em “que vaidosa!” à sua própria consciência. A oração que precede o enunciado com *enquanto* apresenta a mesma configuração, e é relevante a separação a partir de sinal gráfico dos pensamentos/pontos de vista que estão sendo alvo de comparação. Além de contribuírem para a configuração de estruturas paralelas (aspecto discutido ainda nesta seção, quando trato das alterações na morfossintaxe), esse recurso evidencia que são processos de pensamento que não fazem parte de maneira concreta da situação comunicativa, mas que estão circunscritos ao universo mental e subjetivo dos interlocutores.

Já em (40b), *vão goçar bons bocados* caracteriza um estado subjetivo de apreciação que será experimentado por um dos grupos de indivíduos que estão sendo confrontados, descrevendo, portanto, um processo mental, acessível apenas em sua própria consciência. Diversos elementos linguísticos entram em oposição na construção com *enquanto que* e trazem subjetividade ao contexto. Ainda que a relação temporal-comparativa gire em torno de uma situação concreta e cognitivamente bem acessível aos usuários da língua – sendo o enunciado precedente marcado por processo material

(*comer*), diferentemente do que se dá na oração com *enquanto que* –, os processos material e mental descritos aludem a diferenças de estatuto social, e elementos contextuais específicos revelam o posicionamento do locutor sobre os indivíduos envolvidos e os contextos das refeições que farão. Me refiro a expressões e mesmo orações como *homem de bem, que não merece outro nome, que taes*, e os próprios valores que podem ser atribuídos, no século 19, a uma refeição à base de animais específicos e a uma refeição realizada na residência de um indivíduo que ocupa posição de poder. A própria pergunta retórica que antecede a construção com *enquanto que* permite defender que a relação temporal-comparativa cumprirá papel argumentativo na expressão da avaliação subjetiva e questionadora do locutor.

Os exemplos (41), (42) e (43), por sua vez, ilustram os tipos de processos referidos com menor frequência na oração-*enquanto (que)*. Em (41), *discutiam* é tipo verbal típico dos processos de dizer, que, embora compartilhem traços com os processos mentais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), também apresentam similaridades, em meu entendimento, com os processos materiais, já que se trata de experiências com desenvolvimento concreto no mundo sociofísico. Tenho compreensão similar dos processos existenciais, que, como se vê no dado (43), normalmente estão bem situados no espaço sociofísico e mesmo na dimensão do tempo (*permanecia nos corredores ou até nas imediações da Casa*). Em pesquisas futuras, vejo a integração de processos materiais, existenciais e verbais em uma mesma categoria de processos como uma estratégia interessante de análise, sem que se percam de vista as diferenças entre os três tipos, que, para outros fenômenos, podem ser altamente relevantes.

Conforme seção anterior, os processos relacionais são o segundo tipo mais frequentemente expresso pela oração-*enquanto (que)* nas construções de contraste (cf. Tabela 11). Naquele grupo de contextos, a análise das categorias de processo revela a predominância de a oração com o *juntor* se associar a processos materiais ou relacionais, mas se observa maior distribuição entre as diferentes categorias. Isso porque a configuração do significado exclusivamente contrastivo é, conforme a análise, mais sensível à relação entre os estados-de-coisas nas dimensões do espaço e do tempo do que a tipos de processos.

Já nos contextos *bridging*, apesar de a frequência de processos relacionais na oração-*enquanto (que)* ser relativamente baixa, observei que exibem uma configuração particular. Como exemplifica (42), quando, em uma construção temporal-contrastiva, a oração-*enquanto (que)* faz referência a processo relacional, é apresentado um estado subjetivo, de modo que a relação de identificação e classificação que, segundo Halliday e Matthiessen (2004), é inerente a esse tipo de processo consiste na representação subjetiva que elementos ou indivíduos do meio externo têm na consciência do locutor.

Em (42), por exemplo, o verbo *ser* (tipo verbal mais prototípico na categoria relacional), no primeiro segmento, conceitualiza uma determinada mulher a partir da referência a um sentimento que, no âmbito das experiências subjetivas, em diferentes sociedades, tende a ser concebido como duradouro e sério, ao passo que, no segundo segmento, a representação subjetiva que outro grupo de mulheres recebe na consciência do locutor evoca emoções passageiras e superficiais. Desse modo, em desdobramentos futuros da análise, é possível que os processos relacionais sejam melhor situados junto aos processos mentais, a partir de uma investigação que avalie os tipos de entidades que são argumento dos verbos relacionais na oração-*enquanto* (*que*) e o tipo de categorização que o processo relacional empreende.

À luz da caracterização dos diferentes tipos de processos, retomo os resultados da análise quantitativa de sua distribuição nos dados em perspectiva diacrônica, conforme as Tabelas 15 e 16 e o Gráfico 2. Como espero ter mostrado a partir dos exemplos de (38) a (40), ainda que a relação comparativa traga para todos os arranjos contextuais de *enquanto* (*que*) que analisei como *bridging* um novo componente de significado que é essencial para a evolução rumo a contraste, aqueles que referem processos comportamentais e mentais caracterizam-se sempre por maior grau de subjetividade. Isso porque o próprio verbo ou locução verbal da oração-*enquanto* (*que*), ao expressar comportamento ou processo de consciência, já contém inerente a seu conteúdo semântico alguma atitude subjetiva. Mesmo nos casos em que não se trata de verbo prototípico da categoria, como visto nos exemplos (39b) e (40a), a forma como a estrutura argumental mobilizada pelo verbo é preenchida revela atitudes subjetivas associadas a indivíduos em comparação ou mesmo atitudes subjetivas do locutor em relação a cada estado-de-coisas descrito. Em (40a), por exemplo, o complemento do verbo *dizer*, em ambos os segmentos, é responsável por relacionar cada indivíduo a um processo de pensamento: as mulheres *pensam* que o interlocutor as adora, ao passo que ele, na verdade, *pensa* que elas são vaidosas.

Pelo fato de os contextos *bridging* caracterizados por processos comportamentais ou mentais na oração-*enquanto* (*que*) exibirem maior subjetividade, com a presença de marcas linguísticas que a tornam mais explícita, defendo que, em tais contextos, a função argumentativa que é essencial a essa oração nas construções de contraste já ganha alguma proeminência. Como o significado temporal fonte ainda está presente, *enquanto* (*que*) ainda tem a função descritivo-narrativa de abrir um cenário de fundo no âmbito do qual um estado-de-coisas se desenvolve (cf. Seção 4.1), mas essa função é enriquecida com traços argumentativos.

Dessa forma, a tendência observada nos contextos temporal-contrastivos, no que diz respeito à reconfiguração gradual dos tipos de processos expressos na oração-*enquanto* (*que*) e à inversão, no

último estado de língua, na frequência dos processos materiais e comportamentais/mentais, corrobora as evidências qualitativas que sugerem como fator substancial para a emergência de *enquanto (que)* contrastivo o ganho em proeminência do componente subjetivo que está inscrito na relação de comparação que acompanha a relação temporal nesses contextos. Como sinalizo na discussão dos aspectos prosódicos e morfossintáticos, o ganho que se tem em subjetividade quando o processo é de natureza comportamental ou mental tem consequências para a própria composição das sentenças, que, ao agregarem mais expressões linguísticas que tornam pontos de vista e outros tipos de atitudes subjetivas mais explícitos para o ouvinte/leitor, ganham em extensão e independência prosódica e morfossintática.

A alteração gradual que se observa nos tipos de processos descritos pela oração-*enquanto (que)* fornece pistas de como se deu o deslocamento da dimensão sociofísica que é tão importante para a configuração de construções exclusivamente contrastivas com *enquanto (que)* (cf. 4.2). Entendo que a tendência mostrada pelos dados sugere que a *abstratização* e *subjetivização* do tipo de experiência que *enquanto (que)* pode referir consiste em um dos fatores que explicam a constituição de contextos de contraste fundados no afastamento da realidade sociofísica e no gradual desaparecimento dos principais recursos utilizados para caracterizá-la: as coordenadas de tempo e de espaço. Conforme as construções passam a relacionar comportamentos e processos de pensamento, essas coordenadas deixam de ter (ou passam a ter menor) importância para os objetivos comunicativos, já que não é mais a relação entre os estados-de-coisas na realidade externa que está em foco, e a comparação entre processos mais subjetivos requer instruções de outra natureza, que dão mais destaque para a relação opositiva entre eles do que para sua relação no espaço e no tempo. Com isso, o tipo de informação procedural que é relevante para o contexto se modifica, do que resulta, por exemplo, a maior presença de expressões linguísticas que explicitam atitudes subjetivas.

As evidências extraídas da análise do tipo de experiência referido na oração-*enquanto (que)* são corroboradas por outra tendência revelada pela análise da relação espaço-tempo nos contextos *bridging*. Como mostra a Tabela 17, a seguir, em todos esses contextos, há sobreposição temporal entre os estados-de-coisas descritos, justamente porque ainda se trata de contextos que ainda têm disponível o significado fonte. Na dimensão espacial, entretanto, observei nos dados diferentes configurações da relação, que, correlacionadas com a simultaneidade no tempo, permitem organizar as construções temporal-contrastivas com *enquanto (que)* em três arranjos distintos. Para caracterizar cada um e discutir minha interpretação da tendência mostrada pelos dados, apresento logo após a tabela os exemplares de (44) a (46).

Tabela 17 – A relação espaço-tempo nas construções temporal-contrastivas com *enquanto (que)*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Proximidade espacial e temporal	-	5/7 (71,4%)	11/15 (73,3%)	12/29 (41,4%)	9/30 (30%)	9/34 (26,5%)
Distância espacial, proximidade temporal	-	2/7 (28,6%)	1/15 (6,7%)	8/29 (27,6%)	10/30 (33,3%)	10/34 (29,4%)
Irrelevância da dimensão espacial, proximidade temporal	-	0/7	3/15 (20%)	9/29 (31%)	11/30 (36,7%)	15/34 (44,1%)

Fonte: autoria própria.

Proximidade espacial e temporal

(44) As vezes Augusto olhava para seus companheiros, e os via alegremente praticando com as bellas senhoras, que abrilhantavão a sala **emquanto** elle se via obrigado a ouvir a mais insuportável de todas as histórias. (19-1MORE, 24)

Distância espacial, proximidade temporal

(45) As produções da Nova York são em geral as mesmas que as da Nova Inglaterra, á excepção de alguns fructos, que não produzem neste ultimo paiz; porém quasi todos os artigos são de qualidade superior: isto se deixa bem ver no trigo, do qual elles colhem na Nova Inglaterra, como tenho já observado, pouco bom, ao mesmo tempo que na Nova York seu trigo he igual a qualquer da America, ou certamente do mundo, e exportaõ immensa quantidade: **em quanto** a Nova Inglaterra póde apenas supprir para seu proprio consumo. (18-2CACB, 115)

Irrelevância da dimensão espacial, proximidade temporal

(46) Parece que toda a gente tem muito empenho em enriquecer os mandarins... **emquanto que** com os pobres lavradores brasileiros ninguém se importa! (20-1QNPDA, 38)

Como se observa em (44), uma relação simultânea e comparativo-opositiva se estabelece entre duas experiências de interação social distintas, que ocorrem no mesmo espaço sociofísico, para o qual há referência explícita no contexto (*a sala*). Há, portanto, o compartilhamento de um cenário sociofísico entre os eventos, que é típico das construções temporais fonte (cf. 4.1). Além de se sobreporem no espaço, os eventos também compartilham um cenário discursivo comum – traço elementar dos usos contrastivos –, cenário que depende da criação subjetiva do locutor, que, observando a realidade externa, concebe uma relação entre os eventos e, particularmente, uma relação de oposição. Dessa

forma, nesse tipo de contexto, é possível entrever no percurso evolutivo um ponto de intersecção entre os usos temporais e os usos contrastivos, a partir do qual a relação que *enquanto (que)* ajuda a estabelecer envolve tanto integração sociofísica entre os estados-de-coisas como integração no universo subjetivo dos usuários da língua, estando a última associada ao integrador comum que é parte das construções de contraste. No exemplo em questão, esse integrador está na relação de cada grupo de indivíduos com as circunstâncias da interação social que cada um experiencia. Diversos elementos do contexto fornecem instruções sobre as atitudes subjetivas associadas a cada uma das experiências de interação: *alegremente* vs *obrigado*, *belas/abrilhantavam* vs *mais insuportável de todas*.

Na Tabela 17 acima, é possível observar que os contextos com proximidade duplamente espacial e temporal compõem a maioria dos dados de 18-2 a 19-2. Sobretudo em 18-2 e 19-1, as frequências giram em torno de 70%, o que entendo como evidência de que, inicialmente, os contextos *bridging* eram mais ancorados na realidade sociofísica do que o são nos estados de língua mais recentes. Tal dado vai ao encontro da tendência mostrada pela análise dos tipos de processos. Sugiro que, em contextos como (44), a comparação é *cognitivamente mais acessível*, na medida em que estão sendo comparadas situações que podem ser concretamente observadas ou imaginadas no mundo, ainda que se trate de um exemplar retirado de texto pertencente a gênero fictício. Esse seria, portanto, um estágio inicial da mudança, em que *enquanto (que)* é mobilizado para relacionar estados-de-coisas (mais tipicamente, nesse momento inicial, processos materiais) no tempo, no espaço e no universo subjetivo dos indivíduos.

Há também contextos em que a dimensão espacial ainda faz parte da relação entre os processos descritos, mas não mais a partir de sua contiguidade no espaço, e sim pela marcação explícita de sua dissociação nesse domínio. É o caso de construções como (45), em que cada segmento da construção com *enquanto* contém localizações espaciais bem delimitadas, que são fundamentais para o enriquecimento de significado em torno de oposição (*Nova York* vs *Nova Inglaterra*). A construção coloca em comparação a capacidade de exportação de diferentes regiões dos Estados Unidos – sendo esse o integrador comum da construção –, de modo que a oposição se dá tanto entre essas regiões como entre a quantidade de trigo que cada uma é capaz de exportar. A correlação modo-tempo entre os dois segmentos – ambos com formas verbais do presente – permite afirmar a concomitância temporal. Nesse tipo de construção, assumo que já é possível identificar relativa dissociação entre os estados-de-coisas, ao menos em relação aos contextos do tipo anterior, já que apresentam apenas contiguidade no tempo. A dimensão do espaço, no entanto, ainda tem papel essencial para a interpretação da relação temporal-contrastiva. Como mostra a Tabela 17, com exceção de 19-1, a

frequência dos contextos em pauta é relativamente estável ao longo do tempo. Entendo que, do ponto de vista cognitivo, a delimitação precisa de dois diferentes espaços também torna a relação comparativo-opositiva mais acessível.

Por outro lado, em contextos como (46), não há qualquer demarcação de lugar, o que decorre da própria natureza da relação estabelecida, que recai sobre processos mentais. O processo descrito na oração-*enquanto que* é um processo de consciência que não se origina no locutor, mas é por ele atribuído a terceiros, de forma que a expressão de atitudes subjetivas se dá em uma espécie de camadas: existem as posições subjetivas associadas a *ninguém* e a *toda a gente*, explicitamente inscritas nas predicções verbais de cada segmento (*ter muito empenho em* vs *não se importar*), e ainda, a interpretação subjetiva do locutor sobre a relação entre esses posicionamentos. Essa interpretação pode ser evidenciada pelos próprios sinais gráficos presentes na construção (... , *!*) e pelo qualificador *pobres* no segundo segmento.

Dada a impossibilidade de situar os processos em um domínio espacial – não é possível e, sobretudo, não é relevante para a construção saber *onde* pessoas se empenham para enriquecer uma classe específica de funcionários e *onde* há descaso com lavradores brasileiros –, assumo que se tem aqui uma relação comparativa cognitivamente mais complexa, que não se pauta na observação de uma situação concreta no mundo (tal como em 44), em espaço sociofísico bem localizado e em intervalo temporal bem delimitado, mas sim em observações de teor mais abstrato, que demandam maior esforço cognitivo e a consideração de um conjunto mais complexo de fatores, tanto para a formulação da oposição como para sua interpretação. Esse conjunto de fatores pode envolver a observação de situações específicas bem localizadas no tempo e no espaço, mas requer também a consideração, pelo menos, de sistemas econômicos e suas consequências para o funcionamento social, atitudes valorativas relativas a diferentes classes trabalhadoras, fatos da história de sociedades distintas e as próprias crenças e interpretações do produtor do enunciado de todos esses aspectos e da relação em pauta na construção. No tempo, os processos subjetivos em confronto também não estão bem demarcados, pois, ainda que não seja possível bloquear o valor fonte de tempo simultâneo, trata-se de um tempo presente mais abrangente, que, correlacionado à indeterminação do espaço, se torna mais impreciso do que o é em outros contextos caracterizados pela mesma configuração temporal.

Aliada à caracterização qualitativa dos contextos em que a dimensão do espaço não faz parte da interpretação (ainda pragmática) de contraste, a tendência mostrada pelos dados em sua distribuição diacrônica, conforme a Tabela 17 acima, ao revelar que se tornam gradualmente mais frequentes ao longo do tempo, reforça os resultados qualitativo-quantitativos obtidos na análise dos tipos de processo.

Proponho, então, que, a trajetória evolutiva de *enquanto (que)* envolve uma gradual dissociação dos estados-de-coisas em termos de sua relação nas dimensões espacial e temporal, de um estágio fonte em que estão relacionados no mundo sociofísico, para um estágio intermediário em que ainda se relacionam no mundo sociofísico, mas estão também mais fortemente integrados no universo subjetivo dos usuários da língua, em virtude da concepção de uma relação comparativo-opositiva, até um estágio em que não mantêm qualquer relação no mundo sociofísico e no eixo do tempo, estando desintegrados em ambas as dimensões, mas fortemente vinculados, como instâncias de um integrador comum, no universo de crenças e processos diversos de consciência dos usuários da língua. Apres ento em (47) um cline representativo para tentar sistematizar o eixo nuclear de desenvolvimento que estou propondo para a evolução de *enquanto (que)*. Reforço que cada fase proposta se baseia em tendências observadas nos dados, e não em resultados categóricos.

(47)

Integração no espaço e no tempo de experiências do mundo externo

[Contextos temporais]

>

Integração no espaço e no tempo de experiências do mundo externo e no universo subjetivo de crenças (ganho do elemento comparativo)

[Contextos *bridging*]

>

Integração de processos de consciência no universo subjetivo de crenças (elemento comparativo aliado a distanciamento no espaço)

[Contextos *bridging*]

>

Integração de processos diversos (experiências externas e internas) no universo subjetivo de crenças (elemento comparativo aliado a distanciamento tanto no espaço como no tempo)

[Contextos contrastivos]

A relação comparativa que está disponível nos contextos temporal-contrastivos traz para as construções com *enquanto (que)* um componente de significado que, além de e pelo fato de favorecer inferências em torno de contraste, tem consequências para a composição prosódica e morfossintática da construção, bem como para sua organização em termos de forças ilocucionárias. Os dados permitiram, assim, elucidar áreas de interface e depreender processos de constituição do significado contrastivo nos diferentes níveis de análise.

O exame de (as)simetria pragmática nos contextos *bridging* revelou correlações sistemáticas entre a dependência ou independência das orações em termos de forças ilocucionárias, os tipos de processos relacionados e a configuração da relação espaço-tempo. Para discutir esse aspecto,

reapresento a seguir três exemplares, a partir das reformulações resultantes da aplicação dos testes de pergunta e negação.

(48a) Negação: Não é verdade que [dois serventes] lançam água de cal na caldeira **em quanto** outros trazem água de cal em celhas.

(48b) Pergunta: [Dois serventes] lançam água de cal na caldeira **em quanto** outros trazem água de cal em celhas? Ou: É verdade que lançam água de cal na caldeira **em quanto** outros trazem água de cal em celhas?

(49a) Negação: Não é verdade que na Nova York seu trigo he igual a qualquer da America, ou certamente do mundo, e exportam imensa quantidade, **em quanto** a Nova Inglaterra pode apenas suprir para seu próprio consumo.

(49b) Pergunta: Na Nova York seu trigo he igual a qualquer da America, ou certamente do mundo, e exportam imensa quantidade, **em quanto** a Nova Inglaterra pode apenas suprir para seu próprio consumo? Ou: é verdade que na Nova York seu trigo he igual a qualquer da America, ou certamente do mundo, e exportam imensa quantidade, **em quanto** a Nova Inglaterra pode apenas suprir para seu próprio consumo?

(50a) Negação: Não é verdade que toda a gente tem muito empenho em enriquecer os mandarins, **emquanto que** com os pobres lavradores brasileiros ninguém se importa.

(50b) Pergunta: Toda a gente tem muito empenho em enriquecer os mandarins, **emquanto que** com os pobres lavradores brasileiros ninguém se importa? Ou: É verdade que toda a gente tem muito empenho em enriquecer os mandarins, **emquanto que** com os pobres lavradores brasileiros ninguém se importa?

Os dados sugerem que, quanto mais ancorado no mundo sociofísico o tipo de processo expresso na oração-*enquanto* (*que*), seja por sua natureza mais material ou por sua contiguidade no espaço com o outro processo ao qual se relaciona, maior é a possibilidade de dupla interpretação das orações no que diz respeito à sua força ilocucionária. Em (48a) e (48b), por exemplo, entendo que tanto é possível uma leitura em que a negação e a pergunta recaiam sobre ambas as orações com o uma interpretação em que os testes desafiam apenas a oração principal, não sendo questionada ou negada a informação contida na oração-*enquanto* (*que*). No exemplo, essa oração faz referência a um processo material que se sobrepõe a outro processo de mesma natureza tanto no tempo como no espaço.

Por outro lado, em todas as construções hipotéticas em (49) e (50), ambas as orações, em minha análise, se constituem de força ilocucionária própria, sendo, portanto, pragmaticamente simétricas. Assumo que é fator crucial para que os testes se apliquem a ambos os segmentos a maior abstração e/ou subjetividade dos contextos em questão. Em (49), ainda que a oração-*enquanto* descreva processo material, o distanciamento espacial claramente marcado leva à configuração de uma relação comparativa cognitivamente mais complexa do que aquela que se estabelece entre estados-de-coisas visivelmente próximos um ao outro. Além disso, o próprio integrador comum (capacidade de

exportação de cada região) é mais abstrato do que aquele observado na construção submetida aos testes em (48a) e (48b), em que são confrontados procedimentos bem localizados em um mesmo espaço e que, no mundo, tendem a envolver menor complexidade do que as circunstâncias e fatores associados à capacidade de exportação que um dado país ou região apresenta.

Faço aqui a mesma observação de cautela apresentada em 4.2 na discussão da aplicação dos testes aos contextos exclusivamente contrastivos. Apesar dos ajustes feitos (cf. Capítulo 3), os testes ainda têm aplicação duvidosa para vários dados e, com frequência, não resultam em construções de pergunta e negação que seriam naturais para falantes do português brasileiro. Nas construções em (49), por exemplo, como falante nativa, acredito que a grande extensão do primeiro segmento da construção – derivada da inserção de um elemento apositivo e da formação de um período complexo, coordenado pelo conjuntivo *e* – é o que torna a pergunta e a negação hipotéticas improváveis no uso natural da língua. Cortes nesse segmento para a avaliação da força ilocucionária não seriam, a meu ver, estratégia metodológica produtiva, já que se tem uma construção com *enquanto* com toda uma organização e relação de significado diferentes em relação às construções temporais, e é em virtude dessa nova configuração, no nível do significado e no âmbito do processo cognitivo de comparação, que a construção passa a apresentar uma organização mais complexa e extensa. A própria relação da oração-*enquanto* não apenas com uma outra oração simples, mas com um período complexo, se associa ao caráter mais argumentativo da construção, que tende a levar a encadeamentos mais elaborados para o processo de edificação de pontos de vista.

No caso das construções em (50), ainda que sem ignorar a necessidade de cautela com a análise empreendida, a presença de força ilocucionária própria em cada oração é, em meu entendimento, mais evidente do que no exemplo retomado em (49). Em primeiro lugar, chamo atenção para o fato de que se trata de uma construção com *enquanto que*, que, nos dados desta pesquisa, tende a apresentar forte teor contrastivo, mesmo quando ainda atrelado ao significado temporal fonte. Nessa construção, em particular, verificam-se as configurações mais abstratas e subjetivas possíveis encontradas nos dados para o tipo de processo e a relação espaço-tempo: a oração-*enquanto que* refere um processo mental e não há delimitação da localização espacial, justamente por sua irrelevância para o significado pretendido. Essa natureza mais abstrata e subjetiva dá destaque para o elemento comparativo.

No segmento encabeçado por *enquanto que*, a manobra de topicalização do complemento do verbo *importar-se* tem papel importante para a boa aplicação dos testes e a consequente leitura de força ilocucionária autônoma nesse segmento. Isso porque essa manobra conduz o foco para um dos elementos nucleares da relação comparativa, os grupos de indivíduos em relação aos quais se

direcionam diferentes atitudes subjetivas. Com isso, o efeito focalizador deixa mais evidente que a negação e a pergunta hipotéticas estariam voltadas à comparação estabelecida, que implica a consideração conjunta de ambos os segmentos.

No âmbito da prosódia, por sua vez, a análise indica que, nos contextos *bridging*, mesmo naqueles que mostram proximidade também na dimensão espacial e que descrevem processos mais ancorados na realidade externa, há simetria prosódica entre os segmentos da construção, com ambos exibindo tanto frases entoacionais como enunciados fonológicos independentes. De (48c) a (50c), a seguir, busco mostrar como a análise prosódica foi desenvolvida.

(48c) [[Lançam água de cal na caldeira]I]U [**em quanto** outros trazem água de cal em celhas]I]U

(49c) [[Na Nova York]I [seu trigo é igual a qualquer da America]I]U [ou certamente do mundo]I [e exportam imensa quantidade]I]U [**em quanto** a Nova Inglaterra pode apenas suprir para seu próprio consumo]I]U

(50c) [[Toda a gente tem muito empenho em enriquecer os mandarins]I]U [**emquanto que**]I [com os pobres lavradores brasileiros]I [ninguém se importa]I]U

Conforme os exemplos, a configuração prosódica de cada segmento varia de construção para construção, a depender dos fatores diversos que interagem com a prosódia. Em (49c) e (50c), observam-se construções com configurações prosódicas mais complexas do que aquela observada em (48c), o que defendo estar intimamente relacionado com a maior carga subjetiva de construções como essas em relação a construções como (48c).

Conforme a natureza comparativa das construções temporal-contrastivas com *enquanto (que)* ganha proeminência e o elemento subjetivo inscrito em toda e qualquer manobra de comparação fica mais delineado no contexto, com marcas linguísticas de subjetividade e de oposição mais explícitas, as sentenças que compõem cada segmento se tornam mais complexas e extensas justamente para agregar esse maior conjunto de informações e melhor atender às intenções comunicativas em torno de contraste. Não só a inclusão de maior número de informações – que leva a segmentos constituídos por períodos complexos, inclusão de orações relativas e apositivas, inclusão de elementos tópicos, tais como expressões locativas e temporais –, mas também as manobras que tornam a relação opositiva mais evidente – como a topicalização em (50c) – pela simples reorganização das informações levam a configurações prosódicas mais heterogêneas.

Assim, enquanto em (48c) cada segmento compreende organizações prosódicas similares, sendo cada um composto por uma frase entoacional e um enunciado fonológico, (49c) mostra, no primeiro segmento, quatro frases entoacionais e dois enunciados fonológicos e, no segundo, apenas

uma frase entoacional e um enunciado fonológico. Por sua vez, (50c) exibe maior complexidade prosódica na oração com *enquanto que*, que contém três frases entoacionais – resultantes da estratégia de topicalização – e um enunciado fonológico, ao passo que o primeiro segmento apresenta uma frase entoacional e um enunciado fonológico.

Apesar da grande variedade de arranjos prosódicos encontrada nos contextos *bridging*, o que é comum entre eles e crucial para o entendimento do percurso evolutivo é a presença de *ao menos uma frase entoacional e um enunciado fonológico independente em cada um dos segmentos*, pois se trata de evidência de que a autonomia que os segmentos adquirem, no âmbito do significado, enquanto instâncias independentes de um integrador comum à luz do qual uma comparação se estabelece, resulta em autonomia também prosódica. Como instâncias de um integrador comum, mesmo que a relação temporal ainda esteja presente, cada segmento tem papel igualmente relevante na relação, pois ambos são necessários para que a comparação seja empreendida. Dessa forma, nos contextos temporal-contrastivos, embora o processo descrito na oração-*enquanto (que)* possa, no âmbito da relação temporal, desempenhar papel de fundo como um cenário dentro do qual o outro processo se desenvolve, no âmbito da relação comparativa, é tão importante quanto ele para a emergência da oposição. Sua relevância do ponto de vista comunicativo, portanto, sofre alteração.

Na perspectiva da morfossintaxe, a simetria semântico-cognitiva, pragmática e prosódica das construções temporal-contrastivas se reflete em dois aspectos principais: a configuração de estruturas morfossintáticas paralelas e o preenchimento da lacuna argumental de sujeito, nessas estruturas, com sujeitos não correferenciais.

O paralelismo morfossintático pode ser observado no próprio compartilhamento de material linguístico sinalizado anteriormente. Aliado a outros aspectos de paralelismo, tratados adiante, esse compartilhamento contribui para marcar, na morfossintaxe, o partilhamento de significado que, dada a configuração de um integrador comum, já é traço típico dos contextos *bridging*. O partilhamento de material linguístico, no entanto, só contribui para a relação opositiva por se correlacionar ao preenchimento de algumas lacunas da estrutura morfossintática com formas linguísticas que entram em oposição no contexto.

Há, desse modo, uma correlação sistemática entre *similaridades e desigualdades estruturais*, que é mais um espaço de interação entre os níveis do significado e da morfossintaxe. Se as similaridades estruturais refletem a íntima relação entre os estados-de-coisas enquanto instâncias de um integrador comum, as desigualdades constituem reflexo dos aspectos que, à luz do integrador comum, são concebidos e interpretados como incompatíveis. Reapresento a seguir três construções já analisadas

que ilustram bem a correlação em pauta. Em cada exemplo, destaco similaridades estruturais em itálico e sublinho lacunas estruturais preenchidas com pares de opostos. Chamo atenção para o fato de que algumas expressões recebem dupla marcação, porque representam para o contexto, ao mesmo tempo, correspondência e oposição.

(40a) Fingirei obedecer a vossos caprixos, e somente zombarei delles : ah!..., muitas vezes alguma de vós, quando me ouve dizer «sois encantadora» está *dizendo* comsigo «elle me adora» **em quanto** eu digo também comigo : «que vaidosa!» (19-1MORE, 16)

(42) ella é o amor de meo coração, **em quanto** todas as outras são o divertimento de meos olhos, e o passa-tempo de minha vida. (19-1MORE, 18)

(44) As vezes Augusto olhava para seus companheiros, e os via alegremente praticando com as bellas senhoras, que abrilhantavão a sala **emquanto** elle se via obrigado a ouvir a mais insuportável de todas as histórias. (19-1MORE, 24)

Outro aspecto essencial para o paralelismo morfossintático entre os segmentos está na configuração modo-temporal da morfossintaxe verbal. De acordo com os dados, na maior parte das construções temporal-contrastivas, há simetria entre os segmentos em termos do tempo e modo verbais. Duas são as correlações modo-tempo predominantes, sendo quase categóricas nos dados: presente do indicativo - presente do indicativo e pretérito imperfeito do indicativo - pretérito imperfeito do indicativo. A Tabela 18 a seguir mostra a frequência longitudinal de cada possibilidade de configuração da relação modo-temporal (simétrica ou não simétrica), e os exemplos (51) e (52) ilustram, respectivamente, os contextos *bridging* em que ambos os segmentos contêm formas do presente do indicativo e aqueles em que ambos apresentam formas do pretérito imperfeito do indicativo.

Tabela 18 – Correlação modo-temporal nos contextos temporal-contrastivos com *enquanto (que)*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Relação modo-temporal simétrica	-	7/7 (100%)	10/15 (66,7%)	19/29 (65,5%)	23/30 (76,7%)	27/34 (79,4%)
Relação modo-temporal não simétrica	-	0/7	5/15 (33,3%)	10/29 (34,5%)	7/30 (23,3%)	7/34 (20,6%)

Fonte: autoria própria.

(51) Esta desigualdade nas sommas das horas do dia e da noite, repetida durante o longo período de 10.500 annos, não póde deixar de affe ctar o character das estações tanto ao norte como ao sul da linha equatorial. **Emquanto** um hemispherio, começando a gosar a preponderância de estio, percorre uma série de estações desde as mais frias até ás mais quentes, o hemispherio opposto, começando a soffrer a preponderância do inverno, entra numa série de estações desde as mais quentes ás mais frias. (20-1PRDE, 163)

(52) Como é que ali naquelas ruas elegantes, tal tipo tão mal vestido, era festejado, **enquanto** êle, Cassi, passava despercebido? Atinava com a resposta mas não queria responder a si mesmo. Mal a formulava, apressava-se em pensar noutra coisa. (20-1CLAN, 86)

No contexto da trajetória evolutiva rumo a contraste, esse outro aspecto de simetria morfossintática entre os segmentos contribui para uma espécie de equiparação entre os processos descritos, constituindo evidência de que, nesse estágio intermediário da mudança, já ganham, em alguma medida, estatuto similar na relação de significado. Considerando que construções contrastivas típicas se caracterizam por estruturas verbais paralelas (MAURIA, 2008), entendo que a presença desse traço nos contextos *bridging* constitui fator contextual que dá suporte à relação de oposição.

Nos contextos em análise, há simetria modo-temporal entre as proposições em relação, juntamente com outros elementos estruturais que organizam-se simetricamente. Entendo a simetria modo-temporal como reflexo da simetria semântico-pragmática e prosódica, evidenciando mais um campo de interação entre os diferentes níveis de análise.

A análise da correferencialidade dos sujeitos também sugere mais um aspecto de autonomia entre os segmentos relacionados, pois, como mostra a Tabela 19, a seguir, a não correferencialidade é quase categórica nos dados.

Tabela 19 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos temporal-contrastivos com *enquanto* (*que*)

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Sujeitos correferenciais	-	1/7 (14,3%)	0/15	2/29 (6,9%)	2/30 (6,7%)	3/34 (8,8%)
Sujeitos não correferenciais	-	6/7 (85,7%)	15/15 (100%)	27/29 (93,1%)	28/30 (93,3%)	31/34 (91,2%)

Fonte: autoria própria.

Como sinalizei em alguns momentos ao longo da análise de exemplares, a presença de sujeitos não correferenciais é relevante para a autonomia semântico-pragmática dos segmentos e para as inferências em torno de oposição, uma vez que, com frequência, os indivíduos ou as entidades referidas

pelas expressões que ocupam posição argumental de sujeito formam um dos pares que entram em relação opositiva. Como espero ter sido possível observar, em muitos casos o sujeito, justamente por ser um dos elementos em comparação, recebe uma descrição mais elaborada³³, seja para sinalização de atitudes subjetivas a ele associadas ou para sua diferenciação em relação ao sujeito do outro segmento oracional. Com isso, tem-se sentenças mais complexas e extensas, que formam estruturas prosódicas mais autônomas. Nesse sentido, observa-se mais uma vez a interação entre os níveis de análise e de que maneira ela contribui para a constituição de contraste.

Por fim, caracterizo os contextos *bridging* em termos da disposição sintática da oração-*enquanto* (*que*) na construção, com base na Tabela 20.

Tabela 20 – Disposição sintática da oração-*enquanto* (*que*) nos contextos temporal-contrastivos

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Oração- <i>enquanto</i> anteposta	-	2/7 (28,6%)	6/15 (40%)	13/29 (44,8%)	9/30 (30%)	10/34 (29,4%)
Oração- <i>enquanto</i> posposta	-	5/7 (71,4%)	9/15 (60%)	16/29 (55,2%)	21/30 (70%)	24/34 (70,6%)

Fonte: autoria própria.

A posposição é majoritária em quase todos os intervalos temporais investigados, o que vai ao encontro da organização típica das construções de contraste. Como, no entanto, ainda há número significativo de casos de anteposição da oração-*enquanto* (*que*), os dados mostram uma flutuação esperada, que admito ser rastro, no domínio morfossintático, do cenário complexo de polissemia atestado nas construções temporal-contrastivas, complexidade que é, por sua vez, vestígio de construções *em* constituição gradativa.

³³ Cf., por exemplo, a construção (39b, p. 40): (...) **enquanto** *eu*, que sou a mais frágil, *eu*, que sou mulher (...).

5 O PERCURSO EVOLUTIVO DE *AO PASSO QUE*

A análise de *passo* sugere uma trajetória similar à de *enquanto*, com origem em construções nas quais *passo* já atua como conectivo temporal, com a diferença de que, nessa função, sempre constitui perífrase. Neste capítulo, diante de aspectos que sejam similares entre os dois percursos, mencionarei o aspecto de análise em questão, mas me reportarei ao capítulo anterior para explicações mais detalhadas, dando aqui prioridade para aquilo que particulariza a trajetória de *passo*. Ao final do capítulo, forneço uma sistematização das similaridades e diferenças entre ambos os percursos.

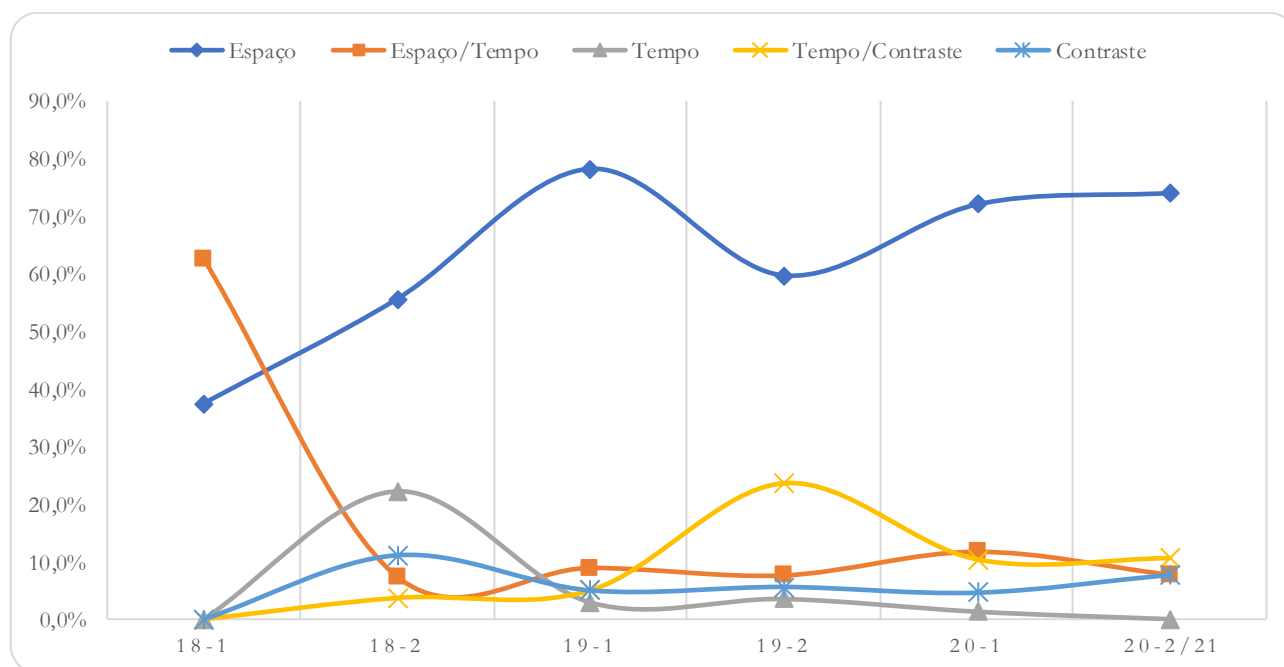
Os dados sugerem a origem dos usos contrastivos de *passo* em construções temporais similares às aquelas com *enquanto (que)*, como discuto em 5.1 a seguir. Indicam, no entanto, uma fonte lexical mais remota, situada no domínio de espaço, correspondente ao nome *passo*, muito frequente ainda hoje no PB. Evidenciam ainda uma relação histórica entre espaço e tempo, em contextos nos quais a noção de espaço implicada pelo nome é enriquecida com nuances temporais, de forma que parecem preceder as construções exclusivamente temporais tratadas em 5.1 contextos constituídos por polissemia entre espaço e tempo, os quais caracterizo nesta seção introdutória do capítulo.

A análise reconheceu, assim, para *passo*, cinco contextos de uso: *espaço*, *espaço/tempo*, *tempo*, *tempo/contraste* e *contraste*. A evolução diacrônica de cada padrão é apresentada a seguir, na Tabela 21 e no Gráfico 3.

Tabela 21 – Frequência dos padrões de uso de *(ao) passo (que)* em perspectiva longitudinal

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Espaço	3 (37,5%)	15 (55,6%)	79 (78,2%)	86 (59,7%)	111 (72,6%)	77 (74%)
Espaço/Tempo	5 (62,5%)	2 (7,4%)	9 (8,9%)	11 (7,6%)	17 (11,1%)	8 (7,7%)
Tempo	0	6 (22,2%)	3 (2,9%)	5 (3,5%)	2 (1,3%)	0
Tempo/Contraste	0	1 (3,7%)	5 (5%)	34 (23,6%)	16 (10,4%)	11 (10,6%)
Contraste	0	3 (11,1%)	5 (5%)	8 (5,6%)	7 (4,6%)	8 (7,7%)
Total	8	27	101	144	153	104

Fonte: autoria própria.

Gráfico 3 – Frequência dos padrões de uso de *(ao) passo (que)* em perspectiva longitudinal

Fonte: autoria própria.

O panorama geral do percurso de *passo* fornecido pela Tabela 21 e pelo Gráfico 3 sugere que (i) a trajetória de *passo* se caracteriza pela perda dos contextos fonte da mudança (*tempo*) – embora permaneça a fonte lexical mais remota (*espaço*), que é fundamental para a configuração dos contextos *espaço/tempo*, importantes, por sua vez, para a emergência de *tempo* –, (ii) a trajetória de tempo a contraste já estava em curso antes do século XVIII, já que, em 18-2, já aparecem ocorrências polissêmicas *tempo/contraste* e apenas *contraste*, e (iii) há evidências, do ponto de vista quantitativo, de propagação da associação *tempo/contraste* no período de 19-2, evidências que serão analisadas adiante à luz da análise qualitativa.

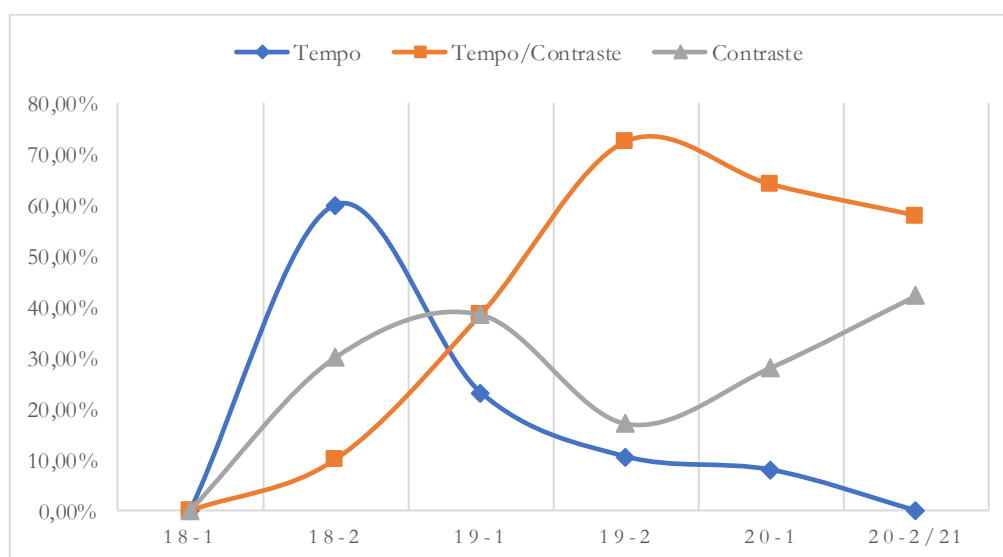
Para visualizar como evoluem no tempo especificamente os padrões diretamente associados à emergência de contraste, reorganizo os dados correspondentes a tais padrões na Tabela 22 e no Gráfico 3 a seguir.

Tabela 22 – Padrões de uso envolvidos na evolução contrastiva de *ao passo que* em perspectiva longitudinal

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Tempo	0	6 (60%)	3 (23,2%)	5 (10,6%)	2 (8%)	0
Tempo/Contraste	0	1 (10%)	5 (38,4%)	34 (72,4%)	16 (64%)	11 (57,9%)
Contraste	0	3 (30%)	5 (38,4%)	8 (17%)	7 (28%)	8 (42,1%)
Total	0	10	13	47	25	19

Fonte: autoria própria.

Gráfico 4 – Os contextos de *ao passo que* envolvidos na evolução contrastiva em perspectiva longitudinal



Fonte: autoria própria.

Ainda que o Gráfico 4 permita o reconhecimento de tendências evolutivas, as frequências absolutas dos contextos exclusivamente temporais e exclusivamente contrastivos não apresentam variação significativa ao longo do tempo, o que levou a uma natureza essencialmente qualitativa da trajetória de *passo*. Assim, nas próximas seções, discuto as evidências de mudança qualitativas obtidas com a análise, seguindo a mesma estratégia de análise mobilizada nos demais capítulos: discuto primeiramente a etimologia de *passo* e os contextos temporais que deram origem à trajetória contrastiva (5.1), sigo para os contextos exclusivamente contrastivos (5.2) e finalizo com os contextos temporal-

contrastivos (5.3), buscando as relações de derivação à luz das propriedades que terão sido previamente reconhecidas no âmbito de tempo e no âmbito de contraste.

5.1 Etimologia de *passo* e as construções temporais

O nome *passo* é proveniente de *passus* do latim, sendo utilizado em português para fazer referência ao movimento dos pés durante seu deslocamento (NASCENTES, 1966), conforme os exemplos de (53) a (57) a seguir. Ao expressar um tipo de movimento realizado no mundo externo, o significado original de *passo* situa-se no domínio semântico de espaço. Os dados mostram que os usos lexicais do item podem estar associados a noções espaciais mais abstratas, em contextos nos quais *passo(s)* faz referência a ações ou situações. Ainda que se trate de uma extensão de significado, o item ainda é, em tais contextos, forma nominal, de modo que o padrão *espaço* na análise abarca tanto os usos com referências mais concretas a passos que correspondem ao movimento dos pés (cf. 53 e 54) como os usos com referências abstratizadas a ações e situações (cf. 55, 56 e 57). Nesse último caso, entendo a extensão de significado como derivada do uso metafórico da ação concreta de caminhar e se mover para a expressão de ações mais abstratas, que envolvem movimentos mais abstratos.

(53) Em uma das ruas do jardim duas rolinhas mariscavão: mas ao sentir **passos** voarão. (19-1MORE, 15)

(54) O Senhor Antônio recuou três **passos**, e dice com voz lugubre. (19-1OMLI, 19)

(55) Pois sua mania cada vez mais nítida, quando ia envelhecendo, era a de que a reforma eleitoral representava o **passo** primeiro para todos os melhoramentos futuros do país, a mais premente das suas necessidades. (20-2/21HGCB, 91)

(56) Busquemos, de coração os meios de nos tirarmos do **passo** difícil em que nos axamos. (19-1MNAIEA, 79)

(57) E fiz mais ainda: em todas as noutes nós nos encontrávamos no jardim, e eu lhe dava parte de todos os **passos** da senhora. (19-1OMLII, 72)

Como mostram os exemplos, nos usos situados no domínio do espaço, tanto aqueles mais concretos como aqueles abstratizados, *passo* pode receber flexão de número e ser modificado por outras formas nominais (*três passos*, *passo primeiro*, *passo difícil*) ou por sintagmas preposicionais (*passos da senhora*). Essas são propriedades decorrentes de seu estatuto nominal nos contextos em questão, que permitem afirmar sua função mais lexical.

Além de contextos que apresentam uma noção de espaço mais abstrata, os dados também revelaram construções em que se observa um outro tipo de abstratização, em torno do domínio de

tempo. São os casos correspondentes ao padrão *espaço/tempo*, mencionado acima. Aqui, *passo* ainda é forma nominal que veicula movimento no espaço, mas integra um sintagma preposicional que carrega também informações de tempo, a partir de alguma forma de especificação temporal do movimento que ocorre no espaço. Como há muitos casos em que a especificação temporal diz respeito a *como* o movimento se dá nas dimensões do espaço e do tempo, a polissemia com o domínio de modo também é notável, o que vai ao encontro de redes de inter-relações semânticas translinguisticamente atestadas (cf. KORTMANN, 1997).

Entre os contextos *espaço/tempo*, dois cenários foram observados: (i) o componente de significado temporal é mais conceitual, no sentido de que está veiculado lexicalmente a partir de modificadores, presentes no sintagma preposicional com *passo*, que têm informação temporal inscrita em seu conteúdo semântico, e (ii) o sintagma preposicional com *passo* é constituído pelo adjetivo *mesmo* ou pelo pronome *cada*, e o componente de significado temporal é mais procedural, porque emerge de uma relação de proporcionalidade que se configura entre a oração integrada pelo sintagma com *passo* e uma outra oração, de modo que não apenas está disponível no contexto uma informação temporal sobre *passo*, mas se instaura, com auxílio importante da perífrase que o item constitui, uma *relação* temporal entre dois processos.

Para caracterizar cada uma das configurações dos contextos *espaço/tempo*, apresento, de (58) a (60), exemplos representativos do cenário (i), e de (61) a (63), instâncias do cenário (ii).

(i) Padrão *espaço/tempo* com referência temporal mais conceitual

(58) Caboclos carregados de cofos, enfiados em um pau, que sustentam nos ombros, atravessam de vez emquando a scena, num **passo** certo e apressado. (19-2OMSJR, 15)

(59) Caminhando mesmo a **passo rápido**, não traça trajetória rectilínea e firme. Avança, celeremente, num bambolear característico. (20-1JCOS, 98)

(60) O doente contemplou por alguns segundos a cara magra, o olhar febril, com que descobria os subúrbios da morte, para onde caminhava a **passo lento**, mas seguro. (19-2QUBO, 59)

(ii) Padrão *espaço/tempo* com referência temporal mais procedural

(61) Mastigando-se a amêndoa do Cacao de Caraça, e engolindo-se por sucção, **ao mesmo passo**, toda a substância bubyrosa, e extractiva, se lhe derrete na bocca. (19-1 FBIII3, 93)

(62) (...) no estabelecimento da cultura de huma planta, que a rica Natureza todos os dias, **a cada passo**, e espontaneamente offerecia aos seos olhos. (19-1 FBII1, 98)

(63) Foi meu tio que com a sua riqueza facilitou-me os meios para ir estudar na Europa; alli, no foco da civilização, e no meio dos grandes mestres, **a cada passo que** avançava na conquista dos segredos da arte, reconhecia que me hia ennobrecendo por ella. (19-2LEV, 32)

No conjunto de contextos representado pelos exemplos de (58) a (60), *apressado*, *rápido* e *lento* modificam *passo*, e o sintagma preposicional que formam juntamente com o item descreve a maneira pela qual os processos expressos pelos verbos *atravessar* (58) e *caminhar* (59 e 60) ocorrem no espaço e no tempo. O escopo do sintagma integrado por *passo* nessas construções, portanto, é restrito, recaindo sobre um dos constituintes da sentença. Admito que o valor temporal tem aqui natureza mais concreta, ou menos abstrata, por estar inscrito nos modificadores de *passo* e por estar associado a modos de caminhar e atravessar – modos de deslocamento no espaço sociofísico. De acordo com a análise, tais contextos não constituem o ambiente em que as mudanças se processam, mas ainda assim parecem relevantes para a compreensão da trajetória como um todo, tendo em vista que há contextos em que nenhuma nuance temporal está presente.

Por outro lado, nos contextos de (61) a (63), o sintagma preposicional com *passo* tem moldes mais fixos, sendo sempre constituído por *mesmo* (*ao mesmo passo*), que, em meio à diversidade de funções que pode assumir no PB, parece atuar como adjetivo no âmbito do sintagma, e por *cada* (*a cada passo* ou *a cada passo que*), pronome indefinido. Em relação ao primeiro tipo de contextos espaço/tempo, tem-se aqui o ganho de uma *relação* temporal e, especificamente, de uma relação temporal caracterizada por uma nuance de proporcionalidade que envolve progressão simultânea entre dois processos postos em relação.

Destaco aqui *proporcionalidade* e *progressão simultânea*: a qualificação que *passo* recebe em tais contextos está atrelada à noção de similaridade. Enquanto diferentes tipos de modificação do nome *passo* são encontrados no primeiro conjunto de arranjos *espaço/tempo*, no grupo em análise *passo* é particularmente caracterizado como um passo *similar*. No caso de *ao mesmo passo*, a noção de similaridade é codificada pela própria semântica de *mesmo*, que, conjugada com o valor espacial de *passo* – espaço já mais abstrato, sem fazer referência a um movimento de deslocamento concreto –, contribui para emergir a noção de tempo similar.

Essa noção depende, ainda, no entanto, da consideração de ambos os processos descritos na construção. Em (61), por exemplo, o derretimento acontece ao mesmo tempo em que, ou mais precisamente, à medida em que ocorre a ingestão da substância. Já se observa, assim, um significado temporal que depende de uma relação binária, na qual o sintagma com *passo* ganha, em certa medida, escopo mais amplo, pois passa a fazer referência a toda a sentença que veicula o processo que está

sendo descrito como similar ao outro que também está em pauta na construção. *Ao mesmo passo* já está, inclusive, dicionarizado no português como locução que expressa a acepção “ao mesmo tempo”, “no mesmo ritmo” (HOUAISS, 2009).

O ganho do componente de similaridade é também fundamental porque implica o ganho de uma relação *comparativa*. Segundo Kortmann (1997, p. 88), as relações de proporção, que o autor situa no macro domínio semântico de modo, configuram um tipo especial de comparação. Sendo a comparação inerente às relações contrastivas (cf. Capítulo 2), a proporcionalidade subjacente aos contextos em pauta constitui, em minha análise, um primeiro e importante estágio no percurso rumo a contraste.

Já nos contextos em que o sintagma envolve *a cada passo* ou *a cada passo que*, a similaridade no tempo se estabelece de maneira um pouco diferente, dependendo da combinação da quantificação inscrita em *cada* com o valor espacial (também mais abstratizado na maioria dos contextos) de *passo*: se a cada passo, a cada etapa envolvida em um processo A, um processo B também é observado, é possível inferir que os dois processos ocorrem em tempo similar. Considero particularmente importantes os contextos em que *passo* é modificado por oração introduzida por *que* pronome relativo, tal como em (63). Embora seja a única ocorrência encontrada no *corpus*, o dado mostra, além dos ganhos semântico-pragmáticos mencionados até aqui, uma reorganização morfosintática relevante para a mudança, pois se trata do contexto *espaço/tempo* mais próximo das construções exclusivamente temporais com *passo*, nas quais o item sempre constitui a perífrase *ao passo que*. A caracterização de *passo* por meio de uma oração relativizadora, de forma complementar à modificação que já recebe de *cada*, favorece a conjugação do paralelismo que emerge, em termos de significado, da similaridade no tempo – independentemente de como estão linguisticamente expressos, dois processos que ocorrem em tempo similar são paralelos nesse domínio, sem se considerar as implicações comunicativas que derivam da expressão linguística – com uma relação mais paralela também no domínio morfosintático, pois o paralelismo no tempo tende a ser refletido na relação linguística entre as orações, pela correlação modo-temporal entre os verbos de cada oração, que, em (63), se apresentam em formas do pretérito imperfeito do indicativo.

Ainda do ponto de vista morfosintático, nos contextos *espaço/tempo* com natureza mais procedural, a combinação de *passo* com *cada* é também fator favorável a um primeiro estágio de descategorização dos usos lexicais, na medida em que o modificador pronominal restringe as possibilidades flexionais de *passo* enquanto nome. *Cada* requer a forma singular de *passo*, reduzindo as possibilidades de flexão de número. Em vários outros contextos, *passo* está flexionado no plural, tal

como nos exemplos (53), (54) e (57) acima, bem como em algumas instâncias do sintagma preposicional do grupo (i) no padrão *espaço/tempo*, conforme a Tabela 23. Enquanto perífrase conjunta, *ao passo que* sempre contém a forma singular de *passo*, o que pressupõe a perda de uma de suas propriedades nominais mais típicas. Ao referir o movimento dos pés para deslocamento no espaço sociofísico, expressa um significado que pode ser quantificado e contabilizado de maneira precisa (cf., nos exemplos apresentados, *três passos*, *primeiro passo*, etc.). No sintagma *a cada passo*, *cada* por si só atribui a *passo* uma espécie de quantificação, não oferecendo, entretanto, uma contabilização tão precisa de passos tal como se observa em casos como *três passos* e *primeiro passo*, mas promovendo um efeito quantificador e intensificador que está mais atrelado à expressão do alto grau de semelhança entre os processos descritos.

A seguir, sistematizo no Quadro 4 os dois tipos de sintagma preposicional com *passo* caracterizados até aqui.

Quadro 4 – Sintagmas preposicionais com *passo*: padrão *espaço/tempo*

(i) Padrão <i>espaço/tempo</i> com referência temporal mais conceitual	(ii) Padrão <i>espaço/tempo</i> com referência temporal mais procedural
<i>De passo rápido</i> <i>A passo lento</i> <i>Num passo certo e apressado</i> <i>A passo lento, mas seguro</i> <i>Com passo apressado</i> <i>Com passos arrastados</i> <i>A passos de gigante</i>	<i>Ao mesmo passo</i> <i>A cada passo</i> <i>A cada passo que</i>

Fonte: autoria própria.

Enquanto perífrase conjunta nas construções exclusivamente temporais, *ao (mesmo) passo que* exprime uma relação temporal de simultaneidade que pode ou não estar associada a proporcionalidade, como explicado adiante. A perífrase já se mostra sujeita a uma leitura mais formulaica, como consequência da perda parcial de suas propriedades nominais, especificamente, a flexão de número, mas ainda pode haver material interveniente entre *ao* e *passo*, que, nos dados, quando presente, é sempre *mesmo* (cf. 64 a seguir). Permanece como traço remanescente da fonte lexical o artigo *o*, que indica o gênero masculino originalmente associado ao nome. Para caracterizar as construções temporais com *passo*, apresento a seguir os exemplos de (64) a (66).

(64) Ficar a Corte do Brazil por mais tempo no estado, em que hoje se acha, e com que vai se depauperando, **ao mesmo passo que** se vai enraizando a mal-entendida liberdade das Provincias? (19-1MCBRD, 85)

(65) A péle, que he delgadissima, no principio he tenra e branca, ao depois fica verde, e de hum amarello cor de limão **ao passo que** o nó da Cana se vai chegando ao estado de madureza. (18-2FBI2, 4)

(66) As lavadeiras não se calavam, sempre a esfregar, e a bater, e a torcer camisas e ceroulas, esfogeadas já pelo exercício. **Ao passo que**, em torno da sua tagarelice, o cortiço se enbandeirava todo de roupa molhada, donde o sol tirava scintillações de prata. (19-2OCOR, 46)

De acordo com a análise conduzida, admito que a relação temporal estabelecida por *ao passo que* em contextos como (64 e 65) implica proporcionalidade com progressão simultânea, enquanto aquela que se instaura em contextos representados por (66) não envolve proporção, mas apenas simultaneidade com duração (SIDUR, cf. Capítulo 4). Não esteve ao alcance desta pesquisa monitorar diacronicamente, no âmbito das construções temporais, os contextos em que simultaneidade e proporcionalidade estão conjugadas na constituição da relação temporal e aqueles em que essa relação deixa de envolver proporção, restringindo-se a tempo simultâneo. Em pesquisas futuras sobre a diacronia de *passo*, entretanto, essa parece ser uma via investigativa interessante, sobretudo no caso de o apagamento da relação de proporção se mostrar uma etapa envolvida na evolução de contraste. Considerando que a semântica lexical original de *passo* é favorável a interpretações associadas a etapas gradativas, que envolvem progressão no espaço e no tempo, é possível que o valor de proporcionalidade esteja atrelado à forma nominal de maneira ainda mais importante do que aquela identificada na análise desta pesquisa, de modo que seu recuo seria um passo importante para o desvencilhamento dos traços semânticos essenciais da fonte.

Em (64), o enraizamento da liberdade mal-entendida é colocado em relação proporcional e simultânea com o processo de empobrecimento da corte, ao passo que, em (65), o processo de transformação da cor ocorre conforme, ou à proporção em que, o processo de amadurecimento se desenvolve. Atribuo papel fundamental ao uso do gerúndio nas locuções verbais que constituem as orações iniciadas por *ao mesmo passo que* e *ao passo que*, já que implica que os processos descritos estão em andamento durante o processo referido nas orações principais e confere um efeito de prolongamento que é favorável tanto ao aspecto de simultaneidade como ao aspecto de proporcionalidade da relação.

Já em (66), entendo que o processo descrito na oração iniciada por *ao passo que* é simultâneo ao processo apresentado no período complexo precedente, mas não ocorre de maneira proporcional a ele, fornecendo, na verdade, um cenário de fundo para seu desenvolvimento. Trata-se de arranjos

contextuais muito similares às construções temporais com *enquanto* (cf. Capítulo 4), o que me levou a conduzir a mesma análise da maneira como os processos se relacionam no espaço e no tempo (com proximidade ou distância sociofísica) e dos tipos de experiências que são descritas nessas construções. Do mesmo modo como procedi no estudo de *enquanto*, também realizei essa análise, diacronicamente, para os contextos temporal-contrastivos e contrastivos. A Tabela 23 a seguir mostra os resultados da análise da relação espaço-tempo, e a Tabela 24 focaliza os tipos de processos, ambas circunscritas, nesse momento, à diacronia das construções exclusivamente temporais.

Tabela 23 – A relação espaço-tempo nas construções exclusivamente temporais com *ao (mesmo) passo que*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Proximidade espacial e temporal	-	6/6 (100%)	3/3 (100%)	1/5 (20%)	0/2	-
Distância espacial, proximidade temporal	-	0/6	0/3	0/5	0/2	-
Irrelevância da dimensão espacial, proximidade temporal	-	0/6	0/3	4/5 (80%)	2/2 (100%)	-

Fonte: autoria própria.

Tabela 24 – Tipos de processos nas construções exclusivamente temporais com *ao (mesmo) passo que*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Material	-	6/6 (100%)	3/3 (100%)	2/5 (40%)	1/2 (50%)	-
Comportamental	-	0/6	0/3	0/5	0/2	-
Mental	-	0/6	0/3	1/5 (20%)	0/2	-
Verbal	-	0/6	0/3	0/5	0/2	-
Relacional	-	0/6	0/3	2/5 (40%)	1/2 (50%)	-
Existencial	-	0/6	0/3	0/5	0/2	-

Fonte: autoria própria.

A Tabela 23 sugere que, inicialmente, as construções temporais com *ao (mesmo) passo que* também envolviam a proximidade duplamente espacial e temporal que foi observada na maioria dos dados temporais de *enquanto (que)*. Contudo, diferentemente dessa trajetória, em que a tendência à sobreposição espacial e temporal se mostra estável diacronicamente, no percurso de *passo*, a relação espaço-tempo se remodela ao longo do tempo, com as construções temporais passando a se estabelecer entre processos que não compartilham o mesmo espaço sociofísico, permanecendo em situação de coocorrência apenas no eixo do tempo. Como as ocorrências exclusivamente temporais têm frequência baixa, afirmo essa tendência evolutiva com mais cautela do que as considerações relativas ao padrão evolutivo da relação espaço-tempo nas construções temporais com *enquanto*, bastante frequentes no *corpus*. Em desdobramentos futuros da pesquisa, pretendo estender a amostra e reavaliar a questão.

De maneira similar, a análise dos tipos de processos, conforme a Tabela 24, mostra também um cenário de mudança, em que os usos temporais referem inicialmente apenas processos materiais, passando com o tempo a referir também outros tipos de processos (relacionais e mentais, nessa ordem de importância) – em oposição às construções temporais com *enquanto*, que permanecem fortemente associadas a processos materiais em todo o recorte diacrônico investigado. Esse cenário de mudança no percurso de *passo*, entretanto, é relativo, pois, nos dados, os processos relacionais consistem principalmente em relações estabelecidas entre aspectos que remontam à realidade externa, tal como se vê em (67) a seguir, em que a referência à vida cotidiana e ao tempo do calendário instaura um processo relacional que é tão ancorado nas experiências externas quanto processos materiais.

(67) **Ao passo que** a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a historia e a civilização. (19-2ECLB, 100)

De qualquer forma, em uma possível continuidade da pesquisa, seria interessante analisar a relação das remodelações nas duas principais dimensões de análise consideradas (relação espaço-tempo entre os processos descritos e tipos de experiências associados a tais processos) e o desaparecimento dos usos exclusivamente temporais de *passo*.

Nos moldes em que os dois aspectos se apresentam nos dados, acredito ser possível assim sistematizar a evolução diacrônica das construções temporais com *passo*: na dimensão espaço-temporal, dá-se uma transição do cenário de sobreposição dupla para o cenário de sobreposição apenas temporal, enquanto, na dimensão das experiências veiculadas, estados de língua mais remotos estão fortemente associados a experiências ancoradas na realidade externa, e períodos mais recentes do PB caracterizam-se por uma maior distribuição entre diferentes tipos de experiências, com tendência à expressão de

processos materiais e relacionais, até os usos temporais desaparecerem por completo no último período.

No que diz respeito à relação pragmática que se estabelece entre as orações vinculadas por *ao (mesmo) passo que* temporal, tanto nas construções em que a relação temporal emerge da combinação de proporção e simultaneidade como naquelas marcadas apenas por tempo simultâneo, a análise sugere relações pragmaticamente assimétricas, em que apenas a oração principal está no escopo dos testes de pergunta e negação. Apresento a seguir, em (68) e (69), exemplos da aplicação dos testes, sublinhando as partes das sentenças que estão incluídas na pergunta e na negação.

(68) Primeiramente ficou vermelha, ao depois mais, e mais se fez loura, **ao passo que** a digestão se foi continuando. (19-1 FBII1, 99)

Negação: Não é verdade que primeiramente ficou vermelha, ao depois mais, e mais se fez loura, **ao passo que** a digestão se foi continuando.

Ou, para melhor visualização do teste: Não é verdade que primeiramente ficou vermelha, **ao passo que** a digestão se foi continuando.

Pergunta: Primeiramente ficou vermelha, ao depois mais, e mais se fez loura, **ao passo que** a digestão se foi continuando?

Ou: É verdade que primeiramente ficou vermelha, **ao passo que** a digestão se foi continuando?

(69) **Ao passo que** o melasso se esfria, fórma os seus crystaes. (18-2FBI2, 11)

Negação: Não é verdade que, **ao passo que** o melasso se esfria, [o melasso] fórma os seus crystaes.

Pergunta: É verdade que, **ao passo que** o melasso se esfria, [o melasso] fórma os seus crystaes?

Ou: **Ao passo que** o melasso se esfria, [o melasso] fórma os seus crystaes?

A oração iniciada por *ao passo que*, em ambos os casos, não está no alvo da pergunta ou da negação, não apresentando, portanto, força ilocucionária própria, o que condiz com seu estatuto comunicativo na construção: ao abrir um cenário de fundo para o processo veiculado na oração principal, a oração com a perífrase não tem o mesmo peso comunicativo que a oração principal.

Em harmonia com a assimetria pragmática, na dimensão prosódica, também se estabelece uma configuração assimétrica, conforme exemplifico abaixo em (70).

(70) A *aceada*, e a grande, se aquentão sucessivamente e se lhe tirão as escumas, **ao passo que** ellas vem aparecendo na sua superfície. (18-2FBI2, 13)

[[A *aceada*]I [e a grande]I [se aquentão sucessivamente]I]U [e se lhe tirão as escumas ao passo que ellas vem aparecendo na sua superfície]I]U

Na análise prosódica fornecida, a assimetria prosódica da oração iniciada por *ao passo que* resulta do fato de não formar enunciado fonológico e frase entoacional independentes, pertencendo ao contorno entoacional da oração *e se lhe tirão as escumas*, que, por sua vez, é autônoma em termos de ambos os constituintes prosódicos em questão. A inexistência de fronteiras prosódicas entre as orações temporais com *passo* e as orações principais às quais se relacionam caracteriza tanto os contextos que exibem proporcionalidade, como (70) acima, como os contextos constituídos apenas pela relação de tempo simultâneo. Para ilustrar o último caso, retomo a seguir em (66') o exemplo (66) anteriormente fornecido, pelo fato de sua organização no plano gráfico, em que há pausa entre a oração com *ao passo que* e a oração principal, poder levar a uma interpretação equivocada da configuração prosódica da construção.

(66') [[As lavadeiras não se calavam] *I*] *U*, [sempre a esfregar] *I*] *U*, [e a bater] *I*] *U*, [e a torcer camisas e ceroulas] *I*, [esfogueadas já pelo exercício] *I*. [**Ao passo que**] *I*, [em torno da sua tagarelice] *I*, [o cortiço se enbandeirava todo de roupa molhada] *I*, [donde o sol tirava scintilações de prata.] *I*] *U*

Como se observa na análise prosódica, a oração *ao passo que o cortiço se enbandeirava todo de roupa molhada* pertence ao mesmo enunciado fonológico que a oração *e a torcer camisas e ceroulas*. A pausa gráfica entre a oração com *ao passo que* e o restante do período parece ser motivada por normas prescritivas, ainda muito instáveis no século XIX, conforme discussão feita na seção 5.3.

No que diz respeito à estruturação morfossintática das construções fonte, *ao passo que* enquanto juntor perifrástico temporal ocupa sempre o início de uma oração, sendo variável, no entanto, a posição dessa oração em relação à principal, como mostra a Tabela 25 a seguir. Já a correferencialidade dos sujeitos, conforme a Tabela 26, é menos variável nos contextos temporais, sendo possível observar frequências maiores de construções com sujeitos não correferenciais.

Tabela 25 – Disposição sintática da oração com *passo* nos contextos temporais

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Oração- <i>ao passo que</i> anteposta	-	3/6 (50%)	0/3	1/5 (20%)	2/2 (100%)	-
Oração- <i>ao passo que</i> posposta	-	3/6 (50%)	3/3 (100%)	4/5 (80%)	0/2	-

Fonte: autoria própria.

Tabela 26 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos temporais com *ao (mesmo) passo que*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Sujeitos correferenciais	-	2/6 (33,4%)	1/3 (33,4%)	1/5 (20%)	0/2	-
Sujeitos não correferenciais	-	4/6 (66,6%)	2/3 (66,6%)	4/5 (80%)	2/2 (100%)	-

Fonte: autoria própria.

Como se vê na Tabela 25, a distribuição das frequências de anteposição e de posposição da oração-*ao passo que* é bastante variável, havendo períodos em que todos os exemplares são casos de posposição (19-1), e períodos em que todas as ocorrências exibem anteposição (20-1). Por outro lado, há estados de língua em que as frequências se equacionam (18-2). Conforme Kortmann (1997), essa disposição sintática flutuante consiste em comportamento típico de conectivos subordinativos, de modo que se trata de traço morfossintático que reforça a função temporal da perífrase com *passo* nos contextos em análise. A Tabela 26, por sua vez, sugere um cenário similar àquele atestado no percurso de *enquanto*, cujos usos temporais também exibem tendência à não correferencialidade.

5.2 As construções contrastivas com *ao passo que*

Na análise dos contextos contrastivos com *ao passo que*, identifiquei características muito similares às relações de contraste que foram reconhecidas nos usos contrastivos de *enquanto (que)*. Lembro que não se tem a expectativa e nem a necessidade de identificação de construções contrastivas com os novos juntores que apresentem todas as propriedades de contraste que mostram as construções contrastivas mais prototípicas do PB, com aquelas com *mas*. O que é relevante para as questões da pesquisa é a possibilidade de reconhecer propriedades que são *típicas* a essas construções de contraste em particular e que, permitindo sua diferenciação em relação às construções temporais, legitima sua análise em termos de contraste. Somada à existência de um conjunto consistente de construções de contraste com *ao passo que* (assim como de um conjunto consistente de usos contrastivos de *enquanto (que)*), é também relevante a apreensão, nesse conjunto, de ao menos algumas propriedades que aproximam as novas manobras contrastivas daquelas já bem consolidadas na língua – e, de forma ainda mais importante, de propriedades que estão entre as mais cruciais para o instanciamento de contraste.

Uma de tais propriedades consiste no componente comparativo inerente às relações contrastivas em geral, conforme entendidas aqui (cf. Capítulos 2 e 4), componente que traz para a

construção a configuração de um integrador comum, à luz do qual dois processos são comparados e confrontados. A presença de expressões diversas que contêm carga subjetiva inerente é também fator contextual típico das construções de contraste com *ao passo que*, exemplificadas a seguir de (71) a (73).

Também de maneira muito similar aos contextos contrastivos com *enquanto (que)*, o traço fundamental dos usos de *ao passo que* para expressão contrastiva está na ausência de proximidade espacial e temporal entre os processos relacionados, tendo sido observadas as mesmas três possíveis configurações da relação espaço-tempo que foram atestadas nos dados de *enquanto (que)*. Na Tabela 27, exponho os resultados do exame diacrônico dessa relação. De (71) a (73), apresento exemplos representativos.

Tabela 27 – A relação espaço-tempo nas construções exclusivamente contrastivas com *ao passo que*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Distância espacial, distância temporal	-	0/3	0/5	3/8 (37,5%)	4/7 (57,1%)	1/8 (12,5%)
Irrelevância da dimensão espacial, distância temporal	-	3/3 (100%)	5/5 (100%)	5/8 (62,5%)	1/7 (14,3%)	7/8 (87,5%)
Irrelevância de ambas as dimensões espacial e temporal	-	0/3	0/5	0/8	2/7 (28,6%)	0/8

Fonte: autoria própria.

(i) Distância espacial, distância temporal

(71) Mas não vem fora de propósito notar que em Venezuela a constituição que proíbe, em termos explícitos, o Governo Federal intervir, quaesquer que sejam as perturbações, que ocorram em algum Estado, ainda hoje continua em vigor; **ao passo que** na Columbia, em que a constituição não estabelecia proibição alguma sobre a intervenção, bastaram apenas vinte e três annos para que a fôrma unitária fosse substituída á federativa, e os antigos Estados transformados em simples departamentos, administrados por governadores de nomeação do chefe do Poder executivo!... (20-1ESL, 94)

(ii) Irrelevância da dimensão espacial, distância temporal

(72) Repetia-se agora, em proporções semelhantes, a situação que existiu antes da dissolução de 1863: a Câmara repartida entre dois blocos quase equivalentes. Com uma diferença: em 1863 digladiaram-se conservadores rubros, de um lado, e, de outro, ligueiros, **ao passo que** desta vez a luta, ainda que por vezes dissimulada, é essencialmente entre progressistas e liberais históricos. (20-2/21HGCB, 63)

(iii) Irrelevância de ambas as dimensões espacial e temporal

(73) Se a terra he dura, secca, e cansada, (...), a raiz principal he destituída de forças para a furar, e penetrar, vendo-se obrigada a curvar-se sobre si mesma, donde vem, que, não encontrando a frescura, e gordura, de que tem mister, se secca logo, e a árvore, que ella sustenta, acontece o mesmo, **ao passo que**, quando encontra huma terra nova, que não tem sido calcada; e que ainda tem toda a sua força, ella a penetra facilmente, alarga-se, e se fortifica. (19-1FBIII3, 90)

Como se observa na Tabela 27, na totalidade das construções de contraste com *ao passo que*, não há ocorrências em que os processos postos em relação compartilham o mesmo cenário sociofísico. Já o significado fonte, fundado na coocorrência temporal, fica bloqueado pela distância temporal, que está presente na maior parte dos dados contrastivos. Estando em relação comparativo-opositiva, o que há de partilhamento entre os processos é um integrador comum. Em (71), estão sendo comparadas as posições de governos de diferentes países, em diferentes intervalos temporais, em relação a intervenções em suas respectivas constituições – ambos os enunciados concentram-se, assim, em posições governamentais; em (72), colocam-se em comparação os grupos de pessoas envolvidos em uma dada disputa, que, em função das diferenças nos grupos protagonistas, tem moldes diferentes de um intervalo temporal a outro – com ambos os enunciados focalizando características dos grupos participantes; e em (73), opõem-se os processos de crescimento de uma planta em diferentes circunstâncias – ambos os enunciados apresentando características ambientais seguidas dos processos de crescimento correspondentes.

Chamo atenção para o fato de que o que estou entendendo como “irrelevância das dimensões espacial e/ou temporal” diz respeito a não necessidade de localizações espaciais e/ou temporais precisas para a interpretação contrastiva. Em casos como (73), observam-se quadros temporais contingentes – diferentes do significado temporal de origem – que também compartilham traços com os casos de distância temporal, uma vez que se trata de dois quadros temporais contingentes *em oposição* – *se a terra he dura, secca, e cansada (...)* vs *quando encontra huma terra nova* –, de modo que há, em certa medida, intervalos temporais que estão distantes, já que cada um tem lugar em diferentes circunstâncias. Ainda assim, opto por conceber esses casos como representativos do cenário em (iii) pelo fato de serem intervalos temporais sem localização precisa, diferentemente do que se observa em (72), por exemplo, em que se tem períodos de tempo bem delimitados (*1863* vs *desta vez*).

A análise dos tipos de processos, por sua vez, sistematizada na Tabela 28 a seguir, mostra uma evolução em que, ao longo do tempo, as construções contrastivas com *passo* passam a expressar tipos mais variados de experiências. Ainda assim, os processos materiais e relacionais prevalecem, de modo

similar ao que foi observado no âmbito dos usos temporais. Seguindo a tabela, os exemplos de (74) a (79) ilustram cada tipo de processo atestado nas construções de contraste com *passo*, na mesma ordem que seguem na tabela.

Tabela 28 – Tipos de processos nas construções exclusivamente contrastivas com *ao passo que*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Material	-	3/3 (100%)	4/5 (80%)	5/8 (62,5%)	4/7 (57,1%)	2/8 (25%)
Comportamental	-	0/3	0/5	0/8	0/7	1/8 (12,5%)
Mental	-	0/3	0/5	0/8	1/7 (14,3%)	0/8
Verbal	-	0/3	0/5	0/8	1/7 (14,3%)	1/8 (12,5%)
Relacional	-	0/3	1/5 (20%)	2/8 (25%)	1/7 (14,3%)	3/8 (37,5%)
Existencial	-	0/3	0/5	1/8 (12,5%)	0/7	1/8 (12,5%)

Fonte: autoria própria.

(74) Seria de um grande proveito que os armazéns em que se guardão os Assucares, fossem ladrilhados e com declive e que na parte baixa do armazém houvessem hum ou dous buracos que tivessem chamados de hum par de pés de profundez em terra, nos quaes se ajuntassem os melassos, que continuamente correm das barricas d' Assucar bruto, e só parão ao quando estas se quebrão. Sem esta providencia, seria muito pouco assejada, e não daria hum prompto accesso ás barricas nem lhes permittiria fazellas rollar - sem se sentir como engrudadas - **ao passo que** escorrendo os melassos nos buracos de que acabamos de fallar - se cuidaria em os aproveitar, logo que elles fossem cheios: e com este cuidado se conservaria o armazém limpo, e nada se perderia. (18-2FBI2, 8)

(75) É em suma a teoria que Landulfo expusera seis anos antes, mas para condená-la, **ao passo que** o novo libelista trata de coonestá-la por julgar D. Pedro o “mais brasileiro dos brasileiros, o mais liberal dos liberais”. (20-2/21HGCB, 66)

(76) Dest'arte se explica o facto que se observa constantemente no mundo das letras: um pedaço de prosa dos melhores mesmos, lidos por um amigo do autor, affecta de modo agradável, **ao passo que**, lido por um inimigo, produz effeito diverso. (20-1CSCA, 120)

(77) E' evidentemente ao *derradeiro grande período glaciario* que se refere embrulhadamente o Bomfim, quando falta em últimos tempos terciarios e primeira epocha quaternária, **ao passo que** me reportava eu ao pequeno período glaciario de origem polar no hemispherio boreal, que foi succedido pelo actual período de calor do alludido hemispherio. (20-1PRDE, 139)

(78) O poeta fluminense não tinha idéas feitas, não tinha plano, não tinha systema, não tinha escola; era apenas um representante mais hábil da anarchia e da decadência do decennio estéril, **ao passo que** o poeta bahiano, o São Paulo do socialismo condoreiro do norte, estava na altura de seu tempo e era fatal que influísse. (19-2ECLB, 87)

(79) No Brasil já se fala em “imperialismo” como sinônimo de “poder pessoal” do imperador, durante a década de 1860-70, **ao passo que** o significado hoje mais usual dessa palavra só vai surgir, segundo alguns historiadores, depois de 1890 na Inglaterra. (20-2/21HGCB, 65)

Dado que as mesmas categorias de processos predominam tanto nos contextos fonte como nos contextos alvo, considero que a dimensão de mudança principal no percurso de *passo* reside na relação que se estabelece entre os processos nos domínios do espaço e do tempo, o que também observei na trajetória de *enquanto* (*que*). Ainda assim, a análise em termos dos tipos de experiências foi relevante para a compreensão de ambas as trajetórias, por revelar uma tendência evolutiva similar nos contextos temporal-contrastivos, explorada no Capítulo 4 no âmbito do percurso de *enquanto* e especificada para o percurso de *passo* na próxima seção. Além disso, a maior distribuição dos usos contrastivos de *passo* por diferentes tipos de processos sugere, ainda que de maneira singela, uma propagação por diferentes contextos de uso – considerando que, neste trabalho, os contextos estão também sendo caracterizados a partir dessa dimensão mais cognitiva de análise.

A relação comparativo-opositiva que se molda nas construções de contraste com *passo* resulta em configurações pragmáticas e prosódicas mais simétricas. Especificamente as configurações prosódicas se mostram bastante variáveis, sobretudo em relação às frases entoacionais, que, a depender de particularidades das construções, podem ou não corresponder à presença de enunciados fonológicos autônomos. Apesar dessa variedade, no conjunto total dos contextos contrastivos, é possível afirmar a formação de fronteiras prosódicas entre a oração iniciada pela perífrase e uma outra oração à qual se relaciona, de modo que, assim como procedi na análise prosódica das construções de contraste com *enquanto*, adotei como critério para determinar a existência de fronteira prosódica a configuração de pelo menos uma frase entoacional e um enunciado fonológico em cada segmento relacionado por *ao passo que*. Conforme justificado no Capítulo 4, esse arranjo prosódico é suficiente para atestar uma relação semântico-pragmática em que cada processo descrito atua como instância independente no domínio de um integrador comum.

A simetria prosódica está intimamente ligada à simetria pragmática que se verifica nas construções mobilizadas por *ao passo que* contrastivo. Exemplifico os dois tipos de simetria a seguir, em (76') e (76'').

(76') Dest'arte se explica o facto que se observa constantemente no mundo das letras: um pedaço de prosa dos melhores mesmos, lidos por um amigo do autor, affecta de modo agradável, **ao passo que**, lido por um inimigo, produz efeito diverso.

Negação: Não é verdade que um pedaço de prosa dos melhores, lidos por um amigo do autor, affecta de modo agradável, **ao passo que**, lido por um inimigo, produz efeito diverso.

Pergunta: Não é verdade que um pedaço de prosa dos melhores, lidos por um amigo do autor, affecta de modo agradável, **ao passo que**, lido por um inimigo, produz efeito diverso?

Ou: Você concorda/acha que um pedaço de prosa dos melhores, lidos por um amigo do autor, affecta de modo agradável, **ao passo que**, lido por um inimigo, produz efeito diverso?

(76'') [[Um pedaço de prosa]I [lido por um amigo do autor]I [affecta de modo agradável]]U [**ao passo que**]I [lido por um inimigo]I [produz efeito diverso.]]U

O exemplo (76) contém uma outra ocorrência dos contextos contrastivos nos quais o significado de contingência e, sobretudo, a oposição entre dois quadros temporais contingentes bloqueia uma relação de concomitância no tempo. A própria oposição entre os dois cenários contingentes reforça a relação comparativa, constituindo um de seus elementos centrais, já que cada um dos processos subjetivos em questão depende de circunstâncias específicas. Nesse arranjo comparativo, contribui fortemente a organização morfossintática, pautada na apresentação do cenário contingencial logo antes do processo subjetivo focalizado (circunstância A, efeito subjetivo A – circunstância B, efeito subjetivo B) e no uso de estruturas muito similares que são preenchidas, em pontos decisivos, por expressões que evocam desigualdades (por exemplo, lido por um *amigo* vs lido por um *inimigo*).

Conforme as análises pragmática e prosódica apresentadas, o paralelismo semântico-pragmático que emerge da relação comparativa e do arranjo morfossintático é confirmado por ambos os testes de pergunta e negação – o que está sendo negado ou indagado não é o processo subjetivo A ou B, mas a relação de oposição entre eles em função dos quadros circunstanciais aos quais se associam – e por uma estruturação prosódica em que cada instância do integrador comum contém contorno entoacional próprio. Particularmente no exemplo em análise, tem papel fundamental para a interpretação contrastiva a expressão prosódica de cada quadro circunstancial em frases entoacionais independentes, na medida em que a autonomia entoacional de cada um marca sua associação a situações que também entram em oposição.

Para analisar as propriedades morfossintáticas típicas das construções contrastivas, em conformidade com os parâmetros adotados nesta pesquisa, apresento a seguir, nas Tabelas 29 e 30, as frequências absolutas e percentuais da disposição sintática da oração com *passo* nessas construções e da correferencialidade dos sujeitos.

Tabela 29 – Disposição sintática da oração com *passo* nos contextos contrastivos

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Oração- <i>ao passo que</i> anteposta	-	0/3	0/5	1/8 (12,5%)	1/7 (14,2%)	0/8
Oração- <i>ao passo que</i> posposta	-	3/3 (100%)	5/5 (100%)	7/8 (87,5%)	6/7 (85,8%)	8/8 (100%)

Fonte: autoria própria.

Tabela 30 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos contrastivos com *ao passo que*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Sujeitos correferenciais	-	0/3	1/5 (20%)	2/8 (25%)	2/7 (28,6%)	0/8
Sujeitos não correferenciais	-	3/3 (100%)	4/5 (80%)	6/8 (75%)	5/7 (71,4%)	8/8 (100%)

Fonte: autoria própria.

Considerando primeiramente os dados da Tabela 30, sinalizo novamente a tendência a sujeitos não correferenciais, o que vai ao encontro da manobra empreendida pelo contraste opositivo, que, em muitos casos, se estabelece justamente entre os sujeitos oracionais. No entanto, os dados revelam que, mesmo entre os casos de não correferencialidade, muitas vezes os sujeitos não participam de maneira decisiva da relação de oposição, fazendo dela parte outros constituintes, tais como tópicos que apresentam quadros circunstanciais. Além disso, a existência de construções contrastivas com sujeitos correferenciais também mostra que a não correferencialidade não é fator necessário para o contraste com *ao passo que* (assim como para outras construções contrastivas). No exemplo (75) anteriormente apresentado, por exemplo, as orações compartilham o mesmo sujeito (*um pedaço de prosa*), e são cenários circunstanciais distintos associados a esse mesmo sujeito (*lido por um amigo do autor, lido por um inimigo*) que entram em oposição juntamente com os processos subjetivos que emergem de cada cenário.

Por outro lado, a disposição sintática da oração que contém a perífrase contrastiva, conforme a Tabela 29, se revelou nos dados traço típico dos contextos alvo, havendo apenas duas ocorrências da oração-*ao passo que* figurando em posição precedente à oração principal. Nessas ocorrências³⁴, há

³⁴ São elas:

Si o cérebro fosse um mero instrumento, finalmente, como explicar que, **ao passo que** integro continua a funcionar umas vezes, a despeito das lesões parciais, quando se trata do princípio substitutivo psicológico torna-se imprestável, outras vezes, sob o domínio de lesões que rompem apenas o seu mecanismo? (19-2FBEC, 115)

aspectos específicos da organização da construção que garantem a leitura contrastiva apesar da anteposição da oração iniciada pela perífrase. Particularmente, observam-se enunciados precedentes à construção com *passo* que levam a expectativas interpretativas em torno de uma relação necessariamente binária em que ambas as orações são comunicativamente relevantes.

5.3 As construções temporal-contrastivas com *ao (mesmo) passo que*

Os contextos que, nos dados, se mostram o lugar de encontro das noções de tempo e contraste nos usos de *passo* corroboram a hipótese de sua evolução similar à de *enquanto*. São construções em que *ao passo que* – com possibilidade de material interveniente, conforme discutido adiante – ainda contribui para o estabelecimento de relações temporais ancoradas em simultaneidade, mas essas relações ganham o mesmo elemento comparativo que se revelou fator favorável à evolução de *enquanto* rumo a contraste. Os processos relacionados coocorrem no tempo, mas são também comparados com base em diferenças reconhecidas entre eles – reconhecimento que é sempre perpassado pela subjetividade dos usuários da língua (cf. Capítulos 2 e 4) –, o que tem como consequência a emergência de um novo estatuto comunicativo para cada processo. Ao constituírem, juntos, uma relação de comparação, sua relevância para o propósito comunicativo de comparar e opor passa a ser similar (ao menos no âmbito da interpretação opositiva, ainda passível de cancelamento em muitos exemplares), sendo possíveis interpretações com configurações pragmáticas e prosódicas mais balanceadas e simétricas.

Antes de discutir e exemplificar as construções temporal-contrastivas com *passo* nas dimensões de análise consideradas, chamo atenção para uma particularidade desse conjunto de contextos. Em meio às construções polissêmicas entre tempo e contraste, encontram-se tanto casos como (80), a seguir, em que *mesmo* aparece como material interveniente entre *ao* e *passo* – indiciando construções em que a perífrase ainda está em constituição e que ainda demandam uma leitura mais composicional, na qual a presença de *mesmo*, enquanto modificador de *passo*, reflete seu estatuto ainda mais lexical, no âmbito da categoria dos nomes – e casos como (81), em que não há material interveniente entre os elementos que integram a perífrase, com *passo* já exibindo uma função mais junctiva, ainda de natureza temporal.

Ha interessantes diferenças sobre o trabalho de construção e povoamento das ruas de S. José e Assembléa. **Ao passo que** naquela elles operam-se quasi ao mesmo tempo nas extremidades e no centro, nesta elles foram regulares, sem interrupção de uma extremidade a outra, isto é, do littoral para o interior. (20-1HCRJ, 150)

(80) Observações geraes requerem causas geraes; e em nosso caso não podemos suppor outras, senão antigas inundações, causadas por fortíssimas borrascas, que acarretarão as áreas da praia para dentro da costa; ou lavando o terreno das terras glutinosas, mais dissoluveis e leves, deixarão as áreas, saibros, e pedregulho, que por mais soltos e pezados se precipitarão immediatamente, **ao mesmo passo que** as terras leves e glutinosas, só depois de maior socego no liquido, se forão depondo em serie de camadas successivas. (19-1MNUPNB, 75)

(81) E **ao passo que** os irmãos ficavam senhores de boas fortunas, Gustavo nada mais herdava que a pecha de bastardo! (19-2OVM, 19)

O único material interveniente entre *ao* e *passo* encontrado nos dados é *mesmo*, o que vejo como vestígio da trajetória evolutiva, conforme discutido em 5.1. A similaridade que está inscrita em *mesmo*, aqui também com função adjetiva, torna mais evidente a concomitância temporal entre os processos postos em comparação. Em (80), é importante observar que a noção de equivalência trazida por *mesmo* se aplica exclusivamente à relação de proporcionalidade que se dá entre os processos descritos. Não há propriamente uma relação de simultaneidade, já que os efeitos gerados por antigas inundações em diferentes áreas da praia ocorreram em *ritmos* diferentes (para as áreas com saibros e pedregulhos, houve precipitação imediata, para as áreas com terras leves e glutinosas, surgiram camadas sucessivas apenas após ficarem sujeitas à ação da água por mais tempo), o que implica a conclusão dos processos em tempos diferentes. Assim, há oposição entre as características de cada área focalizada e o ritmo em que se deram os efeitos da inundação gerada em cada uma, mas ainda é possível recuperar, em minha análise, uma relação de proporção no sentido de que, ainda que em ritmos, *passos* diferentes, ambos os processos progrediram de maneira similar.

Entendendo que se trata de um contexto altamente complexo para análise, reconheço que essa interpretação é questionável, se se considerar que, como os resultados finais de cada processo são similares (em ambos, há precipitação), os processos em si podem ser entendidos como estando em relação de similaridade, e as diferenças residiriam justamente no eixo do tempo (*imediatamente* vs *só depois de maior sossego no liquido*). Entretanto, tomando *mesmo* como resquício da trajetória evolutiva, dadas as evidências encontradas nos usos lexicais, e a grande instabilidade interpretativa do contexto em questão, optei por mantê-lo entre os contextos de polissemia, mobilizando como critério para essa decisão a existência inquestionável de traços da fonte.

Já em (81), estão representados os contextos sem material interveniente, com *ao passo que* constituindo perífrase juntiva, ainda de valor temporal. Nesses contextos, ocorre enriquecimento de significado a partir de expressões que se tornam, na construção, instâncias de oposição, como, por exemplo, *senhores de boas fortunas* vs *pecha (azar) de bastardo*. A presença de sujeitos não correferenciais é

também fator relevante, conforme discussão adiante. Assim como sinalizei na análise de *enquanto (que)*, chamo atenção para a importância do contexto não só pragmático, mas também socio-cultural para os processos de inferenciação em torno de contraste. Expressões como *boas fortunas* e *bastardo*, em diferentes tempos e sociedades, são fortemente associadas a situações boas e ruins, respectivamente.

Entre *passo* e a partícula *que*, os dados mostram também possibilidades de interposição: a presença de vírgula, como em (82), e a presença do juntor adverbial *porém*, como em (83).

(82) O sumo da Cana se ajunta em hum deposito. Tira-se deste deposito, e se enche com a guarapa, que se ajuntou, quando corria das moendas em hum coche, ou parol: algumas vezes tambem a guarapa corre per si mesma **ao passo, que** se vai espremendo em huma grande caldeira. (18-2FBI2)

(83) A evolução artística do Novo Mundo foi grande, querem mesmo que superior á da Europa em equivalente período de desenvolvimento. **Ao passo porém que** os Aryas apresentavam na sua disseminação, independente ou não de cruzamentos, um constante e vantajoso progresso; os Americanos, (...) esphacelavam-se, debandavam nús e famintos ante poderosas migrações. (19-2ALCB, 119)

O uso interposto de vírgula aparece nos dados apenas na construção em (82) acima e no exemplar em (84) a seguir:

(84) **Ao passo, que** o mellasso vai escorrendo pouco a pouco, se vai aumentando o branco da massa. (18-2FBI2, 9)

Considerando que ambas as ocorrências estão presentes no mesmo texto, pertencente ao *corpus* de 18-2, uma explicação possível para esse tipo de interposição está em normas de uso da vírgula que, segundo Rodrigues (2020, p. 123), circulam por gramáticas do século XVIII, as quais, ancoradas predominantemente em parâmetros morfossintáticos, prescrevem o uso indiscriminado de vírgula antes de orações introduzidas por pronome relativo, independentemente do tipo de construção relativa em jogo. Embora essa seja para mim uma explicação viável, ao observar a prática escrita do autor no texto em que as ocorrências foram identificadas, verifiquei diversas construções relativas não precedidas por vírgula. Essa flutuação nos usos de vírgula pelo autor pode ser consequência da própria ausência, identificada por Rodrigues (2020), de normas consensuais relativas à pontuação no período clássico, de modo que é possível, de fato, que o escrevente tenha feito uso da vírgula apenas para observância de prescrições normativas. Nesse caso, assumo que é significativa sua compreensão de *que*, nos contextos em pauta, como pronome relativo, pois, da perspectiva da mudança, ela é indício de que, em 18-2, a constituição da perífrase ainda é incipiente e pouco propagada na língua.

Já em (83), única construção do *corpus* em que *porém* aparece interposto a *passo* e *que* e único caso de material interveniente encontrado no período de 19-2, há também uma pista sugestiva de que, mesmo nesse estado de língua, a perífrase ainda não está fixada na língua. Em (83), *porém* indica conflito entre a construção introduzida por *ao passo* e a construção anterior, explicitando um cenário contrastivo que também poderia ser inferido, pragmaticamente, da própria construção temporal-contrastiva com *passo*

As ocorrências de material interveniente permitem hipotetizar que os usos perifrásticos prototípicos se propagam a partir de 20-1, pois, em todos os estados de língua anteriores, com exceção de 18-1, em que todas as ocorrências de *passo* são lexicais, há casos de interposição nos dados: em 18-2, observa-se a interposição por meio do uso de vírgula entre *passo* e *que*, estando ambas as ocorrências em construções exclusivamente temporais; em 19-1, aparecem os casos de interposição com *mesmo* entre *ao* e *passo*, tanto em construções temporais como em construções temporal-contrastivas; e, em 19-2, verifica-se a ocorrência de *porém* interposto a *passo* e *que*, em uma construção temporal-contrastiva.

Como mencionado anteriormente, a partir das Tabelas 21 e 22, do ponto de vista quantitativo, os dados sugerem o período de 19-2 como aquele em que há maior propagação das mudanças, pois apresenta a maior frequência percentual dos contextos temporal-contrastivos. Entendo que as evidências fornecidas pela análise qualitativa da constituição da perífrase corroboram os dados das tabelas, pois a presença de *porém* como parte da perífrase (ainda não prototípica) com *passo* indicia que falantes/escreventes desse período já têm de alguma forma assimilada sua associação com contraste.

A análise da relação dos processos à luz de ambas as dimensões espacial e temporal, cujos resultados apresento a seguir, na Tabela 31, sugere a gradual dissociação entre os processos relacionados no domínio sociofísico, e as tendências que apontam para essa dissociação de *enquanto* (*que*) colocam em destaque três pontos principais, que mobilizo aqui tanto no intuito de propor explicações para as mudanças de *passo* como com a intenção de também sistematizar o que considero ser o mais importante aspecto de similaridade entre as duas trajetórias, já que reside justamente nos contextos que fornecem condições para as mudanças: (i) há uma considerável redução na frequência dos contextos que exibem sobreposição duplamente espacial e temporal, (ii) há aumento percentual no grupo de contextos em que os processos se sobrepõem apenas no eixo do tempo, sendo sua localização espacial irrelevante para o significado (pragmático) de contraste, e (iii) verifica-se a persistência, com frequências percentuais relativamente estáveis, dos contextos em que a dissociação dos processos no espaço sociofísico faz parte da relação de oposição, a partir de localizações espaciais precisas que participam da comparação opositiva.

No quadro apresentado ao final deste capítulo, em que sistematizo os principais fatos de mudança relativos aos percursos de *enquanto* e *passo*, deverá ser possível observar que esses três aspectos parecem sugerir mecanismos de mudança similares, pois, enquanto os contextos temporais e os contrastivos mostram maior conjunto de particularidades entre os dois percursos, as tendências associadas aos contextos em que as mudanças propriamente acontecem têm moldes muito similares nas duas trajetórias. Seguindo a Tabela 31, trago exemplos representativos de cada configuração presente na tabela.

Tabela 31 – A relação espaço-tempo nas construções temporal-contrastivas com *ao (mesmo) passo que*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Proximidade espacial e temporal	-	1/1 (100%)	3/5 (60%)	9/34 (26,5%)	2/16 (12,5%)	2/11 (18,2%)
Distância espacial, proximidade temporal	-	0/1	1/5 (20%)	9/34 (26,5%)	8/16 (50%)	3/11 (27,3%)
Irrelevância da dimensão espacial, proximidade temporal	-	0/1	1/5 (20%)	16/34 (47%)	6/16 (37,5%)	6/11 (54,5%)

Fonte: autoria própria.

(i) Proximidade espacial e temporal

(85) As relações mercantis com o Oriente tinham se dissipado. No anno de 1789, **ao passo que** no porto de Lisbôa entravam somente quatro navios chegados da Índia, fundeavam cento e quinze procedentes do Brazil. (19 2ALCB, 127)

(ii) Distância espacial, proximidade temporal

(86) Nos primeiros dias de agosto, publicava o Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, que apenas um jornal na Corte, e dois nas Províncias, se batiam contra a dita reforma, **ao passo que** todos os maiores órgãos de imprensa, do Pará ao Rio Grande do Sul, se pronunciavam calorosamente por ela. (20-2/21 HGCB, 81)

(iii) Irrelevância da dimensão espacial, proximidade temporal

(87) Ahi tendes, minhas senhoras e meus senhores, uma amostra do que hão sido a nossa língua e as nossas letras nestes últimos tempos. Amostra incompleta, incompletíssima, embora — ainda assim do seu exame podereis aquilatar a veracidade do que ha bocado vos dizia sobre a cultura do pátrio idioma. Entre os que lhe dedicam uma

parcella de sua actividade mental, notareis que uns se afferram, talvez um tantinho a mais do que fora de mister, á tradição, **ao passo que** outros liberalmente transigem com o meio em que se vão formando.

Os exemplos de (85) a (87) permitem verificar a presença tanto de traços dos contextos temporais como traços dos contextos contrastivos, com a emergência de relações que são, ao mesmo tempo, temporais e comparativo-opositivas. Em (85), tanto o período temporal (*no ano de 1789*) como o espaço sociofísico (*no porto de Lisboa*) têm abrangência maior do que o espaço e o tempo observados em outros contextos, o que, apesar de não ser comum nos dados para a sobreposição duplamente espacial e temporal, não a invalida. Somam-se a esse cenário comum, característica dos contextos fonte, elementos que, no âmbito desse cenário, são postos em oposição – *quatro navios* vs *cento e quinze navios*, *chegados da Índia* vs *procedentes do Brasil* –, instaurando um arranjo semântico-pragmático e morfossintático próximo daquele dos contextos alvo.

Já em contextos como (86), a dimensão espacial participa da construção da relação comparativa, uma vez que as diferenças de posicionamento em confronto são observadas em diferentes estados do Brasil, que, portanto, também formam a relação pragmática de oposição. Dou destaque aqui para modificadores e mesmo formas verbais que codificam explicitamente pontos de vista (*contra*, *calorosamente*, *bater-se*, *pronunciar-se*), constituindo marcas dialógicas (TRAUGOTT, 2010a), presentes com frequência nos contextos temporal-contrastivos. Esse novo elemento de subjetividade vai ao encontro do componente comparativo que, entre outros fatores, diferencia tais contextos daqueles exclusivamente temporais.

Por outro lado, em contextos como (87), defendo que a dimensão do espaço sociofísico sai totalmente de cena, permanecendo apenas a sobreposição temporal. Particularmente no contexto em questão, admito que é possível uma leitura exclusivamente contrastiva, mas por também estar disponível uma interpretação em termos de simultaneidade, opto pela análise temporal-contrastiva. O fato de que a dimensão do espaço não é relevante nem para a interpretação da relação temporal nem para a interpretação contrastiva parece resultar da natureza mais abstrata dos processos em confronto, que entendo se constituírem, nos moldes do contexto em que estão postos, em processos comportamentais, já que são processos de consciência (atitudes subjetivas em relação ao uso da língua) que não se restringem a esse domínio, mas têm consequência para a realidade externa, no uso concreto da língua em situações reais.

Além de mostrarem a transição gradual da configuração espaço-temporal mais ancorada no mundo externo para aquela que dele se distancia, os dados também sugerem uma gradual subjetivização

nos tipos de processos relacionados por *ao passo que*, conforme a Tabela 32 a seguir. Após a tabela, seguem exemplos ilustrativos, na mesma ordem de apresentação.

Tabela 32 – Tipos de processos nas construções temporal-contrastivas com *ao (mesmo) passo que*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Material	-	1/1 (100%)	4/5 (80%)	12/34 (35,2%)	4/16 (25%)	4/11 (36,4%)
Comportamental	-	0/1	0/5	6/34 (17,6%)	3/16 (18,8%)	1/11 (9,1%)
Mental	-	0/1	0/5	1/34 (3%)	3/16 (18,8%)	1/11 (9,1%)
Verbal	-	0/1	0/5	1/34 (3%)	0/16	0/11
Relacional	-	0/1	1/5 (20%)	13/34 (38,2%)	5/16 (31,2%)	5/11 (45,4%)
Existencial	-	0/1	0/5	1/34 (3%)	1/16 (6,2%)	0/11

Fonte: autoria própria.

(88) A sciencia e a arte são as duas azas do espirito humano. Prima a philosophia entre as sciencias, como a poesia entre as artes. Ambas avançam para o desconhecido. Mas, **ao passo que** a sciencia caminha, a poesia voa. (20-1CSCA, 121)

(89) A Bruxa, indifferente, não interrompera sequer o seu trabalho; **ao passo que** a das Dores, de mãos nas cadeiras, a saia pelo meio das canellas, um cigarro no canto da bocca, encarava desdenhosa a sanha daquelle marido, tão brutal como o della o fora. (19-2OCOR, 53)

(90) Accresce que a gente grave achará no livro umas apparencias de puro romance, **ao passo que** a gente frivola não achará nelle o seu romance usual; e eil-o ahi fica privado da estima dos graves e do amor dos frivolos, que são as duas columnas máximas da opinião. (19-2ECLB, 99)

(91) Do Amazonas trata Enciso, com o nome de Mar Doce, dando-lhe sessenta léguas de boca, **ao passo que** do Maranhão que situa a 300 léguas além no Cabo de Santo Agostinho, e com baixos a leste da entrada, diz que tem na boca mais de quinze léguas. (19-2HGB, 145)

(92) Os imensos e incríveis recursos pecuniários que apresentou a soberba Inglaterra durante a revolução Franceza, **ao passo que** as mais vastas e poderosas Monarquias Continentais se axavam esgotadas, desenganarão aos Soberanos d'elas que não se podem sastemar guerras sem muitos teares, porque é com eles que o Povo, xamado *Mervador*, salvou a independência da Europa. (19-1MNAIEA, 78)

(93) Pelos annos que se vão seguir até 11.750, o frio irá crescendo progressivamente naquelle hemispherio e diminuindo no hemispherio do sul. Ora, é evidente que no período que precedeu na Europa a sua actual phase de calor, não houve alli civilisação alguma, **ao passo que** já ella florescia no Egypto e nas regiões asiáticas do Tigre e do Euphrates. (20-1PRDE, 140)

Entendo que os dados fornecidos pela Tabela 32 podem ser interpretados como sugestivos de uma tendência à subjetivização porque os processos comportamentais e mentais, inexistentes até 19-1, ganham representação maior nos dados a partir de 19-2. Como são pouco frequentes entre os contextos exclusivamente contrastivos, assumo que esse suposto processo de subjetivização na natureza das experiências que *ao passo que* pode relacionar consiste mais em fator condicionante das mudanças do que um de seus resultados. Isto é, o desenvolvimento das construções de contraste com *passo* não levam (ao menos não no estágio atual da língua) a relações necessariamente mais subjetivas, porque fundadas em processos comportamentais e mentais, mas teria se dado *através do* aumento de contextos temporal-contrastivos em que estão em comparação processos mais distantes da realidade sociofísica – é possível que esse tenha sido justamente uma das vias para a gradual dissociação entre os processos nos domínios do espaço e do tempo.

Faço uma ressalva em relação ao exemplo (88), cuja análise como caso representativo dos processos materiais pode, em um primeiro momento, causar estranhamento, já que estão em relação entidades altamente abstratas. Como mencionado na exposição da teoria da experiência proposta por Halliday e Matthiessen (2004), estão previstos na teoria processos materiais que sejam de ordem metafórica. Ainda que “a ciência caminha” não seja processo que de fato se realiza no mundo externo, uma ação passível de observação concreta está no escopo de *ao passo que* (um exemplo mais prototípico dos processos materiais encontrados nos dados é (74), apresentado anteriormente). No exemplar em análise, a contiguidade da perífrase com o juntor prototípico *mas* é fator relevante, deixando explícita a existência de contraste.

Em todos os contextos temporal-contrastivos, independentemente do tipo de experiência em jogo e da relação espaço-temporal entre os processos, a relação de comparação, apesar de ainda associada à relação temporal, tem consequências para as configurações pragmática e prosódica dos contextos temporal-contrastivos. Ambas apresentam flutuação significativa nesse grupo, sendo possíveis duas interpretações, que dependem da maior ou menor proeminência dada às inferências de contraste. Apresento a seguir, em (94) e (95), instâncias da aplicação dos testes de pergunta e negação para avaliar a presença de forças ilocucionárias e a análise da configuração prosódica. Os exemplos contêm ajustes para a melhor formulação das novas construções resultantes da pergunta e da negação, conforme Capítulo 3.

(94) É sabido que até o século X I a Galliza abrangia o então separado e organizado condado de Portugal, e que por este próprio facto o dialecto portuguez tornou-se lingua integrada, **ao passo que** o galleziano, absorvido o antigo reino germânico pelo movimento de unificação peninsular, cahia no desuso e era apenas artificialmente resuscitado para desfastio dos letrados. (19-2ALCB, 128)

(94') **Negação:** Não é verdade que o dialecto portuguez tornou-se lingua integrada, **ao passo que** o galleziano (...) cahia no desuso.

Pergunta: É verdade que o dialecto portuguez tornou-se lingua integrada, **ao passo que** o galleziano (...) cahia no desuso?

Ou: O dialecto portuguez tornou-se lingua integrada, **ao passo que** o galleziano cahia no desuso?

(94'') [...] [por este próprio facto]I [o dialecto portuguez tornou-se lingua integrada]IU, **ao passo que** o galleziano cahia no desuso]I

Ou:

[...] [por este próprio facto]I [o dialecto portuguez tornou-se lingua integrada]IU, **ao passo que** o galleziano cahia no desuso]IU

(95) Vemos que, em idênticas circunstancias, dous indivíduos atacados da mesma moléstia, n'um o organismo reage e opera-se a cura, **ao passo que** no outro a terminação é pela morte. Em segundo lugar, e é preciso notar bem para isto. (19-2FBEC, 116)

(95') **Negação:** Não é verdade que, em idênticas circunstancias, dous indivíduos atacados da mesma moléstia, n'um o organismo reage e opera-se a cura, **ao passo que** no outro a terminação é pela morte.

Pergunta: É verdade que/Você está certo de que, em idênticas circunstancias, dous indivíduos atacados da mesma moléstia, n'um o organismo reage e opera-se a cura, **ao passo que** no outro a terminação é pela morte?

Ou: Em idênticas circunstancias, dous indivíduos atacados da mesma moléstia, n'um o organismo reage e opera-se a cura, **ao passo que** no outro a terminação é pela morte?

(95'') [[Vemos que]I [em idênticas circunstancias]I [dous indivíduos]I [atacados da mesma moléstia]I [n'um o organismo reage e opera-se a cura,]IU **ao passo que** no outro a terminação é pela morte]IU

Em contextos temporal-contrastivos como aqueles exemplificados em (94), admito ser possível, nas construções que resultam dos testes, tanto uma leitura em que apenas *o dialecto portuguez tornou-se lingua integrada* contém força ilocucionária, constituindo uma relação pragmática assimétrica com a oração introduzida por *ao passo que*, na qual figura como oração principal, como uma interpretação em que ambas as orações estão no escopo dos testes e apresentam forças ilocucionárias independentes, de maneira que prevalece a relação comparativa e ambas as orações são igualmente relevantes para o propósito de comparação. Não sendo necessária uma decisão categórica em termos de uma relação simétrica ou assimétrica para a construção, essa flutuação entre as duas possibilidades é justamente o ponto mais interessante, pois releva a instabilidade de construções em processo de constituição.

A configuração prosódica, por sua vez, é altamente sensível à relação semântico-pragmática que se atribui à construção. O primeiro cenário apresentado em (94”) corresponde à análise interpretativa em termos de uma relação pragmaticamente assimétrica entre as orações. Nessa interpretação, não há fronteiras prosódicas entre elas, de maneira que a oração com *ao passo que* pertence ao enunciado fonológico formado pela oração principal, constituindo apenas frase entoacional própria, atestada pela própria presença de sujeito oracional independente e por sua configuração como sentença simples. Já na segunda configuração prosódica possível, para além das fronteiras de frase entoacional, instauram-se também fronteiras no nível mais alto da hierarquia de constituintes prosódicos (cf. Capítulo 3), com a oração iniciada pela perífrase formando enunciado fonológico autônomo daquele da outra oração em relação, que, morfossintaticamente, não tem mais o estatuto de oração principal.

Por outro lado, na construção em (95), admito não haver a possibilidade de uma leitura interpretativa em que a negação e a pergunta alcancem apenas uma das orações e na qual não se estabeleçam fronteiras prosódicas entre elas. A relação pragmática e prosódica necessariamente simétrica que se observa nesse exemplar, entretanto, resulta da configuração particular da construção, na medida em que é constituída de duas estruturas apositivas, de natureza circunstancial, que tornam imprescindível a consideração de ambas as orações na formulação de uma relação de significado relevante. Tais estruturas – *em idênticas circunstâncias* e *dous indivíduos atacados da mesma moléstia* – tornam necessário o estabelecimento de uma relação binária, pois deixam explícito o propósito comunicativo de comparação. Embora não sejam frequentes no *corpus* construções como essa³⁵ e o mais comum seja o cenário observado em (92), sua presença nos dados é também sintoma da constituição gradual de contraste.

Entendo que a existência da relação temporal fonte no contexto pode ser questionada, dado que depende de uma interpretação bastante específica do cenário hipotético que é posto pelas estruturas apositivas. É preciso interpretar que as circunstâncias idênticas nas quais os supostos sujeitos estariam situados têm lugar ao mesmo tempo, o que pode não ser necessariamente o caso, já que as mesmas circunstâncias em questão podem ser observadas em intervalos de tempo diferentes. No entanto, como o quadro hipotético aberto por *idênticas circunstâncias* pode também implicar a exatidão no eixo temporal, admito que uma leitura em termos de simultaneidade não pode ser totalmente

³⁵ Um outro exemplo de construção temporal-contrastiva que torna necessária uma interpretação simétrica entre as orações é: “Se havia diferença estava em que, no grupo intransigente, passava Caxias por moderado, **ao passo que** Itaboraí, sem ser precisamente intransigente, estava em ligações políticas com os que mais o fossem” (20-2/21HGCB, 74). O nome *diferença* implica a consideração conjunta dos dois enunciados para que seja empreendida a comparação que é capaz de explicitar a diferença em questão.

excluída, e o que é muito interessante é que, mesmo no âmbito dessa leitura, a relevância comunicativa de ambos os processos se torna mais equilibrada. Mesmo assumindo-se que os dois indivíduos estão sujeitos a circunstâncias iguais em um mesmo período de tempo (possivelmente, em um mesmo espaço sociofísico também), interpretação que poderia levar à atribuição de estatuto de fundo à oração com *ao passo que*, essa oração ainda precisa ser tomada como comunicativamente tão relevante quanto a outra; caso contrário, a construção perde o eixo de significado colocado pelas estruturas apositivas iniciais.

É importante notar, inclusive, que essas estruturas também contribuem para uma construção pragmática e prosodicamente mais simétrica pelo fato de desempenharem uma função bastante similar àquela que a oração com a perífrase desempenha nos contextos fonte – a função de fornecer um cenário de fundo para os processos descritos. Há, sem dúvida, diferenças, pois, na oração com *ao passo que* juntor temporal, o cenário de fundo é sempre ancorado em informações de tempo – conforme o processo de abstratização do significado espacial de origem –, enquanto as estruturas em pauta *podem* implicar informações de tempo – a exatidão de circunstâncias pode ou não envolver equivalência de intervalos temporais –, mas não é possível afirmar com certeza se esse é de fato o caso. Ainda assim, a função mais genérica de abertura de quadros circunstanciais de suporte para a compreensão dos processos focalizados é também a de *ao passo que* nas construções temporais. Já havendo, no contexto em (95), estruturas que fornecem um cenário de fundo, tem-se um cenário favorável à atribuição de uma função diferente à oração com a perífrase, de modo a se sobressair a função que tem dentro de uma relação comparativa, em detrimento de sua função original.

No que se refere à organização morfossintática das construções temporal-contrastivas, os contextos em que a oração com *passo* aparece em posposição predominam nos dados, conforme a Tabela 33 a seguir, e as construções constituídas por sujeitos não correferenciais se revelam consideravelmente mais frequentes entre os estados de língua, como mostra a Tabela 34.

Tabela 33 – Disposição sintática da oração com *passo* nos contextos temporal-contrastivos

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Oração- <i>ao passo que</i> anteposta	-	0/1	0/5	7/34 (20,6%)	8/16 (50%)	0/11
Oração- <i>ao passo que</i> posposta	-	1/1 (100%)	5/5 (100%)	27/34 (79,4%)	8/16 (50%)	11/11 (100%)

Fonte: autoria própria.

Tabela 34 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos temporal-contrastivos com *ao (mesmo) passo que*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Sujeitos correferenciais	-	0/1	0/5	1/34 (2,9%)	3/16 (18,7%)	1/11 (9,1%)
Sujeitos não correferenciais	-	1/1 (100%)	5/5 (100%)	33/34 (97,1%)	13/16 (81,3%)	10/11 (90,9%)

Fonte: autoria própria.

Os dados da Tabela 33 fornecem, em minha análise, duas sugestões. De um lado, os períodos em que a totalidade dos exemplares corresponde à posposição da oração com a perífrase (18-2, 19-1 e 20-2/21) indiciam uma possível inclinação dos contextos temporal-contrastivos a essa organização estrutural; de outro, a distribuição mais equilibrada entre os casos de anteposição e posposição em 20-1 – estado de língua não tão distante – explicita que ainda há flutuação. Juntos, esses dois aspectos revelam construções com instabilidade morfossintática – resultante das flutuações nos outros níveis de análise – que, no entanto, estão desenvolvendo uma arquitetura morfossintática mais típica de contraste.

Já a Tabela 34 mostra que a tendência a sujeitos não correferenciais, atestada nos contextos fonte e alvo, também se dá nos contextos temporal-contrastivos. Nesse grupo contextual, a análise qualitativa revela que, na grande maioria dos exemplares, os sujeitos estão entre os elementos que fazem parte da relação opositiva, sendo a não correferencialidade, portanto, característica importante dos arranjos polissêmicos.

Como forma de sintetizar os principais aspectos associados à trajetória de *passo* nos três contextos semântico-pragmáticos delimitados e também à trajetória de *enquanto (que)*, analisada no capítulo anterior, sistematizando as similaridades e as diferenças, apresento o Quadro 5 a seguir, correlacionando grupos de contextos e as características e/ou tendências evolutivas mais relevantes.

Quadro 5 – Os percursos de *enquanto (que)* e *ao passo que* à luz dos contextos semântico-pragmáticos

Contexto	<i>Enquanto (que)</i>	<i>(Ao) passo (que)</i>
Contextos temporais	Relação espaço-tempo: proximidade dupla	Relação espaço-tempo: proximidade dupla > irrelevância do espaço sociofísico, proximidade temporal
	Tipos de processos: materiais	
	Abertura de quadro temporal	

	Assimetria pragmática e prosódica	Tipos de processos: materiais > materiais e relacionais Abertura de quadro temporal Assimetria pragmática e prosódica
Contextos temporal-contrastivos	Relação espaço-tempo: proximidade dupla > irrelevância do espaço sociofísico, proximidade temporal, com constância de distância espacial, proximidade temporal Tipos de processos: materiais > mentais (> processos mais abstratos) Abertura de quadro temporal e estabelecimento de relação comparativa Relações pragmática e prosodicamente simétricas ou assimétricas (tendência à dupla interpretação)	Relação espaço-tempo: proximidade dupla > irrelevância do espaço sociofísico, proximidade temporal, com constância de distância espacial, proximidade temporal Tipos de processos: materiais > relacionais (> processos mais abstratos) Abertura de quadro temporal e estabelecimento de relação comparativa Relações pragmática e prosodicamente simétricas ou assimétricas (tendência à dupla interpretação)
Contextos contrastivos	Relação espaço-tempo: localização espacial irrelevante, distância temporal Tipos de processos: materiais e relacionais Relação comparativo-opositiva, com presença de integrador comum Simetria pragmática e prosódica	Relação espaço-tempo: distância espacial ou localização espacial irrelevante, distância temporal Tipos de processos: materiais > relacionais Relação comparativo-opositiva, com presença de integrador comum Simetria pragmática e prosódica

Fonte: autoria própria.

6 O PERCURSO EVOLUTIVO DE *SÓ QUE*

Os dados sugerem que a fonte mais remota da trajetória evolutiva de *só* está em um padrão de uso no qual *só* atua como um qualificador de função adjetiva, precedendo sintagmas nominais e atribuindo a eles um valor unitário, similar ao adjetivo “sozinho” conforme utilizado no PB contemporâneo (similar, mas não intercambiável). As ocorrências de (96) a (98) são representativas.

(96) Para vestir os areaes seccos e sáfios, e beneficiar o chão merecem a maior contemplação entre as plantas do nosso Catalogo, as succosas e gordas; taes são as das famílias naturaes dos cactos, beldroegas, e Jicoideas; que mais que as outras parece'sustentarem-se da **só** atmospha. (19-1MNUPNB, 162)

(97) Como para defender este terreno das arêas moveis, e das ventanias não seja preciso semeá-lo todo; porque a natureza ajudada pelo **só** repouso e devido coutamento aos gados e homens he por si só capaz de fixar as arêas moveis, e de beneficiar o terreno xom os vegetaes que nascem espontaneamente; claro está: não ser necessário defender e semear toda a largura dos areaes até entestar em terras lavradas, ou charneca fixa. (19-1MNUPNB, 196)

(98) He ainda mais lamentavel o silencio, em que ficou uma tão inconsiderada declaração de guerra, quer fosse deste **só** Deputado, quer fosse de maior numero. (19-1MCBRD, 263)

Como se observa nos exemplos, *só* contribui para a construção do significado de que a atmosfera “sozinha” sustenta as plantas mencionadas, de que a natureza precisa de repouso “sozinho” e de que a situação seria a mesma se a declaração de guerra tivesse sido feita pelo deputado “sozinho” ou por um número maior de pessoas, respectivamente. O estranhamento gerado por tais descrições se deve ao fato de que, no PB contemporâneo, as relações em questão seriam expressas por meios adverbiais, tal como em (...) *parece sustentarem-se só/somente da atmosfera*, em (...) *a natureza ajudada só/somente/unicamente pelo repouso* e em (...) *quer fosse só/apenas deste deputado, quer fosse de maior número*.

É possível notar, assim, que a contribuição de significado de *só* enquanto qualificador se aproxima dos usos atuais em que atua como focalizador. Como focalizador, entretanto – como discuto em mais detalhes em 6.1, já que é um padrão de uso diretamente relacionado à trajetória de *só* em direção a contraste –, *só* tem função adverbial, podendo modificar verbos, nomes com função adjetiva ou outros advérbios. Nos usos que associo ao padrão de qualificação, conforme as ocorrências de (96) a (98), *só* modifica nomes com função substantiva, e seu escopo se limita ao nome modificado. Nesse sentido, *só* qualificador se aproxima de *sozinho*, ao passo que *só* focalizador se aproxima de *somente*.

Nesse viés de análise, entendo que há nos dados evidências sugestivas de relações históricas entre o padrão adjetivo e o padrão adverbial, pois ambos envolvem a seleção de um elemento e a exclusão de outros, propriedade de que trato em 6.1 ao discutir foco. O uso de *só* tal como se observa nos exemplos acima não é mais encontrado em dados reais de fala e escrita do PB contemporâneo e, mesmo nos estados de língua mais remotos analisados, corresponde a apenas seis ocorrências do total de exemplares que associei a qualificação.

Há nos dados outro conjunto de usos de *só* com função adjetiva, equivalente ao padrão de uso contemporâneo em que o item é efetivamente intercambiável com *sozinho(a)*. Ilustro esse conjunto nos exemplos de (99) a (101).

(99) Como me acho **só** neste Registo e tenho obrigação de dar contas no fim do anno do Rendimento delle e fazer remesa do que tiver cobrado me he perçizo pedir a Vossa merce Soldados ou soldado para hir as ditas cobrassas. (18-2CPCP, 233)

(100) Abandonado, **só**, desdenhado até, sem parte, alguma no ferrenho funcionalismo que tudo estraga e pollue n'este paiz, o que não deixa de dar-lhe uma enorme vantagem ousou avistar-se com os prejuízos, e resistir a todas as facções, apontando essa grande patricia nossa — a ignorância. (19-2FBEC, 384)

(101) Então Clemente a viu órfã e **só**, necessitada e triste. (20-2/21GACC, 540)

Pelo fato de, em tais exemplares, *só* também expressar um tipo de qualificação, categorizei usos como esses em conjunto com aqueles representados de (96) a (98), mas reconheço a existência de diferenças semânticas e sintáticas existentes entre eles. É possível que os casos de (96) a (98) configurem uma primeira etapa do desenvolvimento de *só* como qualificador, sendo significativo o fato de que, nesse primeiro grupo, o item ocupa sempre a posição imediatamente antecedente ao nome que modifica, o que indica um escopo sintático altamente restrito. O desenvolvimento de *só* como qualificador de função adjetiva, entretanto, foge do alcance deste trabalho, já que o padrão diretamente associado à trajetória de contraste é o adverbial. Dessa forma, me limito aqui a apenas expor os indícios que os dados sugerem para etapas evolutivas anteriores aos usos adverbiais.

A existência de apenas seis ocorrências do padrão representado de (96) a (98) – estando uma presente nos dados de 18-2, quatro nos dados de 19-1 e uma em 20-1 – sugere um padrão que está recuando em favor dos usos em que *só* ainda expressa qualificação, mas com maior mobilidade sentencial (ocorrências de 99 a 101), podendo fazer referência a diferentes tipos de constituintes e desempenhar funções sintáticas de maneira independente, sem a necessidade de ancoramento em um sintagma nominal. Em (99) e (101) acima, por exemplo, *só* atua sozinho na função de complemento

verbal, sem ter escopo sobre outro constituinte. Já em (100), também tem papel semântico e sintático independente, figurando em uma sentença parentética.

Como mencionado, a análise sugere que a perífrase contrastiva *só que* tem origem nos usos de *só* como advérbio focalizador. Concebo foco, à luz de König (1991) e Ilari *et al.* (2002), como uma operação semântico-pragmática que pode ser empreendida por diferentes expressões linguísticas – lexicais e gramaticais – e cujo significado resulta de uma interação dinâmica entre a expressão de foco, o elemento focalizado e o contexto comunicativo. A expressão *adverbial* de foco, em particular, mostra características regulares em diferentes línguas em termos de sua contribuição semântica e pragmática para os enunciados (KÖNIG, 1991), o que abordo em mais detalhes na próxima seção, ao caracterizar os contextos que estão na fonte das mudanças de *só*.

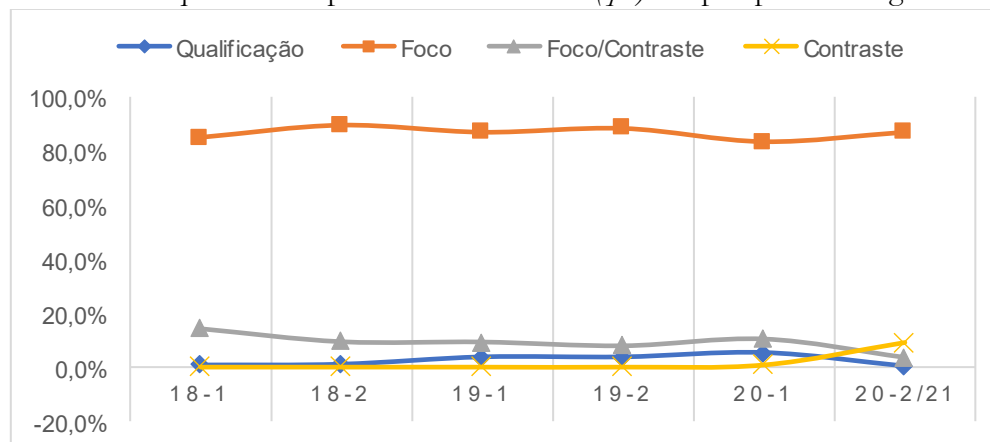
Na Tabela 35 a seguir, sistematizo a evolução diacrônica de todos os padrões de uso reconhecidos no percurso de *só*: *qualificação*, *foco*, *foco/contraste* e *contraste*. Seguindo a tabela, o Gráfico 5 apresenta a frequência exclusivamente percentual de cada padrão.

Tabela 35 – Frequência dos padrões de uso de *só (que)* em perspectiva longitudinal

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Qualificação	1 (0,8%)	4 (1,1%)	22 (3,8%)	21 (3,8%)	29 (5,4%)	3 (0,4%)
Foco	102 (85%)	323 (89,5%)	505 (86,9%)	493 (88,3%)	448 (83,4%)	583 (86,9%)
Foco/Contraste	17 (14,2%)	34 (9,4%)	54 (9,3%)	44 (7,9%)	56 (10,4%)	24 (3,6%)
Contraste	0	0	0	0	4 (0,8%)	61 (9,1%)
Total	120 (100%)	361 (100%)	581 (100%)	558 (100%)	537 (100%)	671 (100%)

Fonte: autoria própria.

Gráfico 5 – Frequência dos padrões de uso de *só (que)* em perspectiva longitudinal



Fonte: autoria própria.

Como se observa na Tabela 35, os usos de *só* como advérbio focalizador são consideravelmente mais frequentes em todos os estados de língua investigados, incluindo aqueles em que surge o padrão exclusivamente contrastivo. Assim, de acordo com os dados, a emergência da perífrase e a persistência dos outros padrões ao longo do tempo não afeta a produtividade dos usos adverbiais, que continuam existindo com os demais em situação de convivência. Chamo atenção para a constância do padrão polissêmico *foco/contraste*, que dá condições à associação de *só* a contraste. Nesse caso, entendo que a frequência, ao se mostrar modesta, mas persistente, contribui ao longo dos séculos para o fortalecimento dessa associação.

Já no que diz respeito às construções exclusivamente contrastivas, verifica-se que têm frequência absoluta significativa no *corpus*, ainda que apenas nos últimos estados de língua. A emergência da perífrase *só que*, dessa forma, é, de acordo com os dados, relativamente recente no PB.

6.1 Etimologia de *só* e as construções de foco

Segundo Magne (1952), *soo* (forma antiga de *só*) já existia no latim em ambas as funções de adjetivo e advérbio. Como adjetivo, era inclusive suscetível a flexão de gênero (fem. *soa*), tal como em *achou i nũa donzela sooa* (MAGNE, 1952, p. 377). A forma *soo*, de acordo com Machado Filho (2013), é por sua vez derivada de *sõlu-*, variando com *sol* quando em função adverbial focalizadora: *e assi se acendeu per sa sandice contra mim por mi buscar mal que me não leixaria folgar sol* *hãa ora do dia nem de noyte* (MACHADO FILHO, 2013, p. 481).

No que diz respeito à semântica, os advérbios focalizadores contribuem com as condições de verdade dos enunciados, indicando um comprometimento maior do locutor com a proposição sobre a qual o foco incide. Já sua contribuição pragmática resulta de sua propriedade elementar de estabelecer relação entre a expressão focalizada e um conjunto de alternativas, visto que a seleção de tais alternativas é sempre altamente dependente do contexto: em cada contexto particular, determinadas alternativas, e não outras, são relevantes. A interação da expressão de foco com o contexto comunicativo também pode produzir outros efeitos pragmáticos, tal como uma organização hierárquica entre a expressão focalizada e suas alternativas possíveis, resultante em escalas argumentativas e/ou nuances avaliativas associadas ao foco.

Considerando manobras de focalização reconhecidas por Quirk *et al.* (1985) para *only*, do inglês, admito que a manobra de foco empreendida por *só* consiste em uma *restrição* que se especializa na

exclusão das alternativas contextualmente determinadas, indicando a aplicação do enunciado exclusivamente ao elemento focalizado. Os exemplos (102) e (103) a seguir ilustram os contextos fonte.

(102) **Só** consigo imaginar você num circo... sempre se mudando dum lugar para o outro... (20-2/21AJDE, 97)

(103) Temos mostrado que **só** com a introdução do uso do arado, e das fomalhas de nova invenção, se podem reparar todos os erros da lavoura do Brazil. (18-2DERBR, 57)

Como amplamente reconhecido na literatura, a operação de foco, nas mais diversas formas pelas quais pode se realizar linguisticamente, dispara sempre uma relação de contraste entre o elemento focalizado e outros elementos que sejam relevantes no contexto (KÖNIG, 1991; ILARI *et al.*, 2002; LONGHIN, 2003). Nos usos adverbiais de *só*, como se pode observar nos exemplos acima, a operação de restringir de modo a excluir alternativas promove justamente uma relação de contraste entre o elemento focalizado por *só* e as alternativas que são excluídas por consequência da focalização. Essa relação é ainda de natureza pragmática, já que a recuperação das alternativas eliminadas depende substancialmente da mobilização do contexto comunicativo em que o enunciado está inserido e de outros fatores pragmáticos que possam contribuir para a construção do sentido de foco, tais como conhecimento enciclopédico e conhecimento de mundo.

Em (102), por exemplo, *circo* entra em confronto com outros possíveis lugares em que o locutor poderia imaginar o sujeito a que se refere por *você* trabalhando, lugares que apenas podem ser identificados considerando-se características particulares do contexto comunicativo e de outros dados pragmáticos por ele evocados. O exemplar em questão foi retirado de uma peça teatral em que o personagem referido no enunciado por *você* é caracterizado como envolvido em constantes mudanças em diversos aspectos de sua vida. Esse dado, que só pode ser conhecido a partir do contexto comunicativo de que a ocorrência de *só* faz parte, é essencial para a interpretação, mas entram também em jogo outros conhecimentos que extrapolam a situação de comunicação ali instaurada, pois o trabalho em um circo entra em oposição com um conjunto de alternativas associadas a trabalhos que demandem estabilidade, configurando cenários distintos daquele de mudanças constantes de residência. Embora a manobra de foco aí empreendida não precise da explicitação das alternativas excluídas, que podem ser nem mesmo imaginadas pelos interlocutores, há necessariamente uma associação virtual de tais alternativas com a estabilidade em questão. Se, por qualquer razão, em algum contexto, a explicitação de alternativas fosse requerida, sua seleção, em meio a uma infinidade de atividades profissionais que poderiam compor esse conjunto, seria altamente dependente de conhecimento de mundo e crenças pessoais.

O dado em (103), por sua vez, exemplifica um padrão de foco que encontrei nos dados a partir do qual o elemento focalizado é especificamente algum tipo de condição. As ocorrências correspondentes a esse padrão foram categorizadas juntamente com aquelas que não exibem nuances de condição, mas, dada a frequente associação do foco expresso por *só* e itens equivalentes em outras línguas com valores condicionais (KÖNIG, 1991), julguei pertinente apurar a frequência em que o padrão foco/condição aparece nos dados. Na Tabela 36 a seguir, apresento sua frequência absoluta em perspectiva diacrônica.

Tabela 36 – O padrão foco/condição no conjunto dos usos adverbiais de *só*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Foco	97	303	478	479	422	534
Foco/Condição	5	20	27	14	26	49
Total	102	323	505	493	448	583

Fonte: autoria própria.

Tendo em vista os objetivos do trabalho, não foi possível investigar de maneira mais pormenorizada se os dados representativos de foco/condição sugerem um outro caminho evolutivo de *só*, de modo que me limito aqui a informar a existência do padrão no *corpus*. Considerando o aspecto mais relevante para a trajetória aqui investigada, o que se observa em (103), de maneira similar às demais ocorrências de foco, é a restrição do valor de *só* a uma única condição para o efeito pretendido (a reparação dos erros da lavoura) combinada com a exclusão de outras condições possíveis, não explicitadas na construção e apenas pragmaticamente passíveis de identificação.

Para a distinção entre os contextos nos quais contraste emerge em decorrência de esse ser um efeito pragmático de toda e qualquer estratégia de foco (contextos fonte, aqui em pauta) e os contextos em que inferências de contraste são habilitadas por elementos que extrapolam esse efeito pragmático natural (contextos foco/contraste, tratados em 6.3), utilizei como parâmetro a atuação de *só* em contextos nos quais inferências de contraste emergem a partir de uma relação binária entre estados-de-coisas, devendo ambos estar descritos na construção linguística para que ela fosse considerada instância dos usos temporal-contrastivos. Assim, há casos em que *só* participa de relações complexas, mas a relação entre a oração que integra não mantém com a outra uma relação pragmática de contraste. Elenco a seguir os quatro principais tipos de arranjos morfossintáticos com *só* encontrados nos dados, apresentando na sequência exemplos representativos.

- (a) *Só* não integra uma oração, fazendo parte de constituintes de outra natureza, não integrados sintaticamente às construções vizinhas (cf. 104);
- (b) *Só* integra oração que mantém relação semântico-pragmática e sintática com outra oração, mas não há entre elas relação contrastiva (cf. 105);
- (c) *Só* integra oração que está em relação semântico-pragmática com outra oração (podendo haver relação sintática ou não), mas, no âmbito da oração a que pertence, tem escopo interno (cf. 106, 107 e 108);
- (d) *Só* integra oração e tem escopo sentencial (cf. 109 e 110)

(104) Ross tem telefonado sempre. Da última vez confirmou que chegará aqui dia 22 próximo, **só** por cinco dias, o que me parece um absurdo, para tão longa viagem. (20-2/21CPSCHL, 51)

(105) Illustrissimo e Excelentissimo Senhor Rafael Tobias de Aguiar

MeoTio, Senhor. **So** agora recebi a carta, que Vossa Excelencia fes-me ofavor de escrever em 11 de Abril. (19-1CPFRT, 286)

(106) Aquêles que tem visto construir, e esquipár navios, sábem quantos obrêiros de diferêntes mistêres são neles empregádos. Carpintêiros, Calafátes, Méstres de velâme, Cordoêiros, Tecelões, Ferrêiros, Marcinêiros, Armêiros, Pintôres, Tornêiros, Vidracêiros, Escultôres, e uma infinidáde de outros muitos Artístas concórrem a pôr um **só** navío em estádo de saír ao már. (18-2EECP, 71)

(107) Quem haverá no mundo, que esteja livre de ser accometido de hum perigo, e assaltado de um contrario, ainda que traga huma coura de anta, e viva em hum deserto? **Só** esta consideração bastava, para que qualquer creatura racional vivesse com grande receyo, e cautela. (18-1CNPA, 119)

(108) Também tomei huma tintura de Cacao, quero dizer, Cacao queimado moido infundido em agua quente, como o Café. Pareceo-me que tinha hum gosto bom; mas como **só** o tomei huma vez, não posso dizer mais. (19-1 FBIII3, 361)

(109) Limitei-me a dar somente huma noticia da Historia do Cacao, visto que o P. Labat, e o Senhor de Caylus, e outros a derão muito circunstanciadamente. **Só** me propuz o examinar com exactidão as virtudes desta benefica amendoa, e os seus effeitos, assim sobre os liquidos, como sobre os solidos. (19-1 FBIII3, 382)

(110) Minha mãe... ela era tão engraçada... ela costumava fazer limpeza na casa às sextas-feiras... eu acordava bem cedo e eu era tão preguiçosa naquele tempo... **Só** pra ajudar a minha mãe... e sabe por quê? (20-2/21AJDE, 98)

A partir desses arranjos, o critério que se mostrou pertinente para o exame do comportamento morfossintático de *só*, nos contextos fonte, foi a posição que ocupa em relação ao elemento sobre o qual realiza a operação de foco. Há nos dados uma forte tendência à anteposição de *só* ao constituinte focalizado, como exemplifica (111) a seguir e também os exemplos acima, sendo raras construções em que o advérbio aparece em posição posterior a ele, como se dá em (112).

(111) O que aqui se dirá não pertence ao caixeiro da cidade, porque este trata **só** de receber o assucar, já encaixado, de o mandar ao Trapiche, de o vender ou embarcar, conforme o senhor do engenho o ordenar. (18-1COBR, 55)

(112) Do engenho até o trapiche, ou até a náó em que se embarca, paga cada caixa, que vem por mar, huma pataca de frete. Ao entrar, e sahir do trapiche, meia pataca. No primeiro mez, quer começado **só**, quer acabado, ainda que não fossem mais do que dous dias, paga dous vinténs. (18-1COBR, 84)

Adotando a mesma estratégia de análise dos capítulos sobre *enquanto (que)* e *ao passo que*, focalizo na seção a seguir os contextos exclusivamente contrastivos com *só que*, para posteriormente examinar os contextos *bridging* e estabelecer as relações de derivação entre fonte e alvo.

6.2 As construções de contraste com *só que*

Diferentemente de contraste opositivo, que, segundo os dados desta pesquisa, é a nuance que emerge dos percursos evolutivos de *enquanto (que)* e *ao passo que*, as construções contrastivas com *só que* veiculam quebra de expectativa. De acordo com Longhin (2003), cinco acepções de quebra de expectativa podem ser expressas por *só que*. Dados os objetivos do trabalho, essas e possivelmente outras acepções não serão aqui exploradas. Sinalizo, entretanto, que, em um breve exame dos dados de *só que* contrastivo à luz das acepções propostas por Longhin (2003), duas parecem ser as que prevalecem no *corpus*, diferença e contra-argumentação, como indico em momento oportuno.

Para dar início à discussão das construções de contraste com *só que*, apresento de (113) a (120) um conjunto de exemplares.

(113) Na rua vinha doutor Raul com dois guardas. Eram os mesmos soldados que o haviam espancado na cadeia. O Sem Pernas corria mas doutor Raul o apontava e os soldados o levavam para a mesma sala. A cena era a mesma de sempre: os soldados que se divertiam a fazê-lo correr com sua perna capenga e o espancavam e o homem de colete que ria. **Só que** na sala estava também dona Esther que o olhava com os olhos tristes e dizia que ele não era mais seu filho, era um ladrão. E os olhos de dona Esther o faziam sofrer mais que as pancadas dos soldados, mais que o riso brutal do homem. (20-1CAAR, 153)

(114) Se eu quizesse me metia aí com esses meninos ladrão. Com os tal de Capitães da Areia. Mas eu não sou disso, quero é trabalhar. **Só que** não agüento um trabalho pesado. Sou um pobre órfão, tou com fome... (20-1CAAR, 144)

(115) A preta velha olhou Pedro Bala com carinho:
— É a cara do pae. **Só que** tem o cabelo ondedado da mãe. Se não fosse esse talho na cara não tinha que tirar nem por para ver Raymundo. Um homem bonito... (20-1CAAR, 109)

(116) Como e enquanto “homem de negócios”, porém, o fazendeiro de café percorreu outra trajetória. Em regra, ocupava-se muito pouco com os problemas comerciais e financeiros da fazenda, delegando tais papéis a

subalternos e contentando-se em concentrar sua atenção e energias em tais problemas (...) apenas em momentos críticos. (...) Adotava diante dela o mesmo comportamento econômico que as antigas companhias comerciais, **só que**, em vez de operar através de agentes econômicos independentes (os senhores agrários), que corriam riscos próprios, mas tinham também uma esfera de autonomia material, moral e política, preferiu delegar funções a diferentes categorias de assalariados. (20-2/21REBB, 46)

(117) Lucinha, você falar em suas carta que não acha que eu venha a gostar tanto de voce, porque se eu gostasse já era pra me ter resolvido tudo. Não sei como você pode me julgar assim será que voce sabe o que eu sinto no meu coração por voce. Sabe eu gosto de você **só que** às coisas não pode ser resolvida assim tão rápido. (20-2/21CPRN, 295)

(118) Lucinha, recebi a sua carta a qual fiquei muito contente, fico muito feliz quando recebo as suas cartas. **Só que** com essa eu fiquei muito triste, pois nela havia muitas palavras sem ação. (20-2/21CPRN, 232)

(119) É uma grande pena que não deu certo com nós dois, mas mesmo assim desejo coisas belíssimas prá você porque você merece coisa bem melhores do que eu, **só que** se um dia eu morrer saiba que morri por te amar. (20-2/21CPRN, 238)

(120) Eu sei de uma ótima para o senhor, seu Nacib. Moça direita, não é dessas sirigaitas que só pensam em cinema e em dança... Distinta, sabe até tocar piano. **Só que** é pobre... (20-2/21GACC, 510)

O componente comparativo que é inerente a toda e qualquer manobra de contraste, conforme a perspectiva aqui assumida (cf. Capítulo 2), se apresenta nas construções de contraste com *só que* em moldes distintos de como se configura no contraste com *enquanto (que)* e *ao passo que*, dada a diferença na nuance de contraste expressa. A quebra de expectativa instaurada por *só que* é pautada na comparação entre pressupostos habilitados pelo conteúdo proposicional do enunciado precedente e o cenário descrito pelo conteúdo proposicional do enunciado introduzido pela perífrase, cenário que corresponde ao que de fato se concretiza na realidade (externa ou fictícia). As expectativas que emergem do enunciado precedente não se confirmam na realidade que está em jogo no contexto comunicativo relevante, de forma que *só que* sinaliza a incompatibilidade entre expectativa e realidade. Nos dados, expectativas podem emergir do primeiro segmento da construção de duas formas, que sugerem uma organização semântico-pragmática bastante regular nas construções alvo.

A primeira de que trato pode ser observada nos exemplos (113), (115) e (116). Nesse tipo de construção de contraste com *só que*, há no enunciado precedente expressões linguísticas que explicitam uma noção de similaridade, e é essa noção que legitima expectativas. Em (113), por exemplo, um amplo complexo oracional anterior ao período introduzido por *só que* afirma que a cena descrita contém os mesmos personagens e a mesma configuração de eventos de cenas anteriormente apresentadas no romance. *Mesmo*, com função de qualificador, é elemento chave para isso, contribuindo mais de uma vez para a expressão de similaridade entre a cena atual e outras cenas prévias. Em uma de suas instâncias, a noção de correspondência que carrega é inclusive reiterada pela locução *de sempre*. A

especificação de tantos aspectos de similaridade valida a expectativa de que todos os elementos da cena, sobretudo os personagens envolvidos, são exatamente iguais aos de cenas anteriores. No enunciado introduzido por *só que*, no entanto, afirma-se que a realidade fictícia apresentada contém uma nova personagem, que torna a situação previamente observada – já caracterizada por sofrimento – ainda pior. A expectativa de correspondência entre a situação de agressão atual e as situações anteriores, assim, não se confirma.

Como consequência da comparação contrastiva, há também um integrador comum que atua como elo de sentido entre os enunciados em relação, de maneira também distinta do que se observa nas relações de contraste opositivo. No exemplo em questão, ambos os complexos oracionais se voltam a uma cena de agressão com seus elementos constitutivos. No âmbito desse integrador, um conjunto oracional trata de aspectos de similaridade com fatos já conhecidos, e o outro, de aspectos de diferença.

Já em (115) expectativas emergem a partir da noção de similaridade trazida por uma construção lexical, *cara de X*, que, em português, é muito utilizada para a expressão de semelhanças físicas. A caracterização de Pedro Bala como sendo *a cara do pai* evoca uma representação de sua aparência como semelhante à do pai em vários traços físicos instantaneamente evocados por *cara*, incluindo o cabelo. Novamente, a expectativa de correspondência é frustrada pelo enunciado com *só que*, que aponta um aspecto de semelhança física com a mãe e diferença com o pai. Esse é um exemplo prototípico dos casos que Longhin (2003) associou a *só que* marcador de diferença. Estando ambos os enunciados da construção de junção voltados a traços do semblante de Pedro Bala, esse se configura no integrador comum a partir do qual o contraste se estabelece, consolidando a relação comparativa entre um pressuposto de similaridade e a realidade caracterizada pela ausência da total correspondência esperada.

No dado em (114), novamente é *mesmo* que deixa explícita uma relação de similaridade. No tipo de construção com *só que* em análise, é a principal marca linguística que, figurando no primeiro membro da junção, leva a expectativas de algum tipo de equivalência com uma situação prévia. A ocorrência de *só que* presente no exemplo sinaliza o desencontro entre o pressuposto de um comportamento similar entre o fazendeiro de café e antigas empresas de comércio – derivado da asserção explícita da adoção de um *mesmo comportamento econômico* – e o comportamento efetivamente observado em sua prática. Sua atuação em atividades comerciais, dessa forma, é o tópico comum compartilhado entre os dois complexos oracionais postos em relação.

Por outro lado, no outro conjunto de construções contrastivas com *só que* encontrado nos dados, representado pelos exemplos (114), (117), (118), (119) e (120), uma noção de similaridade

também parece estar em jogo, mas de modo menos evidente que no conjunto anterior. Aqui, proponho que o enunciado precedente àquele com *só que* recupera, pragmaticamente, tendências associadas a experiências sociais e subjetivas ou a situações particulares que instauram cenários habituais. Em ambos os casos, é construída uma relação pragmática – porque dependente do acionamento de conhecimento de mundo, crenças subjetivas e/ou conhecimento de situações comunicativas específicas – entre o conteúdo proposicional trazido no primeiro membro e a tendência social ou o cenário habitual em questão. De tal relação pragmática, deriva a expectativa de que o desenvolvimento dos eventos acontecerá em conformidade (ou, para recuperar a noção de similaridade, de maneira similar a) com as tendências social e subjetivamente formuladas ou com o modo através do qual os eventos habitualmente se desenvolveram em momentos anteriores.

Na maioria dos casos, o que se observa nos dados é o primeiro membro da relação evocando desenvolvimentos (ou mesmo resultados) esperados a partir de tendências sociais, que são, claro, sempre perpassadas pelas crenças e experiências subjetivas dos indivíduos. É o que admito ser observado em (114), (117) e (120). Em (112), atua o pressuposto de que quem está em situação de desvantagem social e em busca de trabalho *normalmente* (reforço mais uma vez, normas subjetiva e socialmente fundadas) está disposto a exercer qualquer atividade que traga remuneração. Em (117), a partir de imaginários sociais mais conservadores, pode se esperar que, quando se está em uma relação afetiva com alguém de quem se gosta, a relação seja oficializada através dos meios institucionais socialmente estabelecidos para isso. Já em (120), está em pauta a associação de determinadas habilidades artísticas, tal como aquela de tocar piano, que tende a demandar tempo e investimento financeiro e que pode estar mais associada à cultura erudita do que à cultura popular, com *status* sociais de prestígio.

Todos esses pressupostos pragmaticamente derivados das tendências sociais evocadas no primeiro segmento são desconstruídos pelo enunciado encabeçado pela perífrase: em (114), o personagem não é capaz de aceitar qualquer trabalho; em (117), o escrevente afirma não pode resolver sua relação com a destinatária através dos meios tradicionais – ao menos não no tempo esperado por ela; em (120), a classe social da mulher em pauta vai de encontro àquela esperada em virtude de seus traços interpretados como sofisticados, reforçados pelo locutor a partir de uma escala hierárquica argumentativa (construída por *atê*) que ressalta sua habilidade de tocar piano.

Verifica-se, desse modo, que os pressupostos pragmaticamente fundados habilitam conclusões que não se confirmam no enunciado trazido por *só que*, de modo que a comparação subjacente ao

contraste se dá entre as conclusões esperadas e os fatos efetivamente atestados na realidade. Essas são as construções que Longhin (2003) associa a *só que* marcador de contra-argumentação.

Já nos demais casos, ilustrados por (118) e (119), as tendências que legitimam as conclusões anuladas no enunciado com *só que* são mais associadas, em minha análise, a contextos comunicativos particulares, tendo menos respaldo de convenções sociais. Em (118), por exemplo, é relevante para a interpretação do contraste um cenário que é habitual particularmente na rotina privada do escrevente, caracterizada pelo recebimento frequente de cartas da destinatária. Essa rotina habitual é positivamente avaliada por ele, que afirma ficar feliz ao receber as cartas. A oração temporal *quando recebo as suas cartas* constrói uma frequência importante no contexto, pois instaura a noção de habitualidade que permite esperar que todas as cartas recebidas o tragam felicidade, com base na relação pragmática de similaridade entre o recebimento de uma nova carta e a forma como essa troca aconteceu até ali. A expectativa por um resultado similar não se confirma, dado que, conforme o complexo oracional introduzido pela perífrase, a nova carta traz para o escrevente circunstâncias diferentes das habituais.

A construção em (119), por sua vez, tem traços ainda mais idiossincráticos, demandando uma interpretação bastante particular ao contexto comunicativo da carta e à relação que existe entre o escrevente e a destinatária. Entendo que a leitura contrastiva depende de se assumir, a partir do enunciado antecedente a *só que*, o pressuposto de que, se o escrevente afirma que a destinatária merece relacionamentos melhores do que aquele oferecido por ele, ele não guarda (ou não mais) sentimentos suficientes para sustentar o relacionamento. Essa possível conclusão é rejeitada quando ele, ao contrário, reforça seu afeto por ela. A relação de contra-argumentação aqui é altamente guiada pela subjetividade do escrevente, não apenas pelo fato de o contexto tratar de sentimentos envolvidos em uma relação afetiva, mas também porque a relação pragmática entre *merecer coisas melhores* e *não gostar o suficiente* não é convencionalizada, sendo bastante particular ao universo subjetivo do escrevente.

O significado de quebra de expectativa de *só que* caminha em paralelo com as configurações pragmática e prosódica das construções mobilizadas pela perífrase, que se mostram simétricas em ambas as dimensões. A aplicação aos dados de *só (que)* dos parâmetros utilizados neste trabalho para avaliar autonomia pragmática e fronteiras prosódicas foi a que considero mais bem-sucedida, pois pouco levou a construções resultantes dos testes de pergunta e negação que gerassem estranhamento, diferentemente do que ocorreu com alguma frequência na aplicação dos testes aos dados de *enquanto (que)* e *ao passo que*, conforme Capítulos 4 e 5. Também na análise prosódica as construções de contraste com *só que* – bem como as construções foco/contrastivas, conforme próxima seção – foram as que

ofereceram menos dificuldades para o reconhecimento de frases entoacionais e enunciados fonológicos.

Entendo que a boa aplicação dos critérios para as análises pragmática e prosódica é reflexo de construções menos instáveis em termos de forma e significado, porque mais propagadas na língua e com o significado de contraste mais convencionalizado, o que tem como consequência configurações pragmáticas mais claramente simétricas e fronteiras prosódicas mais bem delineadas.

Seguindo a metodologia de análise estabelecida para o exame da simetria em ambos os níveis, avaliei a presença de força ilocucionária independente em cada membro da construção e a formação de frases entoacionais e enunciados fonológicos também em cada membro, tomando como suficiente a formação de ao menos um enunciado fonológico e uma frase entoacional em cada segmento para afirmar a existência de fronteira prosódica, tendo em vista que os arranjos prosódicos podem variar significativamente entre as construções, em função de receberem estruturas diversas a depender dos objetivos comunicativos. Algumas, por exemplo, contêm sentenças interpoladas, outras, apenas orações simples. Reapresento a seguir dois exemplares para ilustração da análise de simetria pragmática e prosódica. (115') e (120') mostram a aplicação dos testes de pergunta e negação, ao passo que (115'') e (120'') exemplificam a delimitação das frases entoacionais e dos enunciados fonológicos.

(115') A preta velha olhou Pedro Bala com carinho:

— É a cara do pae. **Só que** tem o cabelo ondedo da mãe. (20-1CAAR, 109)

Negação: Não é verdade que [ele] é a cara do pai **só que** tem o cabelo ondedo da mãe.

Pergunta: Não é verdade que [ele] é a cara do pai **só que** tem o cabelo ondedo da mãe?

Ou: Você não acha que [ele] é a cara do pai **só que** tem o cabelo ondedo da mãe?

(115'') [[É a cara do pai]I]U [**só que** tem o cabelo ondedo da mãe]I]U

(120') Eu sei de uma ótima para o senhor, seu Nacib. Moça direita, não é dessas sirigaitas que só pensam em cinema e em dança... Distinta, sabe até tocar piano. **Só que** é pobre... (20-2/21GACC, 510)

Negação: Não é verdade que ela sabe até tocar piano, **só que** é pobre.

Pergunta: Não é verdade que ela sabe até tocar piano, **só que** é pobre?

Ou: Você sabia que ela sabe até tocar piano, **só que** é pobre?

(120'') [[Distinta]I [sabe até tocar piano]I]U [**só que** é pobre]I]U

De acordo com a análise, todas as construções de contraste com *só que* exibem complexos oracionais constituídos por forças ilocucionárias autônomas e por pelo menos uma frase entoacional e um enunciado fonológico, o que vai ao encontro da manobra de quebra de expectativa empreendida por essas construções. A expressão de uma comparação baseada em um jogo entre expectativa e

realidade requer uma relação em que cada membro da construção seja capaz de perfilar de maneira autônoma cada um desses dois componentes, já que ambos são igualmente importantes para a plena consolidação do significado. Assim, organizam-se a partir de um paralelismo semântico-pragmático que se manifesta também em paralelismo prosódico.

O paralelismo pragmático fica evidente na aplicação dos testes de pergunta e negação. Em (115'), o alvo da pergunta e da negação é a própria relação de quebra de expectativa, e não um ou outro conteúdo proposicional em particular. De modo similar, em (120'), o que se pergunta não é se ela sabe tocar piano ou se ela é pobre, assim como não se nega apenas uma característica ou outra. O alvo da questão e da negação está em ambos os conteúdos proposicionais à luz da relação contrastiva que ancora sua junção, o que significa que a expectativa que fundamenta o contraste e o uso de *só que* também entram no escopo de ambos os testes.

No caso do paralelismo prosódico, o fato de que cada instância do integrador comum apresenta contorno entoacional próprio interage com a igual relevância semântico-pragmática que existe entre eles para que se configure a relação comparativa. Se um membro é responsável por elaborar o integrador comum no plano das expectativas e o outro tem a função de elaborá-lo no plano da realidade concreta ou fictícia, desconstruindo as expectativas, cada um depende da completude semântica que se manifesta em enunciados fonológicos independentes.

No domínio sintático, conforme esperado para construções de contraste, a oração ou o complexo oracional introduzido por *só que* se posiciona sempre no segundo membro da construção, com a perífrase ocupando via de regra, nos dados, a posição inicial. Das construções de foco para as construções de contraste, portanto, observa-se aumento considerável de escopo, na medida em que, nas primeiras, a tendência é *só* ocupar posições mais internas na sentença, justamente por seu escopo normalmente ser restrito a constituintes internos à oração de que participa. Ao constituir a perífrase contrastiva, seu escopo passa a ser extra-sentencial, em conformidade com sua função de sinalizar a incompatibilidade entre o conteúdo proposicional do segundo membro e a expectativa que pode ser inferida a partir do conteúdo proposicional expresso pelo primeiro.

A análise sugere que, diferentemente do que foi observado no contraste opositivo expresso por *enquanto (que)* e *ao passo que*, que, conforme os Capítulos 4 e 5, se ancora fortemente na não correspondência entre os sujeitos das orações postas em relação – sujeitos que, com frequência, constituem um dos pares em oposição –, a organização morfossintática das construções de contraste com *só que* tende a exibir sujeitos equivalentes (cf. exemplos 114, 115, 116, 118 e 120 apresentados acima). Trata-se de uma diferença morfossintática diretamente relacionada, em minha análise, à nuança

de contraste expressa. Não dependendo o contraste com *só que* de pares de opostos, mas sim da expectativa que circula entre os enunciados relacionados, o preenchimento das posições argumentais de sujeito com itens antonímicos deixa de ser um traço contextual relevante.

Já no que diz respeito às configurações modo-temporais dos verbos de cada segmento, os resultados para *só que* são similares aos encontrados para *enquanto (que)* e *ao passo que* contrastivos, o que significa que o contraste com *só que* também tende a ser pautado em simetria modo-temporal entre os membros da relação (cf., por exemplo, 113, 114, 115, 117 e 120), predominando o presente do indicativo.

Assumo que tanto a tendência à correspondência dos sujeitos como a tendência à equivalência modo-temporal entre as orações são marcas de paralelismo sintático nas construções contrastivas com *só que*, fornecendo evidências de que os paralelismos nas dimensões semântico-pragmática e prosódica interagem com o plano sintático. As evidências de paralelismo sintático, entretanto, vão além, mostrando campos de interface ainda mais significativos com os paralelismos instaurados nas outras dimensões. Em virtude da nuance de contraste expressa, os moldes em que o paralelismo no domínio sintático se coloca são diferentes daqueles tipicamente atestados nas construções de oposição com *enquanto (que)* e *ao passo que*.

De acordo com os dados, na grande maioria das construções, os enunciados ligados pela perífrase organizam-se sintaticamente de forma simétrica a partir de composições estruturais e distribuições sintáticas similares, nas quais as marcas de paralelismo são menos evidentes do que aquelas tipicamente presentes nas construções de oposição, justamente porque, nestas, o contraste é mais ancorado no contexto linguístico do que nas construções de quebra de expectativa. Para que seja possível visualizar as marcas de paralelismo sintático nas construções de contraste com *só que*, apresento novamente a seguir exemplares que exibem as marcas mais típicas, mantendo a mesma numeração.

(113) Na rua vinha doutor Raul com dois guardas. Eram os mesmos soldados que o haviam espancado na cadeia. O Sem Pernas corria mas doutor Raul o apontava e os soldados o levavam para a mesma sala. A cena era a mesma de sempre: os soldados que se divertiam a fazê-lo correr com sua perna capenga e o espancavam e o homem de colete que ria. **Só que** na sala estava também dona Esther que o olhava com os olhos tristes e dizia que ele não era mais seu filho, era um ladrão. E os olhos de dona Esther o faziam sofrer mais que as pancadas dos soldados, mais que o riso brutal do homem. (20-1CAAR, 153)

(114) Se eu quizesse me metia aí com esses meninos ladrão. Com os tal de Capitães da Areia. Mas eu não sou disso, quero é trabalhar. **Só que** não agüento um trabalho pesado. Sou um pobre órfão, tou com fome... (20-1CAAR, 144)

(115) A preta velha olhou Pedro Bala com carinho:

— É a cara do pae. **Só que** tem o cabelo ondedado da mãe. Se não fosse esse talho na cara não tinha que tirar nem por para ver Raymundo. Um homem bonito... (20-1CAAR, 109)

Como mencionei anteriormente, a simetria sintática se manifesta nas construções em análise através tanto de composições estruturais como de organizações sintáticas similares. A composição estrutural similar entre os enunciados ligados por *só que* se dá a partir do compartilhamento de material linguístico entre eles, que, como sinalizado em capítulo anterior, é, de acordo com Quirk *et al.* (1985), um dos principais traços de paralelismo sintático nas línguas. Esse compartilhamento pode envolver a presença de formas linguísticas idênticas em ambos os enunciados e/ou a presença de itens que, embora não idênticos, remetem ao mesmo campo semântico e, assim, evocam representações conceituais similares.

Em (113), as duas possibilidades podem ser observadas. Ambos os complexos oracionais contêm, por exemplo, o nome *sala*, que é fundamental para a constituição do integrador comum que justifica a conexão contrastiva, dado que esse integrador gira em torno dos personagens (e as circunstâncias por eles trazidas) que estão presentes em uma dada cena que tem a sala como espaço central. Esse é um exemplo, assim, de casos em que os enunciados compartilham material linguístico idêntico.

Além disso, ambos os períodos são compostos por orações apresentativas que, nos termos de Halliday e Matthiessen (2004), descrevem processos existenciais (cf. Capítulo 4, sobre a teoria da experiência proposta pelos autores). Há no contexto uma série dessas orações: *vinha doutor Raul, eram os mesmos soldados, na sala estava também dona Esther*. A composição dos enunciados a partir da recorrência de processos existenciais é importante para a construção do significado, que depende da compreensão de que a relação entre os períodos se baseia no *aparecimento* de uma nova personagem, responsável por romper com a expectativa de que o encadeamento dos eventos estaria se dando de modo similar a cenas anteriores.

A relação de quebra de expectativa, desse modo, nessa construção, é fortemente ancorada nos processos existenciais descritos, processos que, estando presentes nos dois complexos oracionais relacionados, levam à sua composição paralela tanto em termos semântico-pragmáticos, já que ambos descrevem processos da mesma natureza, como em termos sintáticos, já que a descrição de processos de mesma natureza leva ao partilhamento de formas verbais pertencentes ao mesmo paradigma verbal (*eram os mesmos soldados, a cena era a mesma de sempre, na sala estava também*).

Sinalizo ainda mais um aspecto de simetria na composição estrutural dos períodos. É relevante que ambos sejam constituídos por sintagmas nominais que fazem referência a personagens do romance (*doutor Raul, Sem Pernas, os soldados, o homem de colete*, no primeiro membro, *dona Esther*, no segundo). Entendo que a repetição do mesmo tipo de constituinte sintático também tem papel na construção da quebra de expectativa, que requer a compreensão do surgimento de uma nova personagem como um elemento que dispara contraste.

Considerando a distribuição estrutural – aspecto de paralelismo que caminha junto com a composição –, é também possível perceber que construção em (113) se organiza a partir de períodos com diversas similaridades em termos de sua distribuição sintática. O período encabeçado por *só que*, por exemplo, se organiza em torno da estrutura argumental mobilizada por *estava* (*na sala estava também dona Esther*), aí utilizado com significado existencial. Essa também é a estrutura argumental regente da oração que, no complexo oracional ao qual o período com *só que* se relaciona, primeiro instaura a ideia de similaridade que alimenta a expectativa a partir da qual o contraste se estabelece (*eram os mesmos soldados que o haviam espancado na cadeia*). A ordem dos elementos observada nessas duas orações é a não marcada para as orações apresentativas no português brasileiro. Assim, a composição estrutural similar dos períodos, ao exibirem ambos formas verbais similares, porque destinadas à expressão de processos similares, resulta na ordem sintática dos constituintes também similar.

No exemplo em (114), também considero haver as duas formas de compartilhamento de material linguístico que podem levar a composições estruturais similares nas construções com *só que*. A construção se caracteriza tanto pela presença de itens lexicais e pronominais idênticos – *trabalhar e trabalho*, ainda que em formas associadas a diferentes categorias gramaticais, e o sujeito das orações, representado pela morfologia verbal de primeira pessoa do singular – como de formas verbais que, apesar de não idênticas, descrevem o mesmo tipo de processo – *querer e aguentar*, ambos referindo processos mentais, já que associados à percepção subjetiva do indivíduo que os experiencia.

A organização de ambas as orações em torno de verbos que expressam processos mentais experimentados pelo mesmo sujeito e associados ao mesmo tipo de experiência no mundo (trabalho) produz um arranjo sintático que favorece a construção do elo de sentido que ampara sua conexão, fundado na relação do sujeito com o trabalho. Uma oração focaliza seu desejo associado a essa atividade, que alimenta a expectativa de uma postura flexível em relação a ela, ao passo que a outra oração coloca em foco sua real capacidade para realizá-la. Nessa perspectiva, o eixo central da construção está em diferentes processos subjetivos do sujeito em relação a uma mesma experiência, de forma que a repetição do conteúdo lexical que a representa em posições sintáticas similares em

ambas as orações – como complemento dos verbos de processos mentais – é traço de paralelismo sintático que interage com o paralelismo conceitual e semântico-pragmático que é consequência da comparação baseada em quebra de expectativa.

É importante ainda ressaltar a relevância da partícula de negação na segunda oração. Enquanto marca dialógica indicativa de polifonia (TRAUGOTT, 2010a), ela evidencia o diálogo do conteúdo proposicional veiculado nessa oração com um enunciado não presente na construção – a sua contraparte afirmativa. Conforme Traugott (2010), as expressões negativas são marcas de dialogicidade justamente por sempre implicarem a versão assertiva do enunciado sobre o qual incidem. Na construção em pauta, essa versão – algo como “aguento trabalho pesado” – é diretamente relacionada ao pressuposto de uma postura flexível em relação ao trabalho que emerge do primeiro enunciado.

Por fim, em (115), não há formas lexicais idênticas, mas a organização estrutural de cada oração é significativamente similar. Ambas apresentam, na mesma ordem, o mesmo sujeito, verbos que descrevem processos relacionais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), nomes que fazem referência a partes do corpo, particularmente associadas à fisionomia, e locuções prepositivas indicativas de posse. A única diferença está na presença de *ondeado* na segunda oração, que especifica um pouco mais a parte do rosto que desconstrói a total semelhança que pode ser pressuposta a partir da primeira oração. Novamente, entendo que esse amplo conjunto de similaridades estruturais entre as orações ligadas por *só que* são reflexo da interação do nível sintático com o nível do significado. A simetria sintática torna propícia a interpretação de uma relação comparativa, que, ainda quando de natureza contrastiva, depende da existência de elementos de similaridade para que se sustente.

Apresentadas as principais características das construções de contraste com *só que* nos três domínios de análise, passo às construções foco-contrastivas, buscando a reconstrução diacrônica dos processos de constituição que teriam se desenvolvido em cada domínio.

6.3 As construções foco-contrastivas com *só (que)*

Como discutido em 6.1, os usos de *só* como advérbio focalizador já mantêm uma relação inerente com o domínio de contraste, dada a operação de restrição do significado ao elemento focalizado, com a exclusão de alternativas pragmaticamente definidas. Os contextos que assumo atuarem como *bridging* no percurso de *só* exibem uma configuração que alimenta inferências de contraste para além da relação entre o elemento focalizado e as alternativas excluídas, habilitando,

ainda pragmaticamente, uma relação contrastiva entre dois estados-de-coisas explícitos na construção linguística.

Só, que pode ou não estar contíguo a *que*, ainda cumpre a função de advérbio focalizador no segmento oracional de que participa, mas o foco que estabelece no âmbito desse segmento entra em confronto com alguma expectativa derivada de um segmento oracional anterior, já se projetando uma *comparação* entre o desenvolvimento esperado dos eventos e a forma como eles de fato se concretizam na realidade, que não corresponde ao esperado.

Foi possível reconhecer nos dados dois tipos de contextos foco-contrastivos, sendo a principal diferença entre eles a contiguidade ou não de *só* com *que* em função de complementizador. Ainda que cada um apresente traços particulares nos três níveis de análise considerados, a configuração básica acima atribuída aos contextos *bridging* pode ser observada em ambos os arranjos. Focalizo, então, primeiramente, os aspectos que são comuns entre eles, para discutir em seguida as especificidades.

Os exemplos de (121) a (129) a seguir representam o arranjo em que *só* ainda não está contíguo a *que*, e os exemplos de (130) a (134), aquele em que *só* se situa imediatamente ao lado de *que* complementizador. Os últimos constituem a totalidade dos contextos do segundo tipo encontrados no *corpus*, sendo todas as outras ocorrências correspondentes ao primeiro grupo. Apesar do baixo número de ocorrências de *só* contíguo a *que*, o pequeno conjunto fornecido pelos dados contém evidências significativas sobre os processos de constituição diacrônica.

Os contextos foco-contrastivos com *só*

(121) (...) seacendia nellas outenta luzes cada noute, sendo toda [inint.] despeza' a sua Custa; o que procurandose, se havia algu'a ordem para se darem propinas de Cera, **só** se descobrira que na Paraíba sederaõ ao Capitão mor quatro arrobas de Cera da fazenda Real. (18-1COPEER, 25)

(122) Huns chegão ao Brazil muito rudes, e muito fechados, e assim continuão por toda a vida. Outros em poucos annos sahem ladinos, e expertos, assim para aprenderem a doutrina christã, como para buscarem modo de passar a vida, e para se lhes encommendar hum barco, para levarem recados, e fazerem qualquer diligencia das que costumão ordinariamente occorrer. As mulheres usão de fouce, e de enxada, como os homens: porém nos mattos, **só** os escravos usão de machado. (18-1COBR, 57)

(123) O tabaco da primeira folha he o melhor, o mais forte, e o que mais dura: e este serve para o cachimbo, e para se mascar, e pisar. O fraco, para se mascar não serve, e **só** presta para se beber no cachimbo. (18-1COBR, 88)

(124) Os que são demasiadamente affeiçãoados ao tabaco, o chamão herva santa: (...) mascando as suas folhas, usando de torcidas, e enchendo os narizes deste pó. (...) Usão alguns de torcidas dentro dos narizes, para purgar por esta via a cabeça, e para divertir o estillicidio, que vai a cahir nas gengivas, e causa dor de dentes: e postas pela manhã, e á noite, não deixão de ser de proveito. **Só** se encommenda aos que usão dellas, o evitarem a indecencia, que causa o apparecer com ellas fora dos narizes. (18-1COBR, 90)

(125) — Menino! que trazeis contigo, que possaes offerecer a esta menina?...

Eu corri com os olhos tudo que em mim havia, e **sò** achei para entregar ao admirável homem, que me fallava, um lindo alfinete de camafeu, que meo pay me tinha dado para trazer ao peito. (19-1MORE, 35)

(126) (...) *por* tanto a mim e amim só, deve culpar o resultado da eleição aqui; lembrando se *por* *que* deveria, como me havia prevenido anteriormente, *que* antes da eleição me daria a ultima palavra, | *aqual* **só** recebi as horas já indicadas. (19-2CPBA, 26)

(127) Não obstante, ao lado delle a crioula roncava, de papo para o ar, gorda, estrompada de serviço, tresandando a uma mistura de suor com cebola crua e gordura podre. Mas João tomão nem dava por ella; **só** o que elle via e sentia era todo aquelle voluptuoso mundo inaccessivel vir descendo para a terra, chegando-se para o seu alcance lentamente, accentuando-se. (19-2OCOR, 468)

(128) Lá em cima, um bagageiro dizia:

— Sinha Eugenia, cadê aquella moçota que vendia mais você?

A fala da velha passou sibilante e cantada entre os dentes quebrados:

— Botei pra fora. Aquillo era uma mundaça. Não me dava interesse; **só** prejuízo... (20-1OQUI, 400)

(129) Precisamos de um tempo agora se você acha que não pode esperar por este tempo, deixo tudo ao seu critério, você sabe o que é melhor pra você, você decide, gosto muito de você, **só** não posso, decidir as coisas assim tão direpente. (20-2/21CPRN, 234)

Os contextos foco-contrastivos com *só* + *que* complementizador

(130) Aqui nada consta da fuga do conselheiro e **só que** elle e oseos preparão-se para enxotar tambem esta expedição, tanto que já hão posto em execução diversos outros actos de requintada selvageria. (19-2CPBA, 95)

(131) Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me **só que** a sensação de frio augmentava com a jornada, e que chegou uma occasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. (19-2ECLB, 272)

(132) - Que é! Que quer? Acudiu Rubião.

- Nada, respondeu o enfermo sorrindo. Umas philosophias! Com que desdem me dizes isso! Repete, anda, quero ouvir outra vez. Umas philosophias!

- Mas não é por desdém... Pois eu tenho capacidade para desdenhar de philosophias? Digo **só que** você póde crêr que a morte não vale nada, porque terá razões, principios... (19-2QUBO, 482)

(133) Sophia, disse-lhe o marido, sentando-se ao pé della. Não quero entrar em minudencias; digo **só que** não permitto que alguem te falte ao respeito... (19-2QUBO, 517)

(134) — Não digo mais nada, acudiu o cocheiro. Era da rua dos Invalidos, bonito, um moço de bigodes e olhos grandes, muito grandes. Oh! eu tambem se fosse mulher, era capaz de apaixonar-me por elle... Ella não sei d'onde era, nem diria ainda que soubesse; sei **só que** era um peixão. (19-2QUBO, 543)

Proponho que há um elemento de significado comum entre os dois grupos de contextos, concernente a um efeito de quantificação que, em harmonia com König (1991), assumo ser inerente às partículas de foco em geral. Esse efeito, no entanto, ganha moldes específicos a partir da comparação entre expectativas associadas ao desenvolvimento dos eventos e o modo como se concretizam.

Segundo König (1991, p. 33), as partículas de foco conferem uma força quantificacional para o significado das sentenças em que atuam, no sentido de que promovem algum tipo de quantificação para o valor da expressão focalizada em relação ao conjunto de alternativas que evocam. No caso de *only* do inglês, e, conforme aqui proponho, também para *só*, a quantificação envolve a exclusão das alternativas em favor da seleção de *uma*, de modo a *restringir* a abrangência do significado da proposição ou do elemento lexical sobre o qual o escopo do focalizador incide.

Como consequência das operações de exclusão e restrição que subjazem à força quantificacional de *só* especificamente (assim como de *only* e outros advérbios focalizadores restritivos), *só* atribui ao elemento que focaliza uma natureza *inferior*: restringir por meio da focalização significa reduzir o significado da proposição a apenas um elemento (ou conjunto de elementos). Assim, em uma oração como *Só eu e ela terminamos a prova*, *só* implica que *eu e ela* constitui um conjunto inferior, mais restrito, em relação a um conjunto de pessoas possível. Se enuncio tal oração, por exemplo, em um contexto comunicativo envolvendo três pessoas, ao utilizar *só* para focalizar duas delas, torno o conjunto de pessoas ao qual a proposição *terminar a prova* poderia se referir necessariamente menor.

Ressalto que a quantificação de natureza redutiva empreendida por *só* não remete (ao menos não necessariamente, embora possa ser o caso em alguns contextos) a escalas argumentativas que podem ser evocadas por partículas de foco (tal como *até* em *até o prefeito foi à festa* e *só* em *só o gato comeu meu arroz*). A noção de quantificação que König (1991) propõe como um denominador comum das partículas de foco se refere exclusivamente às operações de inclusão ou exclusão de alternativas e aos efeitos quantitativos delas decorrentes.

Nos contextos foco-contrastivos com *só*, a análise mostra que o efeito redutor de *só* contribui para inferências de quebra de expectativa na medida em que se refere sempre ao estado-de-coisas correspondente ao desenvolvimento efetivamente concretizado na realidade, sugerindo que tal desenvolvimento é *inferior* a, ou não alcança, expectativas previamente estabelecidas. Esse significado, claro, emerge pela interação do efeito focalizador restritivo de *só* com os outros elementos do contexto, dependendo sobretudo das suposições derivadas do primeiro enunciado, que precisam alimentar algum tipo de expectativa para a emergência de inferências pragmáticas de contraste. Nesse ponto, já se mostra uma relação importante entre a fonte e o alvo das mudanças de *só*: a frustração de expectativas pode ser entendida como um cenário em que um determinado ponto ou resultado não é alcançado, de modo que a posição efetivamente alcançada é inferior àquela inicialmente almejada.

Em (121), por exemplo, a semântica de *procurando-se* implica a existência da expectativa de se encontrar a informação que é objeto da procura. A oração que está sob o escopo de *só* descreve a informação efetivamente descoberta, que não corresponde àquela buscada. *Só* coloca o fato descoberto na posição mais baixa de uma escala hierárquica que tem a informação procurada no topo. Assim, no jogo comparativo entre a descoberta esperada e a descoberta realizada, *só* contribui para o estabelecimento de quebra de expectativa, ao quantificar a descoberta realizada de modo a indicar que ela é *inferior* ao esperado.

Já em (130), a negação presente na primeira oração do período coordenado por *e* constitui evidência da existência de uma expectativa prévia (cf. 6.2, sobre o papel dialógico das expressões de negação na criação de polifonia), também associada a uma informação que se espera conseguir. A oração focalizada por *só* novamente traz a informação que foi de fato obtida, promovendo o mesmo efeito quantificador e, como consequência dele, o mesmo tipo de escala hierárquica observado em (121).

Com frequência nos dados, mas não categoricamente, esse efeito de quantificação está atrelado a atitudes subjetivas que avaliam a posição inferior ocupada pelo alvo da operação de foco como algo negativo. Em (121) e em (130), é possível supor que a informação sobre a quantidade de cera cedida e a descoberta sobre a expedição que estava sendo organizada, respectivamente, provavelmente causem aos escreventes descontentamento, se considerado que tais descobertas não correspondem àquelas inicialmente almejadas.

Enquanto, em construções como essas, uma avaliação negativa do desenvolvimento concreto dos eventos pode ser apenas suposta, em várias outras há elementos no contexto linguístico que permitem afirmar a associação de *só* com avaliações subjetivas dessa natureza, como, por exemplo, no dado em (128). *Só* focaliza aí um item lexical cujo valor semântico inerentemente está vinculado a uma noção de desvantagem (*prejuízo*), de modo que há inquestionavelmente uma avaliação negativa implicada na escolha lexical. O aspecto negativo inerente ao nome utilizado para descrever o desempenho concreto da moça citada nas vendas que realizava com a personagem que enuncia a construção com *só* torna-se ainda mais acentuado na relação com a oração precedente, já que a negação nela contida implica a expectativa de que a moça trouxesse benefícios às vendas, expectativa que circula naturalmente pelo imaginário associado a relações de comércio (quem contrata um vendedor, espera que ele ofereça uma contribuição positiva).

Ainda que a combinação de avaliações negativas ao efeito quantificador de *só* seja forte tendência nos dados, ressalto que não é regra, podendo *só* não estar necessariamente atrelado a

nenhuma atitude avaliativa – como é o caso de (131), em que a oração focalizada por *só* apenas pontua o único aspecto que o escrevente é capaz de lembrar – ou habilitar atitudes positivas em relação ao conteúdo proposicional situado na dimensão inferior na escala hierárquica, caso em que normalmente tem um efeito de preservação da face.

Os exemplos (132) e (133) ilustram o último caso. Em (132), *só* contribui para esse efeito na medida em que, no complexo oracional anterior, a oração *não é por desdém*, juntamente com a pergunta retórica que a segue, elaboram uma linha argumentativa para defender que o locutor não irá se referir com desprezo às ideias que haviam sido anteriormente propostas pelo interlocutor. Ao situar o conteúdo que será efetivamente enunciado pelo locutor na dimensão inferior de uma escala imaginária, *só* suscita o pressuposto de que esse conteúdo não é suficiente para configurar uma atitude depreciativa, protegendo, assim, o locutor de modo compatível com seu percurso argumentativo.

Já em (133), *só* constitui um recurso de preservação da fase ao implicar que o conteúdo do que será dito não é suficiente para contrapor a afirmação anteriormente feita, relativa à decisão do locutor por não entrar em muitos detalhes sobre a questão em pauta. Dessa forma, o uso de *só* está associado à intenção de auxiliar o locutor a não entrar em contradição, razão pela qual considero que, nos casos em que se configura em estratégia para preservação da face, traz feições positivas para o conteúdo que focaliza.

Nos contextos foco-contrastivos, portanto, *só*, de acordo com os dados, *sempre* focaliza o conteúdo proposicional que representa o elemento situado na dimensão mais inferior da escala hierárquica, mas como essa posição inferior é subjetivamente avaliada é aspecto variável nas construções.

Assumo que a quantificação instituída por *só* no padrão foco-contrastivo pode ser resquício diacrônico do padrão de qualificação, descrito no início deste capítulo, pois a caracterização operada pelo item nesse padrão de uso consiste em uma qualificação de natureza quantitativa, no sentido de que associa o elemento focalizado a uma quantia individual, indicando sua exclusividade. Conforme os exemplos (97) e (98) apresentados para esse padrão, em *só repouso* (*a natureza ajudada pelo só repouso (...) be por si só capaz (...)*) e *deste só deputado* (*quer fosse deste só Deputado, quer fosse de maior numero*), *só* quantifica *repouso* e *deputado* colocando-os como elementos singulares.

Discutido o componente de significado que é elementar em ambos os tipos de contextos foco-contrastivos, passo a tratar das particularidades de cada um, de modo a mostrar sua contribuição específica no percurso diacrônico. Como mencionei, no primeiro grupo de contextos, *só* não está contíguo a *que*, cenário sintático que é certamente relevante para a constituição da perífrase contrastiva.

Ainda assim, assumo que esse conjunto de contextos é igualmente relevante para as mudanças, tendo em vista que contém fatores condicionadores favoráveis nos três eixos de desenvolvimento – semântico-pragmático, prosódico e morfossintático.

Primeiramente, os contextos em pauta foram categorizados como foco-contrastivos justamente porque *só* participa de uma construção binária em que inferências de contraste são habilitadas pela relação binária entre estados-de-coisas explícitos na construção. Essa relação é essencial para a associação do advérbio ao movimento de busca por uma fonte e um alvo que é realizado na conexão contrastiva (cf. Capítulo 2), movimento que mobiliza operações cognitivas, semânticas, pragmáticas, prosódicas e sintáticas que gradualmente precisam ser assimiladas à rede funcional do item, que, nos contextos fonte, tem seu funcionamento mais orientado ao elemento que está no escopo da manobra de focalização, sem envolver o movimento dinâmico de uma fonte para um alvo necessário para a expressão contrastiva.

Os dados sugerem duas formas por meio das quais expectativas emergem nos contextos em análise. Uma delas é muito parecida com o que se observa nos contextos alvo: o primeiro segmento da relação habilita uma expectativa (ou um conjunto de expectativas) a partir da evocação pragmática de tendências (fundadas em aspectos socio-culturais ou particulares ao contexto comunicativo, cf. 6.2) que levam a pressupor uma dada forma de desenvolvimento dos eventos. O modo pelo qual os eventos de fato se concretizam na realidade não confirma o desenvolvimento esperado. Nessa relação, *só* contribui para a interpretação de quebra de expectativa ao situar o evento descrito na oração de que participa na posição mais baixa da escala hierárquica que se instaura, conforme discussão acima, sinalizando que o que se observa na realidade é inferior ou insuficiente em relação à expectativa assumida. Esse é o caso do exemplo (121), previamente discutido, bem como dos dados apresentados em (122), (124), (125), (126) e (129).

Em (125), por exemplo, o segmento anterior àquele com *só* (*eu corri com os olhos tudo que em mim havia*) indicia a expectativa do locutor por encontrar algo que pudesse oferecer. A pergunta que antecede esse segmento (*que trazeis contigo, que possas oferecer a esta menina?*) é fundamental para reforçar tal expectativa, já que produz uma cobrança sobre o locutor. O uso de *só* para modificar o objeto tomado como aceitável para que fosse entregue à menina atribui a ele um valor de inferioridade em relação a outros objetos possíveis, aos quais *tudo*, no enunciado anterior, faz referência.

Essa noção de inferioridade não deve ser entendida como fazendo referência a uma avaliação negativa do locutor sobre o alfinete – que é, na verdade, qualificado muito positivamente por ele, tanto pelo uso do adjetivo *lindo* como pela oração relativa que especifica o valor afetivo que o alfinete tem

para ele. Trata-se de uma inferioridade em sentido quantitativo, tendo em vista a relação que se estabelece entre *tudo* e *só um lindo alfinete de camafêu* – o valor unitário de *um* entra em relação de contraste com o valor indefinido, mas quantitativamente maior, implicado por *tudo*. Como mencionado acima, a posição inferior evocada pelo efeito quantificador de *só* pode ou não ser associada a atitudes positivas ou negativas. No contexto em questão, uma avaliação negativa do aspecto inferior do objeto encontrado em relação aos outros objetos com os quais é posto em comparação (a partir de um ponto de vista que é altamente subjetivo, já que o locutor compara os objetos de que tem possa avaliando qual é satisfatório para ser entregue à menina) é possível, mas não pode ser afirmada, justamente em razão das atitudes positivas do locutor em relação ao alfinete³⁶.

Em (126), também fica evidente a relação comparativa entre expectativa e realidade. Destaco o papel de *prevenido*, com sentido de promessa, de comprometimento com uma conduta futura, e o papel das expressões temporais *anteriormente* e *antes da eleição* na indicação da existência de expectativas prévias do escrevente, relativas ao poder de fala que seria dado em momento futuro. *Só*, integrando o enunciado que descreve quando a oportunidade em questão lhe foi dada, sinaliza que o momento foi insuficiente para que o compromisso estabelecido fosse de fato satisfatoriamente atendido. A questão aqui, então, não é exatamente a não concretização do evento esperado, já que, em dado momento, a palavra foi dada a ele; o elemento que rompe com as expectativas é o *tempo* em que isso aconteceu, o que torna as expressões temporais tão relevantes no contexto, ao associarem a expectativa do locutor em ter a palavra a um intervalo de tempo muito específico – antes da eleição.

No outro cenário, representado por (123), (127) e (128), os pressupostos que derivam do primeiro segmento provêm de uma operação de correção realizada por uma expressão negativa, sendo *não* a mais típica. A relação pragmática de contraste em casos desse tipo é muito parecida com o contraste pautado na correção seguida de retificação, que, conforme discutido no Capítulo 2, compartilha traços importantes com a nuance de quebra de expectativa, uma vez que a correção tende a ser mobilizada quando existem expectativas em torno de sua contraparte afirmativa. Dessa forma, aqui, a função dialógica da negação atua como gatilho para a emergência da expectativa que é desconstruída no enunciado com *só*.

Em (123), entendo que a oração *para se mascar não serve* pode levar a pressupor que o tabaco fraco não serve para nenhuma das funções para as quais o tabaco forte é utilizado pelos escravos, já

³⁶ Seria inclusive possível uma interpretação em que a comparação entre objetos vários com a identificação de apenas um que poderia ser entregue é avaliada negativamente se considerado o valor afetivo do alfinete para o locutor, na medida em que sua entrega implicaria a perda de um objeto importante para ele.

que esse tipo de tabaco, de acordo com o complexo oracional anterior, atende a mais de uma função. Isso porque há na construção uma relação de oposição entre os usos de ambos os tipos, e o paralelismo que caracteriza as relações de contraste opositivo pode alimentar tal associação (o tabaco forte serve tanto para o cachimbo como para ser mascado, ao passo que o tabaco fraco não serve para nenhuma das coisas). O enunciado com *só*, apesar de indicar que uma das funções pode ser desempenhada pelo tabaco fraco, indicia que essa função está abaixo do esperado, aspecto de inferioridade que tem relação direta com a comparação realizada com o tabaco forte.

Para ilustrar outra análise do segundo cenário, em (128), já brevemente discutido acima, a ausência de contribuição da personagem mencionada para as vendas rompe com as expectativas da locutora. O enunciado produzido na modalidade negativa pressupõe sua contraparte afirmativa, deixando implícita a expectativa de que a moça atendesse aos interesses da proprietária dos produtos vendidos. *Só*, como sempre nos contextos foco-contrastivos, coloca em foco a situação realmente observada na realidade, na qual a moça, além de não atender a seus interesses, ainda trazia desvantagens.

Ambos os tipos de construções aparecem nos dados em todos os estados de língua e mostram sempre configurações em que *só* figura em uma oração pragmática e prosodicamente autônoma, ainda que não haja autonomia pragmática e prosódica *entre* as orações relacionadas. Isso significa que, embora diferentes configurações sejam possíveis, havendo inclusive construções hipotáticas, como mostro a seguir, a oração de que o item faz parte tem sempre força ilocucionária própria e forma pelo menos uma frase entoacional e um enunciado fonológico independente da(s) frase(s) entoacional(is) e do(s) enunciado(s) fonológico(s) associado(s) ao segmento anterior.

Antes de ilustrar as análises pragmática e prosódica, considero relevante tratar primeiramente das características morfossintáticas das construções foco-contrastivas com *só* não contíguo a *que*, sobretudo para mostrar que, apesar dos aspectos que são variáveis entre essas construções no plano sintático, a independência pragmática e prosódica *da oração* integrada por *só* é preservada.

Como se pode observar de (121) a (129), o modo pelo qual o segmento com *só* se conecta sintaticamente ao segmento anterior é bastante variável nos dados, assim como a composição sintática de cada um desses segmentos, que podem se constituir tanto de orações como de períodos complexos. Há, nesse sentido, uma grande diversidade de construções sintáticas em que a polissemia foco/contraste se manifesta. Segundo a análise, entre o segmento integrado por *só* e o segmento anterior, podem se estabelecer relações de hipotaxe (cf. 121), relações de justaposição – que, no plano escrito, são indicadas nos dados por ponto final (cf. 124), por vírgula (cf. 126 e 129) e por ponto-e-

vírgula (cf. 127 e 128) –, relações de coordenação por meio do conectivo multifuncional *e* (cf. 123 e 125) e relações de coordenação por meio de conectivos contrastivos (cf. 122).

Apesar dessa diversidade no tipo de conexão sintática entre os segmentos, há aspectos importantes de regularidade no comportamento sintático de *só* no interior do segmento que integra e no comportamento sintático desse segmento em relação ao segmento precedente, aspectos que, dada sua natureza regular, fornecem indícios sobre o desenvolvimento das mudanças no domínio sintático.

No interior do segundo segmento, *só* tem sempre escopo oracional, de forma que os contextos foco-contrastivos caracterizam-se por aumento de escopo, traço importante na emergência de novas formas gramaticais (TRAUGOTT, 1995), que representa um avanço significativo em relação aos contextos fonte, nos quais, conforme 6.1, o foco de *só* tende a recair sobre constituintes oracionais internos. Alinhada ao aumento de escopo, é relevante a posição de *só* no âmbito desse segmento, que é sempre pré-verbal, podendo aparecer imediatamente anterior ao verbo ou antes do sujeito do verbo da oração que focaliza, quando o sujeito ocupa a posição não marcada no português brasileiro (SVO).

Desse modo, entendo ser essencial que, em uma construção como (125), por exemplo, *só* figure em posição anterior a *achei*, ao invés de ocupar a posição anterior ao objeto encontrado, em uma construção hipotética como *Eu corri com os olhos tudo que em mim havia, e achei para entregar ao admirável homem, que me fallava, só um lindo alfinete de camafeu (...)*, na qual a mudança de posição implicaria mudança de escopo. O fato de que essa construção seria plenamente possível na língua mas não representa a organização sintática tipicamente observada nos contextos foco-contrastivos é um dado importante para a reconstrução diacrônica, sugerindo ter sido fator favorável à constituição da perífrase o posicionamento de *só* na periferia mais à esquerda da sentença. Esse é um dos principais fatores que me levam a conceber os contextos em discussão como tão relevantes como aqueles marcados pela contiguidade de *só* com *que*: neles, o advérbio já se mostra circulando, em maior ou menor medida³⁷, pelo espaço sintático que é típico dos usos perifrásticos.

Considerando o comportamento sintático do segmento que *só* integra em relação ao segmento anterior, também se observa uma configuração muito regular e próxima das construções perifrásticas, pois, em todos os contextos foco-contrastivos, *só* pertence ao segmento que descreve o desenvolvimento concreto dos eventos na realidade, segmento que, por sua vez, é sempre posposto

³⁷ Em maior ou menor medida porque a posição pré-verbal não garante a posição inicial na sentença, de forma que, em contextos de justaposição como (127), (128) e (129), por exemplo, *só* está efetivamente em posição inicial, isto é, a posição típica da perífrase, ao passo que, em contextos constituídos por conectivos, como (122), (123) e (125), a posição não é a primeira da periferia esquerda. Ainda assim, meu ponto é que haveria outras posições mais distantes da periferia esquerda que poderiam ser ocupadas por *só*, mas não é nelas que o item se situa nos contextos em análise, já estando em posição mais aproximada daquela da perífrase.

àquele que habilita expectativas. Há, portanto, uma organização sintática sistemática entre os segmentos, que reflete, de forma icônica, a organização cognitiva subjacente à comparação entre expectativas e realidade concreta: as expectativas, que são sempre orientadas para o futuro, antecedem também na construção linguística o estado-de-coisas que representa o desenvolvimento real dos eventos. Assim, o processamento cognitivo de uma relação comparativa entre o desenvolvimento concreto de um evento com seu desenvolvimento esperado pressupõe um movimento retrógrado que parte da observação do evento concretamente desenvolvido – a comparação só pode ser elaborada após sua conclusão – e, então, retoma as expectativas que foram projetadas a ele em um ponto anterior no tempo.

Enquanto a posição interna de *só* e a posição do segmento que ocupa na construção nos moldes apresentados são aspectos observados em todos os contextos foco-contrastivos, a correspondência entre os sujeitos e a relação modo-temporal entre os verbos principais de cada segmento são aspectos que mostram um pouco mais de variação nos dados, mas ainda com fortes tendências de configuração. A tendência é a de haver correspondência entre os referentes relacionados aos sujeitos dos segmentos e a de haver simetria modo-temporal entre os verbos principais de cada um.

Ambos os aspectos são evidência de paralelismo sintático, à medida que refletem, respectivamente, compartilhamento de material linguístico e uma organização morfológica e sintática similar nos predicados verbais. Além deles, as construções de foco-contraste se constituem de outras marcas de paralelismo no plano sintático, que evidenciam que, embora o tipo de relação sintática entre os segmentos varie, elas já mostram traços de uma organização sintática funcionalmente paralela, traços que correspondem, portanto, a vestígios do processo gradual de constituição de um modo coordenativo de composição.

Com frequência nos dados, os segmentos apresentam formas verbais idênticas, como se vê em (122) (*As mulheres usão de foice, e de enxada, como os homens: porém nos matos, **só** os escravos usão de machado*) e em (128) (*Não me dava interesse; **só** prejuízo*), em que o verbo *dar* está elíptico no segundo segmento. Em outros casos, os segmentos compartilham o mesmo item lexical, tal como ocorre com *cera* em (121). Nesse exemplo, ainda que os complementos verbais de *procurando-se* e *se descobrira* sejam claramente distintos, considero relevante que ambos contenham o mesmo elemento lexical, inclusive fazendo parte do mesmo tipo de construção sintática (nos dois segmentos, *cera* faz parte de sintagma preposicional). O fato de os segmentos partilharem esse item indica sua grande inter-relação semântica, que não é óbvia, já que seria possível uma relação de sentido em que se procurava informações sobre propinas de cera, mas a informação encontrada diz respeito a outro elemento, que, embora com

relevância necessária no contexto comunicativo, mas precisa ser totalmente equivalente ao elemento que era alvo da busca.

Outro traço de simetria sintática recorrente nos dados está em estruturas argumentais que são similares entre os segmentos porque os verbos que as mobilizam, ainda que distintos, mantêm afinidades semânticas. No exemplo (123), os verbos *servir* e *prestar*, em relação de sinonímia na construção, mobilizam ambos complementos indiretos, que, nos dois segmentos, têm natureza oracional. O paralelismo de significado entre as formas verbais leva, assim, ambos os segmentos a se constituírem de orações de finalidade, ambas reduzidas de infinitivo, de modo que a simetria no eixo semântico-pragmático se reflete em simetria no eixo sintático.

Também em (126), considero haver paralelismo semântico entre *dar* e *receber*. Ambos requerem complemento direto, que, no contexto, materializa-se pelo mesmo sintagma nominal (*a última palavra*), recuperado no segmento com *só* a partir de pronome relativo (*qual*), que é, por sua vez, mais uma marca de compartilhamento de material linguístico e, portanto, de simetria semântico-pragmática e sintática entre os segmentos. A presença das mesmas formas verbais nas orações ligadas em (122), mencionada anteriormente, também leva a estruturas sintáticas similares, com ambas as orações apresentando *usar* em sua forma transitiva indireta, tendo como complemento sintagmas nominais indicativos de instrumento.

Como busquei argumentar, na diversidade de construções sintáticas em que o padrão foco/contraste se manifesta, há notáveis evidências de uma simetria sintática em constituição, que entendo ser consequência de relações simétricas também em constituição nos eixos pragmático e prosódico. Embora diferentes configurações pragmáticas e prosódicas possam ser encontradas em meio aos dados de foco/contraste, a oração a que *só* pertence sempre é autônoma tanto pragmática como prosodicamente, independentemente de essa oração formar ou não com outras orações um período complexo no segundo segmento ou de o segmento anterior apresentar ou não uma oração com autonomia pragmática e prosódica. Mostro a seguir um exemplo de construção em que apenas a oração com *só* tem independência em ambos os níveis e um exemplo em que ambos os segmentos são pragmática e prosodicamente autônomos, exibindo simetria em ambas as dimensões. Adoto a mesma indicação já utilizada previamente, com (?) referindo à análise pragmática e (?), à análise de constituintes prosódicos.

(121') **Negação:** Não é verdade que, procurando-se se havia alguma ordem para se darem propinas de cera, **só** se descobrira que na Paraíba cederão ao capitão mor quatro arrobas de cera da fazenda real.

Pergunta: É verdade que, quando se procurava se havia alguma ordem para se darem propinas de cera, **só** se descobrira que na Paraíba cederão ao capitão mor quatro arrobas de cera da fazenda real?

Ou: Quando se procurava se havia alguma ordem para se darem propinas de cera, **só** se descobrira que na Paraíba cederão ao capitão mor quatro arrobas de cera da fazenda real?

(121'') [[O que]I [procurando-se se havia alguma ordem para se darem propinas de cera]I [**só** se descobrira que]I [na Paraíba]I [cederão ao capitão mor quatro arrobas de cera da fazenda real]I]U

(122'') **Negação:** Não é verdade que as mulheres usam de foice e de enxada como os homens, porém nos matos **só** os escravos usam de machado.

Pergunta: É verdade que as mulheres usam de foice e de enxada como os homens, porém nos matos **só** os escravos usam de machado?

Ou: As mulheres usam de foice e de enxada como os homens, porém nos matos **só** os escravos usam de machado?

(122'') [[As mulheres usam de foice e de enxada]I [como os homens]I]U [porém]I [nos matos]I [**só** os escravos usam de machado]I]U

Nas construções hipotéticas derivadas da aplicação dos testes de pergunta e negação ao dado (121), como mostra (121'), apenas a informação descoberta, que está sob o foco de *só*, é desafiada pela pergunta e pela negação. Do mesmo modo, no nível da prosódia, é o complexo oracional que descreve essa informação que forma o único enunciado fonológico da construção. O período *procurando-se se havia alguma ordem para se darem propinas de cera* tem contorno entoacional próprio, formando frase entoacional, mas está no domínio do enunciado fonológico formado pela oração integrada por *só*. Em casos como esse, portanto, os segmentos são ainda assimétricos nos eixos pragmático e prosódico, mas, em todos os casos de assimetria do *corpus*, o segmento com *só* é o que detém força ilocucionária e o que forma o constituinte mais alto da hierarquia prosódica.

Já em construções como aquela em (122'), a negação e a pergunta incidem sobre a relação entre as orações, o que faz necessária a consideração de ambas para a interpretação das construções resultantes dos testes. Ambas, portanto, têm força ilocucionária. Na configuração prosódica, conforme (122''), ambos os períodos exibem pelo menos um enunciado fonológico próprio, ainda que apresentem contornos entoacionais distintos, com o segundo segmento exibindo mais frases entoacionais do que o primeiro. A formação de um enunciado fonológico em cada segmento atesta a existência de fronteiras prosódicas.

O cenário de simetria pragmática e prosódica que se observa em (122'') é o que caracteriza a grande maioria das construções foco-contrastivas, o que permite supor que, diacronicamente, *só*, quando associado ao valor de quebra de expectativa, tende a estar também associado a relações simétricas em ambas as dimensões, mesmo antes da consolidação da perífrase. Por outro lado, o fato de também existirem nos contextos foco-contrastivos construções assimétricas é índice de mudanças em progresso.

Passando finalmente ao padrão foco/contraste em que *só* é imediatamente anterior a *que* utilizado com função de complementizador, reproduzo novamente a seguir os contextos apresentados acima de (130) a (134), que, como sinalizado, são os únicos encontrados no *corpus*.

(130) Aqui nada consta da fuga do conselheiro e **só que** elle e oseos preparãose para enxotar tambem esta expedição, tanto que já hão posto em execução diversos outros actos de requintada selvageria. (19-2CPBA, 95)

(131) Como ia de olhos fechados, não via o caminho; lembra-me **só que** a sensação de frio augmentava com a jornada, e que chegou uma occasião em que me pareceu entrar na região dos gelos eternos. (19-2ECLB, 272)

(132) - Que é! Que quer? Acudiu Rubião.

- Nada, respondeu o enfermo sorrindo. Umas philosophias! Com que desdem me dizes isso! Repete, anda, quero ouvir outra vez. Umas philosophias!

- Mas não é por desdém... Pois eu tenho capacidade para desdenhar de philosophias? Digo **só que** você póde crêr que a morte não vale nada, porque terá razões, principios... (19-2QUBO, 482)

(133) Sophia, disse-lhe o marido, sentando-se ao pé della. Não quero entrar em minudencias; digo **só que** não permitto que alguem te falte ao respeito... (19-2QUBO, 517)

(134) — Não digo mais nada, acudiu o cocheiro. Era da rua dos Invalidos, bonito, um moço de bigodes e olhos grandes, muito grandes. Oh! eu tambem se fosse mulher, era capaz de apaixonar-me por elle... Ella não sei d'onde era, nem diria ainda que soubesse; sei **só que** era um peixão. (19-2QUBO, 543)

Como indicam as referências dos exemplares, todos foram extraídos de textos da segunda metade do século 19. É possível que esse período tenha representado um estágio particular para as mudanças, mas, dada a baixa frequência desses contextos nos dados, me limitarei aqui a explorar as evidências qualitativas que fornecem.

Em primeiro lugar, todos se conformam ao cenário, anteriormente discutido para as ocorrências foco-contrastivas sem contiguidade com *que*, no qual há uma negação polêmica, isto é, uma negação que, dada a função inerentemente dialógica das expressões negativas, indicia a existência prévia de expectativas, associadas à sua contraparte afirmativa. Nessa perspectiva, em (133) e (134), por exemplo, os enunciados *não quero entrar em minudências* e *ella não sei d'onde era, nem diria ainda que soubesse* revelam que, por alguma razão, peculiar ao contexto comunicativo, o locutor antecipa, respectivamente, o pressuposto de seu desejo por discutir a questão em detalhes e o pressuposto de que conhece a naturalidade da mulher em pauta. Após negar essa expectativa, realiza uma espécie de correção, abrindo um tópico de que deseja falar e veiculando uma informação sobre a mulher.

A negação dos enunciados precedentes, entretanto, *pode* levar a uma outra expectativa: em (133), a de que nada será dito, em (134), a de que nenhuma informação sobre a mulher é conhecida.

Prevendo que o segundo segmento pode ser interpretado como uma contradição, em decorrência dessas expectativas, coloca o conteúdo proposicional do que será dito e do que será informado sobre a mulher sob o escopo de *só*, que, com seu efeito quantificador, é capaz de gerar o efeito de preservação da face acima discutido. *Só*, dessa forma, indica que o conteúdo proposicional da oração focalizada não tem peso suficiente para gerar contradição com as expectativas habilitadas pela negação presente no segmento anterior.

Nesse sentido, em termos de significado, esse conjunto de contextos apresenta configuração similar com o conjunto discutido anteriormente, com a particularidade de que mostra exclusivamente o cenário em que uma negação tem papel chave no processo de inferência pragmática em torno de expectativas. É no plano sintático, bem como nas dimensões pragmática e prosódica, que as diferenças se tornam mais notáveis. De modo similar à estratégia de análise que utilizei para o grupo anterior, focalizo primeiramente os aspectos sintáticos, para depois tratar das configurações pragmática e prosódica.

No domínio sintático, chamo atenção para dois aspectos acerca da organização estrutural dos enunciados, o primeiro com maior área de interface com o domínio semântico-pragmático do que o segundo: o grau de similaridade formal entre os verbos contidos em cada segmento e a distribuição sintática de *só* no segmento que integra.

No conjunto pequeno de cinco ocorrências, é possível depreender três possibilidades relativas à similaridade formal entre os verbos: (i) total equivalência formal, com o verbo presente no primeiro segmento e elíptico no segundo (cf. 130), (ii) total equivalência formal, com a repetição do mesmo verbo em ambos os segmentos (cf. 134), e (iii) sem equivalência formal, com os segmentos exibindo formas verbais distintas, mas similares em termos de significado (cf. 131, 132 e 133). Como já discutido, instâncias de total correspondência no nível formal são evidências de paralelismo sintático, dado o compartilhamento de material linguístico. Assim, (130) e (134) mostram um grau acentuado de simetria sintática, que é relevante inclusive para a leitura contrastiva, já que a negação seguida de correção instaura uma polaridade opositiva que ganha contornos ainda mais evidentes quando as formas verbais são idênticas (*nada consta vs só (consta) que, não sei vs sei só que*).

Já no terceiro caso, há similaridade semântica na medida em que, respectivamente, em (131), (132) e (133), *ver* e *lembrar* são ambos verbos de percepção subjetiva; *desdenhar*, no primeiro segmento, envolve, no contexto em questão, dizer através da linguagem verbal, assim como *digo* no segundo segmento; e *entrar* (de *entrar em minudências*) também tem afinidade semântica com *dizer*, já que, no contexto, é utilizado com sentido metafórico, fazendo referência a iniciar um tópico discursivo.

Embora o grau de similaridade formal seja menor nesses casos, apesar de mantida a similaridade semântica, eles mostram outros aspectos de simetria sintática, tais como o partilhamento de sujeitos correferenciais entre os dois segmentos e a equivalência na relação modo-temporal. Ressalto que a correspondência entre os sujeitos e a relação modo-temporal simétrica são aspectos observados também nos outros dois contextos, nos quais se somam à equivocância total entre as formas verbais.

Já em relação à distribuição sintática de *só*, em todos os cinco exemplares, verifica-se que o item se posiciona sempre antes da oração complementizadora iniciada por *que*, posição que, estando intimamente relacionada ao fato de que é sobre essa oração que realiza sua operação de foco, garante a contiguidade com o complementizador. A proximidade de *só* com a oração focalizada também permite observar a posição de *só* de outro ângulo, prestando-se atenção ao fato de que, para figurar em posição imediatamente anterior à oração complementizadora, o item é deslocado para a posição posterior ao verbo da oração principal, posposição que, no conjunto anterior de contextos, não é comum.

À luz dos aspectos de paralelismo sintático e do comportamento sintático de *só*, os contextos em pauta fornecem evidências de que a constituição da perífrase *só que*, no plano morfossintático, se deu a partir de uma sequência de transformações sintáticas que inicialmente ampliaram o escopo do advérbio – ampliação que pode ser atestada já nos contextos do grupo anterior – de constituintes internos a orações e, provavelmente posteriormente, também o leque de tipos de orações que podem estar no escopo do advérbio, de orações principais a orações complementizadoras.

Proponho essa hipótese pelo fato de que, no primeiro grupo de contextos, a oração a que *só* pertence é sempre autônoma pragmática e prosodicamente justamente porque ela é sempre uma oração principal, o que implica completude semântica. Nos contextos agora em análise, como *só* passa a focalizar uma oração complementizadora, que tem seu significado dependente de uma oração principal, a interpretação da operação de foco depende ainda mais, em minha análise, do estabelecimento de elos de sentido entre o que vem depois do advérbio e o que veio antes. Além disso, a posição sintática que *só* ocupa nesses contextos rompe com a ordem de constituintes sintáticos não marcada em português, figurando como uma espécie de material interveniente entre o verbo e seu complemento, o que torna a construção sintática ainda mais particular e propícia à percepção de mudanças no sentido.

Para discutir as configurações pragmática e prosódica das construções em pauta, exemplifico as análises em ambos os níveis a seguir, a partir dos dados apresentados em (131) e (134).

(131') **Negação:** Não é verdade que eu lembro **só que** a sensação de frio aumentava com a jornada.

Pergunta: É verdade que você lembra **só que** a sensação de frio aumentava com a jornada?

Ou: Você lembra **só que** a sensação de frio aumentava com a jornada?

(131'') [[Como ia de olhos fechados]I [não via o caminho.]I]U [Lembra-me **só que** a sensação de frio aumentava com a jornada]I]U

(134') **Negação:** Não é verdade que eu sei **só que** [ela] era um peixeão.

Pergunta: É verdade que você sabe **só que** [ela] era um peixeão?

Ou: Você sabe **só que** [ela] era um peixeão?

(134'') [[Ela não sei d'onde era]I]U [nem diria ainda que soubesse;]I]U [Sei **só que** era um peixeão]I]U

Como mostram as construções derivadas dos testes, os conteúdos proposicionais enunciados pelas orações complementizadoras são pressupostos, tomados como informações dadas. Assim, em (131'), o conteúdo negado é o de que a lembrança não se restringe *apenas* ao aumento na sensação de frio, ao passo que, em (134'), nega-se que o que se sabe sobre *ela é apenas* que ela era bonita. Na mesma linha interpretativa, o que se questiona, respectivamente, é se a lembrança está de fato circunscrita *apenas* ao aumento na sensação de frio e se a informação que se tem sobre *ela é apenas* aquela associada à beleza física. Os testes colocam em foco, dessa maneira, precisamente a quantificação empreendida por *só*, de modo a se questionar e se negar a veracidade da restrição a uma só lembrança e uma só característica conhecida sobre *ela*. O que está em questão, portanto, é o próprio efeito argumentativo de *só*.

Já no domínio da prosódia, é necessário se levar em consideração, de um lado, a relação entre os dois segmentos envolvidos na expressão pragmática de quebra de expectativa, e de outro, o comportamento de *só* no interior do segmento que ocupa, considerando a relação da oração principal a que pertence com a oração complementizadora que focaliza. Olhando-se para a relação entre os segmentos, é fácil perceber que se trata de uma relação prosodicamente simétrica, com fronteiras prosódicas bem delimitadas tanto em termos de frases entoacionais como em termos de enunciados fonológicos. Em (131''), o primeiro segmento é formado por duas frases entoacionais e apenas um enunciado fonológico, enquanto, em (134''), exibe duas frases entoacionais e dois enunciados fonológicos.

Já o segmento a que *só* pertence, em ambos os casos, assim como nos demais exemplares do grupo de contextos em questão, mostra apenas uma frase entoacional e um enunciado fonológico, o que significa que não há fronteira prosódica entre a oração principal e a oração complementizadora. Isto é, não há fronteira prosódica entre *só* e *que*, aspecto que entendo revelar um processo fundamental, no domínio da prosódia, para a constituição da perífrase: nesse arranjo, *só* e *que* se realizam

prosodicamente em um único contorno entoacional e em um único enunciado fonológico, o que favorece sua reanálise enquanto uma única unidade prosódica.

Os contextos de contiguidade entre *só* e *que* disponíveis nos dados, assim, evidenciam que, enquanto o desenvolvimento da relação de coordenação depende do ganho gradual de autonomia pragmática e prosódica, tal como também se observou nos percursos de *enquanto (que)* e *ao passo que*, o desenvolvimento especificamente da conjunção perifrástica *só que* é possibilitado, ao contrário, pela ausência de autonomia nas duas dimensões, para que *só* deixe sua função adverbial e *que*, sua função de complementizador, e as duas formas possam ser processadas como uma única unidade conceitual, prosódica e morfossintática.

7 O PERCURSO EVOLUTIVO DE *AGORA*

A trajetória das construções de contraste com *agora* compartilha com a evolução de *enquanto* e *passo* a origem no domínio temporal, representando, assim, mais uma instância de mudança que evidencia tempo como domínio conceitual produtivo para derivação de novas relações contrastivas (KORTMANN, 1997). As nuances temporais que alimentam o desenvolvimento de *agora* contrastivo, entretanto, instauram relações de outra natureza. Os dados sugerem que são contextos em que o item está envolvido em relações de sequencialidade no tempo ou em relações baseadas em quadros temporais contingentes que instigam a evolução rumo a contraste.

Para além do percurso contrastivo, o *corpus* revelou dados sugestivos de outras trajetórias evolutivas atravessadas por *agora*, uma em direção a relações de causa, também no domínio oracional, e outra em direção a relações que, em Ferrari (2018), denominei relações de transição, situadas no nível do texto. Pelo fato de o trabalho focalizar a emergência de relações de contraste, os dados associados a essas outras trajetórias foram categorizados, mas não fizeram parte da análise nos três níveis investigados. Como representam um conjunto importante do total de dados de *agora* obtidos, sua frequência absoluta diacrônica está inclusa na Tabela 37 a seguir, que abarca todos os padrões de uso encontrados: *tempo*, *tempo/contraste*, *tempo/causa*³⁸, *tempo/transição*³⁹, *contraste* e *transição*⁴⁰. Na sequência, a Tabela 38 e o Gráfico 6 mostram as frequências absoluta e percentual relativas exclusivamente ao conjunto de dados analisado frente às questões do trabalho: *tempo*, *tempo/contraste* e *contraste*.

Como se verifica na Tabela 38 e no Gráfico 6, os dados mostram que, pelo menos desde o século 18, *agora* é predominantemente utilizado para expressão temporal no português brasileiro, cenário que perdura até os dias hoje. O padrão temporal-contrastivo, por sua vez, tem frequência estável diacronicamente, sendo relevante que já esteja disponível nos dados desde o estado de língua mais remoto, na medida em que a constância ao longo do tempo favorece a assimilação de sua afinidade semântica com contraste.

³⁸ Exemplo de *tempo/causa*: Qual razão, nem meia razão; fez-me mal, devia ter fechado os olhos, e **agora que** o povo governa, os magistrados devem pagar as injurias feitas com justiça ou sem ella; e se assim não é para que gritamos – Viva a liberdade! (19-1OTPV, 178).

³⁹ Exemplo de *tempo/transição*: Excelente! **Agora** o que cumpre decidir, é qual de nós dous deve empolgar o bôllo. (19-2ATEC, 212)

⁴⁰ Exemplo de *transição*: Não podia saber naturalmente, justificou o rapaz. Saio cedo de casa para o escritório e volto tarde, pois janto e almoço na cidade. **Agora**, eu chamei o senhor para lhe dizer uma coisa: se o senhor continua a perseguir minha irmã, meto-lhe cinco tiros na cabeça. (20-1CLAN, 261)

Tabela 37 – Frequência dos padrões de uso de *agora* em perspectiva longitudinal

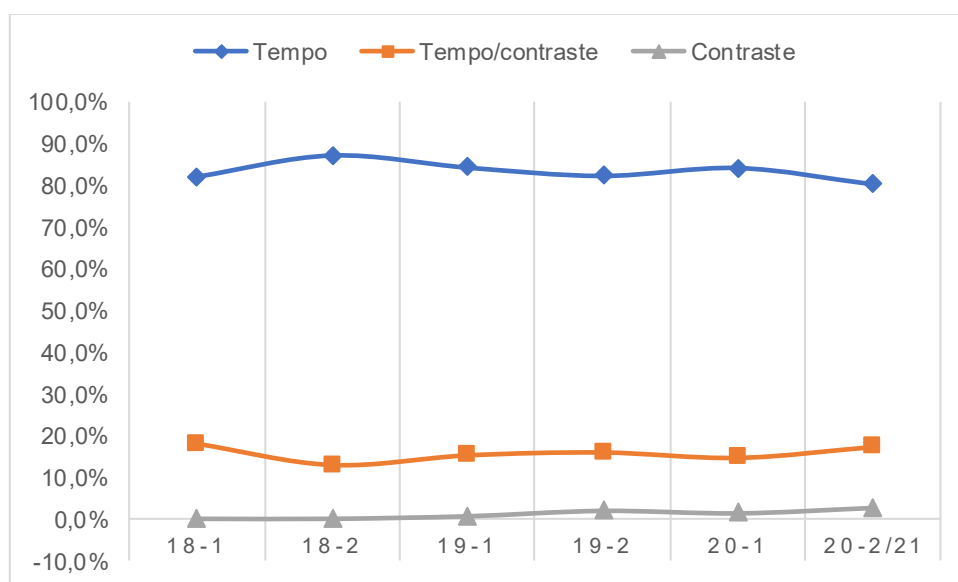
	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Tempo	260	229	288	398	456	540
Tempo/Contraste	57	34	52	77	79	116
Tempo/Causa	6	2	7	7	7	17
Tempo/Transição	73	35	63	61	67	55
Contraste	0	0	2	9	7	17
Transição	0	2	3	3	2	21
Total	396	302	415	555	618	766

Fonte: autoria própria.

Tabela 38 – Padrões de uso envolvidos na evolução contrastiva de *agora* em perspectiva longitudinal

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Tempo	260	229	288	398	456	540
	(82%)	(87,1%)	(84,2%)	(82,2%)	(84,1%)	(80,2%)
Tempo/Contraste	57	34	52	77	79	116
	(18%)	(12,9%)	(15,2%)	(15,9%)	(14,6%)	(17,2%)
Contraste	0	0	2	9	7	17
			(0,6%)	(1,9%)	(1,3%)	(2,6%)
Total	317	263	342	484	542	673

Fonte: autoria própria.

Gráfico 6 – Frequência dos padrões de uso envolvidos na evolução contrastiva de *agora* em perspectiva longitudinal

Fonte: autoria própria.

Os usos exclusivamente contrastivos aparecem no *corpus* a partir de 19-1, tendo o aumento de frequência mais significativo no universo de dados – ainda que modesto – em 20-2/21. É possível suspeitar, assim, da propagação dos usos inovadores em períodos mais recentes da língua, mas o aparecimento das primeiras ocorrências contrastivas em 19-1 e a presença de usos temporal-contrastivos desde 18-1 indiciam uma trajetória de mudança em desenvolvimento há séculos.

Embora os três padrões mostrem frequências relativamente estáveis no viés longitudinal, a análise qualitativa dos contextos de uso fornece evidências robustas para subsidiar a reconstrução diacrônica das mudanças de *agora*. À luz dessas evidências, passo a percorrer as etapas evolutivas depreendidas a partir dos tipos de contextos, nos três níveis de análise focalizados.

7.1 Etimologia de *agora* e as construções temporais

A fonte histórica de *agora* remete à expressão adverbial latina *hac hora*, correspondente a “nesta hora” (NASCENTES, 1966; CUNHA, 1982). Sendo *hac* pronome demonstrativo, a própria origem do item já tem propriedades dêiticas. Ainda que a função demonstrativa do pronome tenha sido perdida na junção de *hac* e *hora*, o comportamento dêítico ainda é residual nos usos temporais de *agora* (e um de seus traços elementares), pois, como advérbio, o significado primeiro do item é a referência ao tempo presente, cuja determinação depende sempre da consideração da situação comunicativa.

A referência temporal expressa por *agora* nem sempre tem correspondência exata com o momento da enunciação, podendo indicar também um intervalo de tempo anterior ou posterior a ele. Ainda nesses casos, a referência temporal permanece ancorada no tempo presente da situação de comunicação relevante, que continua sendo o ponto de referência para a delimitação do intervalo de tempo precedente ou subsequente. O uso de *agora* para referência a períodos adjacentes mas não totalmente correspondentes ao momento presente se presta a um efeito pragmático específico, construindo uma relação de proximidade entre o intervalo anterior ou posterior referido e o tempo presente que constitui o centro dêítico, de modo a implicar que o estado-de-coisas em pauta acabou de acontecer ou aconteceu *há muito pouco tempo*, quando está expressa anterioridade em relação ao tempo presente, ou que vai acontecer dentro de um curto espaço de tempo, quando a referência abarca um período futuro. De (135) a (137) a seguir, apresento exemplos representativos dos usos de *agora* para expressão de tempo presente, tempo anterior e tempo futuro, respectivamente.

(135) Creia velhinho; eu soffro. Sofro intensamente. Mas, ainda posso chorar. A fonte não secou. E ainda **agora** as lagrimas estão nos meus olhos porque **p** eu tenho a ilusão de que estou lhe vendo, estou junto de você, e [~~vo~~] sinto suas mãos secando as lagrimas e eu propria sorriu, ouvindo você **p** dizer que elas são salgadas. (20-1CPOR, 74)

(136) Creio que vi **agora** D. Sophia, disse-lhe Rubião. (19-2QUBO, 452)

(137) (...) assim como o que ficou de hum anno para o outro, perde de tal sorte o vigor, e alvura, que nunca mais a torna a cobrar: propriedade também da pureza, que huma vez offendida, nunca torna a ser o que foi. Preside a todo este beneficio o caixeiro; e corre por sua conta, o que **agora** direi. Ao pé do balcão, que chamão de mascarar, se aventão as fôrmas sobre hum couro; que vem a ser, bolir nellas de vagar, com as bocas viradas para o dito couro, para que saião bem os pães. (18-1COBR, 186)

Como se pode observar nos exemplos, o período compreendido na referência temporal designada por *agora* é construído em conjunto com outras informações linguísticas, interagindo sobretudo com as informações de tempo veiculadas pela morfologia verbal. Assim, o significado adverbial de *agora* concorre de forma dinâmica com outros elementos linguísticos que, para além do contexto comunicativo, atuam na demarcação das coordenadas de tempo, guiando a interpretação do enunciado. O item não é, então, autossuficiente na delimitação de tempo, o que decorre precisamente de seu significado dêitico, a partir do qual mobiliza e se relaciona com informações conceituais e procedurais diversas. Embora não autossuficiente, é, em muitos contextos, imprescindível para a sinalização de proximidade do intervalo temporal referido e o tempo presente, tal como se observa em (136). Sem o uso de *agora*, o enunciado não permite a compreensão de que o locutor acabou de ver a personagem mencionada.

É possível, em algumas das construções originais, depreender inferências de *oposição* temporal, entre o intervalo designado por *agora* e um intervalo anterior, com a sucessão no tempo estando alinhada a transformações nos acontecimentos, comportamentos e/ou outros aspectos da realidade envolvidos. Há casos em que essa mudança no tempo é bastante sutil, como em (138) a seguir, e casos em que elementos presentes no contexto linguístico deixam mais evidentes as transições tanto no tempo como no curso dos eventos, como entendo ocorrer em (139) e (140).

(138) Isto dizendo apertou nossas mãos com ardor: eu senti então, que o velho ardia; senti que seo baffo era como vapor de água fervendo, que sua mão era uma braza, que queimava... sinto ainda sobre os meos dedos o calor abrazador dos seos, e **agora** comprehendo, que com effeito elle delirava, quando assim praticou com duas creanças. (19-1MORE, 86)

(139) Jacob, commovido – Olhem como as suas caçoadas acabarão depressa, meus amiguinhos. Então já não teem vontade de rir, de zombar?
Nogueira – Não, que a cousa **agora** é mais séria. (19-2APRO, 70)

(140) Uff! acalmemo-nos. (Depois de alguns passos) Bem. Estou **agora** em condições de apresentar sangue frio. (20-1LCDA, 105)

Em (138), é possível supor que o processo mental descrito por *compreendo* ocorre no momento da produção do enunciado, tratando-se de uma conclusão a que o escrevente chegou naquele exato momento e que, portanto, não fazia parte de suas lembranças anteriores sobre o homem de que fala. A suposição de oposição entre o intervalo presente e o momento anterior é circunscrita, em minha análise, ao predicado verbal que *agora* modifica, não havendo outros elementos linguísticos que alimentam a oposição.

Em (139) e (140), por outro lado, além da oração de que *agora* participa, há outros verbos e expressões adverbiais que permitem a interpretação de mudança acompanhando a sucessão temporal. Em (139), por exemplo, no contexto linguístico prévio, correspondente à fala de outro personagem, *acabaram* indica um processo de transformação, assim como os advérbios *já* e *não*, no enunciado seguinte, revelam que, em momento anterior, a situação era oposta à atual. Na oração integrada por *agora, mais*, enquanto advérbio intensificador, também indicia mudança, aqui para um cenário que apresenta a mesma característica de antes, mas intensificada. Já em (140), *acalmar* também expressa processo que envolve transformação no tempo, reforçada pela expressão adverbial *depois de alguns passos*, que, utilizada com função parentética, contextualiza o enunciado com *agora*, sinalizando que é produzido após o processo esperado ocorrer. Em conjunto com esse contexto prévio, o período constituído por *agora* expressa um processo mental divergente daquele que caracteriza a situação anterior (um estado de calma em oposição a uma situação que envolvia algum tipo de transtorno).

Apesar de alguns dos contextos fonte exibirem esse tipo de configuração, não foram associados ao padrão tempo/contraste em virtude do critério que empreguei na categorização dos contextos, para que fosse possível uma análise mais objetiva da relação semântico-pragmática em que *agora* está envolvido, como discuto em 7.3. Nos contextos como aqueles apresentados de (138) a (140) acima, entendo que, embora haja oposição temporal mais ou menos implícita, ela ainda não se manifesta em termos de uma *relação binária* entre orações ou complexos oracionais, de forma que cada oração/período focalize um dos processos que estão em relação no tempo.

Desse modo, nos contextos fonte, *agora* ou está envolvido em relações que não habilitam inferências de contraste ou o item participa de relações em que há oposição temporal, mas essencialmente ancorada na recuperação pragmática da relação entre os processos que se desenvolvem em cada intervalo temporal, sem que os dois estejam explícitos no plano linguístico.

Em razão da ausência de uma relação binária com contornos contrastivos, o exame dos contextos fonte no que diz respeito a suas configurações pragmática (em termos de forças ilocucionárias) e prosódica (em termos de frases entoacionais e enunciados fonológicos) pouco revela sobre a trajetória evolutiva em direção a contraste. Vale lembrar que o objetivo dessa análise no trabalho é avaliar a constituição das novas *relações* de significado que os marcadores em estudo estão desenvolvendo, o que pressupõe a análise de relações necessariamente binárias. Por isso, para a evolução de *agora*, assim como procedi no estudo do percurso de *só* (cf. Capítulo 6), fatos evolutivos referentes aos eixos pragmático e prosódico de análise, nos moldes aqui adotados, foram extraídos à luz dos contextos exclusivamente contrastivos e temporal-contrastivos, conforme Seções 7.2 e 7.3.

No nível da sintaxe, os dados mostram uma grande variedade de estruturas sintáticas com *agora*. De (141) a (148), a seguir, apresento um conjunto de exemplares que permite ilustrar a complexidade de seu comportamento sintático nos aspectos considerados (tipo de oração, distribuição e escopo sintáticos).

(141) (...) assim como o que ficou de hum anno para o outro, perde de tal sorte o vigor, e alvura, que nunca mais a torna a cobrar: propriedade também da pureza, que huma vez offendida, nunca torna a ser o que foi. Preside a todo este beneficio o caixeiro; e corre por sua conta, o que **agora** direi. Ao pé do balcão, que chamão de mascarar, se aventão as fôrmas sobre hum couro; que vem a ser, bolir nellas de vagar, com as bocas viradas para o dito couro, para que saião bem os pães. (18-1COBR, 186)

(142) O que digo a vossa merce he que no almazem de santos, tem muito breo, e muito ferro velho que não tem serventia, e so o aso, he que custara dinheiro, e como **agora** tenho fereiro de graça bom he que este comserte a faramenta que toda ella esta mal tratada. (18-2CPCP, 28)

(143) Bertoleza representava **agora** ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. (19-2OCOR, 293)

(144) Bubião ordenou a um escravo que levasse o cachorro de presente á comadre Angélica, dizendo-lhe que, como gostava de bichos, lá ia mais um; que o tratasse bem, porque elle estava acostumado a isso; finalmente que o nome do cachorro era o mesmo que o do dono, **agora** morto, Quincas Borba. (19-2QUBO, 389)

(145) Qual será o resultado da minha tenta|tiva não sei; sei somente que me| tem consumido muita preocupação| e sacrificios grandes. | **Agora** mais que nunca, pois que | estou com escriptorio meu e resi-|dencia fixa na capital. (20-1CPBA, 10)

(146) Cardoso – É porque o senhor nunca tinha reparado em mim como o está fazendo **agora**... (20-1QNPDA, 162)

(147) Fiz obras na casa de Porto Belo, **agora** tenho um banheiro privativo no meu quarto e onde era a cozinha é outro quarto. (20-2/21CPSCHL, 27)

(148) Alizava-lhes os pescoços muito luzidios, e murmurava palavras de animação e carinho. Mas era necessário esperar que o ajudante do cocheiro viesse, e **agora** se viam os seus companheiros de ofício, que deixaram cada uma das vitórias, se reunirem a êle, em grupo animado e pitoresco (...). (20-2/21AMMO, 82)

Conforme os exemplos, *agora* pode integrar tanto estruturas sem estatuto oracional (cf. 144) como estruturas oracionais dos mais diversos tipos: orações hipotáticas (cf. 142, 146), subordinadas (cf. 141), simples ou matrizes (cf. 143), justapostas (cf. 147) e coordenadas (cf. 145 e 148). No interior da estrutura a que pertence, mostra também várias possibilidades de distribuição, podendo figurar na periferia esquerda da sentença (ou em posições mais próximas a ela) (cf. 142, 145, 147, 148), em posições intermediárias (cf. 143, 144) ou mesmo em posição final (ou em posições mais próximas à margem direita da oração) (cf. 141, 146). A referência de tempo que veicula, por sua vez, pode incidir sobre verbos (cf. 141, 142, 144, 146, 147, 148) e modificadores com função adjetiva (cf. 144) ou adverbial (cf. 145), de modo que o escopo de *agora* é interno à oração em que realiza a modificação temporal.

A diversidade de estruturas e de posições e escopo sintáticos observada nas construções temporais com *agora* é reflexo de seu comportamento adverbial: a ampla mobilidade na sentença e a contribuição para diferentes tipos de arranjos sintáticos são traços típicos da categoria no português (ILARI *et al.*, 2002; NEVES, 2014). Além de ser um aspecto importante na caracterização dos usos fonte, essa diversidade tem papel ainda mais relevante no contexto da trajetória de mudança, quando tomada paralelamente às características sintáticas dos novos usos, já que, como conectivo contrastivo, *agora* tem posição fixa na oração que integra e a oração com o conectivo, por sua vez, tem posição fixa na construção de contraste, como discuto na próxima seção.

7.2 As construções de contraste com *agora*

De acordo com os dados, os usos contrastivos de *agora* podem expressar duas nuances, oposição e quebra de expectativa. Para cada estado de língua, apurei o tipo de contraste veiculado em cada ocorrência contrastiva, como mostra a Tabela 39 a seguir.

Tabela 39 – Relações de contraste nas construções com *agora*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Oposição	0	0	1 (50%)	1 (11,1%)	3 (42,9%)	11 (64,7%)
Quebra de expectativa	0	0	1 (50%)	8 (88,9%)	4 (57,1%)	6 (35,3%)
Total	0	0	2 (100%)	9 (100%)	7 (100%)	17 (100%)

Fonte: autoria própria.

Considerando tendências filogenéticas, é possível esperar a precedência diacrônica de contraste opositivo, que consiste em uma manobra cognitivamente mais básica do que a de quebra de expectativa (MAURI, 2008a, cf. Capítulo 2). Os dados disponíveis nesta pesquisa, entretanto, não permitem afirmar que tal tendência se confirma no percurso de *agora*, pois, como se vê na Tabela 39, ainda que o estado de língua mais recente mostre a predominância das construções de oposição, as construções de quebra de expectativa superam sua frequência em 19-2 e 20-1 e se equiparam a ela em 19-1⁴¹. Ainda assim, os dados obtidos são suficientes para afirmar a circulação de *agora* por pelo menos duas relações do espaço conceitual de contraste (MAURI, 2008a, p. 130, cf. Capítulo 2) e, como discuto em 7.3, para traçar os caminhos evolutivos que levaram a cada uma delas.

Tendo em vista que as diferenças entre os dois conjuntos de usos vão além da nuança de contraste expressa, alcançando também a morfossintaxe e a prosódia, trato primeiramente das construções de oposição, perpassando os três níveis de análise, para depois focalizar as construções de quebra de expectativa em cada nível.

7.2.1 Oposição

Conforme discuti no Capítulo 2, ao tratar dos tipos de contraste que tendem a ser observados nas línguas, e também nos Capítulos 4 e 5, ao abordar as trajetórias de *enquanto* e *passo*, o contraste de natureza opositiva é essencialmente baseado na relação antonímica entre duas orações ou complexos oracionais. Dada a relevância das expressões lexicais que figuram nessas orações para a constituição da

⁴¹ Em Ferrari (2018), investiguei, à luz de outras questões de pesquisa, a evolução diacrônica das construções de contraste e de transição com *agora* paralelamente àsquelas com *now* do inglês. Nos dados de tal trabalho, as construções de oposição com *agora* são significativamente mais frequentes do que aquelas pautadas em quebra de expectativa em todos os estados de língua de um recorte diacrônico do século XVIII ao XXI.

relação opositiva, busquei examinar qual a natureza de tais expressões particularmente nas construções de oposição com *agora*. Para isso, mobilizei a abordagem proposta por Murphy (2009) para o tratamento das relações semânticas entre palavras, incluindo relações de sinonímia, antonímia e hiponímia.

O aspecto crucial da proposta da autora que sugeriu sua relevância para a análise das relações de oposição com *agora* é o pressuposto de que os julgamentos que os usuários da língua fazem sobre as relações semânticas várias resultam principalmente do conhecimento metalexical que têm sobre como se dão as relações conceituais entre palavras – e não apenas de seu conhecimento especificamente linguístico sobre elas. Esse conhecimento metalexical, segundo Murphy (2009), permite aos usuários da língua saberem que, dado contexto suficiente, qualquer grupo binário de palavras pode formar um arranjo contrastivo, através de relações associativas que emergem no contexto. Com isso, é possível identificar expressões antonímicas e outros tipos de arranjos contrastivos que não são canônicos na língua, o que, de acordo com os dados, é a situação mais prototipicamente observada nas construções de contraste com *agora*.

Para a compreensão da abordagem da autora, é relevante entender o que confere a um par antonímico estatuto mais ou menos canônico. Arranjos antonímicos canônicos, segundo a autora, constituem relações opositivas convencionalmente estabelecidas na língua, paradigmaticamente fixadas, dando-se entre formas linguísticas que com frequência participam de associações antonímicas. Tendem a ser similares na maior parte das línguas, porque contribuem para a descrição de propriedades básicas envolvidas na vivência humana, tais como dimensões (*grande/pequeno*), características físicas (*duro/mole, maduro/não maduro*), idade (*jovem/velho*), qualidade (*bom/ruim*), velocidade (*rápido/devagar*) (MURPHY, 2009, p. 213).

Já relações antonímicas não canônicas são aquelas que se estabelecem em contextos particulares, dependendo fortemente de associações conceituais neles instauradas para que se sustentem. Um exemplo mencionado pela autora é a oposição entre *smooth* (“macio”) e formas adjetivas com as quais não é com frequência posto em relação opositiva, diferentemente de *rough* (“áspero”), com o qual forma par antonímico canônico no inglês. Por exemplo, em dado contexto, pode-se ter uma associação antonímica contextualmente relevante entre *smooth* e *red*, em uma pergunta como *Do you want red or smooth?*, que seja enunciada em um contexto comunicativo no qual um conjunto de tecidos seja constituído por cinco cores – vermelho, azul, amarelo, rosa e verde –, e aqueles de cor azul, rosa, verde e amarela tenham um revestimento impermeável que os torna lisos e macios, ao passo que o vermelho tenha aspecto rugoso. Nesse caso, a relação opositiva entre *red* e *smooth* é tão apropriada

como aquela entre *smooth* e *rough*, com a diferença de que é dependente de condições contextuais das quais o par canônico⁴² não é (MURPHY, 2009, p. 174).

Tudo depende, assim, do referente que se busca descrever a partir da rede de conceitos que a forma linguística abarca, de modo que considerações tanto semânticas como pragmáticas são necessárias na formulação e interpretação das relações de antonímia. Para qualquer novo sentido que uma dada forma assume, ao aludir a novos referentes, há um potencial igual para novas relações de significado.

O que é universal, conforme proposta de Murphy, em todas as relações antonímicas, canônicas e não canônicas, constituindo o princípio pragmático elementar de sua abordagem, porque é o que permite a criação de oposições não convencionais, é o preceito de que qualquer par de palavras pode entrar em relação de antonímia se evocar conceitos *minimamente diferentes* e *maximamente similares*, de maneira contextualmente apropriada.

Como exemplo, a autora menciona a oposição entre *need* e *greed*, em uma construção como *It is meeting (public) need, nor (private) greed* (MURPHY, 2009, p. 203, parênteses aplicados por mim), na qual a oposição nuclear se dá entre nomes não usualmente reconhecidos como antônimos (*need*, “necessidade” vs *greed*, “ganância”), mas ainda assim é possível estabelecer a relação opositiva porque ambos conceitualizam razões pelas quais as pessoas desejam coisas, com a diferença de que uma razão é socialmente avaliada como legítima, enquanto a outra tende a ser concebida como negativa, ou não bem aceitável. Há, portanto, um eixo conceitual maior que é compartilhado pelo par em oposição. Os significados de *need* e *greed*, ao gravitarem por esse eixo conceitual maior – correspondente ao integrador comum que atravessa as relações de contraste em geral (cf. Capítulo 2) –, apresentam máxima similaridade e, ao se diferenciarem pela atitude subjetiva direcionada a cada um, caracterizam-se por diferença mínima⁴³.

⁴² Como discute Murphy (2009), a canonicidade desse e de outros pares de antônimos (do inglês e de outras línguas) pode ser demonstrada empiricamente. Para seu trabalho, a autora apresenta evidências extraídas de testes conduzidos no âmbito da pragmática experimental, que mostram diferenças significativas entre o curto espaço de tempo que falantes nativos demandam para reconhecer pares canônicos em contextos neutros e o período de tempo maior que levam para identificar antônimos não canônicos em contextos especificados.

⁴³ Já a oposição entre *private* e *public*, ainda considerando o mesmo exemplo, constitui um par antonímico canônico, mas, no exemplo em pauta, tais formas atuam como o que Murphy denomina antônimos auxiliares, que são aqueles que não estão no centro da relação de oposição, mas contribuem para reforçar a diferença formulada entre os membros do par principal. Desse modo, se o par principal é composto por formas que não são convencionalmente antônimas, mas ganham estatuto antonímico no contexto, o par auxiliar atua como um correlato adicional para o estabelecimento da relação antonímia não convencional. No entanto, ainda se *public* e *private* não estivessem presentes no enunciado caracterizando *need* e *greed*, respectivamente, a oposição principal se manteria (motivo pelo qual adicionei parênteses ao exemplo), a partir do princípio de similaridade máxima e diferença mínima.

No âmbito da abordagem de Murphy, as noções evocadas por *máximo* e *mínimo* – duas das palavras-chave do princípio pragmático proposto pela autora – não devem ser equacionadas ao peso comunicativo de cada componente de significado previsto pelo princípio. É, na verdade, a significativa similaridade entre os conceitos envolvidos que fornece suporte para que o foco recaia sobre o eixo de diferença.

Para além disso, pares antonímicos tendem a mostrar, além da relação semântico-pragmática simétrica – dado o eixo conceitual maior que ambas as instâncias em oposição compartilham –, uma forma também extremamente similar. Herrmann *et al.* (1986), por exemplo, mostraram que o par opositivo formado por *maximize* e *minimize* no inglês foi julgado pela maior parte dos participantes do experimento implementado pelo autor como mais representativo do que, por exemplo, aquele formado por *large* e *small*, que são simétricos apenas semanticamente. Isso porque há, entre *maximize* e *minimize*, compartilhamento tanto de conteúdo semântico como de material fonético e morfológico ⁴⁴.

Para examinar como a abordagem metalexical contribui para a caracterização das construções de oposição com *agora*, passo a considerar os exemplos de (149) a (152) a seguir. Como a discussão à luz da abordagem implica questões de significado e sintaxe, faço primeiro a análise dos exemplares nesses níveis para posteriormente focalizar as questões prosódicas.

(149) Em todo o Brasil, mesmo sobre a Equinoxial, as manhãs são frescas, e as noites até frias, e contra as quais é preciso tomar cautelas; o calor no Estío em Portugal não tem lenitivo, porque lhe faltão as causas modificantes apontadas. Que se quizermos julgar da impressão do calor pelos gráus da latitude, nada de mais falível e enganador, como sabe todo mundo. **Agora** se se intende falar dos maus efeitos do calor, não por sua intensidade, mas por sua diuturnidade, pretendendo concluir que os corpos sem o repouso do inverno (se nos podemos eisplacar assim) perdem muito de sua substancia e se eistenuão; a questão muda de face. (19-1MNAIEA, 351)

(150) Conforme as pessoas com quem se trata... Com algumas o desdém oculto na amabilidade é o mais proveitoso. Em todo o caso, não é com vinagre que se apanham moscas... **Agora**, com as pessoas assim de mais ou menos, o melhor é romper logo de um modo decisivo. (20-1QNPD, 118)

(151) Lucinha, essa gente que fazem calunia e vivem fazendo maldades o fim deles será como uma trégua, eu vivo a minha vida porque graças a Deus posso viver. **Agora** esses que vivem atravez da vida dos outros acho que não tem o que fazer o do contrario não olha prá o próprio rabo. (20-2/21CPRN, 179)

(152) Tonho – Tomara que a polícia te pegue logo.

Paco – Já te falei que se me pegarem o azar é seu.

Tonho – O meu negócio é leve. Uns três meses. **Agora** você fica apodrecendo lá. (20-2/21DPNS, 226)

⁴⁴ Tanto *small/large* como *maximize/minimize* são instâncias de antônimos canônicos no inglês, mas, mesmo entre pares canônicos, há evidências de que o conhecimento metalexical dos falantes tende a perceber como mais prototípicos aqueles em que a similaridade máxima alcança diferentes níveis, o que está intimamente relacionado ao papel cognitivamente relevante que ela exerce para a percepção de diferenças. É possível distinguir, assim, em uma escala de prototipicidade, antônimos “bons” de antônimos “ideais” (MURPHY, 2009, p. 172).

Como se verifica nos exemplos, as expressões lexicais que entram em confronto na relação comparativa – relação que está presente porque inerente a contraste, como já discutido nos capítulos anteriores – não são comumente associadas de maneira opositiva no português brasileiro (cf. *graus de latitude* vs *diuturnidade*, em 149; *desdém oculto na amabilidade* vs *romper logo de um modo decisivo*, em 150; *eu vivo a minha vida* vs *vivem através da vida dos outros*, em 151; *leve* vs *apodrecendo*, em 152). Ainda que as oposições que formam a relação de contraste nessas construções não se esgotem em tais expressões, conforme discuto ao longo da análise, considero que são os elementos nucleares da relação de antonímia. Assim, o fato de não constituírem pares antonímicos convencionais na língua, aliado ao fato de que *agora* ainda é advérbio temporal extremamente produtivo no PB contemporâneo (o que leva a interpretação adverbial a ser facilmente ativada pelos ouvintes/leitores), destaca a importância de entender como o significado disponível para *agora* em tais contextos é exclusivamente contrastivo.

Em harmonia com Murphy (2009), assumo que o princípio pragmático de similaridade máxima e diferença mínima – que, seguindo a autora, reconheço como inerente ao conhecimento metalexical dos usuários da língua – juntamente com suas implicações no nível sintático são o que possibilita a configuração de relações opositivas entre as expressões em pauta. No domínio do significado, as noções conceituais abarcadas pelos nomes, adjetivos, advérbios ou verbos nucleares nos pares opositivos circulam pelo mesmo integrador comum, que, estabelecido no contexto⁴⁵, as torna significativamente similares. Em (149), por exemplo, ambos os segmentos em oposição estão orientados a parâmetros para mensuração do calor; em (150), a estratégias para o término de relações; em (151), a formas de viver a vida; e em (152), ao período de tempo determinado para cumprimento de processo penal.

É no âmbito desse eixo comum de significado que as oposições se estabelecem. Apesar de cada segmento perpassar por esse eixo de uma forma diferente, ele se mantém inalterável diante das diferenças, o que atesta a supremacia da dimensão de similaridade da relação. Em (149), entre os parâmetros mencionados para aferição do calor, a diferença está em que um é avaliado como útil e outro como não adequado. Em (150), o principal aspecto de desigualdade corresponde ao modo mais ou menos explícito de terminar relações com pessoas, aspecto que está correlacionado ao grupo de

⁴⁵ Ainda que não mobilizada por Murphy (2009), entendo que a noção de integrador comum também contribui para a distinção entre pares antonímicos canônicos e não canônicos, pois, no caso dos pares canônicos, as formas já contêm, inerente a seu significado, um componente de significado que atua como seu elo de sentido comum. Em *grande/pequeno*, *jovem/velho*, *bom/ruim*, *rápido/devagar*, por exemplo, já estão subentendidas as noções de tamanho, idade, qualidade e velocidade, respectivamente, ainda que essas noções passem por ajustes contextuais. No caso dos pares de antônimos não canônicos, por outro lado, tal como se dá nas relações de oposição com *agora*, o integrador comum não é pré-estabelecido, e sua determinação se dá em contexto.

pessoas com quem se busca o rompimento. Em (151), o tópico comum “modo de viver a vida” se desdobra em três variáveis: o sujeito, a relação que estabelece entre sua vida e a de outros e a razão para essa relação em particular. Por fim, em (152), o que difere no domínio do integrador comum é a duração do tempo que está em questão – para um sujeito a pena corresponderia a um período longo, para o outro, seria breve.

Os dados sugerem que a extensão das similaridades semântico-pragmáticas para o plano formal se dá de forma bastante sistemática nas construções de oposição com *agora*. Ainda que os itens lexicais que atuam como núcleo das relações antonímicas não sejam, como já mencionado, usualmente colocados em relações de oposição no PB, estão dispostos em quadros sintáticos particulares que fornecem condições contextuais suficientes para que funcionem como antônimos.

Conforme Murphy (2009), pares de opostos não canônicos podem adquirir funcionamento antonímico quando os ouvintes ou leitores notam as marcas típicas do contraste por antonímia no discurso, sendo uma das mais elementares o arranjo *binário* das formas em relação, o que implica sua coocorrência no discurso em distribuição complementar. A binaridade é, argumenta a autora, uma característica definidora da antonímia, porque fornece um quadro sintático que indica para os ouvintes/leitores que as palavras (ou segmentos de palavras, como no caso das construções em análise) aí distribuídas de forma complementar devem, para os propósitos específicos do enunciado em questão, ser relacionadas à luz do princípio pragmático metalexical acima descrito. Da parte dos falantes/escreventes, a escolha por formular o enunciado através desse arranjo sintático específico é também guiada por tal princípio: seu conhecimento metalexical permite que se certifiquem de que as palavras ou segmentos de palavras em jogo são passíveis de comparação antonímica sob o preceito de similaridade máxima e diferença mínima.

Na maior parte das construções com *agora*, são segmentos de palavras, e não formas individuais, que adquirem estatuto antonímico, havendo, em geral, dois pares de opostos, organizados binariamente por *agora*, já conectivo contrastivo. Dessa maneira, cada par tem um membro situado na oração ou complexo oracional precedente ao juntor e outro contido na oração ou complexo oracional introduzido pelo conectivo. Sendo aspecto característico da oposição com *agora* a relação fundada em dois pares antonímicos, ambos são igualmente relevantes para o tipo de contraste opositivo que o item desenvolveu. Para citar apenas um exemplo, em (150), um par se baseia no grupo de pessoas com quem se deseja terminar uma relação (*com algumas* vs *com as pessoas assim de mais ou menos*) e o outro se dá entre as duas estratégias postas em cotejo (*desdém oculto na amabilidade* vs *romper logo de um modo decisivo*). Ambos os pares são igualmente relevantes na medida em que a escolha da estratégia está diretamente

relacionada ao grupo de pessoas, como o próprio locutor explicita no início do período (*conforme as pessoas com quem se trata...*).

Além de arranjos sempre binários, é também traço sintático típico da oposição com *agora* a similaridade formal entre as orações ou complexos oracionais em confronto. A forma similar que, na antonímia entre palavras, pode ser observada em termos do compartilhamento de material fonético e fonológico (em pares como *maximize/minimize*, citado acima) aqui se dá a partir da composição e/ou organização das orações em relação, que apresentam similaridades em aspectos de pelo menos três tipos:

(i) *Presença de formas linguísticas idênticas*. Em 149, por exemplo, o mesmo conectivo, *se*, encabeça as orações condicionais que iniciam os dois segmentos, e uma estrutura preposicional idêntica, *do calor*, atua como complemento nominal também em ambos (*impressão do calor, efeitos do calor*), tornando o integrador comum mais explícito. Considerando que há outras opções de conectivos condicionais na língua e que a referência ao calor também poderia ser feita por meio de outras expressões lexicais e/ou outras estruturas sintáticas, considero relevante a identidade de forma em casos como esses, pois ela é sintoma da simetria no domínio do significado.

(ii) *Composição similar*. Serve como exemplo disso a presença, em 150, de estruturas similares veiculando significados também altamente similares em ambos os segmentos (*é o mais proveitoso, o melhor é*). Embora não haja identidade de forma entre *proveitoso* e *melhor*, há grande aproximação em seu conteúdo semântico, e tal proximidade tem consequência para a sintaxe, na medida em que leva à expressão da avaliação subjetiva do locutor sobre qual estratégia deve ser adotada para cada grupo de pessoas através de estruturas predicativas também muito similares, constituídas em ambos os segmentos pelo verbo *ser* – que exibe a mesma configuração de modo e tempo em ambos – pelo sintagma propriamente predicativo – em ambos composto por formas do superlativo (*mais proveitoso* e *melhor*) – e pelo mesmo artigo definido anteposto às formas superlativas, *o*. Ainda que, em cada par da relação binária, a estrutura superlativa desempenhe função sintática diferente, cumprindo a função de predicativo do sujeito no primeiro segmento, e a de sujeito no segundo, a composição de ambos os segmentos com estruturas superlativas similares configura um aspecto de paralelismo sintático entre eles. Também se pode observar a composição similar entre as orações a partir da presença de orações condicionais em ambos os segmentos relacionados em (149), bem como da presença, em (150), de tópicos sentenciais iniciados pela mesma preposição, *com*, e que têm como núcleo o mesmo nome (*pessoas*, referido de

forma pronominal por *algumas* no primeiro membro). Destaco, nesse caso, a contribuição importante fornecida por esse aspecto de composição sintática similar, tendo em vista a singularidade da expressão que qualifica *pessoas* no segundo segmento (*pessoas assim de mais ou menos*). *Assim de mais ou menos* se constitui numa construção muito particular à criatividade linguística do escrevente, que opta por formular uma caracterização não usual na língua, diferentemente de como seria se fizesse uso de um adjetivo mais comum (ou de uma oração relativa constituída por expressões mais usuais). A similaridade formal é, assim, mais um traço de suporte para a identificação de um par antonímico não convencional.

Já em (152), tem-se um exemplo representativo de construções que, em primeira análise, podem parecer não exibir marcas de similaridade formal. Em (152), no entanto, é possível reconhecer um aspecto de composição similar entre as orações a partir do preenchimento da posição argumental de sujeito em cada uma com pronomes que, embora pertencentes a paradigmas distintos, fazem referência às pessoas do discurso (*meu, você*). Nesse exemplo, chamo a atenção para a importância da binaridade e da atuação do princípio de similaridade máxima e diferença mínima para a interpretação contrastiva, dado que, além da presença de poucas marcas formais de paralelismo entre as orações – situação que não é típica das relações de oposição com *agora*, como se vê nos demais exemplos apresentados –, as noções de *leveza* e *apodrecimento*, conforme convencionalizadas na língua, fazem referência a estados-de-coisas bastante distintos: respectivamente, um estado físico, tomado de uma perspectiva de estabilidade, e um processo de deterioração e, portanto, transformação de um estado físico.

A percepção de similaridade semântica entre *ser leve* e *apodrecer*, para que possa se constituir um eixo comum de significado e, a partir dele, uma relação de oposição, depende da extensão pragmática de ambos os significados, para além das pressuposições que já fazem parte da instauração de qualquer relação de contraste (cf. Capítulo 2). Sendo ambas as noções fundadas no domínio do espaço, é preciso que sejam abstratizadas e transferidas para o domínio de tempo, de modo a se interpretar *leve* e *apodrecer* como referências a um curto e a um longo espaço de tempo, respectivamente. Para que essa extensão de significado seja possível, é necessário todo um conjunto de informações pragmáticas relativas à situação comunicativa (no caso do exemplo, disponíveis no contexto anterior da peça), a partir das quais se pode situar a referência de *negócio*, no primeiro segmento, e a referência de *lá*, no segundo, no contexto de encarceramento resultante de processo penal, sendo, com isso, possível o ajuste contextual do significado do adjetivo e do verbo que formam um dos pares opositivos. O fato de que ambas as

orações contêm itens que remetem a aspectos do cotexto anterior (*negócio e lá*) é também evidência do integrador comum que compartilham.

(iii) *Organização similar*. Enquanto o aspecto de simetria anterior diz respeito à constituição dos segmentos com estruturas sintáticas similares, aqui me refiro à ordem dessas estruturas, que, além da composição similar, tendem a ser sintaticamente dispostas também de forma muito semelhante. Em (149), por exemplo, as orações condicionais presentes em ambos os segmentos mostram a mesma ordenação no interior de cada um, em ambos os casos precedendo as orações matrizes, embora a ordem das condicionais em PB não seja fixa. De modo similar, os arranjos que, em (150), contribuem para a abertura de quadros tópicos no interior dos quais cada procedimento de rompimento deve ser interpretado também ocupam a posição inicial no interior do segmento que integram (*com algumas, com as pessoas assim de mais ou menos*), posição que é fundamental para sua atuação como tópicos na construção.

Já em (151), faz-se uso da topicalização como estratégia para a manutenção da organização paralela entre os segmentos, pois a oração *esses que vivem através da vida dos outros* não atua como sujeito de *acho*, mas sim como tópico para a oração mobilizada por ele, que tem como sujeito o próprio escrevente (*[eu] acho*). A criação do quarto tópico para fazer referência, logo no início do segundo segmento, ao conjunto de pessoas às quais o locutor se coloca em contraposição resulta em ambos os segmentos apresentando uma estruturação formal baseada no preenchimento do primeiro espaço sintático com os indivíduos cujos diferentes modos de viver são postos em comparação. Assim, entre *eu* e *esses que vivem através da vida dos outros* não há correspondência de função sintática (o primeiro é sujeito, o segundo, tópico), mas de *posicionamento* sintático, que traz para a construção uma similaridade formal favorecedora à identificação de um dos pares nucleares da relação opositiva. É mais uma vez possível observar, portanto, como, nas relações de oposição antonímica, o instanciamento de aspectos de diferença se dá *via* aspectos de similaridade, sob o domínio do eixo comum de significado: ainda que formando um dos pares opositivos da construção, *eu* e *esses que vivem através da vida dos outros* desempenham papel semântico-pragmático similar (correspondendo à variável “quem” no âmbito do integrador comum “modos de viver”) e têm distribuição similar no plano sintático.

Além dos três aspectos apontados, a relação modo-temporal também tende a ser simétrica. Do total de 16 ocorrências de contraste opositivo, apenas uma, presente em 20-2/21, não exhibe morfologia verbal de presente do indicativo em ambos os segmentos relacionados. Já no que se refere à correspondência dos referentes dos sujeitos, há forte tendência à não correferencialidade – como pode

ser observado em todas as ocorrências apresentadas para exemplificação –, com apenas um exemplar, disponível também no último estado de língua, exibindo o mesmo referente na função de sujeito em ambos os membros. A não correferencialidade está intimamente associada à manobra contrastiva em jogo. Em construções de oposição, um dos pares em confronto tende a ser formado pelos sujeitos que executam ou atravessam os processos designados pelas formas verbais. Os dados de *agora* corroboram, assim, a tendência que este trabalho e também Longhin (2016ab) identificaram no percurso de *enquanto (que)* em direção a contraste opositivo.

Para finalizar a análise das construções de oposição, mostro os resultados da aplicação dos testes que avaliaram sua configuração em termos de forças ilocucionárias e fronteiras prosódicas. Exemplifico a análise de ambos os aspectos em (152'-152'') a seguir.

(152') **Negação:** Não é verdade que o seu negócio é leve, **agora** eu fico apodrecendo lá.
Pergunta: Você sabe que o meu negócio é leve, **agora** você fica apodrecendo lá, não sabe?

(152'') [[O meu negócio é leve.]I [Uns três meses.]IU [**Agora** você fica apodrecendo lá]IU

De modo similar à análise pragmática e prosódica dos usos contrastivos de *enquanto (que)* (cf. Seção 4.2 no Capítulo 4), a aplicação dos testes de pergunta e negação tem bons resultados para a maior parte dos contextos de oposição, mas há exceções, o que, como já discutido, pode ser decorrente de limitações dos próprios testes ou do fato de que se trata de construções de contraste ainda em constituição. De qualquer forma, a boa aplicação dos testes para a maioria dos dados permite cumprir os objetivos da análise de forças ilocucionárias no contexto desta pesquisa. Como se vê em (152'), ambas as orações entram no escopo da pergunta e da negação, confirmando que ambas são pragmaticamente independentes.

Essa autonomia pragmática é acompanhada, no domínio da prosódia, por configurações prosódicas também simétricas. No caso do dado utilizado para exemplificação, o primeiro segmento é composto por duas frases entoacionais e um enunciado fonológico, ao passo que, no segundo, formam-se apenas uma frase entoacional e um enunciado fonológico. O critério, então, de formação, em cada segmento da relação binária, de ao menos um de cada constituinte prosódico mobilizado para a análise é atendido, confirmando a existência de fronteiras prosódicas entre os segmentos relacionados por *agora*. No próximo capítulo, em que sistematizo as respostas fornecidas pelas análises das quatro trajetórias para as questões da pesquisa, retomo a convergência sistemática de simetrias nos três eixos investigados, já que ela não é exclusiva ao percurso de *agora*.

7.2.2 Quebra de expectativa

Para caracterizar as construções de quebra de expectativa com *agora*, apresento a seguir, de (153) a (156), exemplos representativos.

(153) (...) adormecendo sobre o papel, que acabava de escrever, meo pay o leo á sua vontade, e soube o destino do camafeu, sem precisar, que lhe eu dicesse. Elle ainda estava junto de mim, quando despertei exclamando – o meo breve!... o velho! ... minha mulher!...

- Anda doidinho, dice-me meo pay com bondade, eu te perdoo tuas novas loucuras em louvor da acção, que praticaste socorrendo um velho enfermo; **agora**, guarda, eu t'ó pesso, e mesmo t'ó mando, guarda melhor esse breve, do que guardaste o camafeu. (19-1MORE, 87)

(154) Jacob – E você, Manoel, não pede nada?

Manoel – Para mim, não Senhor tenho o meu soldo... não preciso de mais nada. **Agora**, se os meus serviços merecem alguma recompensa...

Jacob – Peça o que quizer. (19-2APRO, 102)

(155) Vosmicê vai enxergar. Ilhéus tá bonito que nem um jardim. Mas Pirangi, Rio do Braço, Água Preta? O povo tá reclamando, tá exigindo. A gente abriu os caminhos com os trabalhador, os jagunços. **Agora** se precisa de estradas, jagunços não pode fazer. (20-2/21GACC, 431)

(156) Se não quiser fazer acerto comigo, leva direto pra fábrica. Mas já vou avisando, e é bom que todo mundo escute: tenho um arreglo com os caras lá da fábrica. Dou sempre um come-quieto pro sujeito que compra o papel. Se falar pra ele pra não comprar de alguém, ele não compra mesmo. Assim, me cubro das sacanagens. **Agora**, sua cabeça é seu guia. Quer ir lá vender, vai. (20-2/21HOPA, 623)

Nas construções com *só que*, mostrei que, segundo os dados, a quebra de expectativa se baseia em uma relação comparativa que se estabelece entre um estado-de-coisas que evoca expectativas associadas ao integrador comum e um estado-de-coisas que elabora o integrador comum no plano da realidade concreta (que pode pertencer ao mundo real ou a um mundo imaginário), configurando-se uma relação conflituosa entre expectativas e realidade. A oração iniciada pela perífrase, portanto, descreve um estado-de-coisas já finalizado, o que torna possível afirmar sua concretização. De modo diferente, nas construções em análise, a oração introduzida por *agora* contém um estado-de-coisas que pode ou não se concretizar, sendo dependente do desenvolvimento futuro dos eventos, e o estado-de-coisas descrito no segmento antecedente permite a emergência de expectativas sobre como será esse desenvolvimento. A leitura contrastiva é habilitada, dessa forma, por uma relação comparativa entre a expectativa inferida do primeiro estado-de-coisas e a apresentação, no segundo segmento, de um estado-de-coisas que dá abertura para um seguimento dos eventos não correspondente à expectativa inicialmente gerada.

Em (155), por exemplo, a oração *a gente abriu os caminhos com os trabalhador, os jagunços* permite supor que a situação para a melhoria da infraestrutura das cidades mencionadas se tornou mais favorável com o auxílio do grupo de trabalhadores referido. O período introduzido por *agora*, no entanto, apresenta uma limitação do auxílio que os trabalhadores podem oferecer, descrevendo, por meio da oração condicional que inicia o período, uma demanda de trabalho hipotética que eles não poderiam atender.

Em outras construções, não há um quadro hipotético explícito como há em (155), mas o estado-de-coisas do segundo segmento também tem natureza incerta, tal como em (156). Nesse caso, o locutor afirma no conjunto precedente de enunciados que tem poder sobre a decisão de um grupo de pessoas em comprar ou não um tipo de substância ilícita, levando à suposição de que sugere para o interlocutor que não deve nem mesmo tentar fazer a venda. No segmento com *agora*, a pressuposição de tal sugestão é anulada, pois o locutor deixa a critério do interlocutor fazer ou não a tentativa. O integrador comum que sustenta a leitura de quebra de expectativa, em cada caso, pode ser descrito como a contribuição dos jagunços para os serviços de melhoria da infraestrutura e a posição do locutor sobre para quem o interlocutor deve tentar fazer a venda, respectivamente.

Como discuti em 7.2.1, a supremacia do eixo de similaridade sobre o eixo de diferença que caracteriza o contraste opositivo contribui justamente para dar destaque à desigualdade entre os estados-de-coisas. Como os dois enunciados são altamente similares em seu significado e forma, a construção do sentido da relação depende da identificação daquilo que é diferente entre eles. O fato de que o eixo de similaridade alcança também o nível sintático torna o integrador comum mais facilmente reconhecível nesse tipo de contraste.

Nas construções de quebra de expectativa, por outro lado, a estrutura léxico-gramatical não contém marcas de similaridade formal tal como se observa nas construções de oposição. Conforme Mauri (2008), é subjacente a essa estrutura um esquema interpretativo que tem a suposição associada a expectativas intermediando a relação entre os dois estados-de-coisas. Na medida em que se trata de uma entidade altamente abstrata e sem manifestação concreta na estrutura linguística, tem-se aqui um processo de construção do sentido cognitivamente mais complexo. Conforme Mauri, o esquema interpretativo subjacente fundado em uma suposição pode ser assim representado:

Estado-de-coisas₁ < (gera) suposição < (que é negada por) Estado-de-coisas₂ (MAURI, 2008a, p. 126)

A direção dos símbolos é significativa, pois indica a direção interpretativa, que vai ao encontro da proposta de Lang (1984, 2000): o segundo segmento constitui a fonte do contraste, a partir do qual o ouvinte/leitor identifica a necessidade de busca por um alvo, que está na suposição inferida, a qual, por sua vez, é derivada do primeiro estado-de-coisas.

No que diz respeito à sintaxe, as construções de quebra de expectativa também divergem das que expressam oposição. Como apresentam maior variação na relação modo-tempo e na relação entre os sujeitos, apresento, nas Tabelas 40 e 41 a seguir, os resultados da análise nesses dois parâmetros.

Tabela 40 – A relação modo-temporal nos contextos de quebra de expectativa com *agora*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Relação modo-temporal simétrica	-	-	0/1	4/8 (50%)	2/4 (50%)	5/6 (83,3%)
Relação modo-temporal não simétrica	-	-	1/1 (100%)	4/8 (50%)	2/4 (50%)	1/6 (16,7%)

Fonte: autoria própria.

Tabela 41 – Correferencialidade dos sujeitos nos contextos de quebra de expectativa com *agora*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Sujeitos correferenciais	-	-	0/1	0/8	1/4 (25%)	1/6 (16,7%)
Sujeitos não correferenciais	-	-	1/1 (100%)	8/8 (100%)	3/4 (75%)	5/6 (83,3%)

Fonte: autoria própria.

Na Tabela 40, pode-se observar que, ao longo do tempo, *agora* passa a mobilizar construções mais simétricas em termos da configuração modo-temporal a partir da qual os estados-de-coisas são expressos. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento de simetria modo-temporal entre os enunciados pode ser reflexo do percurso evolutivo, em que as construções estariam adquirindo traços cada vez mais típicos de construções de contraste, opto por interpretar a tendência mostrada pela Tabela 40 com cautela, tendo em vista que os aspectos de simetria no plano sintático, entre eles a simetria modo-temporal, têm peso menor para a interpretação de quebra de expectativa, justamente porque o alvo do contraste não está explícito no contexto.

Nas construções de oposição, há também suposições em jogo, já que contraste nunca é uma relação pré-existente no mundo real, mas sempre depende do universo subjetivo dos usuários da língua (cf. Capítulo 2). No entanto, pelo fato de os dois elementos (ou conjuntos de elementos) postos em comparação – à luz das pressuposições pragmática e socialmente construídas – estarem presentes na construção linguística, a simetria semântico-pragmática entre eles tende fortemente a se refletir no plano estrutural, levando aos vários aspectos de paralelismo sintático descritos na seção anterior. Já nas construções pautadas em quebra de expectativa, entendo que a ausência (ou menor grau) de simetria sintática tem relações com a própria ausência, no plano linguístico, de um dos estados-de-coisas que faz parte da relação comparativa, já que o estado-de-coisas descrito no segmento com *agora* não nega diretamente o estado-de-coisas descrito no primeiro segmento, mas sim a suposição dele derivada.

Já a Tabela 41 mostra tendência à não correferencialidade, tendência que foi também observada nas construções de oposição. No entanto, no caso de quebra de expectativa, os sujeitos não correferenciais não têm um papel tão decisivo para o contraste, tendo representado na análise mais um aspecto de caracterização.

Por fim, ainda no domínio da sintaxe, é importante ressaltar a posição fixa que *agora* tem no início da oração que integra, e a posição fixa que essa oração, por sua vez, tem na construção de contraste, sempre correspondendo ao segundo segmento. Tratando-se de uma característica que se estende também para as construções de oposição, tanto a posição inicial de *agora* como a posposição da oração com o conectivo são categóricas nos dados, representando um cenário significativamente distinto daquele observado nas construções temporais, em que o item se caracteriza por grande mobilidade sentencial e pode integrar diferentes tipos de arranjos sintáticos. Particularmente a posição inicial assumida pelo item nos novos usos é evidência de que houve aumento de escopo ao longo das mudanças, assim como também ocorreu no percurso de *só*. Retorno a essa questão no próximo capítulo, ao sistematizar as implicações teóricas e empíricas dos resultados das análises.

Por fim, os testes para avaliação da autonomia pragmática dos enunciados relacionados por *agora* não tiveram boa aplicação às construções em discussão, raramente resultando em construções hipotéticas que seriam bem aceitas por falantes nativos, como mostro adiante em (155') e (156').

(155') **Negação:** Não é verdade que a gente abriu os caminhos com os jagunços, **agora**, se precisa de estradas, eles não podem fazer.

Pergunta: É verdade que vocês abriram os caminhos com os jagunços, **agora**, se precisa de estradas, eles não podem fazer?

(156⁷) **Negação:** Não é verdade que, se falar pra ele não comprar de alguém, ele não compra mesmo, **agora**, se você quer ir lá vender, vai. *

Pergunta: É verdade que, se você falar pra ele não comprar de alguém, ele não compra mesmo, **agora**, se ele quer ir lá vender, deve ir? *

Para que fosse possível melhor avaliar a questão, apliquei os testes a algumas construções de quebra de expectativa com *mas*, também retiradas do *corpus* desta pesquisa. Por meio dessa análise, também observei a inaplicabilidade dos testes em construções com *mas* nas quais o segundo segmento faz referência a um estado-de-coisas não-factual, cuja concretização não pode ser afirmada, assim como se dá nas construções de quebra de expectativa com *agora*. Por outro lado, quando ambos os estados-de-coisas têm estatuto factual, os testes se aplicam bem. Apresento um exemplo de cada situação em (157) e (158), respectivamente.

(157) Diga aos meninos que tenham um pouco de calma, pois a feira daqui e a de Jardim não deu em nada, **mas** Deus nos ajudará como sempre. (Cartas particulares do Rio Grande do Norte, 20-2/21)

Negação: Não é verdade que a feira não deu em nada, **mas** Deus nos ajudará como sempre. *

Pergunta: É verdade que a feira não deu em nada, **mas** Deus nos ajudará como sempre? *

(158) Tião telegrafou para Mossoró te avisando **mas**, certamente o telegrama chegou depois que tinhas saído⁴⁶. (Cartas particulares do Rio Grande do Norte, 20-2/21)

Negação: Não é verdade que Tião telegrafou avisando, **mas** o telegrama chegou depois que tinha saído.

Pergunta: É verdade que Tião telegrafou avisando, **mas** o telegrama chegou depois que ele tinha saído?

Ou: Você sabia que Tião telegrafou avisando, **mas** o telegrama chegou depois que ele tinha saído?

Enquanto as construções resultantes dos testes em (157) seriam improváveis no PB, a mudança do sujeito no segundo segmento resultaria na boa aplicação dos testes. Isso porque, com *Deus* figurando na posição de sujeito, o enunciado expressa mais um desejo do que a certeza do locutor de que receberá ajuda. Já se o sujeito for preenchido com um agente real (por exemplo, *Não é verdade que a feira não deu em nada, mas a mãe da minha noiva ajudará como sempre*), a aceitabilidade da construção muda, parecendo mais possível na língua. Em minha análise, a mudança na aceitabilidade tem relação com o

⁴⁶ Utilizo esse dado para comentar um aspecto interessante que pude notar também em outras construções com *mas* do *corpus*. Ao longo da análise, observei que o uso de vírgula após *mas* é frequente, aparecendo não só no conjunto de cartas do qual retirei esse exemplo, mas também em outros textos. Por não estar de acordo com as normas prescritivas sobre o uso dos sinais de pontuação em PB, acredito ser vestígio do conhecimento metalinguístico do escrevente sobre o escopo extrassentencial de *mas*. Como foi possível notar ao longo deste capítulo, *agora* também é seguido por vírgula em muitos exemplares, o que interpreto como indício de que é reconhecido por pelo menos alguns falantes como veiculando um significado que extrapola os limites internos da oração. Não há no *corpus* ocorrências em que o item é seguido por vírgula na função de advérbio temporal, como mostram os exemplares apresentados na Seção 7.1, justamente porque, nessa função, tem relações mais estreitas com o constituinte interno sobre o qual incide sua modificação temporal.

fato de que, correspondendo o sujeito a um agente real, que tenha de fato a capacidade de executar ações com o objetivo de ajudar o locutor, o segundo segmento pode ser interpretado de forma factual, num contexto em que o locutor já tenha conhecimento de que receberá ajuda. Entendo que é esse estatuto factual que resulta em testes bem-sucedidos em (158). Nesse caso, o estado-de-coisas expresso na oração com *mas* já foi, inclusive, concluído, o que permite atestar sua concretização.

Nesse sentido, a ineficácia dos testes para a avaliação da presença de forças ilocucionárias autônomas nas construções de quebra de expectativa com *agora* não sugere a ausência de independência pragmática em cada oração ou complexo oracional relacionado por *agora*. De fato, retomando dados de *agora* que obtive a partir de *corpus* utilizado em outro estudo (FERRARI, 2018), encontrei construções em que o segmento encabeçado por *agora* descreve um estado-de-coisas factual, e os testes mostram boa aplicação, como demonstro em (159) a seguir.

(159) L2 () o que que é?

L1 não...eu não sei...vai ver que os homens não tem um grande interesse ... olha nós temos...uhm...uhm...tem um (lado) mais feminino no Museu na verdade...**agora**...os diretores SEMpre foram homens... (TFCS20:2/21, C2, 251, FERRARI, 2018)

Negação: Não é verdade que tem um lado mais feminino no museu, **agora** os diretores sempre foram homens.

Pergunta: É verdade que tem um lado mais feminino no museu, **agora** os diretores sempre foram homens?

Com base nessas observações, considero possível afirmar que ambos os enunciados têm independência pragmática nas construções de quebra de expectativa com *agora*, independência que é reforçada pela confirmação da existência de fronteiras prosódicas entre os segmentos relacionados. Como mostro a seguir, em (155”), a análise prosódica atesta a formação de pelo menos uma frase entoacional e um enunciado fonológico em cada membro da construção.

(155”) [[A gente abriu os caminhos com os trabalhador,]I [os jagunços.]I]U [**Agora**]I [se precisa de estradas]I [jagunços não pode fazer]I]U

Levando em consideração a análise das construções de contraste com *agora* conduzida nesta seção e na seção anterior, passo a discutir os contextos temporal-contrastivos.

7.3 As construções temporal-contrastivas com *agora*

De acordo com os dados, dois valores temporais estão na origem do desenvolvimento das construções de contraste com *agora*: sequencialidade e contingência. O primeiro alimenta tanto a via evolutiva que segue para oposição, conforme (160), a seguir, como aquela que leva a quebra de expectativa, conforme (161); o segundo é canal de derivação apenas para quebra de expectativa, conforme (162). Nos contextos temporal-contrastivos, portanto, também se pode distinguir a nuance de contraste em torno da qual as inferências emergem, o que me levou a apurar cada cenário de polissemia diacronicamente. Exponho o resultado desse análise na Tabela 42, apresentada logo após os exemplos.

(160) (...) seus olhos, dantes só voltados para a esperança de tomar á terra, **agora**, como os olhos de um marujo, que se habituaram aos largos horisontes de ceu e mar, já se não revoltavam com a turbulenta luz, selvagem e alegre, do Brasil (...). (19-2OCOR, 344)

(161) Eu achava infinitamente cômicas as arengas dos emprezarios de circo, no sertão, quando falavam ao respeitável publico, antes da funcção começar... E **agora**, aqui estou, repuxando as mangas, temperando a garganta, com a voz commovida e o gesto tremulo, fazendo também minha apresentação... (20-1OQUI, 218)

(162) Não, não; respondeo a moça, pode fumar: é verdade que me dou mal com o cheiro do fumo; mas **agora** o vento, que sopra, o leva para longe de nós. (19-1OMLI, 158)

Tabela 42 – Tipos de contraste nos contextos temporal-contrastivos com *agora*

	18-1	18-2	19-1	19-2	20-1	20-2/21
Tempo/Oposição	41 (71,9%)	30 (88,2%)	38 (73,1%)	51 (66,2%)	54 (68,4%)	80 (69%)
Tempo/Quebra de expectativa	16 (28,1%)	4 (11,8%)	14 (26,9%)	26 (33,8%)	25 (31,6%)	36 (31%)
Total	57 (100%)	34 (100%)	52 (100%)	77 (100%)	79 (100%)	116 (100%)

Fonte: autoria própria.

Em todas as construções temporal-contrastivas, *agora* ainda é advérbio dêitico que estabelece vínculo do estado-de-coisas a que refere e o momento da enunciação, mas essa função original ganha amplitude. Em construções como (160) e (161), diversos elementos do contexto, com destaque para expressões adverbiais (como *dantes* em 160) e para a morfologia verbal (como *achava* x *estou* em 161), aliados a contexto pragmático e a conhecimento de mundo, contribuem para a configuração de

relações de sequencialidade. Tanto em (160) como em (161), trata-se de mudanças em crenças subjetivas, em maneiras de avaliar a mesma situação. Em (160), determinado sujeito muda de opinião sobre viver no Brasil, colocando em oposição uma atitude avaliativa prévia desfavorável à vida no país e uma avaliação mais positiva no momento presente; em (161), a opinião prévia do locutor sobre o trabalho de artista circense pode produzir a expectativa de que não faria ou não gostaria de fazer o trabalho, expectativa que não se confirma na situação presente, em que se vê fazendo uma apresentação parecida ao trabalho em questão. Ao referir justamente o intervalo de tempo em que a mudança – origem das inferências pragmáticas em torno de contraste – é observada, *agora* atua como um correlato importante no contexto para a leitura contrastiva.

Nos contextos temporal-contrastivos, sugiro que *agora* atua como correlato enfático de contraste, inclusive, quando há um juntor contrastivo típico presente na construção, tal como *mas* em (162). Nesse exemplo, o contraste está assegurado pela semântica inerente ao juntor, mas, ainda assim, o valor temporal de *agora* participa da formulação de quebra de expectativa. Como mencionado, esse é um caso em que um valor de contingência temporal é decisivo para a leitura (aqui, já não apenas pragmática) de quebra de expectativa: o locutor admite que *habitualmente* não gosta de determinado cheiro; o que o leva a não se incomodar, no presente, diante de uma situação em que o cheiro em questão está presente é uma circunstância pontualmente localizada no espaço de tempo referido por *agora*. É essa circunstância que rompe com preferências habituais do locutor e gera a quebra de expectativa diante de uma situação que normalmente o incomodaria. Em construções como (162), com frequência, também há expressões adverbiais que veiculam habitualidade (como *sempre*), mas o traço mais decisivo para construção de um intervalo de tempo contingente é a morfologia verbal de presente na proposição que alimenta expectativas, tal como se vê em (162).

Tanto nas construções em que tempo sequencial é base para as inferências de contraste como naquelas em que tempo contingente é a nuance relevante, *agora* faz referência, quase categoricamente⁴⁷, sobre o estado-de-coisas cronologicamente posterior. Por serem possíveis, mas não frequentes, construções como (163), a seguir, em que *agora* indica tempo posterior, mas a oração que integra está anteposta, entendo que atua na maior parte das construções temporal-contrastivas o princípio funcional de iconicidade (HAIMAN, 1985), pois a oração que contém o estado-de-coisas posterior no eixo do tempo tende a ser posposta em relação à oração que veicula o estado-de-coisas antecedente, de modo que a posterioridade sociofísica no âmbito do significado se reflete no âmbito da

⁴⁷ Apenas em duas ocorrências do total de 415 exemplares dos contextos temporal-contrastivos a oração com *agora* não está posposta.

morfossintaxe. Nas construções caracterizadas por contingência, a associação de *agora* com a posposição temporal é menos evidente, pelo fato de não haver uma relação sucessiva entre dois estados-de-coisas, mas ela ainda pode ser observada ao se considerar que o estado-de-coisas habitual teve ao menos início em momento anterior, em relação ao qual o intervalo de tempo presente referido por *agora* é posterior.

(163) Os meias-caras **agora** estão tão caros! Quando havia vallongo eram mais baratos. (19-1OJPR, 224)

Nos contextos em que sequencialidade é a nuance de tempo que contribui para inferências pragmáticas de contraste, o próprio valor temporal é inerentemente contrastivo, na medida em que envolve uma oposição entre intervalos de tempo sucessivos. Trata-se de um fator importante para a mudança, mas não exclusivo, tendo em vista que são possíveis (e há casos no *corpus*) relações sequenciais que não envolvem oposição entre os estados-de-coisas para além da oposição no tempo. Assim, é necessária a correlação dessa oposição com aspectos de desigualdade entre os estados-de-coisas descritos, correlação que é habilitada, no percurso evolutivo de *agora*, por expressões de natureza diversa (desde sintagmas nominais até períodos complexos) que, ao entrarem em relação na construção conjunta, são compreendidas como semântica e/ou pragmaticamente opostas.

Já nas construções caracterizadas por contingência, a habitualidade inerente a um estado-de-coisas contingente alimenta expectativas que não são confirmadas em um estado-de-coisas pontualmente localizado no tempo, normalmente, no presente. Assim, também é possível reconhecer um contraste entre intervalos temporais, já que um conflito se estabelece entre um período de tempo indefinido, habitual, e um espaço de tempo bem delimitado, no qual a habitualidade de uma situação é interrompida, dando lugar a uma nova situação não esperada.

Reconheci nos dados de *agora* uma diversidade de contextos favoráveis a inferências de contraste, tanto no caso de oposição como de quebra de expectativa, diversidade que parece refletir uma gradualidade em termos da contribuição que cada tipo fornece para as mudanças. A seguir, descrevo e exemplifico os três tipos de contextos identificados:

(i) A relação entre os estados-de-coisas é de natureza coordenativa, e *agora*, embora ainda atue como advérbio, também contribui para a junção dos enunciados, funcionando, assim, como *advérbio conjuntivo*. Nesse conjunto de contextos, encontrei construções em que a junção coordenativa está sintaticamente mais explícita, pela inexistência de pausa entre a oração encabeçada por *agora* e a oração precedente, e

construções que contêm pausa entre as duas orações, como se observa em (164) e (165) a seguir. Em harmonia com Neves (1985), admito que a pausa não compromete o estatuto coordenativo dessas construções e que tem aí um efeito pragmático: trata-se de uma pausa dramática, que sugere um encerramento não efetivado, de maneira que o acréscimo de um segundo segmento gera um efeito dramático, chamando atenção para a própria existência de uma sequência no enunciado (NEVES, 1985, p. 62). Ao ocupar a posição inicial do segundo segmento, *agora* está em posição típica de juntores contrastivos em português e também em outras línguas (QUIRK *et al.*, 1985; KORTMANN, 1997; LONGHIN *et al.*, 2019).

(164) No bar vazio, Nacib pensava. Que mais podia fazer? Estava longe o tempo quando ia ao seu quarto por desfastio, cansado de Risoleta, de outras mulheres. Quando, como pagamento, lhe levava broches de dez tostões, anéis baratos de vidro. **Agora** lhe dava presentes, um, dois por semana. Cortes para vestidos, frascos de perfume, lenços para a cabeça, caramelos do bar. (20-2/21GACC, 424)

(165) “Coisa”, aqui eu via você agir, ouvia falar, compreendia o que você pensava. **Agora**, lá, não sei como você age, não sei as coisas que você diz, não podendo assim conhecer seu modo de pensar nem notar os progressos naqueles pontos que são importantíssimos para mim e de cuja sorte depende a nossa própria. (20-1CPOR, 88)

(ii) A relação entre os estados-de-coisas se estabelece entre orações coordenadas por juntores típicos, que podem ser contrastivos, tais como *mas*, *porém*, *pelo contrário*, ou não, como o juntor multifuncional *e*, conforme os exemplos de (166) a (168). Dentre essas construções, aquelas que contêm juntores de significado contrastivo parecem ainda mais relevantes para a mudança do que aquelas articuladas por *e*, pois, embora *agora* tenha funcionamento adverbial e não apresente funções juntivas como no grupo anterior, o sentido de contraste não constitui apenas uma inferência, mas está semanticamente codificado. Como já mencionado, ainda que contraste não seja apenas uma implicatura, o significado temporal de *agora* ainda é relevante para a interpretação contrastiva, pelo fato de o conflito envolver a dimensão do tempo de algum modo. Em (168), por exemplo, uma relação conflituosa, pautada em quebra de expectativa, pode ser interpretada pela retomada de um intervalo de tempo anterior no qual o personagem estava deitado no jardim folheando um livro. A afirmação, no primeiro segmento, de que ele está novamente no jardim leva à expectativa de que o cenário permanece o mesmo. A oração introduzida por *mas* frustra essa expectativa, pela apresentação de um estado-de-coisas localizado no presente que diverge do anterior.

(166) Estou desconhecendo-te, Augusto; sempre te achei com juízo, e bom conceito, e **agora** temo muito, que estejas com princípios de alienação mental! (19-1MORE, 78)

(167) V . Portugal na Europa, e no Brazil por térra, como já vimos, só tem por vezinho a Espâña: e suposto parecêse em outro tempo tinha muito que temêr desta Nasao, nao só por cáuza das suas antigas pertensoes sobre todo este Reino, mas também pela superioridâde das suas forsas; pelo contrário **agóra** muitas razões segúirão a Portugal toda a boa armonia com ésta Potência. (18-2EECP, 164)

(168) O Sem Pernas voltou a se estender no jardim. Mas **agora** não via as figuras do livro. Via era o Gringo. (20-1CAAR, 364)

(iii) A relação se estabelece entre orações subordinadas ou hipotáticas, como se observa em (169). Nesse grupo, também estão presentes fatores que, juntamente com tempo sequencial ou contingente, disparam inferências de contraste, tais como expressões lexicais que operam como opostos semânticos, no caso do desenvolvimento das construções contrastivas que veiculam oposição, e uma espécie de surpresa gerada pela interrupção de um estado-de-coisas habitual, contingente, no caso da trajetória que leva às construções de quebra de expectativa. A diferença em relação aos dois grupos anteriores é que não se tem aqui uma relação coordenativa.

(169) Isto mesmo considero hoje em ti, ò desgraçada. De que te servio aquella bem vista fermosura, e portentosa belleza; quando apenas parecias hum assombro de perfeições, para seres **agora** considerada hum estrago da vida, e hum horror da morte? (18-1CNPA, 130)

Os parâmetros utilizados para a distinção dos três grupos contextuais são baseados em propriedades que estão presentes nas construções exclusivamente contrastivas e que não eram características das construções fonte, de modo que sua aquisição representa ganhos importantes para o percurso de mudança. Os contextos em (i) são aqueles que reúnem maior conjunto de condições para as mudanças, pois soma fatores sintáticos – a posição de *agora* e a organização que, como resultado dessa posição, a construção adquire – a fatores semântico-pragmáticos, também presentes nos outros dois grupos de contextos.

Já nos contextos em (ii), embora *agora* não ocupe a posição inicial, sua posição mais à esquerda da oração e a coordenação de orações empreendida por outros jutores são também fatores sintáticos que contribuem para o processo de mudança. Entendo que a proximidade do item em relação ao jutor coordenativo é reflexo, no eixo sintático, da convergência entre seu papel na construção e o papel do próprio jutor, já que, como mencionado, atua como correlato enfático do significado contrastivo. Assim, de (164) a (166) acima, por exemplo, o significado contrastivo que pode ser contextualmente inferido de *e* ou que é semanticamente expresso por *pelo contrário* e *mas* é complementado pelo valor temporal de *agora*, na medida em que o contraste envolve o eixo temporal.

No grupo (iii), por outro lado, ainda que a relação estabelecida entre as orações não tenha estatuto coordenativo, há ao menos uma relação binária, a partir da qual ambos os estados-de-coisas envolvidos na relação temporal-contrastiva estão explicitados na construção, o que me levou a analisar tais contextos como temporal-contrastivos mas não proceder com a mesma análise para os contextos – apresentados em 7.1 – em que inferências de oposição temporal são possíveis, mas um dos estados-de-coisas pode ser apenas pragmaticamente recuperado, não estando presente na construção linguística.

Independentemente das diferenças entre os três arranjos, todos implicam uma comparação entre os estados-de-coisas que se sucedem no tempo, nos casos em que sequencialidade é a nuance envolvida, ou entre o estado-de-coisas concebido como divergente de outro que tem natureza contingente. O significado de *agora*, nessa perspectiva, passa a desempenhar não apenas a função de estabelecer referência temporal, mas cumpre papel também na constituição da relação comparativa, já que um dos pilares dessa relação é sustentado pela contraparte temporal da relação entre os estados-de-coisas.

Como consequência do ganho do componente comparativo – aspecto recorrente nos contextos polissêmicos das outras trajetórias, como discutido nos capítulos anteriores –, já se observam nos dados contextos temporal-contrastivos com *agora* com configurações pragmáticas e prosódicas simétricas. Há, no entanto, grande variação entre os três tipos acima elencados no que diz respeito à independência das forças ilocucionárias das orações e à existência ou não de fronteiras prosódicas. Como cada grupo tem comportamento diferente nesses aspectos, demonstro e caracterizo a análise para cada um a seguir.

(i) Nos contextos em que *agora* ocupa a posição inicial do segundo membro, os testes de pergunta e negação não são capazes de desafiar ambos os segmentos, como mostra (170a)⁴⁸. As construções resultantes não são agramaticais, mas a oração com *agora* não está fora do escopo da pergunta e da negação. Incluindo-se um conectivo, entretanto, os testes se aplicam bem, como mostra a construção hipotética em (170b). A ineficácia dos testes para (170a) está correlacionada ao estatuto ainda adverbial de *agora* nos contextos em análise. Embora ganhe, como acima mencionado, traços juntivos, a essência

⁴⁸ É importante aqui uma ressalva. É possível que, em estágios anteriores da língua, as construções resultantes dos testes em (170a) fossem aceitáveis ou até comuns. A análise que proponho é, claro, com base no conhecimento que, como falante nativo, tenho do PB contemporâneo. Sem perder de vista a importância dessa ressalva, acredito, no entanto, que, se as construções hipotéticas em pauta tivessem sido aceitáveis na língua em algum momento, provavelmente ainda o seriam nos dias de hoje.

de seu funcionamento ainda é no domínio adverbial, de modo que ainda não é plenamente capaz de estabelecer um nexo tão estreito entre as orações como aquele implicado pelos testes. O fato de a estratégia em (170b) resulta em construções nas quais os testes desafiam tanto a oração com *agora* como a anterior é suficiente, para os propósitos do trabalho, para atestar a autonomia pragmática de ambas. Já a análise prosódica, como demonstro em (170c), confirma a formação de fronteiras prosódicas entre as orações.

(170) *Estabelecimento do Banco do Brasil*. O Alvará de 12 de Outubro de 1808, que Creou nesta Corte o Banco Nacional, he, sem contestação, reconhecido por hum dos Máximos Benefícios Políticos do Senhor D. João. A extensão de suas operações já produziu outro Banco filial na Bahia, confirmado pelo Alvará de 16 de Fevereiro de 1816. Antes, quasi geralmente parecia impraticavel a sua fundação, e permanencia, e ainda menos o seu effeito, credito, e lucro: **agora** mostra-se hum dos mais decisivos monumentos da Justiça do Governo, e da excellencia do seu Liberal Systema no Brasil. (19-1MBPOL, 358)

(170a) **Negação:** Não é verdade que antes a sua fundação parecia impraticável, **agora** mostra-se um dos mais decisivos monumentos da justiça do governo.

Pergunta: Não é verdade que antes a sua fundação parecia impraticável, **agora** mostra-se um dos mais decisivos monumentos da justiça do governo?

(170b) **Negação:** Não é verdade que antes a sua fundação parecia impraticável, e/mas **agora** mostra-se um dos mais decisivos monumentos da justiça do governo.

Pergunta: Não é verdade que antes a sua fundação parecia impraticável, e/mas **agora** mostra-se um dos mais decisivos monumentos da justiça do governo?

(170c) [[Antes]I [quasi geralmente parecia impraticavel a sua fundação]I [e permanencia]I [e ainda menos o seu effeito, credito e lucro]I]U **agora** mostra-se hum dos mais decisivos monumentos da Justiça do Governo]I [e da excellencia do seu Liberal Systema no Brasil]I]U

(ii) Como se pode esperar a partir de (170b) acima, nos contextos do tipo (ii), os testes e a análise dos constituintes prosódicos permitem atestar tanto simetria pragmática como prosódica, como se vê a seguir em (171a) e (171b).

(171a) Por alguns annos faltárão muito os conhecimentos neste ramo de agricultura; porém já **agora** he isto bem diverso; ha muitos colonos, que chegarão á poucos annos á Carolina Meridional, os quais conhecem perfeitamente esta cultura. (18-2CACB, 303)

(171b) **Negação:** Não é verdade que por alguns anos faltaram os conhecimentos neste ramo de agricultura, porém **agora** isso já é bem diverso.

Pergunta: Não é verdade que por alguns anos faltaram os conhecimentos neste ramo de agricultura, porém **agora** isso já é bem diverso?

(iii) Por outro lado, nos contextos em que a relação binária ainda não tem feição coordenativa, as orações que habilitam inferências de ou que efetivamente expressam oposição ou quebra de expectativa

não contêm forças ilocucionárias independentes nem formam fronteira prosódica. Mostram, contudo, uma característica importante: a oração de que *agora* faz parte é sempre a que forma o enunciado fonológico no domínio do qual reside a outra oração e é também aquela que tem força ilocucionária própria, sendo dela pragmaticamente dependente a outra oração da relação. Apresento a seguir dois exemplos. Observa-se neles que *agora* tem escopo interno à oração de que participa, exibindo comportamento tipicamente adverbial, mas entendo que a regularidade mostrada pelos dados é relevante do ponto de vista diacrônico, já que o item é, ao longo de séculos, associado à proposição pragmática e prosodicamente autônoma.

(172) Ainda mal, porque estou desconfiando que cheguei tarde; Maurício disparou em tal carreira pela aristocracia a dentro que é bem de crer que não pare senão á porta do palácio da Praia Vermelha. No entanto, eis-me arvorado em medico de loucos, e o senhor, que me impôs este myster, vem **agora** dizer-me que lhe estou armando traições!..começo a acreditar que tenho na minha família mais doudos do que pensava... (19-2LEV, 229)

(172a) **Negação:** Não é verdade que ele, que me impôs este mister, veio **agora** me dizer que estou armando traições.

Pergunta: Não é verdade que ele, que te impôs este mister, veio **agora** te dizer que está armando traições?
Ou: Você sabia que ele, que me impôs este mister, veio **agora** me dizer que estou armando traições?

(172b) [[O senhor]I [que me impôs este myster]I [vem **agora** dizer-me que lhe estou armando traições]I]U

(173) Não procureis adivinhar quem vos escreve, porque apesar de ser vossa amiga, serei todavia por **agora** uma — incógnita. (19-1MORE, 104)

(173a) **Negação:** Não é verdade que, apesar de ser sua amiga, serei todavia por **agora** uma incógnita.

Pergunta: Não é verdade que, apesar de ser minha amiga, será todavia por **agora** uma incógnita?

(173b) [[Não procureis adivinhar quem vos escreve]I]U [porque]I [apesar de ser vossa amiga]I [serei todavia por agora uma incógnita]I]U

Por fim, no âmbito da sintaxe, as construções temporal-contrastivas associadas à oposição apresentam traços de simetria formal de natureza muito similar àqueles observados nas exclusivamente contrastivas. Isso pode ser observado nos três grupos de contextos identificados. Assim, em (169), por exemplo, ainda sem moldes coordenativos, verifica-se que ambos os estados-de-coisas são descritos a partir de formas verbais indicativas de processos mentais (*parecer* e *ser considerado*), que são muito sugestivos do integrador comum sob o qual as orações estão ligadas⁴⁹: a atitude avaliativa direcionada ao interlocutor (em diferentes intervalos de tempo).

⁴⁹ Ainda que não se tenha uma construção tipicamente contrastiva, é possível afirmar o compartilhamento de um integrador comum entre os enunciados na medida em que uma relação comparativa se instaura entre eles. Sem perder de vista a

Assumo que já atua, nos contextos do padrão tempo/oposição, o princípio metalexical através do qual relações entre formas não convencionalmente antônimas adquirem estatuto antonímico através de relações associativas que, dadas em contexto, permitem a percepção de (e o foco em) aspectos pontuais de diferença a partir de similaridades várias, as quais, assim como nos contextos exclusivamente contrastivos, alcançam também o nível formal. No exemplo apontado, atuam como complementos dos verbos de processos mentais nomes qualificados por adjuntos adnominais, o que resulta em informações lexicais de natureza similar (ainda que opostas, indicam avaliações subjetivas) expressas por meio das mesmas estruturas sintáticas (UM *nome* função substantiva DE *nome* função adjetiva > um *assombro* de *perfeições* vs um *estrago* da *vida* e um *horror* da *morte*). Nota-se aqui a relevância da atuação do princípio metalexical mencionado para a derivação de relações antonímicas não canônicas – a relação opositiva entre a expressão *assombro de perfeições* e *estrago da vida/horror da morte* é bastante particular ao contexto, provavelmente o único que contém tal oposição. Não são inexistentes nos dados contextos em que a relação antonímica se ancora em pares de antônimos canônicos (um exemplo está em 163 acima, em que a oposição entre *baratos* e *caros* pode ser considerada paradigmática na língua), mas, na grande maioria dos contextos temporal-contrastivos, tem-se pares de antônimos estabelecidos a partir de relações associativas contextualmente apropriadas, como se pode verificar em todos os demais exemplares apresentados ao longo deste capítulo.

Em contrapartida, nas construções associadas ao padrão tempo/quebra de expectativa, a estrutura sintática não é pautada em simetrias, o que, assim como nos contextos que exclusivamente implementam a negação de expectativas (cf. seção anterior), está relacionado à própria manobra de contraste empreendida.

No âmbito da relação modo-tempo, tanto tempo/oposição como tempo/quebra de expectativa tendem a apresentar relações assimétricas, justamente porque o eixo temporal contribui para as inferências de contraste (ou complementa a semântica contrastiva da construção, nos casos em que já existe juntor contrastivo). A morfologia verbal, desse modo, é um correlato contextual que contribui significativamente para as relações entre os enunciados.

A análise da correferencialidade dos sujeitos, por sua vez, mostra que não tem papel decisivo nos contextos temporal-contrastivos com *agora*, independentemente da nuance de contraste em jogo. Isso porque, pelo fato de uma das bases da comparação consistir na relação temporal entre os estados-de-coisas, os sujeitos não tendem a estar entre os elementos em confronto.

importância das condições sintáticas nesta trajetória, já que envolve mudança categorial, o eixo condutor da análise é sempre a relação de significado (cf. Capítulo 3).

8 CONCLUSÕES: PROCESSOS E REGULARIDADES DE CONSTITUIÇÃO

Retomo, neste capítulo, as três questões de pesquisa que nortearam o trabalho, de modo a sistematizar as respostas obtidas para cada uma à luz da análise diacrônica desenvolvida nos capítulos anteriores. O principal objetivo da pesquisa foi investigar particularidades associadas à evolução da coordenação contrastiva em termos de seus *processos de constituição* em três eixos de análise – significado, prosódia e sintaxe – e de possíveis *regularidades de desenvolvimento* envolvidas em tais processos.

Do ponto de vista teórico, a contribuição esperada era elucidar, diacronicamente, aspectos da interface entre níveis de análise, para compreender, em primeiro lugar, como a semântica e a pragmática interagem na constituição de novos conectivos contrastivos – o nível do significado foi tomado como ponto de partida – e, a partir das transformações semântico-pragmáticas, como a prosódia e a morfossintaxe tendem a se reorganizar em função das mudanças de sentido. O recorte de investigação central do trabalho, portanto, esteve no pressuposto de interface compensatória entre os diferentes eixos, conforme Lang e Adamíková (2007) (cf. Capítulo 2).

À luz desse recorte, o trabalho foi também guiado por um objetivo descritivo, concernente à análise diacrônica de quatro percursos de mudança no PB que, envolvendo formas ainda em processo de desenvolvimento e com os usos originais ainda produtivos na língua, representam espaços de investigação favoráveis ao estudo da dinâmica de interface em perspectiva diacrônica.

Tendo em vista as questões descritivas e teóricas levantadas por esta pesquisa, trato primeiramente das primeiras, sistematizando os processos de constituição que puderam ser apreendidos a partir da análise diacrônica dos quatro percursos, para sistematizar posteriormente os aspectos de interface que, à luz das evidências empíricas obtidas, podem ser atribuídos particularmente ao desenvolvimento de novos mecanismos de coordenação contrastiva.

A análise dos quatro percursos permite confirmar o desenvolvimento de relações contrastivas nos novos usos de *enquanto*, *passo*, *agora* e *só*. Todos mostram arranjos de contextos em que a única interpretação possível é contraste, ficando bloqueados os significados fonte. A emergência de contraste é, assim, inquestionável frente aos dados, e, para cada percurso, foi possível reconhecer e caracterizar a(s) nuance(s) contrastiva(s) expressa(s) por cada nova construção.

No que diz respeito ao desenvolvimento de relações de *coordenação* especificamente, que foi tomado como pressuposto elementar para a pesquisa, como sugere o próprio título do trabalho, o julgamento das construções associadas aos novos usos pode variar a depender da definição de coordenação assumida. No âmbito da abordagem funcional aqui adotada (cf. Capítulo 2) – a partir da

qual relações de coordenação são definidas como relações de *significado* que, associadas a aspectos sintáticos típicos, são fundadas em paralelismos *funcionais*, de modo que o eixo definidor é o significado que veiculam –, a análise empírica dá respaldo para defender que os novos usos aproximam-se, em maior ou menor medida (a depender da instância), do modo coordenativo de composição. As evidências que mais decisivamente permitem atestar o paralelismo funcional entre as orações ou complexos oracionais são o compartilhamento de um *eixo comum de significado* (o integrador comum, conforme Lang, 1984, 2000, cf. Capítulo 2), de modo que um enunciado é relevante para a interpretação do outro, e a preservação da autonomia de cada membro da relação.

À luz de Neves (1985), entendo que tal autonomia se refere à *exterioridade* que é característica das relações coordenativas em geral. Conforme a autora, na *co-ordenação* de orações (assim grafada pela autora justamente para captar o estatuto externo de um segmento em relação ao outro), o segundo segmento constitui um acréscimo ao primeiro, ambos apresentando estatuto equivalente em uma sequência. No caso da co-ordenação especificamente contrastiva, um segmento é externo ao e diferente do outro.

Dois componentes de significado são, portanto, centrais para a relação de paralelismo funcional: similaridade e independência. Na medida em que os dois foram atestados nas construções de contraste com *agora*, *passo*, *enquanto* e *só* e que cada um tende a ser observado também no domínio da sintaxe, conforme tendências translinguisticamente observadas nas relações de coordenação (MAURI, 2008a), acredito que a pesquisa reúne condições suficientes para a confirmação da hipótese em torno do direcionamento das mudanças ao domínio da coordenação contrastiva.

Com base nos tipos de contextos reconhecidos e caracterizados do quarto ao sétimo capítulo, proponho uma reconstrução diacrônica para as mudanças com amparo do modelo de Heine (2002), a fim de sistematizar os principais fatos de mudança apreendidos pela análise e reconhecer estágios evolutivos, representados por contextos *fonte*, *bridging* e *switch*. Diferentemente do autor, entretanto, assumo, à luz de Hansen (2021), que os contextos *bridging* não necessariamente contêm o novo significado em proeminência, sendo suficiente a disponibilidade de ambos os significados fonte e alvo. No Quadro 6, a seguir, sistematizo os diferentes tipos de contextos depreendidos de cada trajetória de mudança à luz das propriedades mais relevantes associadas a cada um.

Quadro 6 – Contextos e estágios evolutivos

Estágio	Contexto	Exemplo
I. Contexto <i>fonte</i>	As formas expressam relações de <i>tempo</i> ou de <i>foco</i>, atuando como <i>advérbios ou juntores adverbiais</i>. Em algumas instâncias, os usos fonte podem já estar associados a inferências de contraste no âmbito da relação temporal ou da relação de foco, mas um dos estados-de-coisas envolvidos nessa relação contrastiva não está presente na construção linguística, o que a torna altamente dependente de inferenciação pragmática. No caso dos juntores adverbiais, que já participam de relações binárias, a oração por eles iniciada é dependente da força ilocucionária e do enunciado fonológico da oração principal, havendo, assim, <i>dependência pragmática e prosódica</i>. No nível estrutural, há <i>dependência sintática</i> dos advérbios em relação aos constituintes sobre os quais seu escopo incide e da oração iniciada pelos juntores adverbiais em relação à oração principal.	Em quanto Larcy está fallando, apparece Guilherme. A aceada, e a grande, se aquentão sucessivamente e se lhe tirão as escumas, ao passo que ellas vem apparecendo na sua superfície. Eu acordava bem cedo e eu era tão preguiçosa naquele tempo... Só pra ajudar a minha mãe... Estou agora em condições de apresentar sangue frio.
II. Contexto <i>Bridging</i>	As formas ainda veiculam as relações de tempo ou de foco dos usos originais, desempenhando funções adverbiais, mas essas relações passam a envolver uma <i>comparação</i> entre dois estados-de-coisas, ambos explícitos na construção linguística. Configura-se, assim, uma relação <i>binária</i> constituída por uma estrutura léxico-gramatical que dá maior respaldo aos processos de inferenciação pragmática em torno do significado contrastivo. Com o ganho do componente comparativo, as orações em relação compartilham um	Crime é você ficar o dia inteiro à toa, enquanto eu, que sou a mais frágil, eu, que sou mulher, ficar me matando em dois empregos. E ao passo que os irmãos ficavam senhores de boas fortunas, Gustavo nada mais herdava que a pecha de bastardo! Aqui nada consta da fuga do conselheiro e só que elle e oseos preparãose para enxotar tambem esta expedição.

	integrador comum e, enquanto instâncias de uma relação comparativa, na qual cada parte da relação binária desenvolve um aspecto do integrador comum, ganham maior proximidade em termos de sua relevância comunicativa, o que favorece o <i>ganho gradual de independência pragmática e prosódica</i>. No nível estrutural, pode ser observada <i>maior ou menor dependência sintática</i>, a depender do contexto e da trajetória.	Estou desconhecendo-te, Augusto; sempre te achei com juízo, e bom conceito, e agora temo muito, que estejas com princípios de alienação mental!
III. Contexto <i>Switch</i>	As formas expressam <i>relações exclusivamente contrastivas</i> – por consequência, sempre <i>binárias</i> e de natureza <i>comparativa</i> – fundadas em <i>paralelismos funcionais</i> que as aproximam das relações de <i>coordenação</i>. As orações (ou complexos oracionais) compartilham um <i>integrador comum</i>, no âmbito do qual ambas têm igual relevância comunicativa e, portanto, <i>independência pragmática e prosódica</i>. No nível estrutural, há <i>independência sintática</i> entre as orações, o que resulta em construções baseadas na relação de <i>exterioridade</i> entre os segmentos <i>co-ordenados</i>. As novas formas juntivas ocupam a <i>posição inicial</i> da oração que, ao fornecer a fonte para o contraste, está sempre localizada no <i>segundo membro</i> da construção contrastiva.	Todo verão pessoas brancas lutando desesperadamente pra pegar uma "cor" sem ter melanina pra isso enquanto que no resto do ano supervalorizam os traços caucasianos. Um pedaço de prosa dos melhores mesmos, lidos por um amigo do autor, affecta de modo agradável, ao passo que, lido por um inimigo, produz efeito diverso. É a cara do pae. Só que tem o cabelo ondeado da mãe. O meu negócio é leve. Uns três meses. Agora você fica apodrecendo lá.

Fonte: autoria própria.

Ainda que a análise tenha reconhecido aspectos particulares a cada percurso evolutivo, conforme tratados nos respectivos capítulos, o Quadro 6 mostra que as transformações observadas na transição entre os contextos sugerem processos de constituição sistemáticos, que se desenvolvem de maneira muito similar entre as trajetórias. Proponho, assim, que são processos próprios do desenvolvimento de juntores dedicados à coordenação contrastiva de orações. Embora aspectos

específicos a cada trajetória certamente tenham influência sobre o desenvolvimento e os rumos das mudanças – aspectos tão importantes e interessantes como as regularidades –, a comparação entre os diferentes arranjos contextuais revela transformações em aspectos de significado, de prosódia e de sintaxe que são elementares às construções contrastivas de natureza coordenativa em geral, sendo, assim, natural que sejam adquiridos de modo similar por diferentes formas (e, provavelmente, também de modo similar em diferentes línguas, o que aponta para um possível desdobramento futuro desta pesquisa). Observa-se, nesse sentido, a importância de um arcabouço teórico e empírico que explique e sistematize as regularidades subjacentes aos processos de constituição que levam às transformações em cada dimensão da linguagem – para o qual esta tese oferece uma contribuição apenas inicial.

Conforme explicitadas no capítulo introdutório, as questões de pesquisa postas para este trabalho colocam em foco justamente tais processos. À luz das características associadas aos contextos *fonte*, *bridging* e *switch* e das transformações que se observam entre eles, retomo as três questões nas subseções a seguir, buscando responder cada uma com foco nos processos de constituição em cada eixo de análise e em campos de interface entre os três eixos.

8.1 Processos semântico-pragmáticos

Como enfatizado ao longo do trabalho, o eixo do significado teve prioridade na pesquisa, sendo a investigação nesse domínio guiada pela questão *que transformações semântico-pragmáticas favorecem o desenvolvimento de relações coordenativas e a emergência do significado de contraste?*

Como mostra o Quadro 6 acima, os contextos temporal-contrastivos com *enquanto (que)*, *ao passo que* e *agora* e os contextos foco-contrastivos com *só (que)* atuam como *bridging* (do inglês, *bridge*: “ponte”), favorecendo o enriquecimento dos significados fonte com significados contrastivos. Assumo que ocorre em tais contextos um processo de *reanálise*, que consiste no principal mecanismo de mudança condutor das transformações semânticas e pragmáticas envolvidas na constituição das novas relações de significado.

Concebo reanálise aqui em harmonia com Hansen (2021). Embora seja uma noção amplamente disseminada na literatura sobre mudança linguística, a noção de reanálise tem sido alvo de críticas nas últimas décadas (De SMET, 2009; WHITMAN, 2012; FISCHER, 2011; KIPARSKY, 2012). Hansen (2021) argumenta que, sendo um mecanismo inquestionavelmente relevante para a explicação de processos de mudança, a noção de reanálise deve ser suficientemente restrita para que seja possível distingui-la de outros mecanismos e processos aos quais é por vezes equacionada. Essa

restrição é importante, segundo a autora, para que se mantenha como uma noção teórica e empiricamente útil.

A partir dessa proposta, a autora defende que a reanálise é um mecanismo de mudança de natureza essencialmente pragmática conduzido pelos ouvintes/leitores, não sendo disparada por um cenário de ambiguidade entre o significado fonte e o significado alvo, mas sendo, na verdade, o processo que leva a tal polissemia. A reanálise emerge, segundo a autora, da *percepção* de discrepância entre a contribuição que o ouvinte/leitor julga ser dada por uma dada construção para a interpretação de um enunciado e a interpretação convencional dessa construção. A percepção de discrepância por parte do ouvinte/leitor é fundamental para a reanálise porque, ainda que o falante/escrevente tenha intencionado uma nova interpretação para a construção, a reanálise só ocorre se o ouvinte/leitor de fato perceber a nova interpretação e integrá-la à sua gramática, de modo a mobilizá-la posteriormente no papel de falante/escrevente.

Nessa definição mais restrita, a reanálise é concebida pela autora como um mecanismo que afeta exclusivamente o nível do significado, podendo ou não ser acompanhada pelo processo de implementação das consequências gramaticais da reanálise do significado – na literatura, denominado atualização (*actualization*, no inglês). Como esta seção trata da constituição diacrônica das novas relações de *significado*, focalizo aqui o processo de reanálise, discutindo em 8.3 o processo de atualização sintática e sua relação com as mudanças de significado.

A essência pragmática da reanálise tem relação com o amplo conjunto de conhecimentos mobilizados pelos ouvintes/leitores na interpretação dos significados, conjunto que vai além do conhecimento que têm da língua e das tradições discursivas, incluindo também seu conhecimento sobre a situação específica de comunicação e de aspectos socio-culturais (LANG, 2000; NARROG; HEINE, 2021; HANSEN, 2021). Desse modo, conhecimentos dos mais diversos tipos são ativados pelos ouvintes/leitores ao perceberem que o significado padrão de uma dada forma não esgota a interpretação e que, portanto, sua contribuição para o enunciado é mais ampla do que seu uso convencional na língua. Na discussão de exemplos ao longo do texto, busquei mostrar como esses conhecimentos vários atuam na configuração dos contextos temporal-contrastivos e foco-contrastivos⁵⁰.

⁵⁰ Conforme o Capítulo 2, é justamente a conjugação de aspectos linguísticos a aspectos cognitivos e interacionais que está na base de minha escolha pelo uso de *contexto(s)*, em oposição a *cotexto* e *construção*, quando o objetivo é fazer referência a uma construção linguística (ou a um grupo de construções linguísticas) *em conjunto com* os aspectos extralinguísticos que estão a ela intimamente associados.

Assumo que os processos pragmáticos que levam à reanálise nos contextos *bridging* são motivados por estruturas conceituais mais profundas já presentes nas *fontes* das quatro trajetórias. A relevância das fontes diacrônicas para a compreensão dos processos de mudança é uma discussão recorrente em semântica e pragmática históricas (BYBEE, 2010; VISCONTI, 2011; HANSEN, 2018; CRISTOFARO, 2019; LONGHIN, 2020, entre muitos outros). Ao discutir sua definição de reanálise, Hansen (2021) argumenta, com base em evidências diacrônicas, que a interpretação inovadora já está metonimicamente contida na forma em mudança como uma presença virtual, de modo que os dois significados, o convencional e o inovador, formam uma estrutura *Gestalt*, na qual o novo significado está em um plano de significação mais profundo, ao passo que o significado fonte é o que se manifesta na dimensão mais proeminente dos sentidos (HANSEN, 2021, p. 9).

O que acontece no processo de reanálise, então, segundo os dados da autora, é a ascensão, nos contextos *bridging*, do significado que estava na camada mais profunda, o qual passa a coexistir com o significado original. É importante observar que essa ascensão não implica que o significado novo se torna necessariamente mais proeminente do que o significado fonte (o que pode ou não ser o caso, a depender do fenômeno em análise), mas apenas que ele passa a estar disponível no contexto, tal como foi observado nos contextos temporal-contrastivos e foco-contrastivos discutidos.

Nas relações de significado originalmente estabelecidas por *enquanto (que)*, *ao passo que*, *só e agora*, proponho que há um componente comparativo abstrato, alicerçado em dois elementos conceituais que são essenciais para o estabelecimento de qualquer tipo de comparação: *binaridade e similaridade*. Assumindo a presença virtual de tais elementos nas fontes, entendo que, apesar das diferentes origens etimológicas e das diferenças nos significados primeiros que cada fonte expressa, essa similaridade conceitual entre elas responde por sua predisposição a processos de inferenciação pragmática tão similares. Como se pode observar no Quadro 6, os contextos temporal-contrastivos com *enquanto (que)* e *ao passo que*, os contextos temporal-contrastivos com *agora* e os contextos foco-contrastivos com *só* configuram contextos *bridging* com propriedades similares nos três eixos de análise, nos quais o principal ganho de significado para as inferências de contraste está na emergência de uma relação comparativa, que, conforme os contextos *switch*, é base para as relações de contraste. Para discutir como, na análise aqui proposta, binaridade e similaridade já estão presentes nas relações de significado originalmente expressas pelas fontes, detalho um pouco mais, primeiramente, cada uma dessas estruturas conceituais.

Uma comparação é, antes de tudo, uma relação estabelecida entre *dois* elementos ou conjuntos de elementos. Do latim, *comparare* significa “parear junto, reunir, agrupar, juntar”, com *com-* aludindo à

ideia de “junto” e *parare*, à noção de “fazer *par*, *parear*”⁵¹. Assim, a binaridade é, por definição, componente elementar das relações comparativas, implicando sempre a ideia de “juntar”, ou relacionar, dois elementos. Uma relação binária pressupõe, por sua vez, a *exterioridade* de um elemento pareado em relação ao outro, já que a simples consideração de um conjunto de duas unidades é baseada em sua existência independente, isto é, no pressuposto de que são entidades separadas, ou, dito de outro modo, *distintas* (estritamente no sentido de externas uma à outra). Nessa perspectiva, a binaridade inerente às relações comparativas evoca, de maneira abstrata, a exterioridade e a diferença que são propriedades proeminentes dos contextos *switch* (exclusivamente contrastivos).

Por outro lado, uma comparação consiste em uma operação cognitiva que pressupõe a percepção de algum tipo de similaridade entre as unidades pareadas. Se comparar é examinar um elemento (ou conjunto de elementos) juntamente com, ou em relação ao, outro, é necessária, em primeiro lugar, a percepção de que estão de alguma forma relacionados. Para que dois elementos possam ser cotejados, um *parâmetro* é eleito para servir de base ao confronto, sendo preciso que ambos sejam suscetíveis ao parâmetro em questão, de modo a serem confrontados de forma relevante. Como tratado ao longo da tese, o integrador comum, à luz do qual desigualdades são reconhecidas, consiste em um eixo de significado comum partilhado pelas orações em relação de contraste. A partir desse eixo comum, diversos aspectos de similaridade se instauram entre elas, podendo inclusive alcançar o plano formal.

Nas trajetórias de *enquanto (que)* e *ao passo que*, os dois componentes conceituais em questão – similaridade e binaridade – parecem mais facilmente apreensíveis, devido ao fato de que os contextos fonte já estabelecem relações de junção. É subjacente às relações de simultaneidade temporal o confronto de dois estados-de-coisas e a identificação de um aspecto de similaridade entre eles: uma *similaridade* no tempo. E, se há o exame conjunto de dois estados-de-coisas, é estabelecida uma relação de natureza *binária*, estando pressuposta a exterioridade – ou independência – de um estado-de-coisas em relação ao outro⁵². No exemplo recuperado no Quadro 6 (*Em quanto Larcy está fallando, apparece Guilherme*), ainda que o estado-de-coisas descrito na oração principal se desenvolva no domínio do quadro temporal estabelecido pela oração com *em quanto*, trata-se de dois processos com existência

⁵¹ Oxford English Dictionary, s.v. “compare, v.¹, Etymology”, July 2023. <https://doi.org/10.1093/OED/8711148233>.

⁵² Embora não tenha sido possível desenvolver a questão em mais detalhes neste trabalho, observei nos dados que a própria categoria dos processos (ou o próprio tipo semântico dos verbos que os descrevem) postos em relação por *enquanto* e *ao passo que* temporais tem natureza distinta, inclusive quando há correferencialidade dos sujeitos, tal como em *Enquanto acendia um cigarro, olhou para o homem*. As ações expressas por *acender* e *olhar*, ainda que desempenhadas pelo mesmo sujeito, não estão semanticamente vinculadas por um eixo comum de significado, tal como estão, por exemplo, os processos descritos por *adorar* e *atestar* em *A geração dos nossos pais adorava receber visita, enquanto a nossa geração 28+ detesta com todas as forças*.

independente. É concebida uma relação no tempo entre eles, mas cada um configura um processo singular.

Já no caso de *só*, a relação de significado estabelecida pelos usos adverbiais envolve, como discutido no Capítulo 6, a exclusão de um conjunto de alternativas e a incidência do foco restritivo de *só* a um único elemento (ou conjunto de elementos). Nas operações de exclusão e seleção subjacentes à manobra de foco, está envolvido um confronto – normalmente não explícito na construção linguística – entre as alternativas excluídas e o(s) elemento(s) selecionado(s). Na ocorrência de *só* acima recuperada (*Eu acordava bem cedo e eu era tão preguiçosa naquele tempo... Só pra ajudar a minha mãe...*), por exemplo, a exclusão de outras razões para acordar cedo pressupõe uma operação cognitiva prévia de cotejo entre razões possíveis, com a seleção de uma. Existe, assim, uma estrutura *binária* esquemática entre dois grupos cotejados, as alternativas eliminadas e aquela selecionada, e há entre os dois grupos uma *semelhança* fundamental: *só* exclui e focaliza *razões para acordar cedo*, de modo que tanto as alternativas excluídas como a focalizada situam-se nesse grande eixo semântico.

Por fim, considerando a fonte do percurso de *agora*, conforme discuti em 7.1, enquanto advérbio, o item participa com frequência, já nos usos temporais, de relações que permitem a interpretação de que o estado-de-coisas a que se refere apresenta algum tipo de mudança em relação a uma situação anterior, situação que não está explícita na construção. A interpretação de mudança é possível pela relação sequencial entre presente e passado que *agora* tem inscrita em sua natureza temporal dêitica. Embora possa ser considerado que há sempre uma relação sequencial-opositiva entre as três grandes dimensões temporais que fazem parte da relação de muitas culturas com o tempo (passado, presente e futuro), a análise mostrou que há contextos fonte em que a associação da relação sequencial com a mudança entre as situações que caracterizam passado e presente fica mais evidente por ter marcas linguísticas sugestivas de mudança, tal como o verbo *estar* em *Estou agora em condições de apresentar sangue frio*, que indica estado temporário. Em casos como esse, é possível evocar uma contraparte do estado-de-coisas localizado no presente em um momento anterior – estar agora em condições de algo evoca pragmaticamente a contraparte: antes não estava. Essa relação de mudança que já faz parte da rede de significados da fonte permite observar os dois componentes da relação comparativa: a percepção de mudança implica o confronto de *dois* estados-de-coisas que se desenvolvem nos intervalos de tempo sucessivos, bem como a seleção de um mesmo parâmetro a partir do qual o desenvolvimento dos estados-de-coisas no tempo é avaliado como transitório.

Nesse sentido, assumindo que elementos conceituais cruciais de coordenação e de contraste já estão virtualmente presentes nas fontes das quatro trajetórias, entendo que as transformações

semântico-pragmáticas que levam a novas construções de coordenação contrastiva ocorrem a partir da ascensão, em contextos *bridging*, dos componentes de significado metonimicamente contidos nas fontes. Seguindo Bybee (2010) e Hansen (2021), entendo que a reanálise que possibilita esse processo de ascensão ocorre pelo fato de fontes similares dispararem processos de inferenciação pragmática similares, de modo que a interação entre cognição e pragmática é fundamental para compreender as mudanças no nível do significado, dando suporte à noção de gramática assumida no trabalho – um sistema adaptativo ancorado no uso da língua e que resulta de processos cognitivos de domínio geral (cf. Capítulo 2).

Conforme discutido nos capítulos de análise e sistematizado no Quadro 6, uma regularidade importante entre as trajetórias é o ganho, nos contextos *bridging*, do componente comparativo que é crucial às relações de contraste. Como assumo que esse componente já está virtualmente disponível nas fontes, a partir das estruturas abstratas de similaridade e binaridade, é importante esclarecer que o ganho em questão se refere à emergência de construções em que essas estruturas conceituais ganham correlatos linguísticos, não permanecendo apenas no âmbito das operações cognitivas que são subjacentes aos significados originais. Como discutido ao longo da tese, os contextos *bridging* das quatro trajetórias envolvem construções complexas binárias em que os dois estados-de-coisas em relação (mais ou menos pragmática) de contraste estão explícitos, o que leva à constituição de configurações semântico-pragmáticas em que tanto a similaridade como a exterioridade entre eles têm sua contraparte no plano linguístico.

8.2 Processos prosódicos

No domínio da prosódia, a questão que norteou a pesquisa foi *De que modo o domínio prosódico se reorganiza, sobretudo em termos de forças ilocucionárias e fronteiras prosódicas, para a expressão de relações coordenadas contrastivas?*

A análise mostrou que o ganho de fronteiras prosódicas e forças ilocucionárias ocorre em paralelo com a transposição gradual da relação comparativa apenas virtualmente inscrita nas relações fonte para o plano linguístico, conforme se instaura uma relação binária entre dois estados-de-coisas explícitos na construção linguística que as formas em mudança integram. Com a presença de ambos os estados-de-coisas e a constituição de uma relação binária de natureza contrastiva, as similaridades e as diferenças saem do domínio exclusivo das inferências pragmáticas e ganham correlatos linguísticos, de modo que a comparação ganha contornos mais sólidos na construção.

Conforme a relação comparativa se estabelece no plano linguístico – o que tem início nos contextos *bridging* – a oração de que o novo juntor em constituição faz parte passa a ser comunicativamente tão relevante quanto a outra oração, na medida em que o estado-de-coisas expresso por cada uma elabora partes distintas de um integrador comum, sendo ambos importantes para a consolidação da relação comparativa. Nesse sentido, a constituição, no âmbito do significado, de cada proposição como uma instância independente do integrador comum leva à constituição da independência também pragmática e prosódica de cada uma, independência que, neste trabalho, foi explorada a partir de forças ilocucionárias autônomas e da formação de pelo menos uma frase entoacional e um enunciado fonológico em cada proposição da relação. O enunciado fonológico, em particular, foi o constituinte prosódico que se mostrou mais relevante para a delimitação de fronteiras prosódicas, o que se deve à sua relação estreita com o domínio semântico.

A análise revelou que já nos contextos *bridging* as construções tendem a mostrar contornos entoacionais independentes. Embora esse seja um aspecto variável entre os percursos, todos envolvem ao menos um conjunto de contextos *bridging* em que há evidências de simetria prosódica entre as proposições relacionadas. Há casos, como no percurso de *só*, em que, mesmo quando não há fronteira prosódica entre os enunciados, porque apenas um deles exibe enunciado fonológico e força ilocucionária próprios, ainda há fatores favoráveis à constituição de independência prosódica, pois *só* ocupa sempre a oração com enunciado fonológico próprio, que coincide com a oração principal em construções hipotáticas. Assim, o item ocupa a oração que contém a informação comunicativamente mais relevante, que é também aquela que estabelece o domínio do enunciado fonológico.

8.3 Processos morfossintáticos

No que diz respeito à constituição dos traços morfossintáticos típicos da coordenação contrastiva, a pesquisa buscou responder a questão *De que modo a morfossintaxe se reestrutura em função das reconfigurações semântico-pragmáticas e prosódicas?*

Os resultados sugerem que, em todas as instâncias de mudança, a reanálise, mecanismo responsável pelas mudanças de significado (cf. 8.1), envolve mudanças categoriais, com a alteração de propriedades formais de *agora*, *enquanto (que)*, *passo* e *só* e das construções que mobilizam.

Agora e *só*, nas funções adverbiais que desempenham originalmente, têm escopo tipicamente interno à oração que integram e apresentam várias possibilidades de posicionamento na sentença, que interagem com o tipo de constituinte sobre o qual seu escopo incide. Nos usos contrastivos, passam a

ocupar a posição inicial da segunda proposição, posição que é fixa e que reflete o aumento de escopo que atravessam no processo de mudança.

Enquanto e *ao passo que*, como juntores adverbiais, já têm posição inicial fixa, mas a oração temporal em que atuam pode ocupar tanto o primeiro como o segundo membro da construção. Enquanto juntores contrastivos, estão sempre situados no segundo membro e, embora ainda atuem na categoria de juntores, a mudança em seu significado leva ao aumento de seu escopo sintático, se considerada a perspectiva da construção – como juntores contrastivos, funcionam como sinalizadores de que, a partir da proposição que introduzem, deve se buscar um alvo para o contraste, que conta com suposições explicitadas ou derivadas do primeiro segmento. Seu escopo não mais se limita, assim, ao domínio de apenas uma oração, como se dá nas construções temporais.

Para além das mudanças no comportamento sintático das formas, as construções que mobilizam também atravessam mudanças sintáticas, com destaque para o desenvolvimento de estruturas morfossintáticas mais simétricas, que mostram a reorganização da morfossintaxe em paralelo com as mudanças de significado e na prosódia. A constituição da simetria morfossintática se dá a partir de aspectos diversos de similaridade formal entre os enunciados – tais como composição e organização sintáticas similares e compartilhamento de material linguístico – e a partir do aumento de independência sintática das orações, que passam a ser co-ordenadas e, assim, exteriores uma à outra.

No domínio sintático, portanto, os percursos investigados atravessam atualização sintática (no inglês, *actualization*), processo que, podendo ou não estar associado à reanálise, consiste na implementação das consequências gramaticais do processo de reanálise (TIMBERLAKE, 1977; HANSEN, 2021).

Dado que mudanças categoriais se somam às mudanças semântico-pragmáticas e prosódicas, as quatro trajetórias configuram instâncias de *gramaticalização*. Como sinalizado no Capítulo 2, enquanto fenômeno de mudança, a gramaticalização envolve um conjunto de diferentes processos que convergem de maneira dinâmica (DIEWALD, 2011; BYBEE, 2016). Assumindo essa perspectiva, me aproximo de Hansen (2021) no entendimento de que a gramaticalização não deve ser vista como um mecanismo ou processo de mudança *sui generis*, mas como um epifenômeno, um produto da convergência de mecanismos de mudança independentes, mas que tendem a estar relacionados, tais como a reanálise e a atualização sintática.

A autora defende que a reanálise é precursora das demais mudanças porque, de modo similar à perspectiva assumida nesta pesquisa, toma o domínio do significado como condutor. Nas instâncias aqui investigadas, foi possível reunir evidências dessa direcionalidade, em que a morfossintaxe e a

prosódia se reorganizem em função das mudanças semântico-pragmáticas, que, por sua vez, se mostraram resultantes de processos, antes de tudo, cognitivos, a partir dos quais estruturas conceituais abstratas são transpostas entre domínios de significado, através do uso da língua e dos fatores interacionais subjacentes.

8.4 Palavras finais

Com o objetivo de investigar processos de constituição particulares ao desenvolvimento de novos juntores contrastivos de natureza coordenativa, este trabalho investigou os percursos de mudança atravessados por *enquanto (que)*, *ao passo que*, *só que* e *agora*, com base em dados do português brasileiro escrito entre os séculos XVIII e XXI.

A análise empírica dos quatro percursos revelou que a constituição das relações de coordenação e de contraste se dá a partir da interface sistemática entre a semântica original das fontes e processos de inferenciação pragmática, corroborando o preceito de que fontes similares habilitam inferências pragmáticas similares. Assim, a interação de propriedades semântico-cognitivas das fontes com propriedades pragmáticas de contextos de uso particulares conduz a trajetórias de mudança consideravelmente similares, apesar de fundadas em formas com origens etimológicas distintas.

Os resultados mostraram que as mudanças de significado, ocasionadas por um processo de *reanálise*, são precedentes e levam à constituição de paralelismos funcionais que alcançam a prosódia e a morfossintaxe, de modo que a constituição dos novos juntores envolve mudanças semântico-categoriais, resultando em processos de gramaticalização.

O recorte de investigação explorado neste trabalho, pautado na interação entre níveis de análise, ainda que precise de refinamentos, mostrou-se produtivo para a apreensão de particularidades da diacronia de construções coordenadas contrastivas, podendo constituir uma via de análise a ser explorada na investigação desse desenvolvimento também em outras línguas. Para além de elucidar fatos particulares à constituição de juntores contrastivos, o trabalho aponta para a natureza emergente da gramática e sua fundação no uso da língua e em processos cognitivos que subjazem não só aos processos linguísticos, mas também a experiências mais genéricas da vivência humana.

REFERÊNCIAS

- BALLY, C. **Linguistique générale et linguistique historique**. Berne: Éditions Francke, 1965.
- BLÜHDORN, H. Subordination and coordination in syntax, semantics and discourse: evidence from the study of connectives. *In*: FABRICIUS-HANSEN, C.; RAMM, W. (ed.). **‘Subordination’ versus ‘Coordination’ in Sentence and Text**. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 59-85. Disponível em: <https://www.ids-mannheim.de/fileadmin/gra/texte/subordination.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- BYBEE, J. **Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. Disponível em: https://assets.cambridge.org/97811070/20160/frontmatter/9781107020160_frontmatter.pdf. Acesso em: 14 fev. 2024.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. **Língua, uso e cognição**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B.; JANDA, R. (ed.). **The handbook of historical linguistics**. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- CAMACHO, J. **The structure of coordination: conjunction and agreement phenomena in Spanish and other languages**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003. (Studies in natural language and linguistic theory, v. 57). Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-94-010-0119-9>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- CÂMARA, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.
- CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CRISTOFARO, S. **Subordination**. New York: Oxford University Press, 2003.
- CRISTOFARO, S. Taking diachronic evidence seriously: Result-oriented vs. source-oriented explanations of typological universals. *In*: SCHMIDTKE-BODE, K.; LEVSHINA, N.; MICHAELIS, S. M.; SERŽANT, I. A. (ed.). **Diachronic sources, functional motivations and the nature of the evidence**. Berlin: Language Science Press, 2019. p. 25-46.
- CROFT, W. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CUENCA, M. J.; POSTOLEA, S.; VISCONTI, J. Contrastive markers in contrast. **Discours**: revue de linguistique psycholinguistique et informatique, Montrouge, v. 25, p. 1-31, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/discours/10326>. Acesso em: 14 fev. 2024.

CULICOVER, P.; JACKENDOFF, R. Semantic subordination despite syntactic coordination. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 28, p. 195-217, 1997.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DE SMET, H. Analysing reanalysis. **Lingua**: international review of general linguistics, Amsterdam, v. 119, n. 11, p. 1728-1755, Nov. 2009. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384109000758>. Acesso em: 14 fev. 2024.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISCHER, I. (ed.). **New reflections on grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

DIEWALD, G. Pragmaticalization (defined) as grammaticalization of discourse functions. **Linguistics**, Hawthorne, v. 49, n. 2, p. 365-390, 2011.

DIK, S. **Coordination**: Its implications for the theory of general linguistic. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1968.

DIK, S. **The theory of functional grammar**: Part I: the structure of the clause. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística**. São Paulo: Cultrix; 1977.

EHMER, O.; ROSEMEYER, M. Inferences in Interaction and Language Change. **Open Linguistics**, Berlin, v. 4, n. 1, p. 536–551, 2018. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/opli-2018-0026/html>. Acesso em: 14 fev. 2024.

FERRARI, L. **O papel dos contextos nas mudanças por gramaticalização e subjetivização**: um estudo diacrônico das construções com ‘agora’ e ‘now’. 2018. 249 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/9c674bbc-d20d-4cae-b3ab-3b319f8d782a>. Acesso em: 14 fev. 2024.

FISCHER, O. Grammaticalization as analogically-driven change? *In*: HEINE, B.; NARROG, H. (ed.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 31-42.

GEIS, M. L.; ZWICHY, A. M. On Invited Inferences. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, v. 2, p. 561-566, 1971.

GIVÓN, T. **Syntax**: An Introduction. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001.

GÖRSKI, E. Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, p. 97-120, .2000. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14761/9827>. Acesso em: 15 fev. 2024.

GRICE, P. Logic and conversation. *In*: GRICE, P. (org.). **Studies in the Way of Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1982. p. 22–40.

HAIMAN, J. **Natural syntax**: iconicity and erosion. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

HANSEN, M. M. In defense of a pragmatic view of reanalysis. **Journal of Historical Syntax**, Konstanz, v. 5, n. 34, p. 1-34, 2021. Disponível em: <https://historicalsyntax.org/hs/index.php/hs/issue/view/40>. Acesso em: 15 fev. 2024.

HANSEN, M. M. From prepositional phrase to hesitation marker: the semantic and pragmatic evolution of French ‘enfin’. **Journal of Historical Pragmatics**, Amsterdam, v. 6, n. 1, p. 37-68, 2005.

HANSEN, M. M. **The function of discourse particles**: a study with special reference to spoken standard French. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1998.

HANSEN, M. M. **Particles at the Semantics/Pragmatics Interface**: Synchronic and Diachronic Issues: A Study with Special Reference to the French Phasal Adverbs. Oxford: Elsevier, 2008. (Current Research in the Semantics 19).

HANSEN, M. M. A pragmatic approach to historical semantics, with special reference to markers of clausal negation in Medieval French. *In*: ALLAN, K.; ROBINSON, J. A. (ed.). **Current Methods in Historical Semantics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2011. p. 233-257.

HANSEN, M. M. The role of inferencing in semantic/pragmatic cyclicity: the case of Latin nunc and French or/maintenant. **Open Linguistics**, Berlin, v. 4, n. 1, p. 127-146, 2018. Disponível em: <https://www.degruyter.com/journal/key/opli/4/1/html>. Acesso em: 15 fev. 2024.

HANSEN, M. M.; VISCONTI, J. **Current Trends in Diachronic Semantics and Pragmatics**. Leiden: Brill, 2009.

HANSEN, M. M.; WALTEREIT, R. On the role of Generalized Conversational Implicature in Semantic Change. **Proceedings from the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society**, Chicago, v. 42, n. 1, p. 33-46, Jan. 2006.

HASPELMATH, M. The converb as a cross-linguistically valid category. *In*: HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. (ed.). **Converbs in cross-linguistic perspective**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1995. p. 1-55.

HASPELMATH, M. **Coordinating constructions**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/tsl58>. Acesso em: 15 fev. 2024.

HASPELMATH, M. Coordination. *In*: SHOPEN, T. (ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

- HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. *In*: WISCHER, I. (ed.). **New reflections on grammaticalization**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 83-101.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar: a reconstruction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HEINE, B.; NARROG, H.; LONG, H. Constructional change vs. grammaticalization: From compounding to derivation. **Studies in Language**, Amsterdam, v. 40, n. 1, p. 137-175, 2016. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/sl.40.1.05hei>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- HEINE, B. *et al.* **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HERRMANN, D. J.; CHAFFIN, R.; MARGARET, D. P.; WOOL, R. S. The role of elements of relation definition in antonym and synonym comprehension. **Zeitschrift für Psychologie= Journal of Psychology**, Goettingen, v. 194, p. 133-53, 1986.
- HIRSCHBERG, J.; LITMAN, D. Empirical studies on disambiguation of cue phrases. **Computational Linguistics**, Arlington, v. 19, p. 501-530, 1993.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2009. 1 CD-ROOM.
- ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In*: CASTILHO, A. T. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2002. v. 1. p. 53-120.
- JOHANNESSEN, J. B. **Coordination**. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. **Lexis: revista de lingüística y literatura**, Lima, v. 29, n. 2, p. 151-177, 2005. Disponível em: <https://revistas.pucp.edu.pe/index.php/lexis/article/view/8387/8703>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. *In*: LOBO, T. *et al.* (org.). **Para a história do português brasileiro**. Salvador: Ed. da UFBA, 2006. p. 505-527.
- KIPARSKY, P. Grammaticalization as optimization. *In*: JONAS, D.; WHITMAN, J.; GARRETT, A. (ed.). **Grammatical Change: Origins, Nature, Outcomes**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 15-51.
- KOCH, P. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. *In*: FRANK, B. *et al.* (ed.). **Gattungen mittelalterlicher schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997. p. 43-79.
- KOCH, P.; OESTERREICHER, W. **Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch**. Tübingen: Max Niemeyer, 1990.
- KÖNIG, E. **The meaning of focus particles**. London: Routledge, 1991.

KORTMANN, B. **Adverbial subordination**: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages Oxford: Oxford University Press, 1997.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola. 2008.

LAKOFF, R. If's And's and But's about conjunction. *In*: FILLMORE, C.; LANGEDOEN, D. (ed.). **Studies in linguistic semantics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971. p. 114-149.

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LANG, E. Adversative connectors on distinct levels of discourse: A re-examination of Eve Sweetser's three-level approach. *In*: COUPER-KUHLEN; E, KORTMANN, B. (ed.). **Cause, condition, concession, contrast**: cognitive and discourse perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 235-256.

LANG, E. **The semantics of coordination**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1984.

LANG, E.; ADAMIKOVÁ, M. The lexical content of connectors and its interplay with intonation. *In*: SPÄTH, A. (ed.). **Interfaces and interface conditions**. Berlin: Walter de Gruyter, 2007. p. 199-230.

LANGACKER, R. **Foundations of cognitive grammar**. Redwood City: Stanford University Press, 1987.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LEVINSON, S. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LEVINSON, S. **Presumptive Meanings**: the Theory of Generalized Conversational Implicature. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

LONGHIN, S. R. Emergência de juntores contrastivos na história do português: contexto, polissemia e subjetivização. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 263-299, 2016a. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/113070/120238>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LONGHIN, S. R. **A gramaticalização da perífrase conjuncional 'só que'**. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/280444>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LONGHIN, S. R. Gramaticalização de construções condicionais em português: trajetórias de mudança do nome 'caso'. **Estudos de Linguística Galega**, Santiago de Compostela, n. 12, p. 1-29, 2020. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/5609>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LONGHIN, S. R. Onomasiological cyclicity in the expression of concessive relations. **Journal of Portuguese Linguistics**, London, v. 21, p. 1-31, 2022. Disponível em: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/8927/>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LONGHIN, S. R. Regularidades em mudança semântica: um estudo de caso no domínio da junção. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 130-148, 2016b. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/10006/7639>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LONGHIN, S. R. Subjetividade nas construções com 'enquanto': os padrões de contraste e de condição. In: SIMÕES, J. S. (org.). **História do português paulista**. São Paulo: Humanitas, 2019. p. 163-185. (Série Estudos).

LONGHIN, S. R. **Tradições discursivas**: conceito, história e aquisição. São Paulo: Cortez, 2014.

LONGHIN, S. R.; FERRARI, L. Mudança no sistema de contraste do português: entre codificação e inferenciação. **Revista da Abralin**, Brasília, DF, v. 19, n. 1, p. 1-24, 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1399>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LONGHIN, S. R.; PEZATTI, E. G.; NOVAES, N. A coordenação. In: LOPES, C. R. S. (org.). **Mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista**. São Paulo: Editora Contexto, 2019. v. 4. p. 26-93. (História do português brasileiro).

LONGHIN, S. R.; SONCIN, G. Da subordinação à coordenação: evidências pragmáticas, prosódicas e sintáticas. **Revista Internacional de Linguística Iberoamericana**, Madrid, v. 32, p. 175-199, 2018. Disponível em: https://www.iberoamericana-vervuer.es/indices/indice_R156550.pdf. Acesso em: 16 fev. 2024.

LONGHIN-THOMAZI, S. R.; RODRIGUES, A. T. C. O estatuto teórico-metodológico do falado e do escrito para a pesquisa em mudança linguística. **Signo y Seña**, Buenos Aires, n. 23, p. 191-212, 2013. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/sys/article/view/3234/2865>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LOPES-DAMASIO, L. R. Uma abordagem da circulação do sujeito pelo universo da escrita via mecanismos de junção. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 3, p. 1041-1057, 2017. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1757/1294>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LOPES-DAMASIO, L. R. Junção em contexto de aquisição de escrita: uma abordagem das tradições discursivas. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 1371-1386, 2014. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/530/405>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LOPES-DAMASIO, L. R. A justaposição oracional em dados de aquisição da escrita. **Todas as Letras**: revista de língua e literatura, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 88-104, 2019. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/11802/7618>. Acesso em: 16 fev. 2024.

LOPES-DAMASIO, L. R.; SILVA, P. C. S. A produção textual escrita: junção e(m) aquisição. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 60, n. 3, p. 723-742, 2018. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8653133/18812>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MACHADO FILHO, A. V. **Dicionário etimológico do português arcaico**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MAGNE, A. **Dicionário etimológico da língua latina**: famílias de palavras e derivações vernáculas. Rio de Janeiro: MEC, 1952.

MALCHUKOV, A. Towards a semantic typology of adversative and contrast marking. **Journal of Semantics**, Oxford, v. 21, p. 177-198, 2004. Disponível em: <https://academic.oup.com/jos/article/21/2/177/1684099>. Acesso em: 16 fev. 2024.

MANN, W.; THOMPSON, S. Rethorical structure theory: towards a functional theory of text organization. **Text**, Berlin, v. 8, p. 243-281, 1988.

MAURI, C. **Coordination relations in the languages of Europe and Beyond**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008a.

MAURI, C. The parallelisms of clausal coordination. **Revue de Sémantique et Pragmatique**, Orleans, n. 24, p. 145-175, 2008b.

MAURI, C.; AUWERA, J. Connectives: Part II: Phenomena and applications. In: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (ed.). **The Cambridge Handbook of Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 377-401.

MAURI, C.; RAMAT, A. G. The development of adversative connectives in Italian: stages and factors at play. **Linguistics**, Berlin, v. 50, n. 2, p. 191-239, 2012.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. **Scientia**: rivista internazionale di sintesi scientifica, Bologna, v. 12, n. 26, p. 131-148, 1912.

MITHUN, M. The grammaticization of coordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p. 331-359.

MURPHY, M. L. **Semantic Relations and the Lexicon**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. Disponível em: www.cambridge.org/9780521780674. Acesso em: 5 abr. 2024.

NARROG, H.; HEINE, B. **Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2021.

NASCENTES, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1966.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris, 1986.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**: with a new foreword. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007.

NEVES, M. H. M. Circunstanciais. *In*: ILARI, R. (org.). **Palavras de classe aberta**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 329-343.

NEVES, M. H. M. O estatuto das chamadas conjunções coordenativas no sistema do português. **Alfa**: revista de linguística, São Paulo, v. 29, p. 59-66, 1985. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3754/3477>. Acesso em: 16 fev. 2024.

OESTERREICHER, W. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. *In*: FRANK, B. *et al.* (ed.). **Gattungen mittelalterlicher schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997. p. 19-41.

PEZATTI, E. G.; LONGHIN, S. R. As construções coordenadas. *In*: NEVES, M. H. M. (org.). **A construção das orações complexas**. São Paulo: Contexto, 2016. v. 5. p. 13-68.

PRANDI, M. **The Building Blocks of Meaning**: ideas for a philosophical grammar. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2004.

QUIRK, R. *et al.* **A comprehensive grammar of the English language**. New York: Longman, 1985.

RAMAT, A. G.; MAURI, C. Gradualness and pace in grammaticalization: the case of adversative connectives. **Folia Linguística**, The Hague, v. 46, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/flin.2012.017/html>. Acesso em: 16 fev. 2024.

RAMAT, A. G.; MAURI, C. The grammaticalization of coordinating interclausal connectives. *In*: NARROG, H.; HEINE, B. (ed.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 518-526.

REBUSCHI, G. Generalizing the antisymmetric analysis of coordination to nominal modification. **Lingua**: international review of general linguistics, Amsterdam, v. 115, n. 4 p. 445–459, 2005. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/journal/lingua/vol/115/issue/4>. Acesso em: 16 fev. 2024.

RODRIGUES, A. A. **Funções da pontuação em construções relativas no português clássico**: usos e normas. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/8d4388ab-2d3b-4aa4-81ad-1ee8b69c019a/content>. Acesso em: 16 fev. 2024.

RUDOLPH, E. **Contrast**: adversative and concessive relations and their expressions in English, German, Spanish, Portuguese on sentence and text level. Berlin: Walter de Gruyter, 1996.

SCHWENTER, S. **Pragmatics of conditional marking**: implicature, scalarity, and exclusivity. London: Routledge, 1999.

SCHWENTER, S. Viewpoints and polysemy: linking adversative and causal meanings of discourse markers. *In*: COUPER-KUHLER, E.; KORTMANN, B. (ed.). **Cause, condition, concession, contrast**: cognitive and discourse perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 257-281.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure.** Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

TIMBERLAKE, A. Reanalysis and actualization in syntactic change. *In*: LI, C. N. (ed.). **Mechanisms of Syntactic Change.** Austin: University of Texas Press, 1977. p. 141-177.

TRAUGOTT, E. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. *In*: CLOUTIER, R.; HAMILTON-BREHM, A. M.; KRETZSCHMAR, W. (ed.) **Variation and change in English grammar and lexicon.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2010a. p. 11-27.

TRAUGOTT, E. Pragmatics and language change. *In*: ALLAN, K.; JASZCZOLT, K. (ed.). **The Cambridge Handbook of Pragmatics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2012b. p. 549-566.

TRAUGOTT, E. Pragmatic strengthening and grammaticalization. *In*: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 14., 1988, Berkeley. **Proceedings[...]**. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1988. p. 406-416.

TRAUGOTT, E. Rethinking the role of invited inferencing in change from the perspective of interactional texts. *In*: EHRHART, S. (ed.). **Open Linguistics.** Berlin: De Gruyter Mouton, 2018. v. 4. p. 19-34.

TRAUGOTT, E. Revisiting subjectification and intersubjectification. *In*: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (ed.). **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization.** Berlin: Mouton de Gruyter, 2010b. p. 1-31. Disponível em: https://traugottpeople.stanford.edu/sites/g/files/sbiybj28616/files/media/file/traugottdavidseintersbfn_0.pdf. Acesso em: 16 fev. 2024.

TRAUGOTT, E. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS, 12., 1995, Manchester. **Paper[...]** Manchester: University of Manchester, 1995. p. 1-23.

TRAUGOTT, E. The role of pragmatics in semantic change. *In*: INTERNATIONAL PRAGMATICS CONFERENCE, 6., 1999, Antwerp. **Selected Papers[...]**. Antwerp: International Pragmatics Association, 1999. v. 2. p. 93-102.

TRAUGOTT, E. The status of onset contexts in analysis of micro-changes. *In*: KYTÖ, M. (ed.) **English Corpus Linguistics: Crossing Paths.** Amsterdam: Editions Rodopi B., 2012a. p. 221-255.

TRAUGOTT, E.; DASHER, R. **Regularity in semantic change.** Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

VAN VALIN, R. **Exploring the syntax-semantics interface.** Cambridge: Cambridge University Press, 2005. Disponível em: https://assets.cambridge.org/97805218/11798/frontmatter/9780521811798_frontmatter.pdf. Acesso em: 16 fev. 2024.

VISCONTI, J. Facets of subjectification. **Language Sciences**, Amsterdam, v. 36, p. 7-17, 2013. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0388000112000368>. Acesso em: 16 fev. 2024.

VISCONTI, J. The role of lexical semantics in semantic change. **Acta Linguistica Hafniensia**, Copenhagen, v. 38, n.1, p. 207-234, 2011. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/03740463.2006.10412209>. Acesso em: 16 fev. 2024.

WICHMANN, A. Grammaticalization and prosody. *In*: NARROG, H.; HEINE, B. (ed.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 267-273.

WICHMANN, A.; SIMON-VANDENBERGEN, A. M.; AIJMER, K. How prosody reflects semantic change: a synchronic case study of 'of course'. *In*: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (ed.). **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010. p. 103-154.

WHITMAN, J. Misparsing and syntactic reanalysis. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS, 19., 2012, Nijmegen. **Selected Papers[...]**. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 69-88.